

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ANDREA APARECIDA DELLA VALENTINA

**CRÔNICA DE UMA DISPERSÃO ANUNCIADA:
AS IMAGENS DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA
PENITÊNCIA E DA IGREJA CONVENTUAL DE SÃO
FRANCISCO DE VITÓRIA**

VITÓRIA

2009

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

D357c Della Valentina, Andrea Aparecida, 1970-
Crônica de uma dispersão anunciada : as imagens da capela da ordem terceira da penitência e da igreja conventual de São Francisco de Vitória / Andrea Aparecida Della Valentina. – 2009. 315 f. : il.

Orientadora: Maria Cristina Correia Leandro Pereira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Artes.

1. Convento de São Francisco (Vitória, ES). 2. Arte sacra - Vitória (ES). I. Pereira, Maria Cristina Correia Leandro. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Artes. III. Título.

CDU: 7

ANDREA APARECIDA DELLA VALENTINA

**CRÔNICA DE UMA DISPERSÃO ANUNCIADA:
AS IMAGENS DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA
PENITÊNCIA E DA IGREJA CONVENTUAL DE SÃO
FRANCISCO DE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração Patrimônio e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Correia Leandro Pereira.

VITÓRIA

2009

ANDREA APARECIDA DELLA VALENTINA

**CRÔNICA DE UMA DISPERSÃO ANUNCIADA:
AS IMAGENS DA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA
PENITÊNCIA E DA IGREJA CONVENTUAL DE SÃO
FRANCISCO DE VITÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Artes, na área de concentração Patrimônio e Cultura.

Aprovada em 4 de Maio de 2009.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Correia Leandro Pereira
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientadora

Prof^a. Dr^a. Aissa Afonso Guimarães
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof^a. Dr^a. Maria Regina Emery Quites
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder mais esta oportunidade, e por ser meu sustento na caminhada.

Aos meus pais, Agostinho e Jaci, a meus irmãos, Lucio e Marcelo, e a meu sobrinho, Lucas, por estarem presentes em minha vida.

Ao arcebispo D. Luiz Mancilha Vilela e ao bispo auxiliar Dom Frei Mário Márquez, por permitir acesso aos livros da Igreja.

A Giovanna Márcia Valfré, diretora do Centro de Documentação da Arquidiocese de Vitória, pela disponibilidade e atenção, transformando o arquivo em um lugar muito especial e acolhedor.

À Cúria Metropolitana de Vitória, nas pessoas no Cônego Maurício de Mattos, Sergio Murilo, Maria da Luz e do Amaral, pela atenção e acolhimento.

A Ivana, Michel e Débora, do Arquivo Público Estadual, pelo empenho no atendimento e pelas conversas trocadas.

A Carol Abreu, Superintendente do IPHAN-ES, e funcionários daquele órgão, pela disponibilização de documentos e fotos.

Às amigas Paloma Lima, Carmem Bridi e Heloisa Amorim, pela presença incentivadora, carinho e sorrisos, tornando tudo mais simples. A Ricardo Luiz Cazotto, pelo afeto.

À tia Pásqua, tia Marta e tio Clovis, pela presença e constante incentivo desde o início. A minha prima Jucineide que me sustentou quando tudo parecia não dar certo. A Josiane, pelo atendimento exclusivo. A Andreza, por estender a mão: sem você, este trabalho não ficaria pronto. A Adriano e Mara, pela disponibilidade. A Evandro e Eric, pela inocência e alegria. À Vovó Maria, pela constante oração.

Ao professor Atílio Colnago, à professora Rachel Diniz Ferreira, a Raquel Pimentel e a todas as estagiárias do Núcleo de Conservação e Restauração da UFES, que foram solícitos a todo instante, fornecendo preciosos materiais.

A frei Róger Brunorio (OFM), pela partilha de cada conquista e descoberta, pelo acesso a preciosos documentos e, mais que isso, pela amizade.

À D. Nelce Pizzani, provedora da Irmandade de São Benedito do Rosário e Elizabeth, da Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, pela disponibilidade, entrevistas, e pelo acesso aos arquivos de ambas as igrejas.

A todos os professores do Mestrado, pelos ensinamentos e atenção dispensada.

Às colegas de turma do Mestrado, pelas trocas e pelo crescimento que juntas traçamos nessa primeira turma, e aos colegas do GPIC.

À minha madrinha Anna Grillo, a Marcelo e a Luiza Dalla Bernardina, pelo acolhimento de sempre e cuidadosa atenção.

A Luciane Musso Maia meu especial agradecimento pela confiança em ceder seus originais, e a sua mãe Dona Sônia, por me receber em sua casa. A vocês, meu afeto.

A Wallace Bonicinha, por partilhar seu conhecimento, documentos e amizade.

À banca, formada pela Profª Dra. Maria Regina Emery Quites e Aissa Guimarães, pelos preciosos apontamentos.

À FAPES/CAPES, pelo apoio financeiro.

A Maria Cristina Correia Leandro Pereira, minha orientadora, pela presença constante e pela prontidão. Obrigada por acreditar na minha capacidade, por ser minha amiga e não me deixar desistir. Você é uma revelação da universidade, pois seus passos são dados com profissionalismo e competência, deixando um caminho por onde nós alunos passamos a trilhar. Você será inesquecível.

Louvado sejas, Senhor, por todas as criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que é belo, radioso, e seu grande esplendor
De Ti, Altíssimo, é para nós a imagem.

São Francisco de Assis

RESUMO

A presente dissertação tem como escopo inventariar, estudar e localizar, quando possível, as imagens pertencentes ao convento de São Francisco de Vitória. É também nosso intento verificar a disposição original destas imagens, bem como suas migrações e transferências, analisando, para tanto, a presença franciscana na cidade de Vitória e suas implicações na religiosidade laica capixaba.

Sendo assim, torna-se necessário estudar a história franciscana no Espírito Santo e em especial em Vitória, desde sua instalação, no século XVI, até o declínio da Ordem no final do século XIX, o que levou à demolição do convento. De grande relevância, nesse sentido, é a análise das relações entre os franciscanos e as associações religiosas laicas, e entre os franciscanos e o bispado, criado em 1895.

Com a demolição do convento, as imagens originalmente localizadas na igreja de São Francisco, na capela dos Terceiros da Penitência de São Francisco e na capela de Nossa Senhora das Neves, construída nos terrenos dos franciscanos, foram dispersas. Muitas se perderam, mas de outras pudemos estabelecer o paradeiro graças a esta pesquisa.

Além da investigação acerca do destino das imagens franciscanas, fundamental é também conhecer e analisá-las segundo sua relação com a religiosidade laica capixaba ao longo dos séculos, atentando para os poderes, funções e usos das imagens, notadamente nas procissões e festas religiosas.

Com esse estudo, acreditamos contribuir para a revalorização do patrimônio histórico e artístico do Espírito Santo e também para o desenvolvimento de pesquisas sobre as imagens religiosas no estado.

**PALAVRAS-CHAVE: CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – VITÓRIA-ES –
IMAGENS**

ABSTRACT

This dissertation intends to inventory, study and locate, when possible, the images belonging to the former convent of São Francisco de Vitoria. It is also our intention to verify the original disposal of these images as well as their migration and remittances to other spaces, investigating both the Franciscan presence in the city of Vitória and its implications for secular religiosity in the state of Espírito Santo.

Therefore, it is necessary to study the history of Franciscans since their installation in the state (so called *Capitania*) in the sixteenth century until the decline of the Order at the end of the nineteenth century, which led to the demolition of the convent. Of great importance, in this sense, is the analysis of relations between the Franciscans and lay religious associations, and between the Franciscans and the diocese, established in 1895.

With the demolition of the convent, the images originally located in the church of São Francisco, in the chapel of São Francisco da Penitência da Ordem Terceira and in the chapel of Nossa Senhora das Neves, built in the land of the Franciscans, were dispersed. Many were lost, but to others, we could establish the whereabouts thanks to this research.

Besides the research on the location of Franciscan images, it is also crucial to know and analyze them according to their relationship with the secular religion of people in the state of Espírito Santo over the centuries, focusing on the powers, functions and uses of images, notably in processions and other religious festivities.

With this study, we believe to have given a contribution to the upgrading of the historical and artistic patrimony of Espírito Santo and to the development of research on religious images in the state.

KEY WORDS: CONVENT OF SÃO FRANCISCO – VITÓRIA-ES – IMAGES

SUMÁRIO

1º CAPÍTULO

INTRODUÇÃO	11
------------------	----

2º CAPÍTULO

2. OS FRANCISCANOS NO ESPÍRITO SANTO	16
---	-----------

2.1. A PRESENÇA FRANCISCANA NO BRASIL: DE CUSTÓDIA A PROVÍNCIA	16
--	----

2.2. A FUNDAÇÃO DOS CONVENTOS DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA E DE NOSSA SENHORA DA PENHA DE VILA VELHA.....	18
--	----

2.3. OS SINOS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA	26
---	----

2.4. A CRISE DA ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL	36
---	----

2.5.OS FRANCISCANOS E O BISPADO	42
---------------------------------------	----

2.5.1 OS FRANCISCANOS E O PRIMEIRO BISPO, D. JOÃO BATISTA NERY.....	42
---	----

2.5.2. OS FRANCISCANOS E O SEGUNDO BISPO, D. FERNANDO DE SOUZA MONTEIRO	47
---	----

2.5.2. O TERCEIRO BISPO, D.BENEDITO DE SOUZA, E A DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	49
--	----

3º CAPÍTULO

3. OS FRANCISCANOS E A RELIGIOSIDADE LAICA NO ESPÍRITO SANTO	58
---	-----------

3.1. ASSOCIAÇÕES DE LAICOS: CONFRARIAS, IRMANDADES E ORDENS TERCEIRAS	58
---	----

3.2. DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO	60
---	----

3.3. PROCISSÕES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA	76
---	----

3.3.1. A PROCISSÃO DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS.	77
--	----

3.3.2. PROCISSÕES DE SÃO BENEDITO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA IGREJA DO ROSÁRIO	93
--	----

3.4. OUTRAS FESTIVIDADES E CERIMÔNIAS.....	101
--	-----

3.4.1. INDULGÊNCIA DA PORCIÚNCULA	104
---	-----

3.4.2. FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO OU PENTECOSTES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	106
---	-----

3.4.3. O ENTRUDO	110
------------------------	-----

4. AS IMAGENS FRANCISCANAS EM VITÓRIA	112
4.1. DIANTE DAS IMAGENS CRISTÃS.....	112
4.2. AS IMAGENS NO PAPEL: A IMAGINÁRIA FRANCISCANA EM VITÓRIA SEGUNDO AS FONTES PRIMÁRIAS ESCRITAS	122
4.2.1. A IGREJA CONVENTUAL	124
4.2.2. CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO.....	129
4.3. AS IMAGENS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	132
4.3.1. SÃO FRANCISCO DE ASSIS E SUAS IMAGENS	132
4.3.1.1. SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS	137
4.3.1.2 SÃO FRANCISCO ABRAÇANDO O CRISTO OU SÃO FRANCISCO DO AMOR DIVINO.....	140
4.3.1.3. SÃO FRANCISCO PENITENTE	141
4.3.1.4. JUSTIÇA DIVINA	142
4.3.1.5. BRASÃO DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA	143
4.3.2. IMAGENS DA ORDEM PRIMEIRA ENCONTRADAS NA IGREJA DE SÃO FRANCISCO.....	143
4.3.2.1. SÃO BENEDITO	143
4.3.2.2 SÃO BOAVENTURA	147
4.3.2.3. SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	148
4.3.2.4. SANTO ANTÔNIO DE NOTO/CANTAJERONA	151
4.3.2.5. SANTO ANTÔNIO DOS POBRES	152
4.3.2.6. SÃO GUÁLTER BISPO	154
4.3.2.7. SÃO GONÇALO GARCIA	155
4.3.3 SANTA DA ORDEM SEGUNDA	156
4.3.3.1. SANTA CLARA DE ASSIS	156
4.3.4. IMAGENS DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO ENCONTRADAS NA CAPELA DOS TERCEIROS DE VITÓRIA	157
4.3.4.1. SÃO LUÍS REI DE FRANÇA	157
4.3.4.2. SANTA IZABEL RAINHA DE PORTUGAL	158
4.3.4.3. SANTO IVO.....	159
4.3.4.4. SANTA ROSA DE VITERBO	160
4.3.4.5. SANTA MARGARIDA DE CORTONA	163
4.3.4.6. SANTO LÚCIO E SANTA BONA	165

4.3.5. OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA IGREJA CONVENTUAL E NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA.....	166
4.3.5.1. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	166
4.3.5.2. SENHOR MORTO.....	168
4.3.6. OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA IGREJA CONVENTUAL DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA	171
4.3.6.1. SANT'ANA MESTRA	171
4.3.6.2. SÃO JOSÉ.....	177
4.3.6.3. SÃO PEDRO	180
4.3.6.4. SANTA BÁRBARA	180
4.3.6.5. SANTO INÁCIO	181
4.3.6.6. ANJOS	182
4.3.7. OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE VITÓRIA.....	186
4.3.7.1. SÃO DOMINGOS	186
4.3.7.2. NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	187
4.3.7.3. CRUCIFIXOS	194
4.4. NOSSA SENHORA DAS NEVES	190
4.5. A DISPERSÃO DAS IMAGENS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA.....	204
5. CONCLUSÃO	210
6. REFERÊNCIAS	214
7. LISTA DE REPRODUÇÕES.....	226
8. REPRODUÇÕES	230
9. ANEXOS	308

1º CAPÍTULO

1. INTRODUÇÃO

O objetivo desse trabalho é levantar, localizar (quando possível) e estudar as imagens sacras que compuseram o acervo do conjunto franciscano de Vitória, ou seja, a igreja conventual, a capela da Ordem Terceira da Penitência e a capela de Nossa Senhora das Neves, atentando aos usos, funções e poderes destas imagens. Assim, grande atenção é dispensada às procissões, notadamente à de Quarta-feira de Cinzas, de responsabilidade da Ordem Terceira.

O convento franciscano, cujo último frei morreu em 1909, foi entregue ao recém-criado bispado de Vitória em 1898, tendo demolidas suas dependências conventuais, incluindo a igreja da Ordem Primeira, em torno de 1926. Quanto a capela da Ordem Terceira, esta teve uma das suas paredes demolida, além do seu único altar; a capela de Nossa Senhora das Neves teve outras ocupações e se manteve de pé. Os retábulos e nichos originais da igreja conventual desapareceram naquela época, e todo o conjunto de imagens se dispersou. Assim, tentar conhecer melhor esse acervo é de grande importância não só para a história da arte sacra no Espírito Santo, como no Brasil, considerando-se que se trata do primeiro convento da região norte da Província Franciscana da Imaculada Conceição. Ademais, durante os mais de 335 anos em que o convento esteve em funcionamento, ele desempenhou importantes papéis não só no âmbito da religiosidade, mas também da cultura e da sociedade local, oferecendo aulas, servindo de enfermaria, fornecendo água de sua fonte e cedendo espaço de seus terrenos para um cemitério.

A análise das imagens de culto e de procissão pode, portanto, revelar muito da religiosidade local, bem como das relações de poder entre as várias camadas sociais participantes das associações religiosas que tinham sede na igreja e na capela da Ordem Terceira. As imagens eram o objeto mais visível de disputas de poder e mesmo da constituição de identidades – a exemplo dos dois grupos que se confrontaram no século XIX: peroás e caramurus.

Por outro lado, através do exame da documentação referente às imagens, podemos também perceber as mudanças na religiosidade capixaba, com o progressivo controle por parte do bispado e das associações laicas. Isso se refletia em um abandono cada vez

maior das procissões, que se estendeu às imagens e mesmo ao espaço físico, culminando na demolição do convento. Uma nova forma de viver e de exibir a religiosidade entrava em cena no século XX, afastada dos modos coloniais, e que se revelou um tanto indiferente às imagens e mais preocupada na constituição de lugares de culto que se vinculavam às tradições europeias, a exemplo da nova catedral, construída em estilo neogótico.

O convento de São Francisco de Vitória foi objeto de poucos estudos. A maior referência a seu respeito é a obra do franciscano frei Röwer, o principal historiador da Ordem, que esteve em Vitória no início da década de 40 recolhendo material para seu livro “Páginas de História Franciscana” (1941). O autor pôde se valer de sua condição de franciscano para ter acesso mais fácil à documentação histórica, da qual faz grande uso nesse e nos demais livros sobre a Ordem.

Em outras obras de caráter geral sobre a Ordem franciscana no Brasil, também encontramos referências ao convento de Vitória, em geral em muito debitárias da obra de Röwer. Esse é o caso da obra de outro frei, Venâncio Willeke, em “Missões Franciscanas no Brasil” (1978), e de Maria do Carmo Tavares de Miranda, “Os Franciscanos e a Formação do Brasil” (1976). De particular auxílio a nossa dissertação foi a tese de doutorado de Marcos Antônio de Almeida, intitulada “Mudança de Hábito: Papel e Atuação do Convento de São Francisco de Salvador (1779-1825)”, defendida em 1994 junto à Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção/SP: ao traçar um panorama geral da presença franciscana em Salvador, enfatizando suas relações e envolvimento sociais, além dos conflitos internos dos religiosos, o autor nos permitiu estabelecer preciosos paralelos com a ação franciscana em Vitória e suas relações com os fiéis e sua religiosidade e com a Igreja local.

Quanto à bibliografia de autores locais, percebemos uma carência de reflexões mais aprofundadas e originais a respeito do convento franciscano de Vitória. Poucos foram os que de fato consultaram as fontes primárias, e mesmo quando foi o caso, suas abordagens careciam de visão crítica. Esse é o caso, por exemplo, de Maria Stella de Novaes, com a obra “História do Espírito Santo” (1969), de Elmo Elton, em “Velhos Templos de Vitória e outros temas Capixabas” (1987) e do padre Adwalter Antônio Carnielli, em “História da Igreja Católica no estado do Espírito Santo” (2006), todos

eles autores de obras de caráter geral sobre a história do Espírito Santo e de sua Igreja, que dedicam algumas páginas ao convento de São Francisco de Vitória.

Uma exceção é a monografia de conclusão de curso em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo de Luciane Musso Maia, intitulada “Preservação do Convento de São Francisco” (1987). Esse trabalho, de caráter técnico, teve o grande mérito de organizar e desenvolver plantas arquitetônicas do convento. Além disso, com seu levantamento cuidadoso, a autora nos ajudou a traçar o paradeiro de duas imagens: a de São Benedito e a de São Francisco, orago da igreja conventual.

Em geral, as atenções são voltadas mais para o outro convento franciscano, o de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha, ainda hoje ativo e com seu mobiliário e imaginária preservados – embora o conjunto tenha sofrido importantes alterações arquitetônicas. Assim, dentre a extensa bibliografia, podemos citar, dos já mencionados frei Röwer, “O convento da Penha” (1965), e de frei Willeke, “Antologia do Convento da Penha” (1974), que segue de perto a obra de Röwer. E, além dessas, sublinhamos também a obra de Norbertino Bahiense, “O Convento da Penha” (1951), a mais completa sobre o tema.

No que concerne às imagens pertencentes à igreja conventual e às capelas, em geral elas foram apenas citadas. A atitude recorrente é de que não merecem ser estudadas porque “nada mais existe”. No entanto, mostramos, com esse trabalho, que nem todas elas foram perdidas. Uma parte considerável delas pode ser localizada e estudada, e foi a isso que nos propomos.

Esse posicionamento frente à imaginária franciscana também aponta para o fato de que os estudos voltados para a arte sacra, no estado, estão apenas começando. Nesse sentido, destacamos as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no seio do Grupo de Pesquisa em Imagens Cristãs (GPIC-UFES), criado em 2003, sob a coordenação da professora Maria Cristina C. L. Pereira, e do qual participamos.

Além da leitura e análise da bibliografia geral e específica sobre o Espírito Santo, de grande importância foi a análise dos documentos conservados no arquivo do Centro de Documentação da Mitra Diocesana de Vitória, instalado no sítio do antigo convento de São Francisco em Vitória. Eles nos informam, por exemplo, a respeito das datas das

procissões, da disposição das imagens do convento, dos responsáveis pelos andores nas procissões, dos paramentos, utensílios, imagens, imóveis e objetos variados do convento, além das visitas pastorais e correspondências dos bispos com as irmandades e a população local. O arquivo da Província da Imaculada Conceição do Brasil, em São Paulo, colaborou com preciosos inventários, preenchendo os vazios que tínhamos do início do século XIX.

Fizemos grande uso também de periódicos do século XIX e da primeira metade do século XX, como o “Diário da Manhã”, o “Comércio do Espírito Santo”, “A Província do Espírito Santo”, o “Correio da Victoria” e “A Gazeta”, conservados nos Arquivos Públicos Estadual e Municipal. Também nos utilizamos do arquivo do IHGES, da Biblioteca Pública Municipal e do IPHAN-ES, além do arquivo da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, da igreja de São Gonçalo.

No campo da iconografia, uma de nossas principais referências foi a obra do professor Hector Schenone, “Iconografía del arte colonial”. E, especificamente no que concerne às imagens franciscanas, de enorme valia foi a tese de doutorado da professora Maria Regina Emery Quites, “Imagens de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil”, defendida junto à UNICAMP. Seu cuidadoso levantamento e estudo das imagens das Ordens Terceiras em várias cidades brasileiras foi um dos principais motores para nossa investigação, à qual pretendemos contribuir com o presente estudo das imagens da Ordem Terceira (além da Primeira) em Vitória.

Quanto aos estudos teóricos sobre as imagens, destacamos, além de nossa orientadora, o medievalista Jean-Claude Schmitt, sobretudo com sua obra “O corpo das imagens”, que nos chamou a atenção para a necessidade do estudo das imagens dentro de uma perspectiva da Antropologia Histórica. Além dele, citamos as obras de Georges Didi-Huberman, que em muito contribuíram para pensarmos as imagens a partir de uma perspectiva questionadora e problematizante, como “Ante el tiempo” (2006).

A fim de melhor expormos nossas conclusões, desenvolvemos este trabalho em cinco capítulos. Após esta introdução, que se constitui como o primeiro capítulo, segue-se o segundo, cujo eixo principal é o estudo da presença franciscana em Vitória, desde a fundação do convento, no século XVI, à sua desestruturação e demolição, no final do

século XIX e início do XX. Grande atenção é dada às relações entre os franciscanos e o bispo, em grande parte responsável pelo desaparecimento físico de seu convento.

No terceiro capítulo, estudamos as relações entre os franciscanos e a religiosidade laica em Vitória, notadamente através das associações sediadas no convento e suas dependências: a Ordem Terceira da Penitência, a Irmandade de São Benedito, a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, a Devoção a Nossa Senhora das Neves e a Devoção a Nossa Senhora da Conceição. Importante destaque é dado à procissão de Cinzas, ponto alto das práticas religiosas laicas e também razão de ser de um número importante de imagens.

No quarto capítulo, buscamos, com o auxílio de fontes documentais escritas, estabelecer a localização original e a atual (no caso das ainda existentes) das imagens de devoção e de procissão que pertenciam à igreja conventual de São Francisco, à capela da Ordem Terceira da Penitência e à capela de Nossa Senhora das Neves. Analisamos o papel das imagens franciscanas no estabelecimento e na manutenção de relações de poder locais, sobretudo através da análise das irmandades que tiveram sede no complexo franciscano.

Finalmente, no quinto capítulo, descrevemos as conclusões finais, identificando e expondo os resultados da pesquisa, contribuindo para uma maior valorização do patrimônio histórico e artístico local. Afinal, se as imagens desapareceram – pelo menos do seu local de origem – se as procissões desapareceram, se a devoção desapareceu, permanecem, no entanto, seus resquícios, traços e sobrevivências, não só nas práticas religiosas, mas nos documentos e nas próprias imagens preservadas, conservadas agora em museu ou em outras igrejas.

2º CAPÍTULO – OS FRANCISCANOS NO ESPÍRITO SANTO

2.1 – A PRESENÇA FRANCISCANA NO BRASIL: DE CUSTÓDIA A PROVÍNCIA

A história dos franciscanos no Brasil se inicia com a chegada de Pedro Álvares Cabral ao então novo continente, em 22 de abril de 1500, pois coube a frei Henrique de Coimbra a incumbência de dar assistência religiosa à fragata. No entanto, os franciscanos somente se instalaram de forma efetiva em 1584, quando foi solicitada ao ministro geral da Ordem Franciscana, em Portugal, a criação de uma Custódia no Brasil¹. Antes disso, houve apenas por missões esporádicas às terras brasileiras, sem atividades missionárias organizadas como a dos jesuítas, que haviam chegado ao Brasil em 1549.

A criação da Custódia brasileira, denominada de Santo Antônio, se deu no dia 13 de março de 1584, em Lisboa, com permissão para construir conventos, embora com direitos jurisdicionais limitados². Foram nomeados oito religiosos portugueses, que chegaram ao Brasil em 12 de Abril de 1585³. Eles se estabeleceram inicialmente em Pernambuco, estando à frente o superior frei Melquior da Santa Catarina⁴. A partir dessa data foram construídos vários conventos, inicialmente no Nordeste do Brasil. O primeiro foi o de Nossa Senhora das Neves em Olinda, em 1585, seguido pelo convento de São Francisco, em Salvador, no ano seguinte. Em 1589, foram enviados dois religiosos ao Espírito Santo para a fundação do convento de São Francisco de Vitória. Com a ocupação holandesa no nordeste, e o saque de alguns conventos nessa região, a Ordem franciscana passou a investir na criação de novos conventos mais para o sul do Brasil⁵, e assim, foram fundados os de São Paulo e Santos em 1640.

Com o constante aumento do número de conventos da Custódia de Santo Antônio, sua dependência da Província de Portugal começou a gerar problemas, tanto práticos, devido à distância em relação à metrópole, como políticos, causados pela falta de

¹ Custódia é o conjunto de conventos antes da formação de uma Província, tendo o custódio como superior; e Província é o conjunto de conventos cujo superior é o provincial e o primeiro conselheiro é o custódio.

² ROWER, Basílio. *História da Província da Imaculada Conceição*. Petrópolis: Vozes, 1951. p. 9.

³ ROWER, 1951, p. 9.

⁴ Id., Ibid.

⁵ WILLEKE, Venâncio. *Antologia do Convento da Penha*. Vitória: CEC, 1974. p. 73.

autonomia da Custódia brasileira. Assim, em 1647, a Custódia se separou da Província portuguesa, sendo elevada à categoria de Província, com o apoio do papado, mantendo o mesmo nome, Província de Santo Antônio, a 29 de julho de 1648⁶.

Poucos anos depois, em 1659, os conventos da parte sul da Província, que já eram em número de nove, passaram a formar uma nova Custódia, dedicada à Imaculada Conceição⁷. Seu território abrangia do Espírito Santo até São Paulo e a sede era o convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. E, em 1675, essa Custódia foi elevada à Província⁸.

Com a criação da Província da Imaculada Conceição, a Província de Santo Antônio passou a contar com os seguintes conventos: Nossa Senhora das Neves de Olinda (1585), São Francisco da Bahia (1587), Santo Antônio de Igarassu, em Pernambuco (1588), Santo Antônio da Paraíba (1589), Santo Antônio do Recife (1606), Santo Antônio de Ipojuca (1609), Santo Antônio de Serinhaém (1620), Santo Antônio de Paraguaçu (1649), São Francisco de Sergipe do Conde (1629), Santo Antônio de Cairu (1650), Nossa Senhora dos Anjos de Alagoas (1657), Bom Jesus da Glória de Sergipe del Rei (1657) e Penedo (1657), totalizando treze conventos⁹.

Coube à Província da Imaculada Conceição do Brasil os seguintes conventos: São Francisco de Vitória (1591), Santo Antônio do Rio de Janeiro (1608), São Francisco e São Domingos de São Paulo (1639), Santo Antônio do Valongo, em Santos (1639) São Boaventura em Macacu (1649), Nossa Senhora da Penha de Vila Velha (1650), São Bernardino de Angra dos Reis (1650), Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém (1654), Nossa Senhora do Amparo de São Sebastião (1658), Santa Clara de Taubaté (1674), Nossa Senhora dos Anjos de Cabo Frio (1684), São Luiz de Itu (1691) e Bom Jesus da Ilha no Rio de Janeiro (1705)¹⁰. Desses conventos estão em atividade o de Santo Antônio do Rio de Janeiro, o de São Francisco de São Paulo, o de Santo Antônio

⁶RÖWER, 1951, p. 11.

⁷ROMAG, Dagoberto. *História dos franciscanos no Brasil, desde os princípios até a criação da Província de Santo Antonio (1500-1649)*. Curitiba: João Haupt & Cia, 1940. p. 59-73.

⁸RÖWER, 1951, p. 17.

⁹Ibid., p. 14.

¹⁰ *Páginas de História Franciscana no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1957. p. 23.

de Santos, o de Nossa Senhora da Penha de Vila Velha e o de Nossa Senhora do Amparo de São Sebastião¹¹.

2.2 – A FUNDAÇÃO DOS CONVENTOS DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA E DE NOSSA SENHORA DA PENHA EM VILA VELHA

A configuração da Ordem franciscana no Espírito Santo, nas duas capitais, a antiga e a “nova”, Vila Velha e Vitória, resultou em atuações que marcaram a trajetória da Igreja católica em solo capixaba. As fundações dos conventos de Nossa Senhora da Penha e de São Francisco se deram em contextos diferentes e também suas trajetórias foram bastante distintas, mas daremos ênfase ao convento de São Francisco, nosso objeto de estudo, fazendo paralelos com o da Penha, quando necessário.

O primeiro franciscano de que se tem notícia na então capitania foi o irmão laico Pedro Palácios, que chegou à atual cidade de Vila Velha em 1558¹². Frei Pedro levou uma vida ao mesmo tempo contemplativa e evangelizadora pelas terras capixabas, e construiu uma capela dedicada a São Francisco em 1562¹³, que também lhe serviu de moradia. Além de missionário, emprestou seus conhecimentos de enfermagem à primitiva Santa Casa de Misericórdia de Vila Velha¹⁴. Embora ele esteja nas origens da fundação do convento da Penha, este estabelecimento só teve sua construção iniciada de fato em 1650. Até então, havia apenas uma ermida também levantada por frei Pedro de 1566 a 1570. Neste ano, frei Pedro realizou a primeira festa da Penha¹⁵, e faleceu.

Assim, a fundação do convento de Vitória acabou precedendo à do convento de Vila Velha, e não houve relação direta entre elas. Isso pode se explicar pelo fato de que a presença de frei Pedro Palácios não representava de fato a Ordem. Ele não havia vindo em missão oficial, como foi o caso dos dois franciscanos enviados pelo Custódio da

¹¹ Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Site: <http://www.franciscanos.org.br/>.

¹² BAHIENSE, Norbertino. *O convento da Penha*. Vitória: IHGES, 1951. p. 35; RÖWER, 1957, p. 27. WILLEKE, 1954, p. 73.

¹³ BAHIENSE, 1951, p. 36.

¹⁴ Os franciscanos da Arrábida estavam encarregados dos cuidados do Hospital Real de Lisboa, ou seja, da Santa Casa de Misericórdia. Lá, frei Pedro dedicou-se por vários anos à assistência dos doentes. WILLEKE, 1954, p. 27.

¹⁵ BAHIENSE, 1951, p. 37.

Ordem, frei Melquior de Santa Catarina, em resposta ao pedido do donatário Vasco Fernandes Coutinho Filho¹⁶.

Diferentemente do convento da Penha, a fundação do convento de Vitória seguiu o padrão de fundações franciscanas no litoral brasileiro: em geral, os freis faziam uma visita ao local, para em seguida se estabelecerem, e somente depois se acomodarem¹⁷. Quando chegaram à capitania em novembro de 1589, os dois emissários franciscanos – frei Antônio dos Mártires e frei Antônio das Chagas – não mais encontraram vivo o donatário, sendo acolhidos por sua viúva D. Grimalda¹⁸. Provisoriamente, os dois freis organizaram um pequeno recolhimento no começo de uma ladeira, chamada de Lapa¹⁹, na vila de Vitória, e depois retornaram ao norte.

Ao retornarem no ano de 1590, os dois freis escolheram então o local definitivo do convento²⁰. Tratava-se de um lugar chamado hoje de Fonte Grande, na época inculto e pedregoso, uma “tapera” de difícil acesso com vista para a baía de Vitória. Alguns séculos mais tarde, em 1818, quando Auguste de Saint-Hilaire visitou Vitória e o convento de São Francisco, um de seus poucos comentários ao conjunto arquitetônico foi que ele “nada tem de notável, salvo sua localização”²¹. A grande vantagem daquele sítio era a proximidade de uma fonte de água de qualidade, no morro da Fonte Grande²². Estes terrenos eram de propriedade de Manuel Pereira, Juliana Roiz e Antônio Gonçalves, e lhe foram doados, com mediação da donatária²³. Para o início das construções, eles contaram com auxílio da população local e a mão de obra escrava²⁴.

A posição preponderante do convento de Vitória se confirmou quando, em 5 de dezembro de 1591, a ermida construída pelo frei Pedro Palácios passou a ser sujeita à

¹⁶ RÖWER, 1957, p. 28.

¹⁷ HAUCK, João Fagundes. *História da Igreja no Brasil*. Tomo I. Petrópolis: Vozes, 1977. p.43.

¹⁸ RÖWER, Basílio. *A Ordem Franciscana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1947. p. 57.

¹⁹ FREIRE, Mário A. Dos Franciscanos no Espírito Santo. *Revista Vida Capixaba*. Vitória, ano 32, n. 647, maio 1954, sp.

²⁰ RÖWER, 1957, p. 57.

²¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Espírito Santo e Rio Doce*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2002. p. 41.

²² RÖWER, 1957, p. 29.

²³ RÖWER, 1957, p. 30. Como precisa Freire, a doação foi feita no dia 6/12/1591, tendo servido de testemunhas o capitão Miguel Antonio de Azeredo e do padre Frutuoso Pinto, vigário de Vitória e ouvidor da Vara da Capitania. Gaspar de Carvalho foi o tabelião que lavrou a escritura de doação a 20 de dezembro nos registros da Câmara onde este estava servindo na ausência do escrivão. FREIRE, 1954, sp.

²⁴ NOVAES, Maria Stella. *História do Espírito Santo*. Vitória: Fundo Editorial do ES, 1969. p. 53.

jurisdição do convento de Vitória²⁵. Além disso, em 1609, os ossos do frei, morto em 1570, foram transladados da ermida para o convento de Vitória²⁶. O prestígio daquele frei, considerado santo pela população local, era assim agregado ao convento e contribuía mesmo para sua legitimação. Os franciscanos de Vitória iam aos sábados de Vitória para Vila Velha para celebrar missa na pequena ermida da Penha e receber os romeiros. Durante quase 60 anos, a ermida da Penha permaneceu anexada ao convento de São Francisco de Vitória, e isso mesmo quando alguns frades passaram a residir lá definitivamente. Somente em 1637 a ermida passou à capela²⁷. E no ano de 1650, a residência dos frades foi elevada à categoria de convento²⁸. Contudo, a data da construção da igreja conventual da Penha é incerta²⁹. Para Norbertino Bahiense, ela teria sido construída em quatro anos, de 1566 a 1570³⁰. (Figuras 1 e 2).

Já a data do início da construção do convento de São Francisco de Vitória é atestada pela documentação: 1591, terminando três anos depois, após uma paralisação causada pela morte de frei Antônio dos Mártires³¹. As obras foram concluídas sob a direção do frei João de São Miguel, e em 2 de agosto de 1595 celebrou-se a primeira missa³². Segundo frei Apolinário, o convento não era grande, mas muito perfeito pela regularidade, disposto com pequenas celas³³. Quanto à igreja conventual, de acordo com frei Jaboatão, ela era pequena, com três altares ornados de talha executados entre 1617 e 1620, encomendados pelo então guardião do convento, frei Cosme de São Damião³⁴. No altar mor achava-se a imagem do padroeiro e nos nichos laterais, as de Santo Antônio e São Benedito³⁵. Nos altares laterais encontravam-se as imagens de Nossa Senhora da Conceição, do lado da Epístola e de São Boaventura, do lado do Evangelho³⁶. A capela

²⁵ BAHIENSE, 1951, p. 43; FREIRE, 1954, sp.

²⁶ Ver mais adiante, no capítulo 3.

²⁷ BAHIENSE, 1951, p. 45.

²⁸ WILLEKE, 1974, p. 73.

²⁹ Ibid., p. 54.

³⁰ BAHIENSE, 1951, p. 37.

³¹ RÖWER, 1957, p. 30. Para Almerinda Lopes, o projeto do Convento de São Francisco era de autoria de Francisco dos Santos, arquiteto da Ordem, que teria atuado em Vitória no final do século XVI, mas não nos dá referência de onde tirou essa informação. LOPES, Almerinda da Silva. *Arte no Espírito Santo do século XIX à Primeira República*. Vitória: Ed. do Autor, 1997. p. 89.

³² Ibid., p. 31; RÖWER, 1947, p. 58.

³³ FREI APOLINÁRIO. *Epítome*. Apud RÖWER, 1957, p. 33.

³⁴ FREI JABOATÃO. *Novo Orbe Seráfico*. Apud RÖWER, 1957, p. 33. De 1639 a 1643 foi Guardião do Convento frei Paulo de Santo Antônio. Ibid., p. 50.

³⁵ RÖWER, 1957, p. 34; ELTON, Elmo. *Velhos Templos de Vitória e outros temas capixabas*. Vitória: CEC, 1987. p. 32.

³⁶ RÖWER, 1957, p. 33-34. Segundo frei Röwer, observa-se também esta disposição dos altares laterais, nas igrejas conventuais de São Paulo e Santos.

da Ordem Terceira da Penitência foi construída provavelmente na mesma data da igreja conventual³⁷, e estas comunicavam internamente através de uma abertura em arco³⁸. A Capela da Ordem Terceira possuía um único altar entalhado e dourado: o altar-mor, onde localizavam-se as seguintes imagens: ao centro, Nossa Senhora da Conceição, do lado do Evangelho, Santo Antônio e do lado da Epístola, Santa Rosa de Viterbo. No trono, havia o conjunto escultórico de São Francisco ajoelhado, recebendo as Chagas de Cristo³⁹. (Figura 3).

Não dispomos de muitas informações sobre o convento nos séculos XVII e XVIII, mas sabe-se que em 1765 o número de conventuais chegou a 25, sendo casa de noviciado desde o princípio⁴⁰.

É-nos possível apreciar em parte os conventos franciscanos do século XVII graças aos quadros do holandês Franz Post, que embarcou para o Brasil com Maurício de Nassau, e registrou em suas pinturas os conventos franciscanos. No entanto, eles não aparecem em primeiro plano, estando sempre ao fundo. Para um olhar distraído, não é possível diferenciá-los de outras igrejas. Mas como observa Glauco Campello:

(...) na medida em que ficamos sabendo de suas características peculiares, o bloco singelo da nave com o frontão triangular, o alpendre, o terreiro frontal e, ao lado igreja, o campanário recuado e as alas conventuais em torno do pátio quadrangular -, a presença desses primeiros conventos salta à vista quando examinamos um quadro do pintor holandês⁴¹.

As características apontadas pelo arquiteto facilitam a identificação das edificações franciscanas. Até meados do século XVII, o programa de construção dos franciscanos se estendia nessa composição por todo o litoral⁴². Ana Maria Guzzo, ao remontar a planta do convento de São Boaventura em Macacu, levantou as semelhanças e diferenças entre todos os conventos franciscanos brasileiros, atualmente demolidos ou não⁴³. A autora não estudou a tipologia do convento de Vitória; contudo, podemos compará-lo com os que ela cita, e assim percebermos que, frente aos itens discriminados, a única diferença do convento de Vitória para com os demais de sua Província é a posição da capela da

³⁷ RÖWER, 1957, p. 33.

³⁸ Ibid., p. 62.

³⁹ FREIRE, 1954, sp.

⁴⁰ RÖWER, 1957, p. 33.

⁴¹ CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *O brilho da simplicidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p. 37.

⁴² Ibid. p. 39.

⁴³ GUZZO, Ana Maria M. O Convento de S. Boaventura de Macacu na arquitetura franciscana brasileira. In: *Anais VI Colóquio Luso-Brasileiro de história da arte*. Rio de Janeiro: CBHA/PUC, 2004. v. 1, p. 55.

Ordem Terceira, perpendicular à igreja conventual. Segundo a autora, na maioria dos conventos dessa Província, esta capela é paralela à igreja conventual, com exceção de Valongo, em Santos. Incluímos, portanto, na tabela de Guzzo, também o convento de Vitória como outra exceção. Acreditamos que essa característica foi determinada na origem de sua edificação, quando fora definida sua planta. Lembramos que foram dois freis do nordeste que deram início às obras do convento de Vitória, e teriam trazido essa característica dos conventos de lá. A autora conclui que com relação aos elementos analisados, todos os conventos do sul (com exceção do Rio de Janeiro, que inverte apenas a Ordem Terceira) seguem a mesma ordenação na fachada, sendo ela: Ordem Terceira (capela), Ordem Primeira (igreja), torre sineira e convento⁴⁴.

Podemos observar em uma fotografia antiga, sem data, essa mesma disposição no convento de Vitória, além de percebermos também sua fachada, com frontão triangular em estilo jesuítico, a torre com os sinos e o terreiro à sua frente. Auxiliados pela bibliografia, descrevemos seu conjunto arquitetônico como sendo composto de: capela dos Terceiros, igreja conventual, torre sineira, dependência dos religiosos, cemitérios, refeitório, sala de reuniões e capela de Nossa Senhora das Neves. (Figura 4).

Em São Paulo, ao erguerem sua capela, os Terceiros da Penitência pediram autorização para que esta se localizasse afastada da igreja da Ordem Primeira. Receberam, como resposta, a informação de que existiam “limitações” para a capela da Ordem Terceira: e uma delas é que esta não deveria ser erguida afastada, “pois sempre se deve conhecer e reconhecer filial dela e à maneira de ‘altar colateral’ da igreja conventual da Ordem Primeira de São Francisco⁴⁵. O conjunto de Vitória também se apresenta com essa configuração. A capela ficava do lado do Evangelho, e por uma abertura em arco ela se comunicava com a igreja conventual⁴⁶. A instalação de uma porta para a rua na capela dos Terceiros só se daria no século XIX, sendo ainda assim considerada uma desobediência.

O frontispício e a torre sineira, construídos em estilo “primitivo”, também chamado de jesuítico devido à forma triangular em linhas retas, foram reformados nos anos 1744 e 1784 (Figura 5). A partir daí eles apresentavam um estilo um pouco mais barroquizante,

⁴⁴ Id. Ibid.

⁴⁵ RÖWER, 1951, p. 43.

⁴⁶ *Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo*. Vitória: Massao Ohno, 1991. p.142.

com volutas simétricas que emolduram o frontão, que é emoldurado por cunhais⁴⁷. Esse fenômeno também teve paralelo com outros conventos do nordeste, quando os franciscanos se recuperavam da invasão holandesa em fins do século XVII e início do XVIII, já que naquela ocasião muitos estabelecimentos conventuais haviam sido invadidos, saqueados, destruídos e posteriormente abandonados. Para Campello, existe um outro fator relevante para tais adaptações barrocas: o desejo de criar uma imagem nova para os conventos, justificada pela conquista recente da independência da Província de Santo Antônio de Portugal. (Figura 6).

No frontispício da igreja conventual de Vitória há também um relevo estucado com o Brasão das chagas de São Francisco, de que falaremos mais adiante, e, acima dele, a representação de um coração com três cravos que fazem alusão aos cravos de Cristo. A torre sineira, naquela reforma, também foi ornamentada com flores que se assemelham as da açucena⁴⁸. (Figura 7).

Outra obra também executada dessa mesma época foi a abertura de uma larga ladeira com muro nas laterais para dar acesso ao convento, além da instalação do tradicional cruzeiro, com linhas mais simples do que os trabalhados cruzeiros franciscanos que se conhece⁴⁹. Normalmente, ele era colocado no adro da igreja, mas em Vitória, foi localizado no início dessa ladeira. Outra obra significativa do século XVIII foi a construção de um novo ramal subterrâneo do aqueduto já existente (construído no período do Guardiã frei Paulo de Santo Antônio, entre os anos 1639 e 1643, que conduzia água da fonte do Morro da Fonte Grande para a cozinha conventual⁵⁰), indo até o início da ladeira, onde alimentava um chafariz encostado no muro, situado na Rua Coronel Monjardim para abastecimento da população⁵¹.

⁴⁷ RÖWER, 1957, p. 33. É possível ler a data de 1744 inscrita pelo estucador na parte superior do frontispício. Este frontispício, aliás, ainda hoje conserva a porta alfomofadada de acesso à ex-igreja conventual, com batente de madeira e a verga em arco batido. *Catálogo de bens culturais*, 1991. p. 144.

⁴⁸ Ver, a respeito dos sinos, mais adiante, no sub capítulo 2.3.

⁴⁹ MAIA, Luciane Musso. *Preservação do Convento de São Francisco*. 1987. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1987, p. 31. Este cruzeiro trazia esta data, 1744, e quando, no ano de 1912, foi destruído e a ladeira cortada, havia uma placa em meio aos paralelepípedos, que, além de uma cruz trazia as datas 1744-1912 e as iniciais “SF” de São Francisco. RÖWER, 1957, p. 33; Livro Copiador n. 1. 1912-1913. 21/05/1912, p. 15. Cúria Metropolitana. Esta placa não existe mais.

⁵⁰ FREI JABOATÃO, *Novo Orbe Seráfico*. Apud RÖWER, 1957, p. 33; *Catálogo de Bens Culturais Tombados*, 1991, p. 141.

⁵¹ MAIA, 1987, p. 35.

Quanto à parte externa do convento, além do frontispício, tradicional em todos os conventos, há também um alpendre de cinco arcos que se estende à frente da igreja conventual e da torre, com o telhado correndo por baixo das janelas do coro. Esse alpendre, como observa Luciane Maia, não é uma galilé⁵², como em outros conventos, integrada à fachada. Ele é, em Vitória, um anexo⁵³. Ele parece se “desprender” do restante do edifício. No entanto, assim como a galilé não era apenas um elemento formal, como lembra Paulo Azevedo, nem somente o espaço de transição entre o exterior e o interior, mas estava ligada às festas litúrgicas celebradas pela igreja⁵⁴, isso também se verifica em relação ao alpendre de Vitória. Ele foi muito utilizado sobretudo pelos devotos de São Benedito para realizar suas festas e leilões. (Figuras 8 e 9).

Embora Elmo Elton afirme que ele foi construído na primeira metade do século XIX, quando já estava em decadência o “velho cenóbio” e que ela se deu a pedido da Irmandade de São Benedito, não há documentos provando essa datação. Mas em 1849, há notícia em jornal informando que ele estava sendo restaurado⁵⁵ - o que torna pouco provável a datação de Elton. Ele ainda prossegue: “é sabido que esses devotos de São Benedito, com o passar do tempo, julgavam-se donos da igreja e do próprio convento embora pouco ou nada fizessem pela conservação de ambos”⁵⁶. Essa afirmação é ainda mais questionável. Em 1849 também, a torre da igreja estava sendo reformada, conduzida pelo promotor da irmandade, que contava com a ajuda dos irmãos:

O promotor da irmandade de S Benedicto desta cidade, convida a todos os irmãos que deverem mesadas, queirão ir satisfaser aos irmãos thesoureiro, ou

⁵² Essa palavra tem origem nos primórdios do cristianismo, à Galiléia, onde existia esse procedimento arquitetônico. Galilé é um espaço aberto incorporado ao volume da igreja que antecede a nave, sua origem se deu devido às exigências litúrgicas. Este era o lugar onde ficavam os catecúmenos ou pessoas que não participavam dos atos religiosos e não possuíam o direito de chegar ao santuário. MAIA, 1987. p. 35.

⁵³ MAIA, 1987, p. 31.

⁵⁴ Id., Ibid.

⁵⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, 5 dez.1849. Frei João Nepomuceno Valadares, natural de Vitória, da família de Torquato Martins de Araújo Malta, foi eleito em 1849, reeleito em 1853, 1854, 1856 e novamente no ano de 1859, como guardião da Penha, e ainda foi reeleito no ano de 1860 como guardião do convento de Vitória. Para Norbertino Bahiense, este religioso também foi quem mais atuou neste último convento. (BAHIENSE, 1951, p. 131). O doador da telha do novo alpendre foi o padre Torquato Martins de Araújo Malta, descrito pelo bispo D. José Coutinho como um “ricaço”: além de vigário da vara, era proprietário da fazenda Belém (COUTINHO, José Caetano da Silva. *Espírito Santo em princípios do século XX. Apontamentos feitos pelo bispo do RJ quando de sua visita à capitania do ES nos anos de 1812 e 1819*. Vitória: Estação Capixaba Cultural. 2002. p. 111 e 169). Esse fato mostra o prestígio do convento junto à elite local, que colaborava também para sua manutenção.

⁵⁶ ELTON, 1987, p. 35.

procuradores, pois assim o exigem as despesas da obra da torre que se está reconstruindo⁵⁷.

Antes disso, em 1834, a Irmandade de São Benedito havia restaurado o telhado de algumas salas do convento⁵⁸; e em 1888, ela cuidou de diversas obras, como a calçada do convento⁵⁹. A presença dos irmãos de São Benedito no convento franciscano não ficou restrita apenas à sua ocupação do mesmo, mas eles contribuíam para sua manutenção.

A ação dos leigos se intensificou a partir do momento em que o convento ia entrando em decadência, no final do século XIX. Mas desde o início da presença franciscana em Vitória havia uma grande interação da população com o convento. Os frades disponibilizavam, por exemplo, espaço para atividades religiosas praticadas pelos leigos. No convento, desde o princípio, teve sede a Irmandade de São Benedito⁶⁰, que possuía altar para seu orago, alfaias e sala para reuniões. Existia ainda a Devoção a Nossa Senhora da Conceição com data de fundação desconhecida, e a Devoção a Nossa Senhora das Neves, reerguida em 1905, além da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, instalada na igreja de São Francisco em 1919. Ademais, há a Ordem Terceira da Penitência, à qual já fizemos referência e que, segundo frei Röwer, também se instalou no convento desde o início⁶¹. Além de secretaria, consistório e sacristia, os Terceiros possuíam capela própria ligada à igreja conventual, como dissemos acima.

Os freis também foram responsáveis durante bastante tempo pelo abastecimento de água para a população, através do aqueduto que mencionamos antes. O convento também desempenhou funções educativas: antes de 1740, havia aulas de artes e ofícios⁶², e em 1783, a pedido da Câmara, foi ministrado um curso de filosofia pelo frei Antônio da

⁵⁷ NANTBUS, André Luiz. *Correio da Victoria*, Vitória, 30 jun. 1849, p. 4. O convento todo passou por reformas nesse ano, já que estava ameaçado de cair em ruínas (*Correio da Victoria*, 20 out. 1849).

⁵⁸ RÖWER, 1957, p. 63.

⁵⁹ COSTA, Delfino Ricardo. *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 6 out. 1888, p. 4.

⁶⁰ CARNIELI, Adwaltar Antônio. *História da Igreja Católica no Estado do Espírito Santo 1535-2000*. Vila Velha: Comunicação Impressa. 2006. p. 188; RÖWER, 1957, p. 61-62; ELTON, 1987, p. 34.

⁶¹ RÖWER, 1957, p. 62.

⁶² MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. *Os Franciscanos e a Formação do Brasil*. Recife: UFPE, 1976. p. 202. Ainda em Miranda encontramos: “O Governo de Pombal em 1758 suprime aos franciscanos as suas aldeias, por achar que a presença dos mesmos não se faz mais necessária aos índios, prometendo, nessa ocasião, a criação de escolas públicas, o que, porém não foi cumprido”. *Ibid.*, p. 135.

Natividade⁶³. E quando da visita do imperador D. Pedro II à Vitória, em 1860, as aulas do Lyceo foram transferidas para um salão no convento⁶⁴.

Outra atuação importante dos freis ocorreu durante a epidemia de cólera. Em janeiro de 1856 instalou-se uma enfermaria nas dependências do convento⁶⁵. Além disso, no convento se concentravam ações ritualísticas de tentativa de controle da epidemia, como orações e procissões⁶⁶.

Uma medida necessária em favor da saúde pública foi a proibição de enterramentos nas igrejas, o que significou também ausência de esmolas para os conventos franciscanos, que dependiam delas para sua manutenção, agravando o estado de pobreza em que estes já se encontravam⁶⁷. O convento de Vitória, que possuía cemitério para os irmãos Terceiros e para a Irmandade de São Benedito, e ainda fazia enterros de Guardiões e freis (tanto dos de Vitória como os da Penha) no seu claustro, cedeu espaço do seu terreno, a pedido do então presidente da província, o Barão de Itapemirim (José Maurício Pereira Barros), para a instalação de um cemitério em 1856, (em virtude da epidemia de colera morbus) até a inauguração, em 1º de Maio de 1912, do cemitério público municipal de Santo Antônio, mais afastado da cidade⁶⁸. Para os moradores, esse cemitério foi muito importante, porque os que havia eram particulares, pertencentes às igrejas do Rosário e do Carmo, à Santa Casa de Misericórdia, além dos do convento franciscano.

2.3. OS SINOS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA

Designados pela liturgia da Igreja como “santos lugares” estão as edificações e os lugares destinados às funções litúrgicas, como as igrejas e os cemitérios⁶⁹. Eles são investidos de poderes através da bênção ou consagração, onde se incluem os sinos, que

⁶³ *Catálogo de Bens Culturais*, 1991, p. 142. Isso também se verificou em outros conventos franciscanos brasileiros: em Macacu, em 1784, já havia aulas de gramática em escolas conventuais; em Cabo Frio e Taubaté, as aulas se iniciaram em 1720; no convento de Itu, em 1730.

⁶⁴ *Correio da Victoria*, Vitória, n. 96, ano XI, 3 dez. 1859, p. 4.

⁶⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, 5 jan. 1856, p. 2. Isso ocorreu também em Angra dos Reis (RÖWER, 1951, p. 286).

⁶⁶ *Correio da Victoria*, Vitória, 19 abr. 1854, p. 2; *Correio da Victoria*, Vitória, n. 31, ano II, sábado, 29 abr. 1854, p. 2.

⁶⁷ RÖWER, 1951, p. 274.

⁶⁸ FRANCO, Sebastião Pimentel e HEES, Regina Rodrigues. *A República e o Espírito Santo*. Vitória: Multiplicidade, 2005. p. 58. As construções desse cemitério tiveram início no final do século XIX, mas não foi adiante, sendo retomadas no governo de Jerônimo Monteiro, concretizou-se em 1912. Para Elmo Elton, a inauguração deste cemitério foi em 1908. ELTON, 1987. p. 47.

⁶⁹ REUS, João Batista. *Curso de Liturgia*. Petrópolis: Vozes. 1944. p. 77.

também fazem parte dos ritos cristãos. Entretanto, antes da apropriação e uso sagrado dos sinos nas igrejas cristãs, eles já eram usados em muitas outras religiões⁷⁰, a exemplo de Atenas⁷¹.

Entretanto, o que nos interessa neste sub-capítulo é estudar os sinos do convento de São Francisco e, nesse sentido, cabe sublinhar o papel importante que desempenharam as ordens monásticas na difusão de seu uso em edificações, associando a função de comunicação à de marcação de horas.

E uma vez que tomam os sinos parte nos rituais cristãos, sua consagração antes da utilização é fundamental. E é importante observar que, uma vez bentos, os sinos não podem ser empregados para o uso exclusivamente profano⁷². O Código de Direito Canônico de 1917 (can. 1169, parag. 1º) sintetizava bem sua posição no campo pastoral, afirmando que era conveniente que todas as igrejas tivessem sinos para convidar os fiéis aos atos religiosos; e é a partir do século VII se tem notícias do denominado batismo dos sinos⁷³. Os procedimentos para a bênção do sino, segundo o ritual descrito no capítulo XXX do Ritual de Bênção do sino, relacionam as possibilidades desse ato, conforme as circunstâncias do lugar a que o sino se destina⁷⁴.

Nos livros de organização interna da Igreja no Espírito Santo, vamos encontrar poucos registros de pedidos de autorização de bênção de sinos. E eles se dão em épocas variadas, e vindos principalmente do interior do estado, sendo o mais antigo registro por nós encontrado datado de 18 de janeiro de 1915, o dos sinos da capela de Todos os Santos em Viana⁷⁵. Em seguida, registra-se, em 1919, licença para benzer um sino, sem descrever o local a que ele se destinava⁷⁶; no ano de 1920, dá-se faculdade para benzer os sinos da capela de São Sebastião⁷⁷; e sem registrar o local, mais uma licença é

⁷⁰ JOHNSTON, R. J. A place for everything and everything on its place. *Transactions of the Institute of British Geographers* 16/2, 1991, p. 131-147, p. 133.

⁷¹ REUS, 1944, p. 100. Os sacerdotes do culto a Proséquina chamavam o povo com campainhas para o sacrifício e honra a ela. Os sacerdotes judaicos davam de uma alta torre o sinal para começar o sábado.

⁷² REUS, 1944, p. 101. Exceto por necessidade ou com licença do Ordinário ou por costume legítimo.

⁷³ SALES, D. Eugênio de Araújo. *Voz do Pastor. O toque dos sinos*. Disponível em [www.arquidiocese.org.br / páginas/v0312199.htm](http://www.arquidiocese.org.br/p%C3%A1ginas/v0312199.htm). Acesso em 23 de Dezembro de 2006.

⁷⁴ BECHHÄUSER, Frei Alberto. *Ritual de Bênçãos*. São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1990. p. 378.

⁷⁵ Livro Copiador N. 1 (1912-1913), 18/01/1915. p. 246 e Livro de Caixa (1914-1922) valor: 5,00 reis. p. 42. Cúria Metropolitana.

⁷⁶ Livro de Caixa (1914-1922) 8/05/1919. Valor: 10,00. p. 46. Cúria Metropolitana.

⁷⁷ Livro de Caixa (1914-1922) 26/04/1920. Valor: 10,00. p. 47. Cúria Metropolitana.

concedida para benzer um sino em 1922⁷⁸. No mesmo ano de 1922, há requerimento do padre João Henrique, vigário de Anchieta, pedindo licença para benzer três sinos⁷⁹. Depois dessas datas, dá-se um salto e somente em 1940 vamos encontrar novo registro: de uma só vez, pede-se licença para benzer não somente os sinos, mas o cruzeiro e também o cemitério da capela de Nossa Senhora da Saúde em Afonso Cláudio⁸⁰.

Em 1949, concede-se licença ao frei Afonso Maria para benzer dois sinos da capela de Santa Teresa⁸¹; no mesmo ano, há pedido para bênção dos sinos da capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Itapina, Paróquia de Colatina⁸². Em 1950, também em Colatina, há licença para o padre Geraldo Mayers benzer um sino e três imagens na capela de São Rafael⁸³. Nesse mesmo ano, em Alto Caldeirão, benzem-se os sinos da capela de Nossa Senhora das Graças⁸⁴. A paróquia de Santa Tereza, em 1950, registra mais duas licenças para benzer sinos, uma na capela de Bom Jesus no Córrego Frio⁸⁵ e outra na capela de São João Batista⁸⁶, na localidade de São João de Petrópolis, encerrando assim os pedidos de licenças de bênção de sinos. Diante dessa mostra, isso não significa que não existam outras igrejas com sinos no estado ou que seus sinos não foram consagrados. Um certo descuido na documentação das ações da Igreja no Espírito Santo poderia explicar, provavelmente, essas ausências, uma vez que encontramos, por exemplo, no centro histórico de Vitória, sinos em todas as suas igrejas, de diferentes tamanhos.

Além do uso religioso, os sinos foram usados desde cedo como forma de comunicação à distância. Além dos chineses, tidos como seus inventores, babilônios, gregos e romanos conheciam a campã e a campainha, e se serviam delas para o uso doméstico⁸⁷. No Brasil, a tradição portuguesa do dobre dos sinos anunciava os principais acontecimentos da cidade: nascimentos, mortes, incêndios, invasões, festas religiosas, dias santos entre

⁷⁸ Livro de Caixa (1914-1922) 30/01/1922. Valor: 10,00. p. 48. Cúria Metropolitana.

⁷⁹ Livro de Protocolo N. 2 (1915-1927). 4/08/1922. p. 172. Cúria Metropolitana.

⁸⁰ Livro de Provisões N.5 (1932-1941). 15/01/1940. p. 139. Cúria Metropolitana.

⁸¹ Livro de Provisões N. 6 (1941-1950) em 5/10/1949. Cúria Metropolitana.

⁸² Livro de Provisões N. 6 (1941-1950) em 20/12/1949. Cúria Metropolitana.

⁸³ Livro de Provisões N. 6 (1941-1950) em 6/03/1950. Cúria Metropolitana.

⁸⁴ Livro de Provisões N. 6 (1941-1950) em 20/04/1950. Cúria Metropolitana.

⁸⁵ Livro de Provisões N. 6 (1914-1950) valor de 30,000 em 13/09/1950. Cúria Metropolitana.

⁸⁶ Livro de Provisões N. 6 (1914-1950) em 19/10/1950. Cúria Metropolitana.

⁸⁷ Ver, entre outros, STARMER, W. W. Bells and bell tones. *Proceedings of the Royal Music Association* 28, 1901-1902, p. 25-44, p. 26. Chamar os operários para o trabalho ou banho, acordar os escravos, e uso público: nas guerras.

muitos outros⁸⁸, podendo variar de lugar para lugar, adaptado aos costumes locais. As badaladas dos sinos se tornaram o mais importante meio de comunicação de vilas e povoados⁸⁹, criou-se uma linguagem dos sinos, decodificada por aqueles a quem eram dirigidas.

Tem-se conhecimento da codificação da linguagem sineira através do Cerimonial Seráfico da Ordem franciscana de 1730⁹⁰, exemplificando as múltiplas funções dos campanários. Mas isso nos conventos europeus. No Brasil, a cada eleição feita pelos franciscanos quando reunidos para o Capítulo, o provincial eleito traçava seu sistema de trabalho determinando as regras que se estenderiam a todos os conventos. O provincial redigia quantas e quais estas seriam, podendo inclusive ser específicas para um determinado convento. No entanto, não encontramos determinações exclusivas para os sinos do convento de São Francisco de Vitória. E de modo geral, encontramos poucos registros acerca da normalização do uso dos sinos nos conventos franciscanos. Assim, por exemplo, no Capítulo da Ordem de 5 de março de 1735, o ato de tocar o sino ficou designado para “dois mais novos sacerdotes dos conventos⁹¹. Em 1796, eleito frei Joaquim de Jesus Maria Brados, este determina que, em todos os conventos, todas as festas de Nossa Senhora sejam solenizadas com repiques de vésperas, matinas e missa, que deve ser cantada. Além disso, nas festas de todos os santos apóstolos os religiosos deveriam ser chamados às funções do coro a toque de sino grande⁹². O convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro recebeu, em 1828, a determinação que se *repicassem* os sinos nas festas da Ordem Terceira e nos enterros dos irmãos e de seus filhos menores. Além disso, a Ordem Terceira deveria ser responsável pelo pagamento da metade do valor dos sinos que por ventura se quebrassem⁹³.

⁸⁸“Sinos infernizam as cidades”. Disponível em www.rio.rj.gov.br/rio_memoria/1833.htm. Acesso em: 5 de Janeiro de 2007.

⁸⁹ Era pelo toque do badalo no metal que a população sabia das notícias. Com o crescimento das tecnologias, eles caíram em desuso, noticiando apenas fatos relativos à Igreja.

⁹⁰ CONCEIÇÃO, Frei Manoel da. *Cerimonial Serafico e Romano para toda a ordem Franciscana e em especial para a Observância da Província dos Algarves*. Lisboa: Officina da Musica, 1730. cap. III.

⁹¹ RÖWER, 1951, p.79. Um seja barbeiro, outro sacristão e este poderá ter como ajudante um corista, somente para tanger os sinos e fazer hóstias, quem recusar, não será promovido a cargos”. A regra vinha acompanhada da punição, no caso de descumprimento. Em 1757, especificamente os sinos do convento do Rio de Janeiro, só poderiam ser *repicados* para o bispo e *dobrados* no dia de finados. Ibid., p.115.

⁹² Ibid., p.182. Em 1824, diante da comunicação da morte do Papa Pio VII, determinou-se que três dias antes do funeral se dobrassem os sinos dos conventos com os intervalos de costume. Ibid., p.238.

⁹³ Ibid., p. 250.

Observamos que não existia uma regra rígida para o toque dos sinos nos conventos da Província da Imaculada Conceição, ficando a cargo inclusive das irmandades no convento instaladas. Vale lembrar que todos os dias havia o toque da Ave Maria às dezoito horas⁹⁴. Frei Antonio do Coração, que exerceu a função de provincial durante 14 anos, determinou que ao sino do refeitório dos conventos fossem dadas cinco badaladas às vinte e duas horas⁹⁵. Em São João Del Rei, os sinos ainda na atualidade articulam uma linguagem e uma forma de comunicação nascidas no tempo da colônia e aperfeiçoadas no século XIX⁹⁶, contudo, nada substitui a grande sabedoria que está restrita à memória dos velhos sineiros.

Tradicionalmente, os sinos eram fabricados reunindo-se chapas de metal, sendo mais tarde produzidos através da fundição⁹⁷. Em geral, o cristianismo dava preferência ao bronze, porque na tradição judaico-cristã seu som significava a repercussão da presença de Deus⁹⁸ - afinal, não se pode esquecer que, etimologicamente, sino deriva de *signum*, sinal.

O valor do sino é, portanto, em geral elevado. Além do bronze, alguns contêm inclusive liga de ouro na sua composição. Sendo assim, em alguns locais, várias pessoas da cidade se uniam para doar não somente objetos às suas igrejas, mas também sinos. Assim acontecia em Ouro Preto, Minas Gerais, os doadores se tornavam “padrinhos” dos sinos e faziam até mesmo um batizado⁹⁹. Outro exemplo desse ritual encontra-se na cidade do Porto, onde a irmandade de Santo Antônio adquiriu oito sinos para a igreja de Santo Antônio dos Congregados, e a cada um deles foi dado um nome; sendo o batismo no dia 12 de Março de 1867¹⁰⁰. É possível observar nestes atos o grau de humanidade

⁹⁴ Ibid., p. 296.

⁹⁵ Id., Ibid. Em 8 de agosto de 1903.

⁹⁶ Alguns toques são: Ângelus, a Senhora é morta, toques de finados, de missa, dos Passos, fúnebres, de agonia e procissão. MACHADO, Jairo Braga. *Linguagem dos toques de sinos de São João Del Rei*. Disponível em: www.ufsj.edu.br/Pagina/semanalabdoc/resumos_das_palestras.php. Acesso em 27/5/2007.

⁹⁷ REUS, 1944, p. 101.

⁹⁸ PASTRO, Cláudio. *Arte Sacra*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 83.

⁹⁹ MONTEIRO, Aline. Disponível em: www.ouropreto.com.br/NOTICIAS.ASP?cod=607. Acesso em: 3/03/2007. Os nomes escolhidos para os sinos são sempre bíblicos: Jerônimo (matriz do Pilar), Elias (da igreja do Carmo), Ivo (Santa Efigênia), Antão (Igreja das Mercês e Perdões).

¹⁰⁰ Pequena História dos sinos da igreja dos Congregados. Disponível em www.jn.sapo.pt/2005/02/27/grande_porto/pequenahistoria_sinos_igreja_congre.html. Acesso em 23/02/2007. Os nomes: Santo Antonio, Senhora das Dores, Santíssimo Sacramento, S. Filipe de Nery, Jesus Maria e José, S. Francisco de Sales, Santa Ana e S. João Baptista.

atribuído aos sinos, que pode ser de certa forma posto em paralelo com as imagens dos santos, diante de tamanha importância de seu uso.

Como vimos, as irmandades também desempenhavam esta função de patrocinar sinos para as igrejas. Assim, em Vitória, a Irmandade de São Benedito instalada no antigo convento de São Francisco era proprietária de vários pertences deste convento, dentre os quais dois dos três sinos de bronze: o “grande” e o “pequeno”. O sino “meião” era da Ordem Terceira da Penitência, como informa um documento da irmandade,

pois, em annos anteriores, o “grande” que pertencia ao convento, fora quebrado, e para não achar-se em falta a Irmandade mandou vir ella do Rio de Janeiro, no anno de 1858, um outro para substituí-lo¹⁰¹.

No lado direito do frontispício do convento, tem-se duas aberturas para os sinos (o “meião” e o “grande”) com verga em arco pleno. O que restou da antiga torre é emoldurada por cunhais salientes, além da cornija que é coroada por um frontão em estilo barroco. O Catálogo de Bens Culturais nos informa ainda da existência de “um nicho central em arco pleno”, ladeado de dois corruchéus¹⁰². Com relação ao nicho central citado, se trata do local dedicado ao “santo do relento” que em algum momento dali foi retirado, talvez quando a parte interna da torre foi demolida.

Temos conhecimento de que, inicialmente, Santo Antônio foi merecedor de um nicho, à frente do frontispício do convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, em virtude da vitória conseguida sobre os holandeses naquela cidade. Isso porque o governador, além de pedir a intercessão de Santo Antônio, elevou-o a “general dos Exércitos” e solicitou aos frades que colocassem a imagem do taumaturgo na “mão da muralha do convento”, a fim de “como general presidisse a peleja”. Graças ao êxito do combate, a imagem do santo lá permaneceu. Por estar a imagem exposta ao tempo, passou a ser chamada de “Santo Antônio do Relento”¹⁰³. No convento de Vitória, o nicho de Santo Antônio do Relento foi ocupado pelo sino “pequeno” hoje lá instalado, do qual falaremos mais adiante.

¹⁰¹ Inventário das alfaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade de São Bendito. 20 de Dezembro de 1900. Feito por Alexandre Moniz Freire; Relação dos Santos, Imagens e alfaias existentes no Convento de S. Francisco, feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de São Francisco em 11 de Julho de 1906. Cúria Metropolitana.

¹⁰² *Catálogo de bens culturais*, 1991, p. 144. Em relevo está inscrita a data 1784, sendo provavelmente a data da reforma que lhe deu aspecto barroco.

¹⁰³ RÖWER, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 260-261.

O sino “grande” e o “meião” não possuem inscrição. O menor, que está atualmente desaparecido, trazia a inscrição: “*José Maria JHS –1781. Ecce crucem domini fugite parrtes adversae. Joannes Ferreira Lima me fecit. Bracharae*”¹⁰⁴: “José Maria JHS, 1781. Eis a cruz do Senhor que afugenta os adversários. João Ferreira Lima me fez. Braga – Portugal”. Essa inscrição é interessante, pois traz, além do nome do sino, seu fabricante, procedência e data¹⁰⁵.

Quanto à linguagem dos sinos, não sabemos se ela existiu ou não em Vitória. Entretanto, narra uma lenda que o guardião do convento de São Francisco, frei Manuel do Espírito Santo, quando da invasão holandesa em Vitória em 10 de março de 1625, teve a idéia de, em certo momento da luta, subir na torre sineira da igreja Matriz e repicar festivamente os sinos, anunciando dessa forma a vitória. Os defensores passaram a cantar vitória e os holandeses fugiram¹⁰⁶.

Agora não mais de forma lendária, encontra-se em um periódico da cidade uma declaração pública a respeito do incômodo dos toques dos sinos da cidade.

Atenção. Pede-se ao revd. Sr. Vigário que faça acabar o péssimo gosto de dobrarem horas inteiras os sinos de sua matriz. He uma coiza incommoda, e até prejudicial. Por cauza de alguns cobres que lucrão os sineiros, não se deve incomodar uma cidade inteira. Igual pedido fazemos aos demais administradores de irmandades e capellas. O Sr vigário, que he moço, hade concorrer para que se destrão estas antigualhas impróprias dos tempos em que vivemos. Os dobres de sinos, acreditem os carolas, não levaõ a alma ao céo, se não tem ellas sido puras e virtuosas. No tempo do Cholera morbus acabou-se com tão incomodo a usança; não sabemos porque tornou-se hoje a reviver, apezar dos males que cauza, e da nenhuma utilidade que presta. Seremos attendidos? Um velho christão¹⁰⁷.

Não sabemos de que forma se conduziam tais repiques dos sinos, se eles eram usados exclusivamente pela Igreja ou não. O leitor deixa claro sua indignação, quando escreve que os sinos eram “dobrados” por “horas inteiras.” Por horas inteiras acreditamos ser um pouco exagerada a descrição usada pelo leitor, entretanto, ele nos traz informações interessantes, como o fato de que os sineiros eram pagos à parte – o que segundo ele trazia o interesse no toque constante. Além disso, apesar de reclamar especificamente da

¹⁰⁴ RÖWER, 1957, p. 56.

¹⁰⁵ Existe um sino com esta mesma descrição em exposição no museu do Convento da Penha. De acordo com a legenda, ele seria precedente deste convento. No entanto, nos parece uma coincidência muito grande, e nos questionamos se não seria o sino do convento de Vitória, transferido em algum momento depois da estadia de Röwer para o convento da Penha.

¹⁰⁶ Ibid., p. 38. Este sino faz parte, atualmente, do acervo do IPHAN-ES.

¹⁰⁷ *Correio da Victoria*, Vitória, 26 mar. 1859, p. 4.

Matriz, o “velho christão” deixa entender que outras igrejas também possuíam sinos, e que estes eram igualmente bastante utilizados.

Outro dado bastante relevante é o das funções dos sinos. O leitor deixa claro que para ele – e talvez para muitos, já que há mais reclamações em outras edições – os sinos não tinham utilidade, nem mesmo religiosa: afinal, segundo eles, os sinos não levam “ao céu”. E ele também indica que na época da epidemia de cólera os sinos deixaram de ser utilizados – talvez pelo excessivo toque, dada a quantidade de mortos. Alguns anos depois, encontramos outro protesto em jornal contra os sinos:

Os sinos... Continuam a perseguir-nos, sempre que podem os ouvidos esses eternos inimigos do socego, da reflexão e do estudo. Já d’aqui declarammos-lhes guerra uma vez, mas não há quem providencie a respeito¹⁰⁸.

Mesmo contra os sinos do convento de São Francisco há reclamações, sendo vistos como o único incômodo das festas lá realizadas:

No sábado, domingo e na segunda-feira tiveram lugar as festas anunciadas. O movimento até aqui tem sido pouco notável. O convento ostenta-se em todo o seu esplendor. Resta a segunda festividade, a do popular são Benedito, que por certo atrairá maior concorrência. Há só um sendo em tudo isso – é o sino, o sino, o inimigo implacável dos tympanos de nossos ouvidos¹⁰⁹.

Entendemos que essa pode não ser a impressão compartilhada por todos os moradores da cidade, entretanto, há que se lembrar que havia aproximadamente onze sinos no centro histórico da cidade, distribuídos pela igreja Matriz, igreja de São Gonçalo, igreja de São Tiago, igreja da Misericórdia, capela do Carmo, capela de Santa Luzia, igreja do Rosário, além dos três sinos do convento de São Francisco. Se todos fossem tocados ao mesmo tempo, em meio ao silêncio, de fato isso poderia causar incômodo¹¹⁰. No caso de Vitória, pelo menos, a hierarquia da Igreja interveio nessa discussão. Especificamente em relação ao convento de São Francisco, o primeiro bispo de Vitória, D. João Batista C. Nery, através de uma Portaria dirigida ao então secretário da Irmandade de S. Benedito do convento de São Francisco, declarava ser proibido o toque de sinos depois

¹⁰⁸ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 8 dez. 1882, p. 3.

¹⁰⁹ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 30 maio 1882, p. 1.

¹¹⁰ “Sinos infernizam a cidade”. Disponível em www.rio.rj.gov.br/rio_memorial/1833.htm. Acesso em 1/12/2007. E isso não se restringia a Vitória. Em 1833, a Comissão de Salubridade da Sociedade de Medicina de São Paulo elaborou um relatório sobre o abuso dos toques de sinos e o mal que causava à saúde. Dizia o parecer que eram muitas as doenças que acometiam a população submetida a repiques de sinos, insuportáveis quando duram mais de cinco minutos.

das nove horas da noite¹¹¹. Cinco anos depois, em 1905, D. Fernando de Souza Monteiro emitia portaria ao Sr. João Vicente da Boa Morte, então secretário da irmandade de S. Benedito, renovando a Portaria de 1900¹¹².

É possível que os sinos do convento de São Francisco tocassem de forma desordenada pelos devotos de São Benedito, obrigando os bispos diocesanos a usarem de sua autoridade para contê-los. Outra possibilidade é que esses sinos fossem tocados por pessoas não especializadas, visando apenas o recebimento de pago por esse serviço. Assim podemos ler na já mencionada reclamação de 1882:

Infelizmente nós havemos de bradar, mas a população há de continuar a mercê de quanto vadio lembre-se de subir á torre das igrejas para tirar seu ventre de miséria da irritabilidade alheia. Mas, isto é intolerável!¹¹³

Não sabemos quantos sineiros existiram na cidade. Temos conhecimento através de Mário Aristides Freire, que a capela primitiva da Ordem Terceira, “com soalho de largas tábuas sobre barrotes, comportava um porão, com duas portas, onde o velho sineiro morava”¹¹⁴. Podemos notar através do desenho de André Carloni, que uma dessas portas tinha saída para a rua Adão Benezath, e não sabemos quando, nem por que motivo ela foi fechada. (Figura 10).

Mas é importante observar que apesar das reclamações e das medidas contra o uso excessivo dos sinos, não houve simplesmente sua abolição. O segundo bispo de Vitória, D. Fernando de Sousa Monteiro, no ano de 1903, diante do anúncio da morte de Leão XIII e da eleição de Pio X, ordenou que se devessem “*repicar os sinos durante três dias em signal de festa e alegria pela graça que Deus acaba de fazer-nos*”¹¹⁵. De toda forma, como podemos ver, em Vitória, no século XIX, não encontramos registros saudosos dos toques dos sinos. Parece-nos que provavelmente não existia uma tradição dos seus repiques, ou um descompasso na sua utilização exagerada. Eles mais pareciam irritar alguns moradores. E também não sabemos com que frequência e diante de quais motivos, além dos religiosos, eles eram acionados. Mas seguramente eles o eram também para avisar um perigo, efetuando, assim, um ato de utilidade pública. Isso

¹¹¹ Livro de Provisões N. 01 (1897 – 1909). 02 de Janeiro de 1900. p. 153. Cúria Metropolitana.

¹¹² Livro de Provisões (1897-1909) em 02/01/1905. p. 153. Cúria Metropolitana.

¹¹³ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 8 dez. 1882, p. 3.

¹¹⁴ FREIRE, Mário Aristides. A Ordem Terceira da Penitência em Vitória. *Revista Vida Capixaba*. Mar. 1954. sp.

¹¹⁵ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha. p. 57 e 57v. Cúria Metropolitana.

ocorreu, por exemplo, na madrugada do dia 25 de junho de 1867, quando a população foi avisada de um incêndio na residência do Dr. Ernesto Mendo através dos toques dos sinos das igrejas e ainda pelo “toque de rebate” dos tambores do quartel. Acionada a Marinha, o incêndio foi combatido¹¹⁶.

O convento franciscano de Vitória perdeu sua função ao longo dos anos. Contudo, seus sinos de bronze, que já badalaram em festas religiosas e profanas, saudando a passagem de procissões, fazendo parte da sonoridade da cidade, resistiram ao tempo. A torre sineira, depois de 1926 foi em parte demolida; dos sinos permaneceu o “meião” e o “grande” por vários anos. O “meião” (da Ordem Terceira da Penitência) permanece ainda hoje no seu local original; (Figura 11) quanto ao sino “grande”, que estava quebrado (da Irmandade de São Benedito-1858), foi substituído por um novo em 2007, enquanto o antigo será exibido no museu da Cúria Metropolitana. (Figuras 12, 13 e 14).

Do sino “pequeno”, não temos notícias do seu paradeiro¹¹⁷. Com a demolição da torre, ele deve ter sido perdido, uma vez que o lugar que ele ocupava passou a não mais existir. No entanto, em 2007 a administração da Cúria Metropolitana adquiriu um novo sino “pequeno”, que foi abençoado em 20 de Dezembro daquele ano pelo cônego Maurício da Silva Pereira¹¹⁸, para ser colocado no antigo nicho do santo do relento. Em relação ao novo, foi mantida a tradição de impressões em relevo. Ele possui inscrita a frase escolhida pelo cônego Mauricio “*Laudate Dominum Omnes Gentes*”, “Louvai ao Senhor Todos os Povos” (Sl 117). Proveniente de São Paulo, nele também está inscrito “ANGELP”, em referência ao seu fabricante, e “outubro de 2007”, data de sua fabricação. Pesando 56 quilos e medindo 45 cm de diâmetro, seu toque emite a nota “Sol”. (Figuras 15 a 19). Ele completa, assim, os dois sinos maiores, que possuem, respectivamente, 210 quilos e 71 cm de diâmetro e 310 quilos e 79 cm de diâmetro, e emitem a nota “Dó” e a nota “Si”¹¹⁹.

¹¹⁶ *Jornal da Victoria*, Vitória, 26 jun. 1867, p. 3.

¹¹⁷ Informações cedidas pelo administrador da Cúria, Sérgio Murilo Lopes, em entrevista dia 17/12/2008.

¹¹⁸ Essa Bênção, que pudemos presenciar, se deu de forma tradicional, seguindo o Ritual de Bênçãos da Igreja. A cerimônia contou ainda com a presença do administrador da Cúria Metropolitana Sérgio Murilo Lopes, da chefe de documentação da Mitra Arquidiocesana Giovanna Márcia Valfré, do funcionário Benedito de Souza, além do sineiro, Sr. Francisco de Assis de Carvalho e seu auxiliar, que imediatamente após a Bênção conduziram o sino por cordas, auxiliados pelos andaimes até seu lugar ao alto da antiga torre sineira, e programaram os toques eletronicamente.

¹¹⁹ Informações dadas pela “Fundição Artística Paulista Ltda” fabricante dos sinos. Site: www.fartirticapaulistana.com.br. Acesso em 28 de dezembro de 2008.

Essa política de restauração do patrimônio e das tradições da Igreja no Espírito Santo teve continuidade com a retomada do uso dos sinos no convento de São Francisco, em sua composição original. Mesmo sem a presença do tradicional sineiro, já que agora os sinos são eletronicamente acionados ao meio dia e às dezoito horas da tarde, seus toques têm duração de um minuto. Até o momento não há registros de reclamações por seus toques – o que se compreende facilmente em função do próprio volume maior de ruídos na cidade. Dessa forma, os sinos podem cumprir seu papel – não mais de chamar os fiéis, ou avisar de perigos, mas de manter um vínculo do presente com o passado, contribuindo para a preservação da identidade local.

2.4 – A CRISE DA ORDEM FRANCISCANA NO BRASIL

Quando da já mencionada estadia de D. Pedro II em Vitória, o imperador visitou o convento de São Francisco e, perguntando pelos livros pertencentes à biblioteca, ouviu como resposta que tinham desaparecido, “S. M. não ficou satisfeito com a resposta”¹²⁰. Ele escreveu em seus relatórios a respeito da decadência dos conventos, da má escolha do local para cemitério e da excessiva despesa que se fez com ele. Ele ainda escreveu, a respeito da “velha casa já arruinada”, que “a torre e parte das paredes do fundo, em pé na área de devastação assinalam o local das extensas acomodações da casa conventual, cozinha, enfermaria e aposentos dos hóspedes seculares”¹²¹.

As impressões registradas pelo imperador nos apontam que a secular edificação franciscana já estava necessitando de novas reformas, degradada pelo tempo e pelo uso constante – e isso poucos anos após sua última reforma, que não deve ter sido muito profunda. Isso não era, no entanto, uma particularidade do convento de Vitória. Por todo o Brasil a crise nos conventos se entendia. Em 1854, por exemplo, o convento Santo Antônio no Rio de Janeiro tivera salas solicitadas para a instalação de um arquivo público¹²². Havia se iniciado a decadência da Ordem ao longo do Brasil.

De fato, a crise que desencadeou no esvaziamento na Ordem se iniciara bem antes. Já no século XVIII, de acordo com leis vindas de Portugal, e com o regime do Padroado, as Ordens religiosas tinham que ter seus decretos e bulas aplicados somente após

¹²⁰ OLIVEIRA, José Teixeira. *História do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo. 1975. p. 383.

¹²¹ *Ibid.*, p. 383.

¹²² RÖWER, 1951, p. 283. Frei Humiliana aproveitou o ensejo e cobrou uma esmola de aluguel no valor de 50\$000 mensais e ainda precisou vender uma parte do terreno do convento.

aprovação pelo Estado, sendo proibidos os recursos a Roma¹²³. Além disso, havia um número limitado de frades por convento, desde o início de sua presença em terras brasileiras.

Quando foi criada a Província de Santo Antônio (1659), o governo autorizou a permanência de 200 freis a serem distribuídos pelos conventos. Com a separação da Província da Imaculada Conceição, a esta foram autorizados inicialmente 200 frades também. Em 1743, o governo aumentou esse número para 350 freis e, no ano de 1764, a Província chegou a ter 480 freis sob sua tutela. Mas em 1777, esta província contava com 305 frades e em 1848, 48 frades. Através de um decreto de 30/01/1764, ficou suspenso o noviciado¹²⁴, não havendo formação de freis para substituir os aposentados ou falecidos. Essa atitude se repetiu em 1855, quando o governo novamente fechou o noviciado, agravando ainda mais a situação caótica que já reinava em ambas as Províncias. Para Edson Silva, a lógica do argumento é simples: ao se proibir a entrada de novos religiosos na Ordem, determina-se a sua extinção paulatina¹²⁵.

A Ordem franciscana no Brasil era formada por frades nascidos no Brasil e no Reino, que se viram divididos em função do controle da estrutura de governo da Província¹²⁶. Segundo Mário A. Freire, em 1725 o convento de São Francisco contava com 25 frades, grande parte dos quais promoveu um “sério movimento nativista” contra os que não haviam nascido no Brasil¹²⁷. Essas animosidades prosseguiram no ano seguinte, envolvendo mesmo os superiores da Ordem. Como resultado, houve intervenção do Rei, que exigiu do Ouvidor Geral do Rio que efetivasse uma devassa no Espírito Santo, exprimida por Carta de 27 de fevereiro de 1726¹²⁸.

Esse movimento pelo Brasil foi reflexo da Lei da Alternativa, que sempre resultava em divisões internas em virtude das disputas de cargos entre os “filhos do Reino” e os “filhos da Colônia”, pois havia revezamento entre os cargos. Essa lei regulou as relações internas da Ordem entre 1716 e 1828, quando nas eleições, os cargos da

¹²³ SILVA, Edson Armando. *Identidades franciscanas no Brasil: A província da Imaculada Conceição – entre a restauração e o Vaticano II*. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000, v. 1, p. 102.

¹²⁴ MIRANDA, 1976, p. 92.

¹²⁵ SILVA, 2000, p. 102.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 106.

¹²⁷ FREIRE, 1954, sp.

¹²⁸ ORDEM GERAL, fls 10. Tombo Geral, I, fls 194. Apud RÖWER, 1957, p. 54.

Província deveriam ser ocupados numa eleição por brasileiros e noutra por portugueses¹²⁹.

Com a Independência do Brasil, todos os frades portugueses foram obrigados a prestar juramento de fidelidade ao governo do Brasil, cessando também de existir a Lei da Alternativa. As demonstrações de patriotismo se espalharam e os posicionamentos se divergiam pelo país.

No ano de 1870, a Província da Imaculada Conceição se reduziu a seis Religiosos. Nesse mesmo ano frei João do Amor Divino Costa recebeu um aviso do Governo definindo que os brasileiros professos no exterior não teriam exercício no Brasil, “para não ficar sem efeito a proibição do noviciado”¹³⁰, exprimindo dessa forma a posição do governo para com as ordens religiosas.

Para alguns autores, existiram também causas internas para o enfraquecimento da vida de religiosos, pela inobservância da Regra, fugas de frades que transitaram de uma para outra Ordem, abusos, mediante licenças especiais que, se tinham a reprovação e o protesto de seus superiores, iam, porém, relaxando a disciplina regular dos conventos, e com isso, colaborando também para dissolução da vida religiosa¹³¹.

Pessoas contrárias à efetivação e continuidade das Ordens religiosas se manifestam de forma provocativa, mesmo se tratando de uma cidade tão pequena como a de Vitória: “Há alguma ordem franciscana no Brasil? Dois frades ou quatro; um ou dous no convento de Santo Antônio, na Corte um em S. Sebastião, outro na Parahyba do Norte, constituem uma ordem?”¹³²

De fato, a crise era visível. O último guardião eleito do convento da Penha foi frei Teotônio de Santa Humiliana, ex-Provincial. Ele viveu na Penha até agosto de 1867, quando, aos 84 anos, se exonerou do cargo e foi para o Convento de Santo Antônio do Rio, onde faleceu¹³³. Em Vitória, a decadência do convento passa a se configurar mais claramente quando o Comissário do Prelado, elege e dá plenos poderes a frei João do

¹²⁹ ALMEIDA, Marcos Antônio de. *Mudança de Hábito Papel e atuação do convento de São Francisco de Salvador (1779-1825)*. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática). Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção, São Paulo, 1994, p.47 e 49.

¹³⁰ RÖWER, 1957, p. 300.

¹³¹ MIRANDA, 1976, p. 92.

¹³² *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 12 dez. 1883, p. 2.

¹³³ RÖWER, 1957, p. 57.

Amor Divino Costa¹³⁴ como encarregado ao mesmo tempo da administração dos conventos da Penha e de São Francisco, em 18 de Setembro de 1867¹³⁵.

Frei João do Amor Divino Costa passou a viver entre o convento São Francisco de Vitória, o da Penha e o de Santo Antônio do Rio de Janeiro e, quando viajava, deixava um sacerdote como representante que se encarregava do espiritual, realizando missas e atuando também como síndico¹³⁶. Com isso, o convento franciscano de Vitória ia ficando cada vez mais ocioso e a presença das autoridades locais, cada vez mais presente, ocupando as instalações, como por exemplo, a instalação, novamente, de uma enfermaria no convento, em 1873, quando a cidade sofreu com a varíola¹³⁷.

Pouco mais tarde, por causa da estiagem que assolou o Nordeste em 1877, vieram, segundo as estatísticas, milhares de cearenses para o estado¹³⁸. A precariedade das instalações urbanas exigiu medidas urgentes para acolhê-los, entre elas, a utilização do convento. Naquela ocasião, frei João do Amor Divino Costa ainda contribuiu com a quantia de 100\$000 para a manutenção dos retirantes¹³⁹.

Em 1880, houve uma nova intervenção, dessa vez mais severa: o engenheiro Torres Homem, encarregado das obras militares em Vitória, derrubou os muros do aqueduto por onde o Convento se abastecia de água, empregando as pedras nas obras do quartel de infantaria da cidade, declarando serem ordens do Governo Geral¹⁴⁰. Em 1882, o Governo Imperial tentou se apropriar de todos os Conventos da Província da Conceição

¹³⁴ Frei João do Amor Divino Costa nasceu no Rio de Janeiro em 20 de Setembro de 1829, foi recebido com 14 anos de idade no convento de Santo Antonio, aos 17 anos tomou o hábito. Quando foi para Vitória estava com cerca de 40 anos. ROWER, 1957, p. 299.

¹³⁵ *Jornal da Victoria*, 25 set. 1867, p. 5.

¹³⁶ RÖWER, 1957, p. 57.

¹³⁷ *Ibid.*, p. 64. E a irmandade de São Benedito ajudou com os doentes. O Governo provincial enviou uma carta à Província Franciscana da Imaculada Conceição reconhecendo o empreendimento e agradecendo atuação da Irmandade de São Benedito, que intermediou a acomodação dos enfermos junto às instalações do convento. Esse fato também é relatado na 8ª Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres realizada no dia 23/10/1919, quando os devotos redigiram um histórico da importância do convento franciscano, bem como das ações da Irmandade de São Bendito à sua frente. Esses devotos escreveram que os atos religiosos deixaram de acontecer em sua igreja quando o convento serviu de hospital, envolvendo um grupo de irmãos, com o irmão Antonio Augusto Nogueira da Gama à frente, que atuaram como enfermeiro. Estes muito ajudaram para o declínio da epidemia. Tal feito voltou a acontecer em 1895 com o retorno da Varíola. Ata de Santo Antonio dos Pobres. 1919- 1937. p. 14.

¹³⁸ OLIVEIRA, 1975, p. 365.

¹³⁹ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 15 mai. 1889, p. 3.

¹⁴⁰ RÖWER, 1957, p. 64.

a pretexto de que “dois frades não podem formar comunidade” - frei João do Amor Divino Costa estava a sós com frei Francisco de S. Diogo, que veio a falecer em 1886¹⁴¹.

Os devotos de São Benedito, que compunham o partido intitulado “caramuru” com sede no cenóbio franciscano, não se davam por vencidos. Mesmo na ausência dos freis, faziam suas festas profanas e religiosas reunindo a população da cidade ao seu redor trazendo divertimento para a população.

Os caramurus d’esta feita estão de fôlego largo e costas quentes. Não satisfeitos com a bonita festa com que quebraram a monotonia da cidade desde os dias 12 a 16, ainda prepararam para hoje novas funções religiosas e extra-religiosas. Por sua parte o Azevedo, aquelle insigne bohemio da arte, deu nova coragem à sua banda, e entre outras peças com que vae deleitar o publico, ali na explanada do velho convento Franciscano, executará a polka, tão falada – *Nenê não dança*, e o dobrado - *Aleixo Netto*, composição ambas do Joaquim Santos, a quem já o publico tem sagrado com seus applaudos. Festas, iluminação, musica, flores e rostos formosos, um menu delicado e appetitoso para os desconsolados. Apreciemol-os e saobremol-as. Clovis¹⁴².

Vemos, com o exemplo acima, como a edificação franciscana era portadora de grande significado enquanto espaço de encontro e de divertimento, além de práticas religiosas, qualidades acumuladas e construídas ao longo da existência do cenóbio franciscano.

Em 1889, com o novo contexto advindo com a Proclamação da República, as Ordens puderam se reconstituir¹⁴³. Estabeleceram-se novas relações entre a Igreja e o Estado. Este, renunciando ao Padroado, introduziu o princípio da separação entre aquelas duas instâncias, prevendo a liberdade de culto e de associação. A iniciativa da Restauração parte da província de Santo Antônio¹⁴⁴. Estando frei João do Amor Divino Costa sozinho na Província da Imaculada Conceição, escreve frei Röwer que frei João do Amor Divino Costa se empenhou em preservar os dois conventos franciscanos do Espírito Santo¹⁴⁵.

Até 1889, frei João do Amor Divino Costa dirigia por carta os demais conventos, na tentativa de se entender com seus respectivos encarregados, contra as vendas não autorizadas que estavam acontecendo. Do convento da Penha, porém, cuidou

¹⁴¹ Ibid., p. 64. Mas desde 1818 só havia dois freis no convento de São Francisco de Vitória, segundo as anotações de Auguste de Saint-Hilaire. SAINT-HILAIRE, 2002, p. 41.

¹⁴² *Província do Espírito Santo*, Vitória, 24 mai. 1883, p. 2.

¹⁴³ RÖWER, 1957, p. 303.

¹⁴⁴ MIRANDA, 1976, p. 93.

¹⁴⁵ Frei João do Amor Divino Costa esteve presente na “Insurreição do Distrito do Queimado” na Serra, em janeiro de 1850. Cláudio, Afonso. *Insurreição do Queimado*. Edufes: Vitória. 1999. p. 140.

pessoalmente, e ainda em 1890 executou obras nele¹⁴⁶. Em virtude do Decreto de Leão XII de 3 de Setembro de 1891, os Religiosos remanescentes das antigas Províncias ficaram sob obediência imediata dos Diocesanos¹⁴⁷ - o que, no caso do Espírito Santo, significava que os franciscanos deviam obediência ao bispo do Rio de Janeiro.

Imediatamente, por ordem da Santa Sé, vieram frades da Província Alemã para renovar as duas Províncias do Brasil. O bispo do Rio de Janeiro sugeriu iniciar a restauração pelos conventos do Espírito Santo, estendendo-se para os demais, ficando frei João Costa como administrador¹⁴⁸, que não foi ouvido e nem consultado. Mas não vieram missionários para o Espírito Santo no início da Restauração¹⁴⁹.

O síndico Afonso Cláudio tomou a frente, na tentativa de reaver os terrenos do antigo cemitério, mas não conseguiu. Em 1893, frei João constituiu seu procurador Dr. Astério da Costa, com direitos para defender a posse dos terrenos invadidos pelas construções clandestinas, e no ano seguinte, contou com Cleto Nunes. Nenhum progresso é registrado na defesa do patrimônio dos franciscanos de Vitória. Frei João deixa escrito que não recebeu “aluguéis dos terrenos e casas – intra-muros – denominadas senzalas, do dito convento” de Vitória¹⁵⁰.

Em entrevista, o museólogo frei Roger Brunorio (OFM) nos declara que, por um lado, a restauração da Província Imaculada Conceição foi positiva¹⁵¹. Conduzida por frades alemães, poderia ter sido feita por quaisquer outros frades, como italianos ou espanhóis. Mas foram escolhidos os alemães por serem mais numerosos. E nos explica: os freis alemães restabeleceram a Ordem, organizaram novas frentes, abriram colégios, paróquias, fundaram a editora Vozes e assumiram escolas de música. Para ele, o lado negativo dessa história se relaciona com o patrimônio que se perdeu através das invasões, vendas, abandono e destruição dos antigos conventos, apagando em muito a memória dos primeiros franciscanos que atuaram no Brasil. A retomada de alguns

¹⁴⁶ RÖWER, 1951, p. 303.

¹⁴⁷ Ibid., p.303 e 304.

¹⁴⁸ Ibid., p.303.

¹⁴⁹ SILVA, Edson Armando. *Identidades Franciscanas no Brasil*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000, v. 1. O convento da Penha recebe os freis alemães em 1942. A primeira residência foi Santa Catarina no ano de 1891.

¹⁵⁰ SURIAN, Carmelo. *Franciscanos no Espírito Santo*. Coleção Centenário n. 6. São Paulo: Cúria Provincial. 1991. p.36.

¹⁵¹ Entrevista iniciada em 3/10/2008 no convento Santo Antônio do Rio de Janeiro e concluída em 6/10/2008 no antigo convento de São Francisco de Vitória – ES.

conventos representa uma verdadeira vitória para todos os envolvidos, em especial, o convento da Penha, faz parte deste processo.

2.5- OS FRANCISCANOS E O BISPADO

Nenhum estudo e tampouco nenhuma fonte documental revela explicitamente as intenções do bispado espírito-santense para com o convento de São Francisco de Vitória. Iremos, portanto, nos ater mais aos aspectos materiais dessa “convivência” difícil e que acabará com a demolição do convento.

Esta afirmação, que não lemos em nenhum título da bibliografia, não pode, no entanto, ser negada, a partir do momento em que ambos os conventos franciscanos do Espírito Santo passaram a fazer parte do patrimônio da diocese enquanto bem patrimonial. A maior resistência ficou a cargo de frei João do Amor Divino, que só se calou com sua morte, em 1909, aos 80 anos, e também das devoções e irmandades lá sediadas.

2.5.1- OS FRANCISCANOS E O PRIMEIRO BISPO, D. JOÃO BATISTA NERY

A Igreja católica, motivada a conquistar espaço, se expandiu através do poder eclesiástico, efetivando a criação de dioceses¹⁵². Nesse processo se inclui o Espírito Santo, que teve sua Diocese criada a 15 de Novembro de 1895, sendo D. João Batista Correa Nery o primeiro bispo, que assim permaneceu até 1901¹⁵³. Em um primeiro momento, D. Nery elaborou um questionário com doze perguntas para todas as paróquias do Estado para conhecer seus aspectos históricos e numéricos¹⁵⁴.

Destacamos a 11ª resposta do vigário de Vitória, que escreve:

a vida do povo é boa e o espírito religioso bem accentuado. A religião católica porém parece limitar-se quase que exclusivamente ao culto externo: são religiosos em geral mais por habito, do que por convicção; porquanto

¹⁵² MICELI, Sergio. *A Elite Eclesiástica Brasileira, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil*. 1988. p. 59-79. Entre 1890 e 1930, foram criadas 56 dioceses, 18 prelados e 3 prefeituras apostólicas, para as quais foram designados no mesmo período, aproximadamente 100 bispos.

¹⁵³ Ele só chegou ao Espírito Santo, no entanto, em 1897.

¹⁵⁴ As perguntas tratavam da data de elevação da paróquia, localização geográfica, número de habitantes, Irmandades existentes e as capelas filiais à Matriz. Em Vitória, esse questionário foi respondido em 06/07/1897 pelo vigário da Vara Monsenhor Eurípedes Calmon Nogueira da Gama Pedrinha, que na época estava também à frente da Paróquia de São João de Carapina. Livro de Registro de Histórico das Paróquias da Diocese do Espírito Santo. 1894-1897. p. 21. Cúria Metropolitana.

ninguém se dedica a conhecer a religião e sem o conhecimento não pode haver convicção¹⁵⁵.

Monsenhor Pedrinha descreve ainda a necessidade de recursos financeiros para executar obras, como a fundação de uma escola para meninos e meninas para ser ministrada catequese; exprime a necessidade de se utilizar o púlpito com uma “sabida instrução”, além da elaboração de um “jornalzinho cathólico” desde que oficial, da Diocese. Para Pedrinha, essas seriam as armas para combater os abusos das Irmandades e as “manhas ardis da maçonaria” que ganhava adeptos na cidade¹⁵⁶. Essas foram as primeiras informações passadas para D. Nery acerca do espírito religioso dos habitantes de Vitória.

Tomando posse da diocese, D. João Baptista Corrêa Nery anunciou sua primeira visita diocesana declarando que desejava conhecer a todos pessoalmente, avaliar as necessidades espirituais para então tomar medidas possíveis, de acordo com as necessidades de cada freguesia, capela ou igreja. E para isso, informou que estava aberta a “Sagrada Visita”, com início na segunda quinzena de Setembro de 1897, pelo sul do estado¹⁵⁷. Ele relatou em sua Carta Pastoral a preocupação com a missa e comunhão dos fiéis, o sacramento do crisma, a catequese para as crianças e a realização da primeira comunhão e reza do terço à Nossa Senhora. Nos relatórios por ele redigidos, havia disposições, entre outras coisas, a respeito de como deveria estar arrumada a igreja para a recepção do bispo e de como deveriam ser dispostas as alfaias, tudo segundo os Sagrados Cânones¹⁵⁸.

Em sua visita pastoral ao convento de São Francisco de Vitória, no dia 5 de Janeiro de 1898, visitou primeiro a Capela da Ordem Terceira da Penitência. Como nas demais igrejas, relatou seus pertences, alfaias, imagens, mobílias em geral, e no final escreveu que a “Ordem Terceira da Penitência se achava decadente sem compromissos e com comparecimento de poucos confrades¹⁵⁹”. Como observa Pe. Adwalter Canielli, a partir

¹⁵⁵ Livro de Registro de Histórico das Paróquias da Diocese do Espírito Santo 1894-1897. p. 21.

¹⁵⁶ Id. Ibid.

¹⁵⁷ Carta Pastoral de D. João Baptista Correa Nery anunciando ao clero e fieis sua primeira visita diocesana. Victoria, Papelaria e Typ. De A. Moreira Dantas. 1897. p.3.

¹⁵⁸ Ibid., p.8.

¹⁵⁹ Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição 1897-1947. Cúria Metropolitana. p.5.

das visitas, D. Nery pôde pessoalmente se inteirar de toda situação de abandono e decadência em que se encontravam ambos os conventos franciscanos¹⁶⁰.

D. Nery relata a existência das seguintes capelas filiadas à Paróquia de Nossa Senhora da Vitória, sendo escolhida e elevada a igreja matriz à categoria de catedral: “Santa Luzia, São Gonçalo ou Igreja da Bôa Morte, N. S do Rosário, S. Thiago e Misericórdia”¹⁶¹. Ele também relata a existência de uma capelinha no Hospital da Misericórdia, e em seguida lista as igrejas: a da Ordem Terceira da Penitência, a de São Francisco, a da Ordem Terceira do Carmo e a do convento do Carmo, sendo esta última pertencente ao Bispado. D. Nery não mencionou a capela de Nossa Senhora das Neves localizada nos terrenos do convento São Francisco, como veremos mais adiante, porque imaginamos que ela estivesse desativada na época, sendo mudado seu uso, servindo de necrotério, em virtude do cemitério instalado no seu entorno, desde 1856, como veremos adiante.

Segundo Röwer, D. João Batista Correa Nery, desejando estabelecer na Diocese um seminário para cultivar vocações sacerdotais, se voltou para o abandonado convento franciscano, na época já vazio e em péssimo estado de conservação¹⁶². Após consultar os superiores da Ordem, dirigiu-se ao papa Leão XIII pedindo a transferência do mesmo para a recém criada Diocese (mas por aquela lei Decreto de Leão XII de 3 de Setembro de 1891), que assim o fez, incluindo também o convento da Penha em Vila Velha. Em 14 de março de 1898, as edificações franciscanas foram entregues à Mitra Diocesana pela Santa Sé¹⁶³, conforme Edital sob título “Os Conventos”:

O exm. sr. D. João Nery, bispo desta diocese, tomou posse dos conventos da Penha e S. Francisco, em virtude de ordem da Santa Sé, que por intermédio da Internunciatura Apostólica no nosso paiz, foi cumprida. É do seguinte teor o acto do Internuncio: Internunciatura Apostólica no Brasil. N. 927 – Nós, d. José Macchi por mercê de Deus e da Sé Apostólica, arcebispo de Thessalonica Internuncio Apostólico e Legado Extraordinário. A todos e a cada um dos que possa interessar a presente carta, fazemos saber e attestamos que o S.S. Padre, por divina providencia Papa Leão XIII, acolhendo benignamente o pedido do exm. E considerando quer o bem daquellas almas, quer o incremento daquella diocese, com o voto favorável e pleno consentimento dos Superiores da Ordem Franciscana, commettem a inteira jurisdição do mesmo exm. e revdm, bispo por tempo que aprouver á Santa Sé, ambos os conventos pertencentes á mesma Ordem de S. Francisco – quer o que está próximo da Victoria chamado de Nossa Senhora da Penha, quer o que se acha na mesma cidade de Victoria e tem por título de São Francisco, recommendando á sua pastoral solitudine, juntamente com as egrejas

¹⁶⁰ CARNIELLI, 2006, p. 118.

¹⁶¹ Livro de Registro de Histórico das Parochias da Diocese do Espírito Santo. 1894-1897. p. 20.

¹⁶² RÖWER, 1957, p. 66.

¹⁶³ A Mitra Diocesana foi criada a 15 de novembro de 1895.

(compreendido o mesmo santuário da Penha) oratórios, prédios, reditos juros, ônus, anexos e quaesquer cousas referentes aos supraditos conventos, com o livre poder de administrar todos esses bens e usufruí-los em utilidade da sua diocese, quavis exceptione remota. Dada em Petrópolis, no dia 13 do mez de dezembro de 1898. José, arcebispo de Thessalonica – Internuncio Apostólico- Monsenhor Sibilia, auditor¹⁶⁴.

Ainda de acordo com Röwer, esse decreto foi emitido sem consulta ao frei João do Amor Divino Costa, o único frei vivo que ainda restava da Província da Imaculada Conceição (antes da restauração). Frei João Costa entrou com uma ação contra o bispo do Espírito Santo¹⁶⁵, que já havia ocupado os conventos pertencentes à Ordem franciscana.

Entretanto era tarde demais. A única garantia de manutenção da propriedade dos franciscanos seria a efetiva ocupação dos respectivos conventos pelos freis advindos da Alemanha¹⁶⁶. Mas a preferência destes não foi ocupar os antigos conventos, e sim abrir novas residências. Dos treze conventos da Província, os alemães ocuparam o convento de São Francisco, em São Paulo, no ano de 1908; o de Santo Antônio, em Santos, em 1923. O convento da Penha em Vila Velha só voltaria a ser ocupado em 1942, quando o bispo D. Luis Scortegagna devolveu-o para a Ordem¹⁶⁷.

Em 14 de setembro de 1901, a suprema autoridade da Ordem franciscana decretou restauradas as duas Províncias, por já haver número suficiente de religiosos e de novas casas fundadas ao longo do território, nomeando Definitório e Provincial¹⁶⁸.

Os primeiros anos dos conventos de São Francisco e da Penha sob tutela da Diocese foram marcados pela tomada e regularização da documentação de ambas as construções conventuais e pela demarcação dos seus terrenos, incluindo todo patrimônio edificado, bem como suas respectivas alfaias, constando das imagens dos santos e santas e suas respectivas jóias, objetos de culto e mobílias. Esse processo havia se iniciado antes, na verdade, quando da primeira visita pastoral¹⁶⁹.

¹⁶⁴ *O Estado do Espírito Santo*, Vitória, 17 mar. 1899. Documentos Avulsos Cúria Metropolitana e RÖWER, 1957, p. 67.

¹⁶⁵ SILVA, 2000, p.128.

¹⁶⁶ NEOTTI, Frei Clarêncio. "Cem Anos - Memória, Celebração e Renovação", Coleção Centenário, n. 8. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/v3/instituicao/historia/historia2.php>.

¹⁶⁷ SILVA, 2000, p. 135.

¹⁶⁸ RÖWER, 1951, p. 306.

¹⁶⁹ Livro de Visitas Pastorais 1897-1901. Cúria Metropolitana.

Segundo Norbetino Bahiense, o bispo encontrou o convento da Penha fechado, com as chaves em posse do sacristão João Ramiro, residente em Vila Velha¹⁷⁰. Mas a imprensa da época e Maria Stella de Novaes referem-se apenas ao recebimento festivo lhe concedido por “Padre Antunes, por diversos cavalheiros e grande concorrência do povo, sendo saudado na sua passagem por numeroso grupo de senhoras”¹⁷¹. D. Nery instaurou a festa à Virgem da Penha em 10 de abril de 1899, tradicionalmente, na primeira segunda-feira depois da Páscoa¹⁷².

Diante da deliberação da Internunciatura apostólica, a 14 de março de 1899 o Bispado tomou posse do convento da Penha, sendo lavrado auto de posse providenciado o arrolamento de tudo que lá se encontrava¹⁷³. O convento passou a ter atividades diárias, como missas e atendimento aos romeiros. No ano de 1899, no convento passou a funcionar o Ateneu Diocesano (Seminário), transferido do antigo convento do Carmo¹⁷⁴.

Não foram tomadas medidas imediatas com relação ao convento de São Francisco de Vitória. Em sua visita pastoral, o bispo teve o cuidado de inventariar todas as alfaias, imagens e mobílias, separando as que pertenciam à Ordem Terceira da Penitência e aos devotos de São Benedito. Em um outro Livro, diante do que encontrou, o bispo relatou as providências a serem tomadas após sua visita, demonstrando sua preocupação em tomar “certas providências urgentes”, incluindo as “restaurações necessárias no Convento S. Francisco prestes a desabar”. Contudo, não houve empenho da autoridade diocesana em reformar tal edificação durante o período em que D. Nery esteve no cargo, até 19 de janeiro de 1901, quando tomou posse da recém-criada Diocese de Pouso Alegre em Minas Gerais¹⁷⁵.

Durante todo esse período, o convento de São Francisco, que já havia sido requisitado inúmeras vezes pela administração da cidade, continuaria sendo visto como uma possibilidade de novas e futuras adaptações, instalações e usos, mas não por seu valor religioso e histórico. E isso não ocorreu só com o convento, mas com a igreja de São

¹⁷⁰ BAHIENSE, 1951, p. 136.

¹⁷¹ *Comercio do ES*, Vitória, 28 mai. 1897, p. 1. NOVAES, 1969, p. 346.

¹⁷² NOVAES, 1969, p. 348.

¹⁷³ Auto de Posse descrito em BAHIENSE, 1951, p. 136-137.

¹⁷⁴ BONICENHA, Wallace. *Devoção e Caridade*. Vitória: Multiplicidade, 2004. p. 86. e NOVAES, 1969, p. 348.

¹⁷⁵ CARNIELLI, 2006, p. 309; BAHIENSE, 1951, p. 137.

Tiago, transformada em palácio do governo¹⁷⁶, a da Misericórdia, em Assembléia Legislativa¹⁷⁷, e o convento do Carmo em Colégio Nossa Senhora Auxiliadora¹⁷⁸.

2.5.1. OS FRANCISCANOS E O SEGUNDO BISPO, D. FERNANDO DE SOUZA MONTEIRO

Esta situação de abandono do convento só se agravou com a eleição do segundo bispo diocesano do Espírito Santo, D. Fernando de Souza Monteiro, nascido em Cachoeiro de Itapemirim, em uma importante família da elite local, irmão do governador Jerônimo Monteiro – ele mesmo responsável por grande parte das transformações dos edifícios religiosos mencionadas acima¹⁷⁹. Assim, ao longo de seu episcopado, estreitou-se a articulação política entre a representação eclesiástica e a administração pública da cidade que, em busca de uma modernização da cidade, promoveu demolições e novas construções, consolidando um traçado que remodelou a cidade, desde seu aspecto físico e geográfico ao social e político, transformando principalmente a vida religiosa, que nos interessa mais particularmente.

D. Fernando tomou posse em março de 1902¹⁸⁰ – e certamente não é coincidência o fato de que as reformas na capela de Nossa Senhora das Neves foram interrompidas justamente nesse mês¹⁸¹. O novo bispo não podia, no entanto, se queixar de falta de recursos: durante a permanência do seu irmão no poder, D. Fernando conseguiu levar a cabo suas iniciativas, angariando recursos para obras como a construção do prédio para o Colégio Diocesano, dirigido pelos redentoristas; para o novo prédio da Santa Casa de

¹⁷⁶ Livro de Provisões n.2, 1909-1914. p. 40. “Do dr. Justeir Norbert para o cc/ do Dr. Jerônimo Monteiro, saldo pela desapropriação da igreja S. Thiago em dezembro no valor de 20:000000. 24/05/1912. Cúria Metropolitana. Novaes cita a Lei n. 638 de 21 de dezembro de 1909, no seu § único, autorizava o presidente do Estado a negociar com o Bispado a desapropriação da igreja de São Tiago junto ao Palácio, a fim de reconstruí-la e adapta-la a Repartição Pública que não mais se continham nas estreitas dependências, até então alojadas. Tratava-se de um templo arruinado, cujo interior sofrera o pavoroso incêndio de 1796. NOVAES, 1969, p. 185.

¹⁷⁷ Desde 1905, havia Monsenhor Eurípides Pedrinha apresentado um projeto de desapropriação da igreja da Misericórdia de propriedade da Santa Casa por 50:000\$000 em benefício do Hospital. Para a autora, sobrinha do bispo e do governador do Estado “tratava-se de um templo em ruínas e que atravancava a Praça Dr. João Clímaco, como o Governo precisava construir o edifício do Congresso Legislativo próximo do Palácio do Governo, o Dr. Jerônimo resolveu realizar a desapropriação, já aprovada. “Ali nada havia de histórico”. Sua demolição se iniciou em 18 de abril de 1911. NOVAES, 1969, p.

¹⁷⁸ NOVAES, Maria Stella de. *O Carmo*. Vitória: IHGES, 1949.

¹⁷⁹ MICELI, Sergio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988. p. 68. Ver também, sobre a família Monteiro: FRANCO e HEES, 2005. p. 24.

¹⁸⁰ CARNIELLE, 2006, p. 315.

¹⁸¹ Encontramos “A esforços da Devoção de N. S. das Neves, ultimamente creada nesta capital, acha-se em concertos a respectiva capella”; *Comercio do ES*, 19 mar. 1902. E não mais encontramos registros da continuidade dessas reformas.

Misericórdia; para a reforma do convento do Carmo; e para a fundação do Asilo Coração de Jesus naquele mesmo convento¹⁸².

O bispo pediu, em 1906, ao Núncio Apostólico autorização para alienação da igreja da Misericórdia e para a entrega do convento de São Francisco, que seguia em ruínas, juntamente com os terrenos adjacentes, aos padres da Congregação do Verbo Divino, que já estavam em Cachoeiro¹⁸³. Na mesma época, designou que as rendas do convento da Penha “fossem aplicadas não só ao culto, como às necessidades gerais da diocese e particularidades do bispo diocesano¹⁸⁴”.

O bispo não realizou investimento algum no convento de São Francisco, embora as devoções e irmandades lá permanecessem instaladas, sob os olhares da diocese. O objetivo principal do bispo, na época, em relação ao convento, nos parece ser para a regularização dos terrenos. E ele obteve, em 1909, autorização da Nunciatura para transferir o convento com os anexos terrenos à Congregação do Verbo Divino, que deveria, em troca, restaurar a igreja e cuidar do culto, além de construir um colégio secundário¹⁸⁵.

Parece-nos que D. Fernando não vendeu, simplesmente, o convento de São Francisco, como fez com outras igrejas da cidade (como a de São Tiago e da Misericórdia, como vimos antes), pelo fato dos terrenos não estarem legalizados. Não é à toa que encontramos tantas despesas com mapas e com profissionais para estabelecer os terrenos tanto do convento de Vitória como o da Penha¹⁸⁶. É muito provável, também, que a interdição dessa venda tenha sido influenciada pelo fato de que as irmandade e devoções lá instaladas contavam com membros importantes da política local.

¹⁸² MICELI, 1988, p. 70.

¹⁸³ NOVAES, 1969, p. 358.

¹⁸⁴ Portaria e Ordens Episcopais 1897-1913. p. 94. Cúria Metropolitana.

¹⁸⁵ Documentos da Santa Sé. 1897-1913. p. 53-55. Cúria Metropolitana. No Rio de Janeiro através dos artigos de Medeiros e Albuquerque divulgava-se no O Século atacava a direção do Ginásio Espírito-Santense confiada a uma Congregação Religiosa, embora fosse reconhecida a cultura dos padres do Verbo Divino, dedicados à educação da juventude. Formados na Alemanha e na França, tinham cursos especializados em ciências físicas e naturais, matemática e diversos idiomas. E o Ginásio estava sob fiscalização federal. NOVAES, 1969, p. 149.

¹⁸⁶ Livro de Caixa 1910-1917. 14/09/1911. p. 23; Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 11/09/1913. p. 45; Livro de Caixa – 1910-1917. 11/03/1913. p. 56; Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 24/09/1913. p. 48; Livro de Caixa – 1910-1917. 01/05/1913. p. 68; Livro de Caixa – 1913. p. 210; Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 16/01/1914. p. 93; Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 07/03/1914. p. 115; *Diário da Manhã*, Vitória, 22/09/1912. p. 2. Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 31/07/1914. p. 174; Livro Copiador N. 1 – 1912-1913. 26/05/1915. p. 282. Cúria Metropolitana.

2.5.2– O TERCEIRO BISPO, D.BENEDITO DE SOUZA, E A DEMOLIÇÃO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

D. Fernando faleceu no Rio de Janeiro no dia 23 de março de 1916 e foi sepultado junto ao altar do antigo convento do Carmo de Vitória. Nesse ano, a Diocese do Espírito Santo estava sendo administrada pelo Superior dos Lazaristas, Pe Francisco Pimenta¹⁸⁷, até a eleição do paulista D. Benedito Paulo Alves de Sousa como terceiro bispo do Espírito Santo, no final de 1917. Ele chegou a Vitória no ano seguinte e permaneceu durante 15 anos à frente da diocese¹⁸⁸.

Logo após sua posse, decidiu pela demolição da antiga igreja Matriz, (que havia sido elevada a Catedral), para construção de uma nova catedral, em estilo neogótico¹⁸⁹. Mas em relação ao convento de São Francisco de Vitória, apesar de reconhecer a necessidade de restaurá-lo, o novo bispo não tomou providências com esse fim. Acreditamos que essa atitude em muito se explique pela decisão de se construir a nova catedral, que canalizaria todos os recursos arrecadados pela Igreja.

Enquanto isso, o convento seguia em ruínas. No entanto, algumas festas religiosas eram realizadas lá, ou a partir de lá, como procissões, como veremos no capítulo 3. Ele continuava ocupado pelos devotos de Nossa Senhora da Conceição, que zelavam pela igreja conventual, diante da ausência dos freis, além dos irmãos da Ordem Terceira da Penitência, em sua capela própria. Existiam ainda os remanescentes da antiga Irmandade de São Benedito, instalados no convento, desde 1919 sob a invocação de Santo Antônio dos Pobres. Esses laicos eram responsáveis pela sobrevivência física – e simbólica do convento. Os membros da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, que já existia desde 1917, fizeram um verdadeiro mutirão para a reforma interna do cenóbio franciscano para deixá-lo “capaz do início das celebrações dos ofícios religiosos”¹⁹⁰.

Assim, em 1º de janeiro de 1920, o bispo diocesano pôde benzer o templo e celebrar missa com *Te Deum*, e houve também quermesse de brindes¹⁹¹, de acordo com as

¹⁸⁷ O bispo D. Fernando pertencia a essa congregação. NOVAES, 1969, p. 397.

¹⁸⁸ CARNIELLI, 2006, p. 319 e 320.

¹⁸⁹ Ver a esse respeito LIMA, Mônica Cardoso. *Os vitrais da catedral de Vitória e seus doadores nas décadas de 1930 e 1940*. Dissertação (Mestrado em Artes) Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

¹⁹⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, 1 jan. 1920, p. 2.

¹⁹¹ *Diário da Manhã*, Vitória, 1 jan. 1920, p. 5.

antigas tradições da cidade. Sendo necessário continuarem as obras da sacristia e da fachada da igreja conventual, a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres continuou a pedir doações¹⁹².

Da mesma forma que as doações ergueram no século XVI o convento São Francisco, este assim se manteve ao longo da sua história. No século XX, esta ação se repetia através de todo tipo de oferta, desde a imagem do orago da irmandade, até os vasos para as flores da igreja¹⁹³. Registra-se nesse momento uma nova forma de arrecadação de dinheiro para a igreja, através também de espetáculos teatrais. O teatro Melpômene fora gentilmente cedido para a realização de um espetáculo em benefício “das obras de S. Francisco”¹⁹⁴, e em fevereiro de 1920 puderam se iniciar as obras da fachada da igreja, bem como da sacristia e do consistório¹⁹⁵.

Apenas três anos após esse restauro, continuando a existir a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, promovendo atividades religiosas e festas para seu orago, um sacerdote da cidade, desejoso de instalar um orfanato para crianças órfãs, conseguiu apoio do bispo D. Benedito para sua instalação nas dependências do cenóbio franciscano.

É unânime entre os historiadores que a idéia de se instalar um orfanato nas dependências do convento surgiu desse padre, Leandro Dell’Uomo, missionário italiano que era secretário do bispo¹⁹⁶, e que já teria a suas expensas dez órfãos¹⁹⁷. O padre então ocupou o convento com seus órfãos, ainda que de forma provisória. Nas Atas da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres na época não encontramos menções a essa ocupação, não sabemos por que motivo. E nem tampouco nos documentos das outras devoções.

A cerimônia de inauguração do orfanato, que inicialmente tinha o nome de Sagrado Coração de Jesus, contou com a presença do “Presidente do Estado, dr. Florentino

¹⁹² *Diário da Manhã*, Vitória, 6 jan. 1920, p. 2.

¹⁹³ *Diário da Manhã*, Vitória, 10 jan. 1920, p. 2 e Ata de Santo Antônio dos Pobres 1919-1937.

¹⁹⁴ *Diário da Manhã*, Vitória, 11 jan. 1920, p. 3; e *Diário da Manhã*, Vitória, 31 jan. 1920, p. 2.

¹⁹⁵ *Diário da Manhã*, Vitória, 29 fev. 1920, p. 3.

¹⁹⁶ Ele chegou ao estado em 1915, depois de ter estado em algumas paróquias de São Paulo (Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1913-1918. p. 97v. Cúria Metropolitana). Logo se tornou secretário do bispo e coletor de ofertas dos fiéis para as obras da catedral (Questionário respondido à mão em Itapemirim pelo padre Leandro em 25/07/1917. Documento Avulso).

¹⁹⁷ NOVAES, 1969, p. 409.

Ávidos, D. Benedito P. A. de Souza, secretários do governo, autoridades membros do clero, e inúmeras pessoas de destaque”¹⁹⁸. Padre Leandro organizou um programa de festas, com missa, bênção do prédio novo, bem como das oficinas (havia uma de sapataria e uma tipografia), e lançamento da pedra fundamental do edifício. (Figura 20).

Naquele período, as manifestações acerca da ocupação, remodelação e conseqüentes demolições do conjunto arquitetônico de São Francisco eram raras vezes noticiadas. Os olhares sempre se voltavam para a importância de acolher os órfãos da cidade, em dar abrigo às crianças desprovidas da sorte, evitando assim a formação de delinqüentes. Não se tem quase notícia de manifestações contrárias ao estabelecimento do referido orfanato. Pelo contrário, padre Leandro é visto como aquele que solucionou um problema social grave que crescia na cidade da Vitória¹⁹⁹. Um exemplo é a manifestação do redator chefe do *Jornal Diário da Manhã*, Carlos Xavier Paes Barreto, sob o título “Restos do Passado”: “Perto do cenóbio franciscano, convertido agora em oficina de trabalho, dirigida pelo padre Leandro, no que o edifício não mudou de destino, pois trabalhar é também uma forma de prece”²⁰⁰.

Em contrapartida, no final desse mesmo ano, um devoto do convento publica uma nota intitulada “Coisas do Passado” com uma forte crítica às alterações e à nova utilização do convento São Francisco: “Em Victória infelizmente que vae se extinguindo quase por completo o espírito conservador do nosso patrimônio tradicional; e essa moda geral no paiz acredito que, nesse, particular, ninguém nos excede”²⁰¹. Seu autor, Francisco Amalio Grijó, foi membro da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres e esteve empenhado na reforma do convento²⁰². Ele prossegue, fazendo um balanço do estado de conservação do convento:

nos resta o remanescente do vestuto do Convento de São Francisco, isto é, apenas a Capella, por que o refeitório, claustro, sacristia, celas e demais dependências, já não existem. Apenas está de pé em regular estado, a capella. O altar mor primitivo que é um primor de obra de entalhe, a chamar atenção dos poucos visitantes que ali aparecem felizmente ainda não foi profanado pela mão destruidora dos reformadores com consciência. (...) Mais tarde, como atesta o estylo diferente foram construídos dous altares no corpo da igreja ainda hoje em bom estado de conservação.

¹⁹⁸ *Diário da Manhã*, Vitória, 15 jun.1926, p. 1.

¹⁹⁹ *Diário da Manhã*, Vitória, 23 abr. 1926. p. 2. “Menores abandonados e delinqüentes”.

²⁰⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, 14 jan. 1926. p. 1.

²⁰¹ *Diário da Manhã*, Vitória, 24 nov. 1926, p.3.

²⁰² Ata de Santo Antônio dos Pobres – 1919-1927.

Em janeiro de 1927, o diretor do Orfanato pediu autorização ao bispo D. Benedito para mais obras, dessa vez para reconstruir a parte dos fundos da igreja de São Francisco, deixando no térreo a sacristia e uma sala para as reuniões da Irmandade, e ficando com a parte de cima para o orfanato²⁰³. Ao que nos parece, as novas construções seguiam-se lentamente, provavelmente devido às despesas que se faziam necessárias, ora com os órfãos, ora com as obras que não acabavam. Para todas as obras, o bispo pedia sempre que o padre entrasse em “entendimento com as irmandades e devoção lá existentes”²⁰⁴.

Essas obras também foram executadas através de verba conseguida junto ao Governo do estado, que desde novembro de 1930 era ocupado pelo capitão Punaro Bley, interventor federal no Espírito Santo²⁰⁵. Segundo Maria Stella de Novaes, Punaro Bley “*auxiliou*” com 100 Apólices na construção do Orfanato Cristo-Rei²⁰⁶. No entanto, discordamos dessa afirmação, já que foram penhorados, através desse empréstimo, não somente o que restou da antiga arquitetura seiscentista franciscana, mas mais que isso, tudo o que nele continha de mobiliário, alfaias e imagens, tanto na capela dos Terceiros, que fora alterada para ser capela do orfanato, como na igreja conventual demolida, como veremos. Não entendemos, portanto, essa ação do governo como “auxílio”. Se verificarmos a documentação referente ao “Movimento de apólices no período da Interventoria Federal” mais de perto, segundo o balancete publicado no dia 8 de março de 1933 pelo Diário da Manhã, então órgão oficial do Estado, encontraremos a concessão de um empréstimo, com arrolamento de juros, comprometendo toda edificação que envolvia o antigo Convento e as novas obras erguidas, trazendo sérias e futuras dívidas para o Orfanato:

Em 21/02/1931, 100 (cem) ditas apólices ao Padre Leandro Dell’Uomo, a título de empréstimo ao Orphanato Cristo-Rei, totalizando uma divida de 1000:000\$000. Pela escriptura de 5 de janeiro de 1931, o Estado concedeu um empréstimo de 100 apolices de um conto de réis, juros de 8% ao Orphanato Christo Rei, garantindo em primeira e especial hypotheca de todo o prédio situado no Morro de S. Francisco, com uma parte em construcção, todo de alvenaria de pedra e tijolo em terreno do Bispado desta diocese, onde actualmente se acha instalado o Orphanato²⁰⁷.

²⁰³ Documento avulso em papel timbrado “Escola Graphica do Orphanato Sagrado Coração de Jesus - Altos de São Francisco – Victoria-Estado do Espírito Santo”. Cúria Metropolitana.

²⁰⁴ Livro de Provisões N. IV- 1922 – 1931, 18/03/1931, p. 133.

²⁰⁵ Ele ocupou o cargo até janeiro de 1943. Ver, a esse respeito, FRANCO e HEES, 2005, p. 91.

²⁰⁶ NOVAES, 1969, p. 427.

²⁰⁷ *Diário da Manhã*, Vitória, 8 mar. 1933, p. 1. Documentos avulsos. Cúria Metropolitana.

A cobrança dessa dívida para com o governo estadual envolveu o bispado. Em 14 de outubro de 1933, D. Benedito de Sousa renunciava ao bispado, em seu lugar assumiu D. Luiz Scortegagna (1933 a 1951). Em carta ao novo bispo no final daquele ano, Pe Leandro escreveu que “não podendo mais continuar a carregar a cruz pesadíssima do orphanato”, ele encaminhava um plano com sete itens para sanar as dívidas. Ele ressaltava a manutenção dos órfãos e pedia que uma outra congregação tomasse a frente da instituição e que se cobrasse dela uma quantia em adiantamento para ajudar na quitação da dívida com o Estado. Ele lembrava ainda do compromisso das 42 missas anuais que o orphanato tinha pelos benfeitores vivos e falecidos²⁰⁸.

Pe Leandro ainda precisava que em caso do não pagamento da dívida, ele seria obrigado a convocar todos os credores para que se valessem dos bens existentes como forma de pagamento, e ressaltava que aquele capital era dez vezes maior que toda a dívida²⁰⁹, já que incluía máquinas tipográficas, sapataria, além das construções e do mobiliário lá existente.

Vale ressaltar que nos documentos encontrados, sejam cartas ou contratos, não existe manifestação que relacione pedidos de preservação ou cuidados para com as alaias do antigo convento franciscano, nem de que os mesmo fossem mantidos ou protegidos. Não encontramos menção a translados das imagens da capela da Ordem Terceira, com as alterações e conseqüente demolição do seu altar-mor, nem translados das imagens da igreja de São Francisco. Entendemos que tudo o que pertencia ao convento ficou nas mãos daqueles que devotos que o ocupavam, revezando-se nos cuidados para com a antiga capela dos Terceiros da Penitência que ainda continha imagens sacras e alaias e que passou a servir de capela para o orphanato. Em 1935 a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres se reuniu e decidiu por mais reformas nesta capela²¹⁰, a pedido do padre

²⁰⁸ Carta datilografada e assinada pelo Pe Leandro à D. Luiz Scortegagna em 4/12/1933. Com balancete: para receber: 418:943\$000 e para pagar: 306:000\$000. Documento Avulso. Cúria Metropolitana. Em 12/06/1934, Pe Leandro pede a D. Luiz Scortegagna a quantia de 1:500\$00; este empresta 1:000\$000. Em 31/07/1934, Pe Leandro comunica a todos os benfeitores que o diretor do orphanato é o Pe Lino Cantoni da Congregação da Divina Província, mas que ele ainda deverá saudar a dívida do orphanato. No contrato feito entre as partes (Pe Leandro e a Congregação da Divina Providência) no artigo 3º descreve que “a Igreja de S. Francisco, edificada em parte e restaurada pelo padre, servirá para o uso do Orfanato e será aberta ao público pelos revmos. padres da Divina Providência, que obedecerão ao estabelecido entre a autoridade diocesana e o padre Leandro a respeito das Irmandades e Devoções na mesma Igreja”.

²⁰⁹ Carta datilografada ao Bispo D. Luiz Scortegagna em 17/07/1935. Assinada pelo Pe Leandro. Documentos avulsos. Cúria Metropolitana.

²¹⁰ Presença de Horácio Machado, Sebastião Bento da Silva, Horácio Francisco do Nascimento, Honorino Ignácio dos Passos, Delmindo Freire. Ata de Santo Antônio dos Pobres, 15/09/1935. 22ª ata. p. 34v.

Leandro, que, em andamento, se concretizaram em 1937, com a total remodelação interna da mesma²¹¹.

No mesmo ano de 1937, devido à gravidade do seu estado de saúde, Pe Leandro entregou o orfanato definitivamente a D. Luiz Scortegagna, e morreu em dezembro do mesmo ano. Este, por sua vez convidou Dr. Alberto de Oliveira Santos para assumir a direção do orfanato²¹². Na declaração que deixou antes de morrer, padre Leandro ressaltou que o bispo D. Benedito Alves Ihe havia dado autorização para, na qualidade de fundador-diretor do Orphanato Jesus Christo Rei, construir sede, dependências e serventias do mesmo, tudo no terreno do bispado e que haviam sido aplicados nas mencionadas obras, serviços e instalações todos os recursos angariados até aquele ano²¹³. Ele declarou ainda que pertenciam ao Bispado tanto o terreno como as benfeitorias com todos “seus elementos, inclusive móveis nele mantidos ou empregados, nos termos respectivamente dos arts. 547 e 43, ns II e II do Código cível”. E acrescentou que o orfanato poderia ser transferido para outra localidade, podendo se reorganizar a arrecadação. Assim, ele pedia que, quando possível, se prosseguissem as obras paralisadas, lembrando das obrigações espirituais assumidas pela instituição. O padre relacionou as obras e pertences do orfanato, mas nada referente às igrejas, e ainda lembrou que em parte estão “hypothecados ao Governo do Estado do Espírito Santo, em garantia de um empréstimo de cem (100) apólices Estaduais da dívida pública, de um conto de reis cada uma”. Padre Leandro Dell’Uomo não conseguiu pagar a dívida assumida em 1931 com o governo²¹⁴.

Outra polêmica que também envolve o padre Leandro Dell’Uomo diz respeito aos sepultamentos nos terrenos do convento ocupados por cemitérios. Para frei Röwer, além

²¹¹ Dr. Mário Aristides Freire foi o intermediário perante o governador do Estado, Capitão João Punaro Bley, que doou os ladrilhos para o piso (124m²). Era promotor Delmindo Freire, e secretário Horácio Machado, também decidiu-se pela festa de Santo Antônio dos Pobres. Ata de Santo Antônio dos Pobres. 01/5/1936. p. 36. Assinam Gliceria Netto, Lucilia Nascimento, Idalina Magalhães, Joaquim Alves de Sá, Francisco Castro, Horácio Nascimento, Manoel dos Santos Marques, Horácio Machado.

²¹² Documento avulso contando a história do orfanato pelo provedor Arnulpho Mattos em 1957 endereçado ao então bispo D. João Baptista da Motta Albuquerque. Cúria Metropolitana.

²¹³ Documento Avulso, 1937, p. 1-3. Cúria Metropolitana.

²¹⁴ O Orfanato assume personalidade jurídica em 7/01/1942, de acordo com o registro 3999, regido pelos seus estatutos. Por iniciativa de D. José Joaquim Gonçalves, foi adquirida uma grande área de terrenos em Campo Grande para a construção do orfanato, este foi para lá apenas em 1960. Uma Certidão do Cartório do 2º Ofício de Notas, datada de 18 de março de 1948, determina Seqüestro dos Bens do Orfanato Cristo Rei, devido às dívidas contraídas durante seu funcionamento. Documento avulso descrito em forma de histórico pelo provedor Arnulpho Mattos em 1957 endereçado a D. João Baptista da Motta Albuquerque. Cúria Metropolitana.

de desmontar todo o convento e sua igreja, aquele padre não poupou nem a sepultura dos ossos de frei Pedro Palácios²¹⁵. De fato, iniciadas as obras de demolição do convento como um todo (igreja e dependências), somente depois de 1926 é que são abertas as sepulturas localizadas dentro da igreja, sendo removidos os ossos das urnas localizadas nas laterais do altar da igreja conventual, bem como das ossadas do claustro. E para isso, a prefeitura construiu um ossuário geral no pátio do antigo convento, encimado por uma coluna tendo ao alto uma imagem em bronze de Nossa Senhora da Conceição. Consta que foram então removidas para esse local as ossadas dos freis enterrados na igreja, dentre eles frei Pedro Palácios²¹⁶. (Figura 21).

Outro fato que ocorreu nas imediações no antigo Convento de São Francisco de Vitória, e que também acreditamos ter relações com tantas demolições e reformas, a partir de metade dos anos 30, diz respeito à apreensão de armas de fogo e munições que estavam escondidas nas construções inacabadas do orfanato e da própria antiga capela dos Terceiros²¹⁷. Através do auto de apreensão nº 55, de 1938, o delegado recolheu munição bélica encontrada pelos órfãos enquanto estes brincavam numa calha em construção, e, como resultado das investigações, descobriu-se que tal munição esteve escondida no “alto da igreja”, em portas falsas, em armários e em forros do pavilhão²¹⁸. Além disso, de uma caixa d’água subterrânea foram retirados documentos da Ação Integralista²¹⁹. Não é nosso objetivo averiguar tal fato, mas nos interessa observar a intensificação das demolições da área conventual que se manteve nos dois anos seguintes.

²¹⁵ RÖWER, 1957, p. 68.

²¹⁶ O Guardião frei Antonio da Estrela recebeu ordens do Custódio frei Leonardo de Jesus para realizar o traslado de frei Palácios para o convento de Vitória, narra Jaboaão “e recolhidos em um túmulo de pedra lavrada na capela do seráfico S. Boaventura”; na face do túmulo encerrado na parede, foi colocada a mesma tampa que cobria a sepultura no alpendre da ermida da Penha “Sepultura do santo frei Pedro Palácios, natural do Rio Seco em Castela, fundador desta hermita, que assim na vida, como depois da morte, floresceu com milagres. Faleceu na era de 1570”. RÖWER, 1965, p. 31-32. Também foram levadas para esse ossuário geral, as ossadas que não foram levadas para o cemitério público inaugurado em Santo Antônio, (ver sub-capítulo 4.4).

²¹⁷ Portaria nº 5 – Chefatura de Polícia – ES – 4/9/1938. Fotografia Álvaro Santos e Chefe de Gabinete Danglars Ferreira da Costa. Escrivão Manuel Borges deu cumprimento às determinações da Portaria. Delegado da Ordem Política e Social era Jurandir Ribeiro de Oliveira.

²¹⁸ Foram indiciados os padres Ponciano Stenzel e Fulgêncio Vinci. A religiosa Emília Gonçalves Fontes, Lamberto Dell’Uomo, Aristides Biazati Taquete (que levou as armas para o orfanato), Nordelino Rodi Pinto, Antonio Vicente de Alencastro Lopes, e os órfãos: José Carlos Ribeiro de Souza, Antonio Silva, João do Carmo, Yvonildo Meirelles, Ângelo Jacinto Bulado. Examinou as armas: Jaime Duarte do Nascimento e Agenor Teixeira da Mota.

²¹⁹ Havia núcleos da Ação Integralista no ES, a exemplo de Muqui, Baunilha e Floresta em Cachoeiro do Itapemirim, onde esteve padre Leandro Dell’Uomo. Recebeu críticas dos moradores por promover o integralismo nos sermões. D. Scortegagna recebeu um abaixo-assinado com 186 assinaturas de Floresta contra pe. Leandro em 27/5/1937. Documento avulso. Cúria Metropolitana. Mais sobre o assunto: GRILLO, Jose Marcelo. *Anauê! Cachoeiro do Itapemirim: Lei Rubem Braga*, 1957.

Este desmonte foi confirmado em dezembro de 1940, quando frei Basílio Röwer esteve em visita aos conventos de São Francisco de Vitória e da Penha para redigir seu livro “Páginas de História Franciscana”, e relatou que encontrou apenas ruínas do antigo convento²²⁰. De pé, permanecia – e ainda permanece – apenas o frontispício do convento²²¹. A antiga capela-mor da igreja conventual foi dividida em dois compartimentos, segundo Röwer, e “da capela da Ordem Terceira aproveitaram-se as muralhas, alteradas e prolongadas através do corpo da igreja conventual, que foi demolida para se tornar a capela provisória do orfanato”²²². Havia, em meados do século passado, dois acessos para essa capela: externamente, pela porta ao canto, recoberta por pequeno e modesto alpendre, que ainda se encontra de pé; e internamente, pela igreja conventual. Mário Freire assim descreve essa passagem: “um grande arco, com pesada grade artística de balaustrada, tendo na parte inferior a portada, que abria em duas partes, para os lados²²³.” Nada disso existe mais. (Figuras 22 a 28).

Em 1950, o então diretor do SPHAN, o arquiteto André Carloni, elaborou um plano de restauro do frontispício do convento de São Francisco, incluindo seu alpendre. Em 1960, com a transferência do orfanato para o município de Cariacica, novas obras foram levantadas para abrigar as novas ocupações daquele espaço, como a instalação da Residência Episcopal, e ainda, em 1963 da Rádio Capixaba, ficando até 1973²²⁴. (Figuras 29 e 30). Em 1967, foi transferido para a antiga sacristia da capela da Ordem Terceira o Arquivo do IPAV (Instituto da Pastoral da Arquidiocese de Vitória). (Figura 31); e de 1970 a 76 o espaço foi ocupado pelo Colégio Agostiniano. De 1977 a 81, funcionou a gráfica da Arquidiocese (Figura 32), até que em 1981 as irmãs Carmelitas (15/10/1981) vindas do Rio de Janeiro passaram a residir nas dependências do antigo orfanato, e a utilizar a antiga capela da Ordem Terceira até 1989 (Figura 33 e 34). A Residência Episcopal foi transferida em 1985 para a Ponta Formosa, na Praia de Camburi, permanecendo nos terrenos os gabinetes dos bispos, a Cúria e a Mitra.

Testemunhas do passado, os remanescentes da arquitetura do convento de São Francisco de Vitória nos mostram a trajetória da Ordem franciscana em uma cidade fortemente marcada pelo desmonte de igrejas. Essa tendência se iniciou com a

²²⁰ RÖWER, 1957, p. 68.

²²¹ Tombado pelo CEC em 03/05/1984, Processo n. 04/82. Inscrição no Livro Histórico n. 76, Folha 09.

²²² RÖWER, 1957, p. 68.

²²³ FREIRE, 1954, sp.

²²⁴ MAIA, 1987. p. 67.

instalação do bispado e foi aliada a interesses do governo do Estado, ambos comungando de pensamentos e ações em comum. A presença de ordens religiosas tradicionais e de associações de laicos tradicionais não correspondia à nova face da Igreja e nem do Estado que se pretendia modernizador e afastado do passado colonial. No entanto, é interessante observar que a demolição não foi total. A fachada permaneceu, e hoje, por trás dela, funciona a Cúria Metropolitana.

3º - CAPÍTULO – OS FRANCISCANOS E A RELIGIOSIDADE LAICA NO ESPÍRITO SANTO

3.1- ASSOCIAÇÕES DE LAICOS: CONFRARIAS, IRMANDADES E ORDENS TERCEIRAS

No Brasil, os portugueses implantaram diversas formas de organização que lembravam as “corporações de ofícios”, cujo objetivo era proteger os interesses de uma mesma categoria profissional²²⁵. Essas organizações, porém, não foram as predominantes no Brasil, ao passo que as irmandades, confrarias e Ordens Terceiras conheceram neste país um grande incremento²²⁶. Essas três formas de associação eram muito semelhantes: tratava-se de agrupamentos de leigos com o objetivo de promover o culto a um santo ou algum atributo das pessoas divinas ou da Virgem Maria, e que praticavam ao mesmo tempo a caridade e a assistência social²²⁷. Há algumas diferenças entre elas, no entanto, com relação à sua organização e legislação, apesar de na prática desempenharem função similares. Além disso, enquanto as confrarias são uma continuidade das associações de ofícios e artes da Idade Média, as Ordens Terceiras vinculam-se às tradicionais Ordens ou Congregações religiosas medievais, tais como Franciscanos, Carmelitas, Dominicanos, chamadas de “Primeiras”.

Com o passar do tempo, algumas dessas associações alcançaram bastante autonomia, regendo-se por estatutos ou compromissos próprios. Fundadas dentro da Igreja, necessitavam da aprovação do bispo diocesano, como acontece quando surge uma congregação religiosa. De modo geral, participavam delas os laicos, mas havia também a presença do clero. Segundo Pe Adwalter Carnielli, a origem oficial das confrarias ou irmandades na Igreja Católica remonta ao Papa Gregório XIII (1572 a 1585) que, com objetivos de doutrinar as pessoas nos ensinamentos de Jesus e da Igreja, estimular a piedade religiosa e as devoções, congregar as pessoas e criar entre elas profundos vínculos de amizade e solidariedade, permitiu que fossem fundadas doze confrarias²²⁸. Como sintetiza Wallace Bonicenna:

As irmandades religiosas foram grupos organizados que intervieram de maneira direta em nossa sociedade. Sob o controle delas estavam as obras

²²⁵ BORGES, Célia Maia. *Escravos Libertos nas irmandades do Rosário*. Juiz de Fora: UFJF, 2005. p. 52.

²²⁶ Id., Ibid.

²²⁷ Id., Ibid.

²²⁸ CARNIELLI, 2006, p. 182.

assistenciais, os sepultamentos, o tratamento de enfermidades, a manutenção dos edifícios (igrejas, hospitais, orfanatos e cemitérios) e a organização das festividades²²⁹.

No período colonial e monárquico, a fé católica e a Igreja e suas instituições ocupavam um espaço oficial significativo e decisivo na sociedade e nas irmandades, confrarias e Ordens Terceiras. Os laicos poderiam encontrar um espaço não só para ajuda mútua e para a prática da religiosidade, mas também para certa participação política, social e religiosa. Assim, os sepultamentos, por exemplo, eram um encargo comum a essas associações, muitas das quais possuíam cemitério próprio, a exemplo da confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, em Vitória. E dentre as atividades sociais mais importantes naquele momento estavam as festividades religiosas em homenagem aos diversos santos ou invocações da Virgem e do Cristo e as procissões.

Mesmo no caso dos escravos, essas congregações eram de grande relevância para criar e manter laços de solidariedade entre seus membros. Alguns escravos obtiveram alforria graças à intervenção de seus irmãos confrades²³⁰. Na cidade de Vitória, por exemplo, existiam escravos nas duas irmandades de São Benedito, a do antigo convento de São Francisco e a da igreja de Nossa Senhora do Rosário, sendo que nessa última também havia escravos na própria Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Na igreja de São Gonçalo, os escravos faziam parte da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção²³¹. Através dessas associações houve um desenvolvimento do sincretismo religioso bem como a aproximação entre diferentes crenças e cultos.

Além disso, participar de uma irmandade ou de uma Ordem Terceira era um modo concreto de participar das atividades da Igreja e também construir e exibir sua identidade. Seus membros tinham vestimentas próprias, roupas em diversas cores, distintivos, símbolos, bandeiras e estandartes. E essa identidade estava ligada não só à condição étnica e social, mas sobretudo à devoção a um determinado santo. Para aqueles fiéis que não podiam fazer parte de uma Ordem religiosa, essa era a forma mais próxima de fazer parte da Igreja. Isso era ainda mais evidente no caso das Ordens Terceiras, como a da Penitência. Em geral, os devotos participavam ativamente das festas dos padroeiros, das procissões públicas, da construção e manutenção das igrejas,

²²⁹ BONICENHA, 2004, p. 17.

²³⁰ CARNIELLI, 2006, p. 188.

²³¹ *Ibid.*, p. 184.

da visita aos doentes e da assistência social²³². Eram poucas as opções de lazer na cidade, sendo assim, as festas religiosas também constituíam os momentos de maior sociabilidade²³³, principalmente através das procissões que se desenrolavam pelas ruas, como veremos mais adiante.

Em Vitória, padre Antunes Siqueira²³⁴ relata, em 1893, que a “veneração” aos mortos era algo especial entre os irmãos Terceiros da Penitência. No velório, feito nas casas provavelmente dos Terceiros, onde a sala era transformada em câmara mortuária, o morto era vestido com o hábito franciscano, sendo velado por alguns freis. E, ao que nos parece, quanto mais rico era o morto, mais freis velando por ele havia, como segue a descrição:

Uma câmara mortuária ardente, com grossos brandões acesos, um altar ali levantado, eis o préstito fúnebre, de que se acercava o defunto! no meio da sala forrada de preto, ostentava-se o sarcófago, brilhando entre o fundo escuro daquelas negrejantes paredes o rosto e mãos lívida de morto, braços cruzados, capuz, o qual transparecia pelo véu, com que o cobriam, armado sobre arcos de arame, estendido por todo o comprimento do caixão. Os padres em numero de três, quatro, cinco, e ate nove, conforme os teres da homilia, concorriam a seu convite. A musica se lhes ajuntava Subvenite, liberame, memento -eram ali estrodosamente entoados! Choro, pranto, lamentos, ais, suspiros confuso e medonho. O saimento prosseguia e de espaço a espaço descansavam os condutores, repetindo-se *mementos* três, quatro, cinco e ate onze vezes a proporção do trajeto, mais ou menos longo²³⁵.

Saudosista relata, *êste cerimonial nos veio dos usos de Portugal, prescrito pelos rituais romanos*”, relatando que não mais se fazia esta “fúnebre festividade”.

3.2 – DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Em Vitória, a festividade de Nossa Senhora da Conceição foi um dos eventos religiosos realizados no convento São Francisco de Vitória de maior longevidade, oferecendo-nos elementos dos mais significativos para compreender a atuação religiosa dos franciscanos em solo capixaba, bem como sua relação com os vários segmentos sociais. Dela dispomos de informações a partir de 1849, por meio do convite feito pelo então Guardião do convento São Francisco, frei João Nepomuceno Valadares para a festa de Nossa Senhora da Conceição “padroeira do império” aos “devotos d’aquella

²³²Id., *ibid.*

²³³BONICENHA, 2004, p. 48.

²³⁴Pe. Antunes de Siqueira nasceu em Vitória em 3/02/1832, falecendo em 29/1/1897, com 64 anos.

²³⁵SIQUEIRA, 1944, p. 86.

imagem²³⁶. Mas é provável que a festa ocorresse há mais tempo, sobretudo porque a devoção era bastante forte, como demonstram vários convites para as missas que ocorriam aos sábados no altar da Virgem²³⁷, seguindo a ordenação de São Boaventura de celebração de uma missa solene aos sábados em honra da Imaculada Conceição²³⁸ nos conventos franciscanos. Além disso, não se pode esquecer de que não sabemos desde quando, mas havia uma significativa Devoção a Nossa Senhora da Conceição no convento de São Francisco, cujos devotos se reuniam para as missas aos sábados na igreja, e também para realizar a sua procissão a 8 de dezembro. Tanto a igreja conventual como a capela da Ordem Terceira (Figuras 35 a 45) possuíam imagens dessa invocação da Virgem em seus altares, como veremos mais adiante.

As festividades no dia de Nossa Senhora da Conceição no convento de São Francisco de Vitória eram compostas de elementos religiosos, mas também profanos. Assim, além da procissão com a imagem e dos oradores eloquentes²³⁹, havia a fincada de “mastro na véspera” e leilões²⁴⁰ dos brindes doados. Entretanto, no dia de sua festa, pela madrugada, os participantes dividiam-se em “bandos” que, fazendo uso de máscaras, percorriam a cidade. (Figuras 47 a 50).

Célia Maia Borges, ao estudar a utilização de máscaras nos atos religiosos em Minas Gerais, afirma que seu uso tem origem em alguns povos africanos trazidos para Minas, e que se integraram às irmandades²⁴¹, principalmente de negros e escravos. De acordo

²³⁶ *Correio da Victoria*, Vitória, 22 dez. 1849, p. 4. Orador Dr. João Clímaco de Alvarenga Rangel. Nos convites feitos para a festa a 8 dezembro, além de invocada como padroeira do Império, a Virgem é também invocada como “digna de louvores tributados a excelsa advogada dos pecadores” (*A Província do Espírito Santo*, 6 dez. 1882. Nesse ano e no seguinte, era síndico do convento Adrião Nunes Pereira), o que está de acordo com a encíclica de definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria “Recorram com fé àquela dulcíssima Mãe de misericórdia e de graça, em todos os perigos, angústias, necessidades, dúvidas e vacilações.” ENCÍCLICAS PAPAIS I. Igreja Católica. Papa Pio IX (1846-1878). COSTA, Lourenço. Título IV. São Paulo: Paulus. 1999. p.186). Nos anos seguintes, são acrescentados louvores ao título de “soberana rainha dos anjos, que com justa razão é a padroeira de nossa cara pátria” (*A Província do Espírito Santo*, 5 dez. 1883 e *A Província do Espírito Santo*, 4 dez. 1884, p. 4).

²³⁷ *Correio da Victoria*, Vitória, 29 set. 1870, p. 4. Convite feito por Manoel dos F. Gurarema. No ano de 1897 o devoto Philomeno d’Andrade Gomes Rosendo emite um ofício pedindo a igreja que designasse um padre para nos sábado dirigir as ladainhas em honra a Nossa Senhora da Conceição venerada na igreja do convento São Francisco de Vitória; foi prontamente atendido na sua solicitação por ordem do bispo diocesano. Livro de Despacho N. 1 (1897-1911). 2/07/1897. p. 2. Cúria Metropolitana. “Ficou encarregado de presidir ao canta das ladainhas todos os sabbados na igreja do convento de S. Francisco o clérigo Manoel Fragoso.”

²³⁸ MIRANDA, 1976, p. 192.

²³⁹ *Correio da Victoria*, Vitória, 25 dez. 1850. Foi orador o Dr. João Clímaco de Alvarenga Rangel.

²⁴⁰ *Correio da Victoria*, Vitória, 23 nov. 1870, p. 4. Nessa ocasião foi orador padre mestre Francisco Antunes de Siqueira e no dia seguinte foi padre Manoel Bermude d’Oliveira que teve a “honra de decantar as virtudes d’ quella Soberana Senhora”.

²⁴¹ BORGES, 2005, p. 185-188.

com cada rito, essas máscaras, feitas com materiais e técnicas diversas, e também de acordo com a ocasião, possuíam dentre outras funções, a de afastar o mal²⁴². Nos rituais da irmandade do Rosário em Minas, essas máscaras poderiam funcionar, continua Célia Borges, como mediadoras entre o caos e a ordem. O homem que se utilizava de máscara estabelecia fronteiras entre o puro e o impuro, supondo que contribuísse para delimitar o espaço sagrado legitimando a hierarquia e consolidando a ordem no decorrer da procissão. A autora conta como ainda hoje na cidade de Serro há um personagem mascarado que tem como papel no ritual evitar que estranhos se aproximem do evento, pulando, dançando e delimitando as fronteiras do espaço geográfico e simbólico onde a festa se desenrola, permitindo assim controlar a ordem interna excluindo a desordem, simbolicamente afastando, pois, o mal²⁴³. João José dos Reis, no entanto, ao estudar o uso de máscaras na Bahia, afirma que ele não foi obra apenas de africanos e seus descendentes, pois

A invasão mundana do sagrado não tinha cor. A execução de danças e mascaradas no espaço da festa religiosa fazia parte de um antiga tradição portuguesa, ligada a permanência de fortes elementos pagãos no catolicismo da península ibérica²⁴⁴.

Os mascarados de Vitória, que festejavam a seu modo a imagem de Nossa Senhora da Conceição do convento São Francisco, se intitulavam os apaixonados por tal modo de festejá-la²⁴⁵. Acreditamos que a presença das máscaras não estivesse imbuída de um significado simbólico ou ritualístico. Talvez fosse um resquício de antigas tradições, como evocaram os dois autores, preservado mais por brincadeira. Os próprios organizadores se utilizavam no convite à festa de Nossa Senhora da Conceição, de palavras como “solenidade” e “formalidades” necessárias, ao mesmo tempo em que informam que a “nuvem”, ao sair de madrugada, seria seguida pelo “bando grande” com os “divertimentos próprios daquele dia”. Assim, a festa, embora religiosa, era também investida de um caráter profano e popular. Os irmãos que compunham a irmandade de São Benedito do convento de São Francisco, formada inicialmente por negros e escravos, estariam entre os maiores entusiastas, inclusive, reivindicavam o retorno da procissão de Nossa Senhora da Conceição do convento franciscano, como veremos mais adiante.

²⁴²Id., Ibid.

²⁴³Id., Ibid.

²⁴⁴ REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 66.

²⁴⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, 22 jun. 1849, p. 4. Frei João Nepomuceno Valadares.

O mastro e as máscaras também eram utilizados nas festividades de São Miguel que se realizavam no convento de São Francisco. Assim, por exemplo, notas em periódicos dos anos 1849 e 1850 informam que era preciso tornar a procissão de São Miguel mais brilhante, “com o que tornar-se-há por esquecido o dissabor que se soffreu na concessão da licença”. Ou seja, as confusões existiam, a festa tornava-se de certa forma mais profana do que religiosa, como acreditamos que também ocorreu na festa de Nossa Senhora da Conceição.

Do mesmo modo que em outras regiões brasileiras, para a realização das festas religiosas era necessária a licença da polícia local. Assim que era liberado o edital de permissão para a saída da procissão de Nossa Senhora da Conceição, ao meio-dia os devotos deveriam “fazer subir ao ar numerosos foguetes para assim tornar-se mais brilhante”²⁴⁶ a festa da Virgem. Ao mesmo tempo, eram tocados os sinos do convento²⁴⁷.

A festa não era restrita apenas aos “devotos” da Virgem da Conceição. O convite feito pelos estudantes do “Lyceo” da cidade, que no final do século XIX também organizava a festa, pois ocupavam as dependências do convento São Francisco, era extensivo a todos os moradores, “tanto da roça como da cidade que para esse acto queirão concorrer a fim de comparecerem n’este dia aciadamente montados nos seus ginetes, para tornar assim mais brilhante a concorrida e mencionada festa”²⁴⁸. Isso mostra como, além da mistura do sagrado e do profano, a festa tinha um caráter eminentemente popular, funcionando quase como um bem comum aos habitantes de Vitória.

Até o final do século XIX, apenas a imagem da Conceição da igreja de São Francisco saía em procissão. Mas com a chegada do primeiro bispo diocesano, em 1897, houve uma mudança e a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha passou a sair também em procissão em seu dia, 8 de dezembro. Essa duplicidade gerou conflitos entre os devotos marianos, que, individualmente ou através das Irmandades, passaram a “optar” por uma ou outra imagem da Virgem. Essa disputa se acirrou, porque os fiéis de uma ou outra imagem tentavam angariar mais seguidores, para ter a procissão mais

²⁴⁶ *Correio da Victoria*, Vitória, 8 nov. 1856, p. 4.

²⁴⁷ *Correio da Victoria*, Vitória, 7 nov. 1857, p. 4; *Correio da Victoria*, Vitória, 21 jan. 1858, p. 4. Orador pe. de Carapina Antônio Martins de Castro e o franciscano frei João Nepomuceno Valadares.

²⁴⁸ *Correio da Victoria*, Vitória, 12 nov. 1856, p. 4. *Correio da Victoria*, Vitória, 28 nov. 1857, p. 4. A festa contou com máscaras, mastro e nuvem, a música conduziu o mastro do porto do Campinho ao do finado José Ribeiro Coelho em meio a foguetes até o convento São Francisco para ser fincado no dia seguinte.

representativa. E um dos resultados foi a interrupção por dois anos da festa realizada no convento franciscano, como veremos mais adiante²⁴⁹.

A capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição em Vitória havia sido construída em 1755, a pedido do militar Dionísio Francisco Frade. Nela se reuniam pescadores para rezar o terço; até que esse local passou a receber constantes aterros e, em 21 de maio de 1896, ela acabou sendo demolida para a construção do teatro Melpômene²⁵⁰. Havia festividades em homenagem ao orago, sempre em 8 de dezembro, e o primeiro registro que encontramos data de 1859, quatro anos depois de instituído o dogma da Imaculada Conceição, sendo pregador nessa ocasião o frei franciscano João Nepomuceno Valadares, então guardião da Penha²⁵¹. Com a demolição dessa capela, a imagem da Virgem foi levada para a igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Em 1897, tomaram posse os novos encarregados das festividades da Virgem da Imaculada Conceição da Prainha²⁵² para aquele ano. À sua frente estava o bispo recém-empossado, uma vez que a desapropriação havia sido autorizada pela Nunciatura²⁵³. A presença e a atuação do bispo fizeram com que essa devoção fosse impulsionada, e sua festa cercada de mais atenção, conforme podemos ler no relato de monsenhor Eurípides Pedrinha, cônego da cúria:

Como era de esperar o Sr. Bispo Diocesano chamou a si a direção da Devoção de N. Senhora da Conceição da Prainha, e como consequência natural *ilegível* os bens patrimoniais da mesma Devoção. S. ex. tomou benignamente o encargo de celebrar todos os anos com a maior pompa possível a tradicional festa no dia 8 de Dezembro com missa e ladainha de costume. S. ex. não pretende retirar a Imagem da igreja onde se acha e se esforçará para que a devoção se desenvolva e prospere²⁵⁴.

O bispo diocesano define que os eleitos²⁵⁵ devem se encarregar de adornar o templo para a festa a se realizar na igreja do Rosário²⁵⁶. E em 27 de novembro de 1897, é divulgado

²⁴⁹Em 1897 e 1898 não encontramos nenhuma referência a ela em periódicos ou documentos oficiais.

²⁵⁰A diocese do Espírito Santo foi criada apenas em 15/11/1895. Sem bispo designado, houve autorização para a demolição da capela vinda da Nunciatura Apostólica. A desapropriação foi de 50:000\$000 pelo decreto n. 57 de 19/05/1896. ELTON, 1987, p. 80.

²⁵¹ *Correio da Victoria*, Vitória, 14 dez. 1859, p. 4. O capitão João Chrysostemo de Carvalho e professor Balthasar Antônio dos Reis estiveram a frente da música.

²⁵² *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 5 jan. 1897, p. 2. Encarregado: Luiz dos Remédios.

²⁵³A diocese do Espírito Santo foi criada em 15/11/1895, sem bispo designado, houve autorização para a demolição da capela vindo da Nunciatura Apostólica, a desapropriação foi de 50:000\$000 pelo decreto n. 57 de 19/05/1896. ELTON, 1987, p. 80.

²⁵⁴ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 29 jul. 1897, p. 2.

²⁵⁵Seus nomes não foram encontrados, informação essa que poderia ser útil para verificarmos se haveria algum componente ligado à Devoção de Nossa Senhora da Conceição do convento de São Francisco.

²⁵⁶ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 15 nov. 1897, p. 2.

o programa das festividades, com Vésperas, missa, procissão à tarde e *Te-Deum*²⁵⁷. Este é o primeiro registro que encontramos da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha saindo em procissão, e o Bispo D. João Batista C. Nery é aí intitulado “Promotor da Episcopal Devoção a Nossa Senhora da Conceição”. Ele imediatamente emite edital nomeando os organizadores para a festa do ano seguinte, ou seja, de 1898, se comprometendo a organizar a festa com antecedência²⁵⁸. O bispo promoveu outra mudança, criou ainda a Associação a Nossa Senhora Auxiliadora, colocando seu “bispado” sob sua proteção, e a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora passou a ser o orago da igreja do convento do Carmo²⁵⁹. Em 8 de dezembro de 1899, a festa de Nossa Senhora da Conceição da Prainha” foi realizada no convento do Carmo, festividades à “imagem que se venera no convento do Carmo”²⁶⁰, com a programação de costume²⁶¹.

Somente nesse ano, 1899, a festa de Nossa Senhora da Conceição realizada no convento de São Francisco foi retomada. Mas ela passou a ser realizada nos dias 9 e 10 de dezembro. O 8 de dezembro foi reservado para a imagem da Conceição da Prainha, que saía em procissão. Nos parece, portanto, que foi de grande importância a atuação do bispo pela a imagem da Prainha, favorecendo aquela devoção e ignorando os devotos e a procissão que saía do convento franciscano.

Os devotos de Nossa Senhora do convento contaram com o apoio da Irmandade de São Benedito também lá instalada para a retomada das festividades. Em setembro daquele mesmo ano, eles haviam anunciado que “pretendiam” em dezembro festejar “a imagem da Conceição” pedindo auxílio dos devotos daquela imagem²⁶². É interessante que nesse

²⁵⁷ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 3 dez. 1897, p. 1. O anúncio pede para que as professoras “façam comparecerem a procissão suas alunas” assim como as distintas famílias; a música ficou por conta da Irmandade de S. Benedito do Rosário. Livro de Despacho n. 1 (1897-1911). 5/06/1897. p. 2. Despacho dado a Luiz dos Remédios, responsável para dirigir aos sábados a devoção de N. S. da Conceição. Cúria Metropolitana.

²⁵⁸ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 10 dez. 1897. Antenor Guimarães, Ovídio dos Santos, João Rodrigues da Silva, Antonio Gomes Aguirre, Cleto Nunes Pereira, João Lopes Pimenta, Domingos Pinto Netto, Victorino José Mello, José Antonio de Souza Pacheco, Martinho Gonçalves Freitas, Manoel Evaristo Pessoa, Antero de Almeida. Juizas: Paulina Wetzel, Maria Nascimento, Constança Novaes, Constança Espindola, Amélia Silveira, Adélia Aldina de Freitas, Hortência Monjardim Faria, Janete Jonguell, Olindina Tovar Monjardim, América de Oliveira Paixa, Ormindia Netto, Zulmira Pessoa, padre José Arthur Pereira, Antonio Pinto Aleixo.

²⁵⁹ ELTON, 1987, p. 55.

²⁶⁰ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 10 dez. 1899, p. 2.

²⁶¹ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 7 dez. 1899, p. 3. Itinerário: R. Coronel Monjardim, José Marcellino, Cathedral, Matriz, Palácio, 1º de Março, Costa Pinto, Largo do Theatro e 7 de Setembro.

²⁶² *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 13 set. 1899, p. 2. Secretários Alexandre Moniz Freire e Herculano Moniz Freire.

documento não havia menção à data da festa, o que indica que aquela solução de adiá-la em um dia poderia estar em gestação.

A programação da festa desse ano de 1899 contava com Vésperas, *Magnificat*, procissão “à devotada imagem da Virgem da Conceição” e *Te Deum*, além de uma novidade, a coroação de Nossa Senhora²⁶³ - o que pode mostrar uma tentativa de reafirmação daquela devoção. Não havia menção, no entanto, a leilão e máscaras. Este anúncio saiu nos jornais por dez dias consecutivos até a última data da festividade, diferentemente de anos anteriores, quando encontramos um dois convites para a festa, deixando explícita a disputa travada por quem agregaria mais fiéis.

Essa disputa pode ser sentida também através do posicionamento das demais Irmandades e confrarias da cidade. A Confraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, por exemplo, deixou claro ter acatado o convite do bispo diocesano:

Em virtude do convite feito pelo Exmo Sr. Bispo Diocesano, e de ordem do charissimo irmão provedor, convido a todos os charissimos irmãos, para comparecerem hoje ás 4 horas da tarde, no respectivo consistório, revestidos de seus hábitos, afim de acompanharem a procissão de N S da Conceição da Prainha²⁶⁴.

Nenhum convite foi feito à procissão ou às festividades dos dias seguintes. Da mesma forma, a Irmandade de São Benedito do Rosário também se posicionou ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha:

Convido aos srs. Irmãos a comparecerem hoje, as 4hs no consistório da igreja do Rosário, afim de incorporados acompanharem a procissão de N. S. da Conceição da Prainha²⁶⁵.

Aproximando-se a data da procissão de Nossa Senhora da Conceição do convento São Francisco, os devotos insistiam em convidar irmandades e associações, como temos:

A comissão da festa á Virgem Conceição erecta no convento S. Francisco, não sendo atendida no convite que dirigiu aos apostolados de N. S. Maria Auxiliadora e S. Coração de Jesus resolveu convidar o bello sexo a

²⁶³ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 7 dez. 1899, p.3. No coro esteve a orquestra do professor João Azevedo e no adro do convento a banda Caramuru, sob direção do prof. João Duarte, foi celebrante o cônego Manoel Rodrigues Bermude de Oliveira.

²⁶⁴ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 8 dez. 1899, p. 2. Secretário Aleixo Neto.

²⁶⁵ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 8 dez. 1899, p. 2.

acompanhar a procissão da referida imagem para maior realce da festividade á qual terá logar no dia 10²⁶⁶.

Não sabemos se dessa vez o convite foi atendido, mas surgiram para auxiliar a festa vários devotos²⁶⁷. O convite para acompanhar a procissão dos franciscanos também foi dirigido ao chefe de polícia, Dr. Moniz Freire, ao Senador Cleto Nunes Pereira, ao corpo de polícia da cidade, bem como aos membros do governo Municipal. Neste convite, informava-se, ainda, que “a procissão da Virgem” seria representada pelas alunas das escolas da capital, bem como de algumas senhoritas que faziam parte das congregações do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora²⁶⁸ - congregações essas que haviam sido criadas pelo bispo D. Nery assim que tomara posse de seu prelado.

Naquele ano, a provocação mediada por editais e convites através dos periódicos locais terminou no mesmo dia 10 de dezembro, quando encontramos comentários apenas em relação à festividade de Nossa Senhora da Conceição da Prainha:

Ante-hontem á tarde, realisou-se a procissão de N. S. da Conceição da Prainha que se venera no convento do Carmo desta capital. Devido a chuva, a procissão teve de realisar-se antes de percorrer o seu itinerário, occupando então a tribuna sagrada o seminarista José Arthur, que dissertou sobre a virtude da excelsa Senhora da Conceição. Encerrou-se a festividade com benção do SS Sacramento²⁶⁹.

Não temos conhecimento de como se deu a procissão da imagem de Nossa Senhora da Conceição do Convento São Francisco, por não ter sido divulgado nenhum comentário a respeito. Entretanto, acreditamos que tenha sido bem sucedida, com o comparecimento de significativos e importantes devotos, pois o bispo diocesano D. João Batista C. Nery se posicionou de forma definitiva, quando ordenou que a imagem da Prainha fosse transladada no dia 31 de dezembro de 1899 da igreja do Carmo para a matriz de São Tiago, sendo oficialmente intimadas as associações do Sagrado Coração de Jesus e de

²⁶⁶ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 8 dez. 1899, p. 2. O “belo sexo” se tratava dos devotos a Nossa Senhora do Bom Parto, imagem essa localizada ainda hoje em um dos altares laterais da igreja do Rosário dos Pretos, que até os anos de 1950 realizou festas a esta invocação da Virgem. Comissão Alexandre Moniz Freire, José Freire da Silva, Herculano Moniz.

²⁶⁷ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 10 dez. 1899, p. 2. Laudenila de Araújo Nunes, Margarida de V. Coutinho, Maria Neves, Olívio Neves, Luiza Brandão, Emilia Pogue, Ernestina Guimarães, Maria J. da Silveira, Bernarda da Conceição, Victoria Maria da Conceição, Lourença Torres, Romana B. da Conceição, Firmina Mello, Maria Aurêa da Victoria, Florestina P. da Silva, Hereldina Freire Netto, Amélia Rosemberg Guimarães, Leopoldina Rosemberg, Porcina Pogos, Maria C. Conceição, Glademira M. da Conceição, Olívia da V. Linin, Concínio Escobar, João Antunes Barbosa, Firmino Costa, Deocleciano Coelho, Sizenando Martins, João Machado e Marcellino Carneiro.

²⁶⁸ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 10 dez. 1899, p. 2.

²⁶⁹ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 10 dez. 1899, p. 2.

Nossa Senhora Auxiliadora para comporem a procissão. Determinou, ainda, que com a entrada da procissão fosse lida a Portaria²⁷⁰ de criação da nova Paróquia sob invocação de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, seguida de *Te-Deum* de fim de ano²⁷¹. É relatada num periódico local a satisfação de alguns devotos diante da decisão do bispo:

A grata notícia do que hoje tem de ser transladada para a igreja de Sant'Iago, ex-capela imperial, a Santíssima Mãe de Jesus, a immaculada Senhora da Conceição da Prainha – é motivo de festivo júbilo aos corações devotados á Virgem e principalmente das classes proletárias, de que é amada e querida protectora. Não serão demais todas as homenagens, todas as solemnidades festivas que devem tributar-lhes as classes operárias e marítimas, nesse dia em que a Senhora da Conceição da Prainha tomará a si a protecção da nova freguesia creada e da qual será a padroeira, e em quem devemos como sempre confiar. Retirada da Tua pequenina capella por cujo factó á tantos entristeceu e aos *ilegível*, hoje porém, essas tristezas transformaram-se em excessivas alegrias, que se sentem e por mais que se queira não se podem exprimir, por te ver oh! Santa Mãe de Deus - elevada a dignidade de Padroeira, e mais acercada ainda dos esplendores que te consagra tem filho dilecto o nosso presado e estimado bispo D. Nery – que não poupa sacrificios para elevar o bispado e bendizer o teu nome, oh! Mãe Santíssima, nas suavidades dos hymnos sagrados, pela sua palavra eminente e authorisada confundidas tantas vezes pelas harmonias do divino *Ave Maria Gracieplena*²⁷².

Concordamos com Maria Cristina C. L. Pereira, quando escreve que a localização espacial das imagens tem uma relação direta com as funções que desempenham²⁷³, afinal, esta imagem da Virgem, que tradicionalmente se relacionava com os pescadores e gente mais humilde da cidade, passou a ocupar um lugar de destaque na “catedral” da cidade. Adequada à *imagem* ao bispado, ganhou “nova roupagem”, ocupando novo altar. Oficialmente protegida, passou quase que a representar um “símbolo” do bispado na cidade, em detrimento da imagem da Virgem da Conceição dos franciscanos, que, principalmente diante da ausência dos frades franciscanos, passou a “representar” os devotos da irmandade de São Benedito, partidários “caramurús”²⁷⁴, que tinham como integrantes a classe mais abastada da cidade.

²⁷⁰“Provisões e portarias expedidas pela Câmara Eclesiástica, dia 30/12/1899. Provisão transferindo o Curato da Sé da Victoria para a Igreja de São Thiago, da mesma capital e dando-lhe por padroeira N. Sra. da Conceição da Prainha.” *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 4 jan. 1900, p. 2.

²⁷¹ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 31 dez. 1899, p. 2.

²⁷² *O Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 4 jan. 1900. No mesmo ato foi nomeado o diácono Joaquim Mamede da Silva Duarte à frente do Seminário da Penha, bem como governador do bispado monsenhor João André Casella, durante a ausência do bispo diocesano.

²⁷³ PEREIRA, Maria Cristina C. L. A imagem e seu lugar: Nossa Senhora da Penha na geografia simbólica capixaba. *Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007, p. 434-444.

²⁷⁴ Criaram aulas de música em 1853, e em 1855 a banda de música Caramuru. SIQUEIRA, 1944, p. 120.

É certo que o bispo nunca se posicionou diretamente contrário à devoção a Nossa Senhora da Conceição, mas vimos como ele buscou implantar uma devoção que era por ele controlada. Essa atitude demonstra, por um lado, o peso do culto a essa invocação da Virgem – afinal, o dogma havia sido promulgado poucos anos antes. Por outro lado, ela demonstra também como o bispo estava procurando construir o seu lugar, a sua autoridade, e isso era feito, entre outras formas, buscando suplantar um dos mais tradicionais focos de presença religiosa expressos nas devoções existentes no convento de São Francisco. Não é de se estranhar que, anos depois, a Cúria se instalasse fisicamente nas ruínas do antigo convento.

De toda forma, antes que o convento fosse demolido, a festividade a Virgem continuou a ser comemorada:

No convento de S. Francisco pretende-se festejar em dezembro próximo [1901] a Virgem Conceição, recentemente encarnada. A comissão encarregada das solemnidades de que é merecedora aquella Imagem, é composta das senhoras Francisca Dias Ribeiro, Ormínea Rodrigues Netto, Zalmira da Silva Rezende, Alexandrina Lima e Elida Ribeiro, as quaes tomaram a si tal encargo, na esperança de serem auxiliadas pelos devotos e devotas, afilhados e afilhadas da Veneranda Imagem²⁷⁵.

Nos anos seguintes, as festividades se repetiram, nos sendo possível acompanhar o sucesso investido em defesa dessa imagem, que também se mostrava no cuidado para com ela, como nos informou a nota acima, ao mencionar que ela havia sido recentemente encarnada.

Mas em 1902 não encontramos referência à festa de Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Isso não prova que ela não tenha ocorrido, mas é significativo que em 3 de março de 1902 havia tomado posse um novo bispo, D. Fernando de Souza Monteiro. Ao mesmo tempo, a procissão do convento franciscano foi fortalecida com um poder especial: devido ao surgimento da peste bubônica na cidade, depois de proclamado o *Te Deum*, seria distribuído aos fiéis presentes uma “milagrosa oração a Nosso Senhor Jesus Christo e sua mãe Maria Santíssima para a extinção da peste [bubônica]”²⁷⁶. Sendo a festa organizada mediante recebimento de espórtulas²⁷⁷.

²⁷⁵ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 7 nov. 1901, p. 1.

²⁷⁶ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 20 nov. 1902, p. 2.

²⁷⁷ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 26 nov. 1902, p. 1. Carolina Lyrio, Janette Jonguelli, Maria Costa d’Oliveira, Alzira Goulart da Silva, Leonor Santos, Emilia Durães, Anna H. de S. Freire, Manoel da Silva Guimarães, Guimarães & Coelho, M^a Lopes Machado, M^a L. de Abreu Secco, Elvira Costa, Romancina

Para o ano de 1904, a organização teve início um ano antes, quando, em 1903, D. Fernando emitiu uma carta Pastoral acerca das comemorações pelo 50º aniversário da Definição do Dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Para as festividades, a igreja de São Tiago, que funcionava como matriz, entrou em reformas em março de 1903, sendo transferida a matriz para a igreja da Misericórdia juntamente com a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha²⁷⁸.

Inicialmente, a programação em Vitória constava, além do tríduo na catedral, de uma “solennissima procissão” que sairia da igreja do convento do Carmo pelas ruas da cidade - o que não aconteceu, e a procissão saiu da catedral. A imagem utilizada na procissão não foi a de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, nem a do Convento São Francisco, pois, no 7º item da programação emitido pela Comissão Diocesana do Jubileu da Imaculada Conceição relatava que para o evento, seria restaurada a catedral, “onde seria inaugurado um altar artisticamente preparado e sobre elle solenemente colocada uma **bella imagem** de Nossa Senhora da Conceição²⁷⁹”.

Podemos sugerir que D. Fernando não queria se posicionar na “escolha” entre as duas imagens que saíam em procissão, preocupando-se em “localizar” adequadamente a imagem da Conceição da Prainha; afinal, a procissão para comemorar o cinquentenário, investiria maiores “poderes” a imagem da Conceição escolhida para celebrar a referida festa. Uma vez que já existiam intrigas no uso processional das imagens da Virgem, D. Fernando poderia querer se manter de certa forma, neutro na questão, optando por adquirir uma nova imagem da Virgem especialmente para a data em questão. Não nos é possível afirmar se foi isso que ocorreu, ou como os devotos de ambas as “imagens das Virgens da Conceição” de Vitória reagiram com relação a presença da nova imagem adquirida pelo bispo, inaugurando o altar pelo 50º aniversário do dogma da Virgem.

Concluída a reforma, no dia 4 de dezembro de 1904 foi inaugurada a igreja matriz de São Tiago, embora, segundo D. Fernando, “não estivesse ainda na altura duma Matriz e menos duma capital”. Foi transladada para lá a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha da igreja da Misericórdia. Naquele mesmo dia foi feita a bênção “de uma

Quito, Manoel da Costa Maria Horta, Margarida Fraga, Catharina d’Asevedo, Ernestina Boamorte, Balbina Borges, Zumira Pessoa, América Paiva, Zulmira da Silva Rezendo, Eulália Moreira, Josephina Chaves da Silva, M^a Saraiva, Beatriz M^a da Conceição, Francisca Ribeiro, Rizoleta Barroso Santos. E Comercio do ES, Vitória. 13 nov. 1901, p.1. Anna Monjardim Faria e Emma Moniz.

²⁷⁸ Tombo Catedral Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Cúria Metropolitana.

²⁷⁹ Tombo n.1 da Parochia S. João Batista de Cariacica – 1897. p. 100. Cúria Metropolitana.

rica imagem de Nossa Senhora da Conceição e de um belíssimo altar”. A 8 de dezembro de 1904, foi realizada a festa de Nossa Senhora da Conceição com missa e à tarde houve a “imponente procissão” pelas ruas da cidade, com a presença de todas as corporações religiosas²⁸⁰.

Dessa forma, com a presença de D. Fernando, e em função do aniversário do dogma da Imaculada Conceição, foi introduzida mais uma imagem da Conceição em Vitória. Avançamos a hipótese de que essa nova imagem da Virgem seria a que hoje se localiza na igreja do Bom Pastor em Jardim América, Cariacica, medindo 2,09m x 0,85m x 0,60m, ali levada pelo monsenhor Rômulo Neves Balestrero²⁸¹. De acordo com depoimentos coletados na própria igreja, quando os altares laterais da catedral foram demolidos, esta imagem ficou sem local, sendo então doada para a igreja Bom Pastor²⁸². (Figura 52).

As determinações de D. Fernando Monteiro influenciaram de forma marcante a vida religiosa da cidade de Vitória, sobretudo no que concerne ao cronograma de festividades religiosas. Uma das mais radicais mudanças foi a Portaria de 27 de março de 1905, que determinou quais seriam as procissões permitidas da cidade, proibindo várias delas. A de Nossa Senhora da Conceição foi autorizada, sendo em 8 de dezembro, quando também saíria a de Nossa Senhora Auxiliadora. A Portaria determinou ainda que nessa procissão “poderiam e deveriam sair as imagens de São Benedito, São Sebastião e das outras invocações concorrendo todos os fiéis assim para realçar o culto e promover solenemente a devoção dos oragos de nossas diferentes igrejas”²⁸³. No fim daquele mesmo ano, D. Fernando fundou na igreja Matriz a Arquiconfraria do Sagrado Coração de Maria, “agregada a de Pariz”²⁸⁴.

A partir dessa data, as festividades de Nossa Senhora da Conceição da Prainha passaram a ser organizadas pela Arquiconfraria do Imaculado Coração de Maria, com uma pompa

²⁸⁰ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha. p. 57v e 58. Cúria Metropolitana.

²⁸¹ Foi vigário geral da Catedral Metropolitana, fundador da Cáritas Diocesana foi para igreja Bom Pastor em 15/02/1975. Disponível em: http://www.igrejabompastor.com/site/?navega=a_paroquia.

²⁸² Informações adquiridas na igreja através de entrevistas com os devotos.

²⁸³ Livro de Portarias e Ordens Episcopais (1897-1913) em 27/03/1905. p. 110 e 111. Procissões permitidas: 1ª na Sexta-feira Santa do Senhor Morto; 2ª Corpus Christi a do SS Sacramento a qual será também a do Sagrado Coração de Jesus; 3ª no dia 8 de dezembro de Nossa Senhora Auxiliadora e a da Nossa Senhora Conceição, titulares da diocese desta freguesia 27/03/1905.

²⁸⁴ Livro de Tombo da Catedral Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, p. 62. O estandarte da Arquiconfraria foi confeccionado por Izabel de Alvarenga Rangel, p. 63 v. Cúria Metropolitana.

que superou as anteriores. Em contrapartida, a festa em honra da imagem de Nossa Senhora da Conceição do convento franciscano entrou em um declive considerável, não havendo registro da sua disputada procissão a partir de 1908. Neste ano, em sete de dezembro, foi a Venerável Ordem Terceira de S. Francisco quem realizou a festa de Nossa Senhora da Conceição²⁸⁵ em sua capela e não houve procissão.

Não temos clareza do que se passava no interior da igreja conventual dos franciscanos, mas temos conhecimento de que os bens dos franciscanos estavam sob poder do Estado (lei de Mão Morta), e D. Fernando Monteiro mandara arrolar a documentação para recuperar os bens que compunham o complexo franciscano de volta para a Igreja episcopal. Somente em 1919 é que os devotos de Nossa Senhora da Conceição do convento São Francisco, juntamente com os devotos da irmandade de Santo Antônio dos Pobres, se reuniram e restauraram a igreja conventual, organizando novamente a procissão.

Entrementes, em 10 de novembro de 1911, D. Fernando Monteiro elegeu a igreja de São Gonçalo como matriz da Conceição da Prainha e desapropriou a igreja de São Tiago para o Estado²⁸⁶. No dia seguinte, foram transladadas as “veneráveis imagens” de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, de Nossa Senhora das Neves e de São Sebastião para aquela igreja²⁸⁷. E em 8 de dezembro continuou a ser comemorada a festa de Nossa Senhora da Conceição da Prainha em seu novo local²⁸⁸.

Nesse mesmo ano, chegou de Munique, na Alemanha, a imagem do Imaculado Coração de Maria, mandada trazer pela Arquiconfraria de mesmo nome²⁸⁹, que havia sido criada em 1905. Antes dessa, acreditamos que não tenha existido uma outra imagem do

²⁸⁵Livro de Caixa (1900-1910) em 07/12/1908, valor: 20\$000 réis, p. 127. Cúria Metropolitana. A espórtula paga ao padre Luiz Cláudio pela realização dessa missa foi doada aos pobres. Esse jornal relata que a missa se realizou dia 8/12, e não 7/12 como no livro da igreja. *Diário da Manhã*, Vitória, 11 dez. 1908, p. 3.

²⁸⁶“Portaria de D. Fernando em 10/11/1911, desapropriando o edifício da atual igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, vulgarmente chamada São Tiago, declara erecta a igreja de São Gonçalo sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição da Prainha de Vitória em igreja paroquial desta capital. Livro Paróquia N S Conceição da Prainha de Vitória - Curato da Catedral Livro de Tombo (1898 a 1947), p. 72. Cúria Metropolitana.

²⁸⁷Tombo Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, p. 72. Cúria Metropolitana.

²⁸⁸*Diário da Manhã*, Vitória, 5 dez. 1911, p. 4. Festa com vésperas, missa, comunhão, procissão com a imagem da Conceição da Prainha, *Te Deum Laudamus*, no coro a orquestra do dr. Luis Junffroy, além da banda do corpo da Polícia Militar.

²⁸⁹Livro de Tombo da Catedral Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, p. 72. Cúria Metropolitana. A bênção da nova imagem foi realizada em 31 dezembro de 1911. Na ocasião serviu de “paraninfo o grande estadista Dr. Jerônimo Monteiro, irmão do Senhor Bispo, e sua vitoriosa esposa D^a. Cecília Bastos Monteiro, dedicada arquiconfrade do Imaculado Coração de Maria”.

Imaculado Coração de Maria, fato que teria levado a Arquiconfraria a acompanhar e a seguir em procissão com a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha. É importante notar que mesmo com a chegada da imagem da Arquiconfraria, as procissões permaneceram apenas com a imagem da Conceição da Prainha, lembrando que ambas as imagens estavam localizadas na igreja de São Gonçalo, catedral provisória do bispado. Em 1912, foi mantida a festividade de Nossa Senhora da Conceição da Prainha²⁹⁰. Mas além das festividades de dezembro, a partir de 1915 cada vez mais o mês de maio, o Mês Mariano, passou a ter importância²⁹¹. Em 1916, a extensa programação desse mês ganhou igual ou maior brilhantismo que as festividades da Conceição no mês de dezembro²⁹². A programação especial incluía todas as irmandades e associações religiosas existentes na cidade de Vitória, contando com ladainhas e bênção do Santíssimo Sacramento todos os domingos, além das costumeiras missas cantadas e coroação da Virgem. O novo bispo, D. Benedito Alves de Souza, que chegou à cidade 1918, manteve essa programação²⁹³, embora seja registrado um hiato na festa da Conceição.

Não podemos precisar o motivo da ausência da festa da Conceição na cidade. Esta nossa observação também é sustentada pelo fato de que a Irmandade de São Benedito do Rosário em 1920 emite um Ofício pedindo ao bispo autorização para transladar para a igreja do Rosário dos Pretos a imagem de Nossa Senhora da Conceição da Prainha²⁹⁴:

A directoria da Veneranda e Episcopal Irmandade de São Benedito do Rosário, nutrido a religiosa iniciativa de restabelecer o culto á Santíssima Virgem da Conceição da Prainha, que actualmente se encontra na Cathedral em obras, privada, assim, das homenagens que os seus devotos que prestavam, solicitou a D. Benedicto, permissão para recolher a mesma Imagem a igreja do Rosário, ali permanecendo sob o zelo e interesse da referida irmandade. É desejo da directoria da Veneranda Corporação de São Benedicto fazer a transladação de Nossa Senhora, no próximo domingo 27, a uma hora da tarde cujo acto será solenne²⁹⁵.

²⁹⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, 15 dez. 1912, p. 2. Trajeto: S. Gonçalo, praça Dr. João Clímaco, Palácio, Escadaria, ruas 1º de Março, Dr. Jeronymo Monteiro, praça Costa Pereira, 7 de Setembro, coronel Monjardim, S. Francisco, Dr. Muniz Freire e S. Gonçalo.

²⁹¹ Portarias e Ordens Episcopais (1913-1918). 27/04/1915, p. 76 v.

²⁹² *Diário da Manhã*, Vitória, 29 abr. 1916, p. 2.

²⁹³ *Diário da Manhã*, Vitória, 10 maio 1924, p. 4. Saíram procissão as imagens de Nossa Senhora Auxiliadora e do Sagrado Coração de Jesus.

²⁹⁴ Livro de Correspondências Expedidas (1918-1925) em 22/06/1920. p. 6v. Cúria Metropolitana.

²⁹⁵ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 251, segunda-feira, 21 jun. 1920, p. 2. e Livro de Protocolo n. 2 (1915-1927). 19/06/1920. p. 101. Cúria Metropolitana.

O bispo autorizou o traslado da imagem que estava por então guardada no consistório da Irmandade do Santíssimo Sacramento²⁹⁶. O traslado aconteceu no domingo previsto²⁹⁷ e até hoje esta imagem se encontra em um dos altares laterais esquerdo da igreja do Rosário em Vitória, ao lado da imagem de Nossa Senhora do Parto. Não temos conhecimento acerca da origem do altar desta imagem na referida igreja, pois os três altares laterais que a compõem são de diferentes faturas. Não acreditamos que ele tenha sido construído para a imagem da Conceição da Prainha diante da rapidez com que se decidiu o traslado da imagem. Levantamos a hipótese de que ele teria sido retirado da igreja matriz, que nessa época estava em processo de demolição para a construção da catedral de Vitória.

A preocupação com essa imagem também pode ter sido gerada pelo fato de que a igreja do convento de São Francisco, no mesmo ano de 1920, havia sido reinaugurada após a reforma, passando os devotos da Virgem da Conceição lá instalados a realizar novamente sua festa. Havia, portanto, o “risco” de que a imagem franciscana voltasse a sair em procissão a 8 de dezembro, no lugar da imagem da Conceição da Prainha. Esse cenário nos é sugerido pela histórica concorrência, lembrando que a imagem da Conceição da Prainha fora anteriormente recebida na igreja do Rosário, quando sua capela fora demolida.

Nos anos seguintes, houve muitas variações no calendário de festas. Em 1924, a procissão de Nossa Senhora do Parto passou a ser acompanhada pela de Nossa Senhora da Conceição da Prainha no mês de fevereiro²⁹⁸. E a festa de 8 de dezembro também não seguiu como de costume, podendo ser realizada inclusive no mês de janeiro²⁹⁹. Em outros anos, a imagem de Nossa Senhora da Conceição dos franciscanos saiu em procissão no dia 8 de dezembro³⁰⁰. Alguns anos – pelo menos em 1925, possivelmente em função do surto de varíola na cidade³⁰¹ – não houve festa da Conceição da Prainha. Mas de modo geral, encontramos registros das festas a Nossa Senhora da Conceição até 8 de dezembro de 1947³⁰², quando toma posse o novo curato da Catedral³⁰³. E

²⁹⁶ Livro de Provisões n. 3 (1914-1922) 22/06/1920, p. 115. Cúria Metropolitana.

²⁹⁷ *Diário da Manhã*, Vitória, 24 jun. 1920, p. 2.

²⁹⁸ *Diário da Manhã*, Vitória, 22 fev. 1924, p. 7.

²⁹⁹ *Diário da Manhã*, Vitória, 4 jan. 1924, p. 5.

³⁰⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, 6 dez. 1927, p. 4. Padre José Gomes celebrou a missa, *Te Deum*, bênção SS Sacramento e orquestra Netto.

³⁰¹ *Diário da Manhã*, Vitória, Vitória, 5 Jan.1926, p.5.

³⁰² Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Cúria Metropolitana.

atualmente, no dia 8 de dezembro é realizada na catedral uma missa em honra a Imaculada Conceição.

Ao remontarmos a construção da devoção a Virgem da Conceição na cidade de Vitória, concluímos que os ritos comemorativos a esta invocação da Virgem inscrevem-se em uma duração privilegiada, ainda que conflituosa. A duplicidade de comemorações manteve-se durante muito tempo até porque houve uma “especialização” das devoções, baseada nas imagens. A diferença entre elas nem era iconográfica, como veremos mais adiante, mas era identitária, se podemos assim dizer, histórica, geográfica. A “separação” que existiu entre seus devotos, iniciada no final do século XIX e mantida durante o século XX, nos aponta para uma construção baseada em uma experiência muito pessoal para com o sagrado, marcada por uma intensidade devocional individual que, saindo do particular, tornou-se coletiva, ganhando força. Do contrário não teria se mantido.

Como defende Maria Cristina Pereira, além das questões iconográficas que são intrínsecas as imagens sacras, é preciso levar em conta a devoção dos fiéis bem como suas transformações históricas³⁰⁴. E, retomando Hubert Damisch, lembra que o historiador da arte deve levar em conta os desvios, as contradições que as obras trazem, sem diminuí-los nem resolvê-los, mas integrando-os em sua ordem e dimensão próprias³⁰⁵. Tanto a imagem de Nossa Senhora da Conceição do convento franciscano como a imagem da Conceição da Prainha foram alvo de devoções próprias, traçando uma conexão entre o culto oficial da Igreja com um requinte popular típico do prestígio oferecido a divindade de Maria ao longo do território brasileiro.

Assim, ambas as imagens se tornaram insubstituíveis. Didi-Huberman nos diz ser necessário reconhecer que diante das imagens somos frágeis, pois inevitavelmente elas sobreviverão a nossa breve existência, sendo um “objeto” de longa duração, um

³⁰³ Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição da Prainha, p. 135. De acordo com o cânon 454 páginas 1 e 2 do C. J. C. 8/12/1947. Cúria Metropolitana.

³⁰⁴ PEREIRA, Maria Cristina C. L. *Identidades Cambiantes: Transformações Iconográficas na Imaginária Sacra. Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-americano*. Ouro Preto: C/Arte, 2008. CD-ROM.

³⁰⁵ DAMISCH Apud PEREIRA, 2008.

elemento do futuro e complementa: “A imagem, em geral, tem mais memória e porvir que o ser que a olha”³⁰⁶.

3.3 – PROCISSÕES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA

A procissão pode não ser elemento essencial da vida religiosa de uma comunidade, mas é uma cerimônia feita para louvar a Deus, dar-lhes graças e para pedir sua proteção. Existem procissões ordinárias, que se realizam todos os anos em certos dias ou ocasiões, e extraordinárias, que a autoridade eclesiástica prescreve ou permite para fins e em circunstâncias especiais³⁰⁷.

No Título XIII das Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, define-se procissão como uma oração pública feita a Deus por um grupo de fiéis disposto com certa ordem, que vai de um lugar sagrado a outro lugar sagrado, sendo tão antigo seu uso na Igreja católica que alguns atribuem sua origem ao tempo dos Apóstolos³⁰⁸.

São actos de verdadeira Religião e Divino culto, com os quaes reconhecemos a Deos como o Supremo Senhor de tudo, e piissimo distribuidor de todos os bens, e por isso nos sugueitamos a elle, esperando da sua Divina clemência as graças, e favores que lhe pedimos para salvação de nossas almas, remédio dos corpos, e de nossas necessidades. E como este culto seja um eficaz meio para alcançarmos de Deos o que lhe pedimos, ordenamos, e mandamos, que tão santo, e louvável costume, e o uso das Procissões se guarde em nosso Arcebispado, fazendo-se nelle as Procissões geraes, ordenadas pelo direito Canonico, Leis, e Ordenações do Reino, e costume deste Arcebispado, e também as mais que Nos mandarmos fazer, observando-se em todas a ordem, e disposição necessária para perfeição, e magestade dos taes actos, assistindo-se nelles com aquella modéstia, reverencia, e religião, que requerem estas pias, e religiosas celebridades³⁰⁹.

As procissões públicas precisavam de autorização da Igreja para sair, sob recomendação de que as fizessem com toda decência, e que nelas não saíssem “imagens de santos que não fossem canonizados, nem coisas proibidas nessas nossas Constituições”³¹⁰. Das procissões permitidas, estava a “*de São Francisco em Quarta-Feira de Cinza*”³¹¹, abrindo o tempo da Quaresma, tempo litúrgico de conversão, quando se inicia a preparação para a grande festa da Páscoa e quando os fiéis se preparam mediante penitência, orações e jejum.

³⁰⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006. p. 12.

³⁰⁷ RÔWER, Basílio. *Dicionário Litúrgico*. Petrópolis: Vozes, 1936. p. 198.

³⁰⁸ VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2007. p. 191.

³⁰⁹ VIDE, 2007, Título XIII, p. 191.

³¹⁰ Ibid. Título XIV, p. 192.

³¹¹ Id., Ibid.

É importante lembrar que as festas de devoções franciscanas, especialmente recomendadas pelo manual da Ordem Terceira, são as do SS Sacramento, da Paixão de Cristo, Nossa Senhora da Conceição, São José, S. Clara e dos padroeiros da Ordem: São Luis rei de França e Santa Izabel da Hungria³¹². Em Vitória, não encontramos nenhuma delas sendo celebrada com procissões ou cerimônias especiais a partir do século XIX. Essa característica se explica, muito provavelmente, pelo fato de que, nesse período sobre o qual dispomos de fontes escritas, a Ordem Primeira em Vitória já estava fragilizada, e eram os irmãos Terceiros que mais se ocupavam da religiosidade franciscana na cidade.

3.3.1 – A PROCISSÃO DE QUARTA-FEIRA DE CINZAS

A realização de procissões era uma constante no convento de São Francisco de Vitória no século XIX. A Ordem Terceira da Penitência dividia espaços e atividades religiosas com outras irmandades, tivessem elas ou não sede na igreja conventual, principalmente quando das procissões, momento em que todas eram convidadas a participar. Esse era o caso da Irmandade de São Benedito, que tinha sede na igreja conventual, e festejava seu orago com festas, leilões, fogos de artifícios e procissão do santo³¹³. Eram comemoradas ainda no convento franciscano as festas de Nossa Senhora da Conceição, do Divino Espírito Santo, de Santo Antônio dos Pobres e de Nossa Senhora das Neves. Entretanto, iremos nos ocupar sobretudo da mais importante dessas festas, a procissão da Quarta-Feira de Cinzas, organizada pela Ordem Terceira da Penitência.

Como lembra Mário Barata, a procissão de Cinzas ligava-se liturgicamente à penitência desde os fins da Antiguidade³¹⁴. Assim, era natural que abrisse o período da Quaresma, em uma tradição encontrada no Brasil desde o século XVII no litoral, perdurando até meados do século XX em Minas Gerais³¹⁵ - e em Vitória até o final do século XIX.

A cinza que, pela sua leveza lembra o pó da terra, recorda ao homem o reconhecimento de sua origem³¹⁶. No Gênesis, Abraão diz: “Não leveis a mal, se ainda ousar falar ao meu

³¹² *Manual da Ordem Terceira da Penitência*. Dos ofícios e exercícios espirituais. Item 79. Petrópolis: Vozes, 1960, p. 140.

³¹³ ACHIAMÉ, 1999, p. 69.

³¹⁴ BARATA, Mário. *Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1975. p. 55.

³¹⁵ QUITES, 2006, p. 204.

³¹⁶ HEINZ-MOHR, 1994, p. 99.

Senhor, embora seja eu pó e cinza”³¹⁷. E é nesse contexto que se dá a fórmula litúrgica para a Quarta-Feira de Cinzas: “Tu és pó e em pó te hás de tornar”. Levando o cristão a reviver suas origens, a cinza se torna sinal de penitência, dor e remorso: “É por isso que me retrato, arrependo-me no pó e na cinza”³¹⁸. Dessa forma, com a imposição das cinzas, unem-se humilhação e penitência, no momento em que o fiel se retratava, se disciplina e se santifica. A partir daí, seguia-se a realização da procissão da Quarta Feira. O “espaço aberto” para o desenrolar desses atos também era importante, e precisava também ser preparado para o cortejo passar, como veremos.

Na cidade de Vitória, o primeiro registro documentado da realização da procissão da Quarta-Feira de Cinzas data do ano de 1849³¹⁹, mas não temos maiores detalhes de seu andamento. No ano de 1850³²⁰ há outra breve menção: uma reclamação de um leitor sobre o “espaço sagrado externo”: “Não nos dará um remedio embora allopatha que melhore o acceio de nossas ruas ao menos d’aquelles por onde tem de passarem as procissões da Semana Santa? É favor que faz ao seu constante leitor. Z³²¹”. Em 1854, encontramos a mesma solicitação preocupada com as condições das ruas para a passagem da procissão:

Pede-se a todas as pessoas que morão nas ruas, por onde tem de passar as procissões de Cinza e do Passos, que mandem limpar as frentes de suas casas, arrancando o capim, varrendo e mesmo deitando folhas por todas ellas, para assim fiquem mais decentes, e transintaveis por occasião destes actos de religião e de solemnidade publica. Um devoto³²².

Essa preocupação se encontrava expressa já nas Constituições Primeiras, que instavam a que se conservassem limpas as ruas e lugares por onde a procissão do “Corpo de Deus” passasse, “sendo ornados com ramos e flores nas janelas, e paredes concertadas e armadas com sedas, panos, alcalifas, tapeçarias, quadros, imagens de Santos e outras pinturas honestas quando lhes for possível”³²³. Essas recomendações, embora dirigidas à procissão do *Corpus Christi*, acreditamos que seriam também estendidas às demais – ou pelo menos assim o pretendiam esses leitores devotos. No Recife, os moradores das ruas por onde passava a procissão de Cinzas tinham obrigação de varrê-las, do contrário

³¹⁷ Gênesis 18,27.

³¹⁸ Jó 42,6.

³¹⁹ *Correio da Victoria*, Vitória, quarta-feira, 31 jan. 1849, p 4. Manoel Rodrigues de Campos.

³²⁰ *Correio da Victoria*, Vitória, quarta-feira, 28 jan. 1850, p 4. Manoel Antonio Villas Boas.

³²¹ *Correio da Victoria*, Vitória, n. 25, ano VI, 27 mar. 1850, p 4.

³²² *Correio da Victoria*, Vitória, sábado, 23 fev.1854, p 4.

³²³ VIDE, 2007, Título XVI, p. 195.

eram multados, “farão varrer as sobreditas ruas pondo-as em estado de poder passar a Procissão de Cinza e para que se não chamem a engano e tenham a reclamar quando for imposta a competente multa”³²⁴.

Assim como nas demais cidades brasileiras, a Ordem Terceira do Carmo era convidada de honra para participar da procissão de Cinza³²⁵, assim como os Terceiros da Penitência estavam presentes na procissão dos Passos dos Terceiros do Carmo. Os convites e agradecimentos sempre eram públicos, como podemos ler na imprensa.

Além de irmãos de outras Ordens, a população de modo geral era convidada, mas os jornais faziam questão de frisar sempre a presença de “autoridades”, conferindo prestígio social àquela cerimônia religiosa, como ocorreu em 1855, que “esteve como sempre um acto assaz concorrido” e foi acompanhada por grande número de fiéis, “entre os quais as primeiras autoridades e muitas pessoas de distinção”³²⁶.

Essa preocupação com o status social era visível também nos diferentes “papéis” assumidos pelos devotos nas procissões. Um dos mais importantes era o de encarregado dos andores. O Livro da Irmandade tinha uma entrada específica para ser preenchida com o nome daquele irmão Terceiro (ou grupo de irmãos) a quem “pertencia” cada um dos andores³²⁷. Esse “proprietário” era uma espécie de padrinho, ou, se se quiser, de patrocinador. No Recife, os irmãos tinham o “dever” de comparecer ao ato da procissão e com antecedência preparar os andores³²⁸.

Outro papel fundamental era o de anjo, representado por crianças, cuja escolha, segundo Debret, causava “ansiedade” no seio das famílias dos irmãos no Rio de Janeiro³²⁹. Em Vitória, o convite da procissão de Cinzas de 1857 insistia na importância desses anjos, convidando as famílias a que se “esforcem para mandarem maior numero de anjos que embelessem aquelle acto³³⁰”. Talvez o grau de “angústia” fosse menor em Vitória, mas a importância daquele papel não era por isso menor. Além de simplesmente

³²⁴ PIO, 1938, p. 82.

³²⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, n. 12, ano VII, sábado, 10 fev. 1855, p. 4.

³²⁶ *Correio da Victoria*, Vitória, n. 16, ano VII, 24 fev. 1855, p. 1.

³²⁷ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867. Cúria Metropolitana. É interessante observar que nem todos os andores tinham responsáveis especificados – apesar de haver um espaço em branco para ser preenchido com os nomes. Acreditamos que faltavam irmãos para financiarem tais andores.

³²⁸ PIO, 1957, p. 83.

³²⁹ DEBRET, sd, p. 565.

³³⁰ *Correio da Victoria*, Vitória, 11 fev. 1857, p. 4. Secretário: Manuel Villas-Boas.

acompanharem o cortejo, havia anjos que desfilavam carregando tarjas com dizeres morais, como veremos mais adiante. É interessante observar que o próprio fato de que as inscrições nas tarjas tenham sido reproduzidos em documentos e crônicas mostra a importância daquelas personagens. Os anjos funcionavam, então, como os mensageiros que eram de fato para a mitologia cristã. Embora suas inscrições estivessem em latim, tratava-se da linguagem utilizada na missa. Ou seja, um anjo não poderia “falar” com outra língua que aquela utilizada pelo padre.

No ano de 1867 encontramos a maior quantidade de informações sobre a procissão de Cinzas de Vitória. Acreditamos que, com maior ou menor grau de precisão, podemos aproximá-la das procissões de outros anos. Uma das matérias em jornal é o já conhecido convite aos anjos: “a fim de acompanharem a mesma procissão outro sim roga as charissimas mães, que talvez por esquecimento não se lhes officiace, se dignem mandar seos anjos para assim tornar-se mais brilhante este acto de nossa religião”³³¹. Um dado interessante é que o convite não vem intitulado como Ordem Terceira, mas, através da invocação que dava título à Capela, a de Consistório de Santa Roza [sic] de Viterbo, considerada a patrona da Ordem Terceira de Vitória.

Para a realização dessa procissão, foi aberto especialmente um Livro da Ordem Terceira da Penitência³³², pelo secretário Veríssimo Manoel d’Aguiar³³³. Ele é também o único livro da Ordem preservado – o que de certa forma também indica a importância daquela cerimônia religiosa. Neste livro, não há mais nenhum outro tipo de informação acerca dos Terceiros, como estatutos, reuniões, relatos de atas ou outras ações da Ordem Terceira. Ele foi aberto apenas para relacionar os andores para a procissão de Cinzas de 1867, e não traz nenhum outro tipo de esclarecimento sobre detalhes da atuação dos Terceiros de Vitória, além da procissão de Cinzas daquele ano.

Há uma outra fonte sobre a procissão das Cinzas: uma descrição tardia e abreviada feita pelo padre Antunes Siqueira, em 1893, ou seja, vinte e seis anos depois da procissão de 1867, e vinte e cinco anos depois da última realidade na cidade. O texto, talvez por esse longo intervalo de tempo, não nos fornece muitos detalhes – além de que ele não precisa sobre qual ano está se referindo, limitando-se a afirmar dos “velhos tempos”. Também

³³¹ *Jornal da Victoria*, Vitória, n. 286, ano IV, 20 fev. 1867, p. 4. Secretário Veríssimo Manoel de Aguiar, ministro: José Cláudio de Freitas.

³³² Livro da Ordem Terceira da Penitência, Vitória. 2/03/1867. Cúria Metropolitana.

³³³ Foi professor de primeiras Letras da cidade. *Correio da Victoria*, Vitória, 30 abr. 1864, p. 1

não sabemos até que ponto sua memória é confiável, pois observamos algumas diferenças em relação ao Livro da Ordem: por exemplo, ele menciona apenas dez imagens que saíam em procissão. As imagens citadas por ele são: Rosário, o beato Antônio de Sócos, negro; São Luis rei de França; os Bem Casados; Santo Ivo; Jesus Cristo Salvador do mundo; São Carlos Borromeu, bispo³³⁴. Ele cita também as inscrições levadas pelos anjos que antecediam cada imagem, e que descreveremos em nota de rodapé mais adiante. O padre não cita e nem dá a ordem dos andores.

O mesmo padre teria escrito em crônicas de jornal, que foram compiladas e editadas por Fernando Achiamé, outros detalhes da procissão. Assim, ele nos informa que, depois da benção e distribuição das cinzas, que era uma cerimônia assistida por todos os Terceiros,

pelas 4 horas da tarde, saía uma procissão pomposa de todos os santos que haviam militado sob os estandartes da penitência e que modelaram pela prática perseverante das virtudes cristãs os prosélitos de religião de Francisco de Assis³³⁵.

Uma das principais características dessa procissão é a presença de uma quantidade importante de imagens. Afinal, a Contra-Reforma e o Concílio de Trento (em sua Sessão XXV de 3 de dezembro de 1563) deram ênfase à proliferação das imagens como multiplicadoras da própria fé. Elas se faziam presentes sob diversas formas, em todos os espaços religiosos, ou nos espaços de manifestação pública e coletiva de religiosidade, como as procissões³³⁶. O apelo religioso proposto pelo dramatismo das imagens e pinturas barrocas incentivava os fiéis a participar de grandes procissões, como a das Cinzas³³⁷. Sobre as imagens que faziam parte desta procissão, Maria Regina E. Quites relata que “encontrou uma grande semelhança entre as representações encontradas nas igrejas das Ordens Terceiras por ela estudadas, e as citadas na relação das respectivas Procissão de Cinzas de tais localidades”³³⁸.

A enumeração das imagens que saíam na procissão, como veremos, confirma a afirmação de Maria Regina E. Quites de que havia um verdadeiro programa

³³⁴ Apenas ele cita essa imagem, que viria acompanhada de um anjo com uma tarja onde estava escrito: “*Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis*” (O bom pastor sacrifica-se por suas ovelhas). SIQUEIRA, 1944, p. 109.

³³⁵ ACHIAMÉ, 1999, p. 98.

³³⁶ FLEXOR, Maria Helena Ochi. Imagens de roca e de Vestir na Bahia. *Revista OCHUN*, Salvador, ano 2, n. 2, out. 2005. p. 165.

³³⁷ *Ibid.*, p. 172.

³³⁸ QUITES, 2006, p. 43.

iconográfico para essa cerimônia, sendo formado por cenas da vida de São Francisco, certamente, além dos santo Terceiros e de Nossa Senhora da Conceição, e também alguns santos de devoção local. Excepcionalmente, há também santos das Ordens Primeira e Segunda franciscanas, bem como de outras Ordens religiosas que se relacionam com os franciscanos e sua época; além de cenas da Paixão de Cristo³³⁹. Mesmo existindo esse programa iconográfico comum para a procissão das Cinzas, existem especificidades que vão variar de região para região, não somente com relação à escolha dos santos, mas também em relação à quantidade de andores e à seqüência dos mesmos.

Ressaltamos que, mesmo existindo um programa iconográfico comum para a procissão das Cinzas em todas as igrejas de Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil, existem especificidades que vão variar de região para região, não somente com relação à escolha dos santos, mas também em relação à quantidade de andores e à seqüência dos mesmos.

Quites nos informa ainda que os santos Terceiros franciscanos representados nessas procissões das Cinzas são os primeiros seguidores dos ideais do patriarca e vão sempre trazer além dos seus atributos pessoais, aqueles que são indicativos de sua penitência e mortificação, bem como abandono dos prazeres da vida terrena visando à salvação eterna. Assim, estas esculturas possuem sempre crucifixos, a palma do martírio, cravos, disciplinas, cilícios, chicotes, amulhetas, crânios, rosários, atributos para ajudar na penitência e na santificação³⁴⁰.

Em Vitória, ao sair cada imagem do convento para a procissão das Cinzas, vibravam os sinos do convento de São Francisco³⁴¹. Seguia-se o cortejo com as imagens em ricos andores, conduzidos pelos irmãos Terceiros, que eram precedidos da “Cruz da Penitência”, com o abraço de Cristo e Francisco, símbolo do Amor Divino, tendo no alto a inscrição *Agite poenitentia*³⁴². De modo geral, a procissão de Vitória apresenta o programa iconográfico comum descrito por Maria Regina E. Quites, com representações da Imaculada Conceição, de São Francisco e dos Santos Penitentes. Não há, porém, santas da Segunda Ordem, embora haja uma imagem relacionada a uma devoção forte localmente, Nossa Senhora do Rosário, padroeira da Irmandade de Nossa Senhora do

³³⁹ QUITES, 2006, p. 42.

³⁴⁰ Ibid., p. 81.

³⁴¹ ACHIAMÉ, 1999, p. 100.

³⁴² Fazei penitência.

Rosário dos Homens Pretos, com igreja própria, fundada em 1765, localizada no centro histórico de Vitória, como vimos, esta imagem também foi citada pelo padre Antunes, quando acreditamos que a procissão já estava decadente.

Eis, portanto, a relação de andores com as imagens, da procissão das Cinzas de 1867, relatada pelo único Livro da Ordem Terceira da Penitência³⁴³, com seus respectivos “financiadores” ou, segundo descrito neste Livro, as pessoas a quem o andor “pertencia”; além da frase exibida em latim levada pelo anjo que acompanhava a cada um dos andores:

No 1º andor – a imagem de Nossa Senhora da Conceição. O anjo deste andor levava a tarja com as seguinte palavras: “*In conceptione tua, virgo, immaculata fuisti*”³⁴⁴. Ele pertencia aos noviços³⁴⁵.

2º andor – Nele, estava representado o “Salvador do mundo”, de pé tendo encostada a si uma cruz com esta legenda: *Tollat crucem suam*³⁴⁶. Um anjo caminhava adiante com a seguinte inscrição: *Factus obediens usque ad mortem*³⁴⁷. O encarregado deste andor era o irmão José Cláudio de Freitas. O Livro precisava ainda o cenário no qual a cena se passava, ao informar que “Tem este andor quatro ciprestes e quatro sanefas”³⁴⁸.

3º andor – Assim o descreve o Livro: “Nosso Seráfico Padre S. Francisco em pé leva uma cruz encostada a si e pegando n’ella com ambas as mãos, tem a sua cruz estas palavras: *Imitatores mei stote, sicut et ego Christi*”³⁴⁹. O anjo levava na tarja a seguinte inscrição: *Quicumque hanc regulam secuti fuerint, pax super illos*³⁵⁰. O encarregado deste andor era Francisco Mendes da Silva. De acordo com Maria Regina E. Quites, essa representação de Francisco de Assis é comum a todas as procissões de Cinzas, tanto no litoral, a exemplo de Recife e Rio de Janeiro, como nas cidades de Minas Gerais, como Outro Preto e Mariana, pois se refere a uma das passagens mais

³⁴³ Livro da Ordem Terceira da Penitência, Vitória. 2/03/1867. Cúria Metropolitana.

³⁴⁴ Na tua concepção, ó Virgem, fosse imaculada.

³⁴⁵ Frei Röwer escreve que o Convento foi casa de noviciado desde o princípio. O noviciado é para as Ordens religiosas o que é a família para a sociedade, pois aí são cultivadas as vocações, para seguir as finalidades da Ordem. RÖWER, 1957, p. 34-35.

³⁴⁶ Carregue a sua cruz.

³⁴⁷ Feito obediente até a morte. Em Siqueira temos que o anjo marchava à frente com a tarja: “*In livore ejus sanati sumus*” – fomos libertados pelo seu precioso sangue. SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁴⁸ Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 2 v. Cúria Metropolitana.

³⁴⁹ Sede meus imitadores, como o sou de Cristo. Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 3. Cúria Metropolitana.

³⁵⁰ Os que seguirem esta regra terão paz.

significativas da vida de Francisco, quando, ao abrir o Evangelho, para conhecer a vontade de Deus a respeito do modo de vida que devia seguir com seus primeiros discípulos, a última mensagem foi: “Quem quiser vir a mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mateus 12,24)³⁵¹.

4º andar - São Lúcio e Santa Bona, sua companheira, vestidos de terceiros, com seus rosários e disciplinas de penitência e mortificação da carne. O anjo que os precedia tinha a seguinte inscrição: *Quod Deus conjunxit, homo non separet*³⁵².

5º andar – Nele era representado São Guálter Bispo, vestido de murça roxa, com báculo, mitra branca e pluvial branco. O anjo levava a seguinte inscrição: *Consummatus in brevi, explevit tempora multa*³⁵³. Era seu encarregado o irmão Veríssimo Manoel de Aguiar.

6º andar – Santa Rosa de Viterbo, titular da capela da Ordem, vestida de terceira. Ela tinha ainda, na mão direita, uma cruz e nas pontas do regaço do seu manto, no lado esquerdo, levava rosas. Na cabeça havia uma *capella*³⁵⁴ e resplendor. O anjo levava esta inscrição: *Quase rosa, plantatio in jericho*³⁵⁵.

7º andar – Santo Ivo, doutor, representado de batina, banda, sobrepeliz e capelo. Tinha na mão esquerda um livro e na direita, uma pena. O anjo tinha esta inscrição: *Bonum certamen certavi, fidem servavi*³⁵⁶.

8º andar – Santa Margarida de Cortona, “vestida duma túnica de terceira”, conhecida por ser modelo de penitência. Ela era representada de joelhos, cingida com cilício, os cabelos desgrenhados, com um crucifixo na mão esquerda e uma disciplina na direita. O anjo tinha esta inscrição: *Mulier timens Dominum, ipsa laudabitur*³⁵⁷.

³⁵¹ QUITES, 2006, p. 78.

³⁵² O que Deus uniu, o homem não separa. Igualmente temos em SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁵³ Em pouco tempo de vida, realizou muitas coisas.

³⁵⁴ O termo significa capa pequena. Entendemos que seria uma forma de se referir ao véu.

³⁵⁵ Qual rosa plantada em Jericó.

³⁵⁶ Combati o bom combate e guardei a fé. Em Siqueira temos: “*Verbum Dei non est alligatum*” – Não se pode pear a palavra divina. SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁵⁷ A mulher temente a Deus será louvada. Em Siqueira temos: “*Agite paenitentiam; si eam non egeritis, omnes peribitis*” – Fazei penitência: si não a fizerdes, morrereis todos. SIQUEIRA, 1944, p. 110.

9º andar – São Luís Rei de França, empunhando na mão direita o cetro e na esquerda uma coroa de espinhos. O anjo tinha esta inscrição: *initium sapientiae est timor Domini*³⁵⁸.

10º andar – Nele era representado “o Beato Antônio de Noto”, negro, levando uma pedra na mão direita e um crucifixo na esquerda. O anjo que o precedia levava esta inscrição: *Niger in facie, sed formosus in corde*³⁵⁹. Esse andar pertencia ao irmão Antônio Francisco Salles.

11º andar - Esse andar portava a imagem de Santa Izabel Rainha de Portugal, com rosas no regaço do manto e uma coroa aos pés. O anjo tinha esta inscrição: *Mulierem fortem quis inveniet*³⁶⁰? Esse andar era do irmão de João Carvalho de Abrêo.

12º andar – Nossa Senhora do Rosário. O anjo tinha esta inscrição: *Hoc rozarium utile est hominibu*³⁶¹. A seus pés estava São Domingos, que não é mencionado pela crônica local³⁶². Como dissemos antes, Nossa Senhora do Rosário não faz parte do programa escultórico típico dos Terceiros Franciscanos. Nós a consideramos aqui, portanto, uma “devoção local”, embora se trate de uma invocação mariana difundida em todo o país.

13º andar – “Nosso Senhor Crucificado e Nossa Padre S. Francisco de joelhos recebendo nas mãos e pés as cinco Chagas do Senhor”³⁶³. O anjo portava a inscrição: *Mihi absit gloriari nisi in cruce Domini N. J. C*³⁶⁴. Este andar pertencia à Venerável Ordem Terceira da Penitência.

Com esta imagem, que mostrava aos fiéis São Francisco recebendo as “mesmas” chagas de Jesus, fechava-se, então, o cortejo dos andores. Seguia-se a passagem da comunidade de Religiosos, “acompanhados vão seis anjos juntos ao pátio com *turybulos* e navetas”³⁶⁵. “O pátio é novo carregado por Irmãos Sacerdotes na falta destes por Irmãos

³⁵⁸ O princípio da sabedoria é o temor de Deus. Em Siqueira temos: “*Bonum certamen certava, cursum consumavi*” - Disputei um bom combate, conclui minha gloriosa carreira”. SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁵⁹ Negro na face, mas formoso no coração. Assim o temos em SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁶⁰ Uma mulher virtuosa, quem a encontrará?

³⁶¹ Este rosário é útil a todos. Em Siqueira temos: “O anjo que marchava a frente da imagem do Rosário levava escrito o seguinte: *Sub tuum praesidium confugimus, sancta Dei genitrix*” - Nós nos submetemos à tua proteção, ó santa Mãe de Deus. SIQUEIRA, 1944, p. 109.

³⁶² Livro da Ordem Terceira da Penitência, Vitória, 1867. Cúria Metropolitana e ACHIAMÉ, 1999, p. 100.

³⁶³ Livro de Registro da Ordem Terceira de São Francisco - Vitória, 1867, p. 8. Cúria Metropolitana.

³⁶⁴ Estou longe de me vangloriar, a não ser na cruz de Cristo. Em Siqueira temos: “*Consummata est redemptio nostra*” – Está consumada a nossa redenção. SIQUEIRA, 1944, p. 110.

³⁶⁵ Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 8 v. Cúria Metropolitana.

Terceiros mais antigos e beneméritos da Ordem, de baixo do púlpito vai o Santo Lenho”³⁶⁶. Junto a este púlpito seguia um “coro de anjos que serviam de navicunários e turiferários incensando o Santo Lenho”³⁶⁷.

E, em seguida, o anjo tutelar da Ordem, assim descrito pelo Livro da Ordem: “que vai vestido de gala com azas brancas, burequins nas pernas e nas mãos o estandarte da mesma Ordem, com passo grava”³⁶⁸. As crônicas transcritas por Achiamé relatam que o Anjo da Ordem seguia:

de espada em punho, com seu escudo de cruz vermelha, com coturnos escarlates, armado de largas asas, coberto com capacete de guerreiro, tendo na frente três plumas ou penachos encarnados que se agitavam ufanos pelo movimento compassado do corpo, seu peito era enfeitado com jóias e pedras preciosas³⁶⁹.

Era comum que nas procissões como essa fosse também levado o Santíssimo, sob um púlpito – que formava o lugar ou o ambiente sacro³⁷⁰. Isso era causa de umas das maiores preocupações para as autoridades religiosas, em função da sacralidade daquele objeto. A condução do púlpito não poderia ser realizada por uma pessoa qualquer, e sim preferencialmente pelo padre. O Livro da Ordem assim especifica sua condução:

O púlpito deve ser novo, e o devem levar os senhores sacerdotes, levando-os, em falta d’eles, os Irmãos que já servirão de Ministros, em falta os que foram Vice Ministros, ou outros cargos distintos: como se costuma convidar para esta procissão os Terceiros do Carmo, o Irmão Ministro actual mandará pelo irmão vigário da Ordem pedir ao Prior da dita Ordem dos Terceiros seus irmãos dos mais beneméritos para levarem com os nossos treze irmãos as varas do púlpito, e darão aos treze Terceiros do Carmo as varas do púlpito da parte direita como hóspedes convidados³⁷¹.

No que concerne aos andores com as imagens, o ponto forte da procissão de Cinzas, é interessante estabelecer comparações com outras cidades. Em Recife, por exemplo, os andores com suas respectivas imagens, acompanhados por dois anjos, obedeciam à seguinte ordem, segundo a pauta da procissão de Cinza em 1739: 1º andor: Nossa Senhora da Conceição com dois anjos, conduzido pelos noviços assim como em Vitória;

³⁶⁶ Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 8 v. Cúria Metropolitana.

³⁶⁷ ACHIAMÉ, 1999, p. 100. Navicunários: portadores da naveta – vaso pequeno com feitiço de barco, para guardar incenso. Turiferários: Os que levam o turíbulo – vaso onde se queima o incenso.

³⁶⁸ Livro da Ordem Terceira da Penitência - Vitória, 1867. p. 8 v. Cúria Metropolitana.

³⁶⁹ ACHIAMÉ, 1999, p. 100. Em SIQUEIRA, Padre Antunes. *Esboço Histórico dos costumes do povo Espírito-Santense*. Vitória: Imprensa Oficial, 1944, p. 110. Temos que “A diante do púlpito, ia um moço esbelto vestido de anjo da ordem com capacete romano cobrindo-lhe a cabeça”.

³⁷⁰ FLEXOR, 2005, p. 168.

³⁷¹ Livro da Ordem Terceira da Penitência, Vitória, 1867, p. 9. Cúria Metropolitana.

2º andor: Jesus Cristo com a cruz às costas. 3º andor: São Francisco com cruz às costas. 4º andor: O pontífice confirmando a Regra. 5ª andor: São Lúcio e Santo Nona. 6º andor: São Vivaldo. 7º andor: Santa Rosa de Viterbo. 8º andor: Santa Ângela de Fulgino. 9º andor: Santa Izabel, rainha da Hungria. 10º andor: São Luiz, rei de França. 11º andor: Santa Margarida de Cortona. 12º andor: São Roque. 13º andor: Santa Izabel. Rainha de Portugal. 14º andor: São Ivo Doutor. 15º andor: Jesus Cristo Glorioso dando três moedas a São Francisco. 16º andor: São Francisco recebendo as chagas. 17º andor: São Francisco morto³⁷².

Podemos observar que no Recife havia quatro andores a mais na procissão, se comparado a Vitória. Nos três primeiros andores figuravam as mesmas representações, mas enquanto encontramos em Vitória Nossa Senhora do Rosário, São Guálter e Santo Antônio de Noto, em Recife, figuram o pontífice confirmando a Regra, São Vivaldo, Santa Ângela de Fulgino, São Roque, Jesus Cristo Glorioso dando três moedas a São Francisco. Além disso, embora não encontremos em Vitória registros da imagem de São Francisco morto, encontramos a descrição de sua procissão. Isso só vem a reforçar o que dissemos anteriormente, a respeito das particularidades regionais dessa procissão encontradas por Maria Regina E. Quites. Em Recife, a procissão está muito mais voltada para episódios da vida de São Francisco, culminando no paralelo entre o santo e o Cristo. Além disso, em 1804 não há relato do andor de São Francisco com a cruz as costas e de São Francisco morto na procissão de Recife³⁷³. Era comum essas variações acontecerem nessa procissão, acrescentando ou tirando representações e andores.

A historiografia capixaba pouco se dedicou ao estudo da procissão de Cinzas, que é apenas mencionada de forma fragmentada por alguns autores³⁷⁴. Tampouco temos como foi dito antes, muitas fontes que a descrevam. Não sabemos, assim, se em algum momento ela chegou a ter em Vitória esse mesmo caráter de “espetáculo”, como acontecia, por exemplo, no Rio de Janeiro, onde essa prática se estendeu de 1640 até 1862. No Rio, ela era talvez mais cenográfica que penitente e bastante aparatosa. Um registro de 1695 nos informa, por exemplo, que a procissão teria 24 anjos vestindo

³⁷² PIO, 1937, p. 64-76.

³⁷³ PIO, 1937, p. 78-81.

³⁷⁴ A exemplo de FREIRE, 1954, sp e SIQUEIRA, 1944, p. 108-110. BONICENHA, 2004; além do já citado ACHIAMÉ, 1999. Entre os que não fazem referência estão: RÖWER, 1957, ELTON, 1987; LOPES, 1997; NOVAES, 1969 e CARNIELLI, 1999.

túnicas de tafetá roxo³⁷⁵, e cada grupo escultórico era precedido por um anjo que levava cartaz explicativo. Segundo Debret, elas “conservaram seu caráter bárbaro, isto é, o exagero de que fora preciso revesti-las para impressionar os índios, apresentando-lhes imagens esculpidas e coloridas de gigantes proporções”³⁷⁶. E complementa:

Daí a origem das procissões brasileiras, imitadas das espanholas. Essa espécie de cerimônia religiosa tornou-se para a cidade do Rio de Janeiro, uma oportunidade de luxo e de divertimento público e de exibição de trajes elegantes para todas as senhoras, as quais aproveitam a festa para se mostrar nos balcões à passagem do cortejo. Observe-se também a vaidade das irmandades religiosas de cada igreja, cujo orgulho faz com que procurem se distinguir exigindo nesses passeios a extrema riqueza dos ornatos que mantêm com grandes despesas³⁷⁷.

Não se sabe se o mesmo caráter de divertimento, com mostra de roupas extravagantes e outros aparatos encontrados no Rio de Janeiro, se repetia em Vitória. Mas, de toda forma, na mesma época em que nos concentramos, a década de 60 do século XIX, a procissão de Cinzas do Rio de Janeiro já tinha tido uma drástica diminuição: dos vinte e quatro andores, o número havia baixado para vinte, depois quinze andores e, no ano de 1862, eram apenas treze andores, como em Vitória.

Em Vitória, depois do relato da procissão de 1867, encontramos registros da realização da procissão de Cinzas apenas em 1868, e que foi provavelmente a última³⁷⁸. Meses mais tarde, ainda no ano de 1868, em outubro, houve uma grande discussão dentro da capela dos Terceiros da Penitência, entre o então Guardião, frei João do Amor Divino Costa, e os irmãos Terceiros da Penitência após a procissão a São Benedito. Somente com a presença da polícia conseguiu-se a calmaria³⁷⁹. O motivo da confusão não fica claro nas fontes, embora ocupe várias páginas de um periódico local. São descritas trocas de ofensas de cada lado, e o guardião proibiu os Terceiros de fazerem reunião da Mesa no convento. Em resposta, os Terceiros afirmaram que se reuniriam em outro local e frei João disse que impugnaria suas eleições³⁸⁰.

³⁷⁵ BARATA, 1975, p. 56.

³⁷⁶ DEBRET, 2008, p. 55.

³⁷⁷ Ibid., p. 56.

³⁷⁸ *Jornal da Victoria*, Vitória, 15 fev. 1868, p. 4. A M de Andrade e Almeida.

³⁷⁹ *Jornal da Victoria*, Vitória, 10 out. 1868, p. 3. Era síndico José da Silva Cabral.

³⁸⁰ Em 1824 registra-se que foi retirado o SS Sacramento da capela dos Terceiros de Vitória mediante ordens do Ministro Provincial, executada pelo frei Francisco do Monte Alverne, devido a desobediências e “sacrilégios feitos em frente ao Senhor Sacramentado”. RÖWER, 1957, p. 62. A provisão para colocação do Sacrário na capela dos Terceiros havia sido dada pelo Bispo José Caetano da Silva Coutinho em sua visita ao Estado em 1818. COUTINHO, 2002, p. 128.

Desarticulados os Terceiros, nos vinte anos que se seguiram não mais encontramos menção à procissão de Cinzas. Em 1883 os atos da Semana Santa foram na igreja Matriz, com “festa da Ascensão do Senhor no convento São Francisco, com missa”³⁸¹, mas nenhum ato se deu na capela da Ordem Terceira.

Dezenove anos mais tarde, em 1887, alguns irmãos Terceiros voltaram a se reunir – o que se noticiou como sendo a “antiga e respeitável corporação religiosa [que] ressurgiu do abandono”. A nova Mesa era composta por pessoas influentes na sociedade capixaba como políticos e seus familiares³⁸². Estrategicamente, dias após a eleição, encontramos uma reportagem sobre o “espetáculo” que foi a Procissão de Cinzas em Diamantina, que saindo da capela de S. Francisco da Penitência, com “muita decência como se esperava diante da administração da capela”, percorreu as ruas com vinte e um andores, de lindas imagens, muitos quadros significativos e figuras representativas³⁸³. Talvez se tratasse de uma tentativa de convencer os moradores de Vitória da importância ou do significado dessa procissão. Mas naquele ano a procissão não foi realizada.

No ano seguinte, em 1888, encontramos um convite do Ministro da Ordem Terceira para que todos assistissem “as profissões que devem ter lugar quarta-feira de Cinzas, depôs da missa, que será celebrada as 8 horas da manha, na capela da ordem terceira”³⁸⁴. Não fica claro se houve de fato a procissão de Cinzas. Em momento algum existe o convite específico para a procissão, como nos anos anteriores. Acreditamos que de fato o cortejo não tenha saído, pois em seguida temos o seguinte programa, onde não encontramos a procissão.

³⁸¹ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, quinta-feira, 3 maio 1883, p.3.

³⁸² *A Província do Espírito Santo*, Vitória, sexta-feira, 22 abr. 1887, p. 3 e 4. Major José Furtado de Mendonça para ministro, capitão Francisco Rodrigues de Barcellos Freire para vice-ministro e capitão João A. Barbosa Brandão para secretário; procurador geral: Manoel Pinto Aleixo, síndico: Miguel Antonio Villas-Bôas, mestre de noviços: Manoel Gomes das Neves Pereira, vigário de culto: José Freira da Silva e tenente Philomeno d’Andrade Gomes Rezendo, andador: Antonio Pinto Cezimbra, Definidores: Padre Francisco Antunes de Sequeira, Padre João Pinto Pestana, Capitão Luiz Barbosa dos Santos, Cândido Vieira da Costa, Major Sebastião Fernandes d’Oliveira, Augusto Manuel de Aguiar, João Dukla Rodrigues Atalaia, Antonio da Cunha Lima, Marcellino Pinto d’Almeida, Fortunato Cobuzio, Francisco de Sousa Lopes, José de Sant’Anna Lopes, Ministra: D. Maria Pereira da Penha Sampaio Meirelles, Vice-Ministra: Áurea da Fraga Ribeiro d’Almeida, Mestra de Noviças: D. Maria Pinto Pereira, Zeladora: D. Maria Francisca Freire. Definidoras: Maria Carolina Pinto Ferraz, Emilia Ferreira Rufino Lopes, Francisca Pinto de Jesus, Seraphina Boudousaler, Berthilia Ciello Florista Freire, Maria Clara Barbosa de Figueiredo, Luiza Cândida da Costa Ribeiro, Anna Maria de Jesus Brandão, Francisca Ribeiro das Dores, Maria Leopoldina Ribeiro, Anna Eduvirges Freire, Maria Rodrigues de Freitas Silveira. Consistório de Santa Rosa de Viterbo na Ordem 3ª de S. Francisco da Penitência. 10 de abril de 1887.

³⁸³ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, ano VI, n. 136, sábado, 23 abr. 1887, p. 3.

³⁸⁴ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, sábado, 11 fev. 1888.

Na igreja dos Franciscanos celebram-se atos da Sagrada Paixão e Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, no domingo com distribuição de palmas, quinta-feira missa, desnudação dos altares, lava-pés, sermão. Sexta-feira Paixão adoração da Cruz, e consumação da hóstia. A noite procissão do enterro do Senhor, sábado bênção do fogo novo do incenso, do Sírio pascal, d'água litanias e missa das Aleluias, domingo procissão da ressurreição e missa³⁸⁵.

É importante frisar que a progressiva extinção da procissão de Cinzas no final do século XIX não foi um fenômeno exclusivo de Vitória, tendo se estendido por várias cidades do litoral brasileiro. No Rio de Janeiro, a procissão foi realizada até 1862. Devido à irreverência popular durante o cortejo, resolveu então a Ordem a suspendê-la³⁸⁶. Em Salvador, em 1840 já não havia tanto fervor por parte dos Irmãos da Ordem, deliberando a Mesa que não se fizesse a procissão por falta de dinheiro e também pela falta de quem carregasse os andores³⁸⁷. Em São Paulo, em 1887, atesta-se a pouca frequência dos irmãos, bem como a falta de material para que fizesse a procissão com decência³⁸⁸. No Recife, em 1831, a Ordem em dificuldades financeiras diminuiu o número de andores, até a extinção³⁸⁹. A procissão permaneceu apenas em algumas regiões de Minas Gerais até meados do século XX, em especial na cidade de Mariana, que teve a procissão até o ano de 1944³⁹⁰ (sendo incluída a festa de Nossa Senhora da Conceição³⁹¹) e no Serro, até 1957³⁹². Maria Regina E. Quites estabeleceu uma tabela comparativa de procissão de Cinzas, à qual acrescentamos a cidade de Vitória³⁹³.

LITORAL	INÍCIO / TÉRMINO
OLINDA	1620 - (-)
RECIFE	1710 - 1864
SALVADOR	1649 - 1862
RIO DE JANEIRO	1640 - 1862
SÃO PAULO	1686 - 1886
VITÓRIA – ES	? - 1868

Em Vitória, de forma documentada, a procissão de Quarta-Feira de Cinzas ocorreu nos seguintes anos do século XIX, que aqui sintetizamos conforme relatado no texto:

³⁸⁵ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, sexta-feira, 16 mar. 1888. João Antunes B. Brandão.

³⁸⁶ QUITES, 2006, p. 194.

³⁸⁷ Id., Ibid.

³⁸⁸ Id., Ibid.

³⁸⁹ PIO, 1937, p. 84.

³⁹⁰ QUITES, 2006, p. 203-204.

³⁹¹ Ibid., p. 193.

³⁹² Ibid., p. 206.

³⁹³ Ibid., p.127.

VITÓRIA - ES	1849	1850	1854	1855	1857	1867	1868
--------------	------	------	------	------	------	------	------

Entretanto, acreditamos que ela tenha acontecido em datas anteriores. Embora não tenhamos encontrado menções na documentação pesquisada, cabe sempre lembrar que esta é muito lacunar.

Onze anos depois da reorganização dos Terceiros (1887), a Ordem já estava novamente decadente. Mas com a criação do Bispado, a Semana Santa ganharia uma nova configuração: em 1898, o bispo definiu sua organização e autorizou a comissão organizadora a esmolar³⁹⁴ pela cidade para angariar fundos para as cerimônias que ser realizariam na igreja Matriz da cidade. No ano seguinte, em 1899, D. Nery pediu que houvesse mais organização “para a boa ordem das procissões que tem de se realizar na Semana Santa”³⁹⁵.

O último Ministro eleito da Ordem Terceira foi Manoel Soares de Freitas³⁹⁶ e antes dele, havia sido eleito, em 1908, o major Aristides Freire³⁹⁷. Não sabemos de que maneira esses irmãos deram prosseguimento às atividades da Ordem Terceira. Naquele ano, 1908, a programação da Semana Santa, sob encargo do bispo D. Fernando, contou com missa, procissão do SS Sacramento, Adoração, denudação dos altares, sermão de Trevas, na Sexta-feira Santa canto da Paixão, sermão das monções e orações, adoração da Cruz, procissão, missa dos “presantificados”, à tarde, Trevas, procissão do Senhor Morto, sermão de lágrimas, e no sábado, bênção do fogo novo, procissão com círio triangular, canto do *exultet*, as “professias”, bênção da pia batismal, ladainha de todos os santos, missa de aleluia e vésperas. Relatos nos dizem que a procissão do Senhor Morto saiu do convento São Francisco³⁹⁸. A programação se repetiu nos anos seguintes³⁹⁹ sem saída da procissão do enterro do convento. Em 1920, houve missa na

³⁹⁴ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, n. 50, quarta-feira, 2 mar. 1898, p. 2.

³⁹⁵ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, n. 75, quinta-feira, 31 mar. 1898, p. 1.

³⁹⁶ FREIRE, 1954. sp.

³⁹⁷ Vice-ministro: Antero Gonçalves, secretário: Antonio Cesimbra, síndico: Nelson Costa; procurador geral: Antonio Nascimento; definidores: Moreira Dantas, Adalberto Cabral, Antonio da Cunha, Ricardo Gianordoli, João Machado e Francisco Silva, Vigários de culto: Antonio Bermude e Hermenegildo Borges; mestre de noviços: Casimiro Guimarães, ministra: D. Romana Couto, vice-ministra: D. Deolinda Sacardi, definidoras: D. Anaa do Nascimento, Emilia Durães, Claudina do Nascimento, Berdilia Freire, Eulália Serrat, Lina d’Azevedo, Maria Silva e Sizinha d’ Oliveira, zeladora: D. Maria Freire, mestra de noviças: D. Maria Pereira. *Diário da Manhã*, Vitória. 20 set. 1908.

³⁹⁸ *Diário da Manhã*, Vitória, 15 abr. 1908, p. 2.

³⁹⁹ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 22 mar. 1910, p. 2.

igreja de São Gonçalo, com bênção e distribuição de Cinzas pelo bispo⁴⁰⁰. Enfim, através das fontes escritas, vemos que pelo menos de 1915 até 1932 a Semana Santa em Vitória foi organizada por uma comissão, juntamente com o bispo.

Não encontramos referências a respeito do destino das imagens da procissão de Cinzas após 1868. É importante lembrar que as imagens utilizadas na procissão de Cinzas, em sua maioria, eram de vestir e eram somente processionais. Conforme citado no capítulo 2, o bispo diocesano D. Nery, em sua visita pastoral à Ordem Terceira em 1898, relatou ter encontrado “onze estátuas e armação - verônicas braços e pés⁴⁰¹”, e “nove andores em bom estado e sanefas”, concluindo: “A Ordem Terceira de S. Francisco se acha decadente. Nem compromissos possui e poucos confrades aparecem”⁴⁰². Não sabemos, no entanto, onde essas imagens eram guardadas. Mas acreditamos que, assim como em Recife, as imagens de vestir da procissão de Cinzas de Vitória, ficavam guardadas em “caixas⁴⁰³” ou “caixões”⁴⁰⁴ como relata Fernando Pio no Recife. Isso porque Mário Freire fala de um Crucificado que ficava guardado “dentro de uma caixa, das que, ao tempo da colônia, serviam de assento”, que foi retirada do “monumento fúnebre”, ou ossuário geral construído no pátio do antigo convento⁴⁰⁵. Aberto este ossuário, “a cabeça que diziam ser de Santo Ivo, honestíssimo advogado Bretão, encontrado no dito monumento, está no Museu”⁴⁰⁶.

Como bem observou Maria Regina E. Quites:

As imagens de vestir possuem vários níveis de perdas que comprometem a unidade potencial da obra ou sua legibilidade. Podemos chamar de fragmentos, quando tais partes remanescentes de uma obra, não fornecem nenhuma informação formal ou iconográfica da imagem representada e não permitem a reconstituição de sua unidade. Temos como exemplos mais comuns, cabeças, braços, antebraços, mãos, pés, peças de articulações, que são totalmente desprovidos de qualquer informação⁴⁰⁷.

⁴⁰⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, terça-feira, 17 fev. 1920, p. 2.

⁴⁰¹ O termo “verônicas” vem de *vera ícone*, ou seja, verdadeira imagem. Esse termo é atribuído à imagem do Cristo que teria ficado impresso no pano da mulher que nele enxugou o rosto do Cristo no caminho do Calvário. Ela, que não é nomeada na Bíblia, começou a ser conhecida pela tradição como Verônica: verdadeira imagem. PEREIRA, 2009.

⁴⁰² Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁴⁰³ FREIRE, 1954, sp.

⁴⁰⁴ PIO, 1937, p. 83.

⁴⁰⁵ FREIRE, 1954, sp.

⁴⁰⁶ *Ib.*, *Ibid.*

⁴⁰⁷ QUITES, 2006, p. 332.

Não se sabe como Mário Freire chegou a ter certeza da identidade da cabeça encontrada, esculpida em madeira, e o próprio bispo havia sido bastante vago, sem precisar de quais verônicas se tratava. No entanto, como bem observaram Maria Regina E. Quites e Maria Cristina Pereira, não é comum haver representações de Santo Ivo de barba, como a cabeça encontrada em Vitória. Assim, é mais provável que tenha havido um erro na identificação iconográfica, e que seria de fato uma cabeça de São Francisco de Assis, de uma das imagens de vestir da capela dos Terceiros ou mesmo da igreja conventual. Ou até mesmo, e é uma hipótese nossa, da cabeça do São Francisco da Estigmatização do altar-mor da capela dos Terceiros, uma vez que o tamanho seria compatível, assim como o trabalho cuidadoso na talha.

Ainda de acordo com Quites, as Ordens Terceiras litorâneas, em geral, guardam as imagens processionais de vestir em locais separados, mas não necessariamente em caixas⁴⁰⁸. No Rio de Janeiro, por exemplo, elas estão guardadas em “armários vitrines”; em Salvador, em nichos da “Casa dos Santos”; e em São Paulo, guardadas nas dependências da Ordem, mas não expostas⁴⁰⁹. Em Vitória, pelo visto elas também não ficavam expostas, entretanto seu destino final foi a perda generalizada de suas partes, restando apenas a cabeça de madeira identificada de forma equivocada, como sendo de Santo Ivo.

3.3.2 – PROCISSÕES DE SÃO BENEDITO DA IRMANDADE DE SÃO BENEDITO DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO E DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DA IGREJA DO ROSÁRIO

Os santos negros desempenharam papel fundamental no sistema de conversão dos negros ao catolicismo no período colonial, implementado principalmente pelos Carmelitas e Franciscanos. A história de suas vidas contadas pelos freis e padres, entremeadas de cenas de milagres dando ênfase, sobretudo, à proteção contra as adversidades, acabaram por compor mitos que conferiam poderes às suas imagens, construindo assim um imaginário religioso⁴¹⁰.

Ao lado de Nossa Senhora do Rosário, invocação da Virgem cultuada já pelos africanos antes de serem trazidos para o Brasil, Santa Ifigênia, São Elesbão e São Benedito eram

⁴⁰⁸ Ibid., p. 353.

⁴⁰⁹ Id., Ibid.

⁴¹⁰ BORGES, 2005, p.153.

os mais cultuados pelos escravos – e sobretudo este último. Sua devoção já era conhecida no Rio de Janeiro em 1612. E em todo o Brasil colonial, por causa da forte presença franciscana, não havia quase nenhuma cidade, vila, povoado, igreja ou capela que não tivesse uma imagem dele.

Em Vitória, o São Bendito sempre foi muito venerado, tanto no convento de São Francisco, onde estava sediada a Irmandade de São Benedito, como na igreja do Rosário dos Homens Pretos (no Morro do Vigia, também no Centro de Vitória), onde existia a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Pe. Adwalter Carnielli, a primeira Irmandade de São Benedito em Vitória foi fundada no convento de São Francisco aproximadamente no ano de 1686, agregando escravos, ex-escravos e homens pardos⁴¹¹. Mas para frei Basílio Röwer, ela existiria desde os primeiros tempos franciscanos, tendo sido criada para os escravos, muitos dos quais haviam participado na construção do convento⁴¹².

Com o passar dos anos, a irmandade passou a aceitar também pessoas livres de boa condição social. Frei Apolinário, em 1730, escreve que as pessoas mais importantes do lugar porfiavam em serem juízes e mordomos de sua festa⁴¹³. De toda forma, o objetivo inicial da irmandade era, além do culto ao santo, com direito à realização de procissão, permitir aos escravos a possibilidade de conseguir com mais facilidade a alforria, além de terem sepultura no cemitério da irmandade⁴¹⁴.

Acerca do convento de São Francisco de Vitória, o primeiro relato que encontramos a fazer referência à procissão de São Benedito nos informa que a imagem saía à tarde, sendo o cortejo acompanhado por fogos de artifícios. O grito do leilão também enchia a igreja e o batuque pelas ruas aquecia o ritmo da festa⁴¹⁵. Ela era a única procissão que percorria toda a vila: frei Apolinário escreve que São Benedito “andava fora, como médico a visitar os enfermos”. Assim, a imagem do santo costumava demorar a voltar

⁴¹¹ CARNIELLI, 2006, p. 188.

⁴¹² RÖWER, 1957, p. 63.

⁴¹³ Ibid., p. 62.

⁴¹⁴ Id., Ibid.

⁴¹⁵ HAUCK, 1980, p. 115.

ao convento, o que levou por vezes o Guardião determinar que ela fosse restituída sob “penas eclesiásticas”⁴¹⁶.

São Benedito, segundo frei Basílio Röwer, poderia ser considerado um grande benfeitor do convento franciscano: “Não somente durante a sua festa mandava-se à comunidade grande quantidade de carne, doces e outras coisas, mas continuamente traziam os devotos as suas esmolas em ação de graças por benefícios recebidos pela intercessão do Santo Preto”⁴¹⁷.

Entre os poucos documentos anteriores ao século XX referentes à Irmandade de São Benedito, sabe-se que em 1831 ela ocupava a antiga enfermaria do convento. Em fins de 1833, ou início de 1834, após desabar o telhado, a própria irmandade fez os consertos para não ficar desalojada⁴¹⁸. Este episódio é importante, pois acentua o sentido de pertença que os devotos de São Benedito tinham em relação às instalações do convento de São Francisco. Com o passar do tempo e com o abandono daquele pelos frades, os irmãos passaram a cuidar praticamente sozinhos da edificação franciscana, e não davam conta de manter conservada tamanha arquitetura.

Ainda nessa data se deu um episódio que é muito discutido pela historiografia capixaba. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, cuja igreja havia sido construída no ano de 1765⁴¹⁹, também era constituída em sua maioria por escravos que prestavam culto a Nossa Senhora do Rosário. E estes queriam também, por conseguinte, fazer procissão a São Benedito. Essa duplicidade acabou gerando desentendimentos entre os devotos do Convento e os da igreja do Rosário. Como resume Maria Stella de Novaes, “a religião naquele tempo era assim: brigas e partidos, procissão e foguetes”⁴²⁰.

Todo o barulho feito através do uso de girândolas, iluminação e foguetes nessas procissões remonta-se à idéia de que, segundo Debret, se acreditava que o ruído despertasse para o dia de sua festa o santo padroeiro, “que se imagina adormecido durante o resto do ano”. Por esse motivo, nas vésperas das festas religiosas queimavam-se fogos de artifícios nas ruas, afim inclusive de forçar o *homenageado* a tomar “*parte*

⁴¹⁶ RÖWER, 1957, p. 62.

⁴¹⁷ Id., Ibid.

⁴¹⁸ NETO, Gomes. Apud RÖWER, 1957, p. 63.

⁴¹⁹ CARNIELLI, 2006, p. 191.

⁴²⁰ NOVAES, 1969, p.174.

*ativa nas manifestações de seus devotos*⁴²¹. E na cidade de Vitória essa prática esteve muito presente em todas as procissões e festas dos santos e santas locais.

Assim, em 1832, o guardião do convento, frei Manuel de Santa Úrsula, por estar chovendo, não permitiu sair do convento a procissão em homenagem a São Benedito, como de costume, no mês de dezembro. Criou-se, com essa atitude, um impasse entre o frei e os devotos. “Não consentia o frei expor-se o Santo e o acompanhamento à grossa chuva que caía na tarde de 27 de dezembro de 1832, insistiam os pretos, entusiasmados, e trocarão-se palavras chegando-se quase as vias de facto”⁴²². Dias depois, não cessadas as discórdias, o frei atirou no adro do convento todos os livros e pertences da irmandade como opas, bancos e livros⁴²³. E como havia boatos a respeito de um plano para furtar a imagem de São Benedito do convento e levá-la para a igreja do Rosário, frei Manuel de Santa Úrsula retirou a imagem do altar e guardou-a em uma saleta⁴²⁴.

Estando o mesmo frei em viagem para o Rio de Janeiro, em 23 de setembro de 1833 pela manhã, aproveitando-se da solidão do convento, Domingos do Rosário, Antônio Mota e Elias de Abreu conseguiram roubar a imagem de São Benedito⁴²⁵. Segundo Pe Adwalter Carnielli, no mesmo dia, vários irmãos da Irmandade de São Benedito se juntaram aos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário para comemorarem o feito⁴²⁶. A partir desse acontecimento, a cidade se dividiu em duas facções políticas, ambas devotas de São Benedito. Inconformada, a irmandade do convento encomendou uma nova imagem para o seu altar, esculpida por Francisco Chagas Coelho, em 1835⁴²⁷. A partir daí, passaram a sair duas procissões, com seus respectivos oragos, em datas diferentes.

De um lado, vestida com a cor verde, apelidada de Caramuru (peixe considerado de boa qualidade), simpatizante do Partido Liberal, estava a irmandade do convento de São Francisco, ao passo que do outro, situava-se a irmandade da igreja do Rosário, chamada de Peroá (peixe inferior ao caramuru), comprometida com os ideais do Partido

⁴²¹ DEBRET, 2008, p. 198.

⁴²² *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 28 dez.1910, p. 1; ALEIXO, Alceu. *Histórias da História capixaba*, 1958. p. 9; SIQUEIRA, 1944, p. 80.

⁴²³ ELTON, Elmo. *São Benedito sua Devoção no Espírito Santo*. DEC: Vitória, 1988. p. 17.

⁴²⁴ Ibid.

⁴²⁵ NOVAES, 1969, p. 62.

⁴²⁶ CARNIELLI, 2006, p. 189.

⁴²⁷ ELTON, 1988. p. 21; SIQUEIRA, 1944, p. 81; ALEIXO, 1944, p. 13.

Conservador ou “partido da ordem”, fazendo uso de vestes azuis⁴²⁸. Não havia uma terceira possibilidade. A cidade também se dividiu, com bases em interesses e ideais políticos. Devido à rivalidade existente entre as duas facções, em 9 de janeiro de 1835, por aviso do governo Imperial, visando à manutenção da ordem pública, as duas irmandades foram cassadas⁴²⁹, sendo anos mais tarde autorizadas a sair em procissão sob autorização da polícia local. Contudo, as rivalidades entre as duas irmandades perduraram. Um detalhe revelador a respeito desses conflitos pode ser visto nos constantes anúncios publicados nos jornais pela irmandade do convento apregoando a compra de valiosos adereços para sua imagem, como “uma bem trabalhada custódia cravejada de pedras de cores”⁴³⁰, ou por ter recebido “um esplendido guião para as procissões”⁴³¹.

Uma forma de amenizar as discussões entre as duas irmandades foi a implementação do rodízio da “vara” do santo. Ou seja, do início do ano até a metade desse mesmo ano, a Irmandade de São Benedito do convento ficava com a vara, o que significava que tinha permissão para iniciar suas festividades, ao passo que os devotos do Rosário ficavam em “silêncio”. Na metade do ano, os devotos do convento iam pessoalmente levar a vara para os devotos de São Benedito do Rosário. A partir da entrega da vara, era permitido iniciar as festividades do santo daquela igreja. E o recebimento da vara já era uma verdadeira festa. Assim descreve esse sistema um jornal do início do século passado:

Estão em festas os peroás pela ascensão de seu partido: e no meio do entusiasmo que os desperta pelo recebimento da vara; que lhes entrega o partido caramuru, vão dar começo a formulação dos projectos que terão de ser realizados por ocasião da festa de seu Orago. A foguetaria, a musica, a iluminação que se fará brilhante, dando hoje magnífico aspecto a Egreja do Rosário, é o testemunho do prazer com que eles assumem o poder sem a rivalidade de outros tempos, em que os dous partidos se degladiavam como inimigos, na mesma razão das agremiações políticas (...) Estão em festas os peroás recebendo gentilmente a vara dos irmãos Alexandre Muniz e Herculano representantes do partido Caramuru. Em conferencia prometeram Joaquim Azevedo e Joaquim Pescadinha dos Peroás, o maior interesse pela grandeza do culto divino⁴³².

Em 1905, no entanto, D. Fernando de Sousa Monteiro proibiu a saída das duas procissões de São Benedito, justificando-se porque “sempre terminavam em brigas

⁴²⁸ CARNIELLI, 2006, p. 189.

⁴²⁹ Id., Ibid.

⁴³⁰ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 16 maio 1902, p. 1.

⁴³¹ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 8 maio 1902, p. 1. Da Casa Cruz Irmãos & Comp, por 800\$000 reis.

⁴³² *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 6 jun. 1901, p. 2

odiosas tanto em terra como no mar, obrigando a polícia a restaurar a ordem sempre que eram realizadas”, e porque sempre havia muito abuso de bebidas alcoólicas e divertimentos mundanos⁴³³. Desobedecendo ao bispo diocesano, a Irmandade de São Benedito do convento de São Francisco promoveu uma quermesse no adro do convento, o que fez com que D. Fernando de Sousa Monteiro decretasse fechada a igreja de São Francisco. A partir daí a irmandade foi aos poucos se desfazendo, deixou de existir⁴³⁴, só retorno em 1919 como Irmandade de Santo Antônio dos Pobres.

A irmandade estabelecida na igreja do Rosário havia sido desfeita no início do século XX⁴³⁵, mas conseguiu, com a chegada do novo bispo diocesano, D. Benedito Paulo Alves de Sousa, em 16 de junho de 1918, uma autorização para voltar a sair em procissão pelas ruas da cidade⁴³⁶, como de costume, em 27 de Dezembro. (Figuras 53 e 54).

Para Wallace Bonicenha,

O fato é que em Vitória, as Irmandades religiosas vão sendo dissolvidas e poucos ofícios são realizados nos templos históricos, que vão perdendo suas características e seu acervo. Diante do descaso dos seus integrantes, os ritos também perdem suas características assim como os prédios carecem de restauração⁴³⁷.

Na realidade, mais que extinção, podemos falar em mudanças. Em 1919, mesmo com as instalações do convento franciscano em ruínas⁴³⁸. Reuniram-se os irmãos da extinta Irmandade de São Benedito na Capela da Ordem Terceira da Penitência e

(...) por Lei Canônica não podia na mesma freguesia haver duas irmandades sobre a invocação do mesmo Santo, entretanto, Sr Bispo, tendo muito em conta as tradicionais festas e o espírito religioso da extinta Venerável Episcopal Irmandade de S. Benedicto de S. Francisco, não punha dúvidas em consentir que os seus irmãos reconstituíssem-na sob outra invocação, embora festejando nas épocas prefixadas antigamente o Thaumaturgo de Cicília, S. Benedicto, sem prejuízo das festas solenes do seu novo Patrono, e assim, propunha fosse ella reconstituída com os antigos irmãos da extinta Irmandade e novos que a ella quizerem pertencer a denominação de Irmandade de Santo

⁴³³ CARNIELLI, 2006, p. 190.

⁴³⁴ BONICENHA, 2004, p. 154.

⁴³⁵ Id. Ibid.

⁴³⁶ Id. Ibid. e ELTON, 1988. p. 37 e 38.

⁴³⁷ Ibid., p. 51.

⁴³⁸ Desde o ano de 1891 se iniciou o movimento de restauração da Província Franciscana no Brasil através de religiosos vindos de Santo Cruz, Alemanha, como de fato aconteceu, contudo, em Vitória, no ano 1898 o Convento foi entregue a Mitra Diocesana, recém criada em 15/11/1895. Desde então o convento não sofreu nenhum tipo de reforma por parte da Diocese.

Antônio dos Pobres, por ser a mesma installada em mesmo Convento e ter sido Santo Antônio um milagroso e caritativo Frade⁴³⁹.

Definiu-se a administração provisória da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres (sua devoção já existia desde 1917), bem como organizadas comissões para diversos fins, como reformas, compra de paramentos e outras necessidades face às despesas “com urgentes obras do Convento”⁴⁴⁰. O bispo “offereceu para serem collocados no convento o altar-mór e as urnas necessárias para os altares lateral”⁴⁴¹, que foram retirados da antiga igreja Matriz, bem como a doação dele por “si e alguns amigos particulares”, de “uma bella imagem de Santo Antonio”⁴⁴².

Estiveram presentes cerca de oitenta pessoas. Podemos notar a vontade por parte dos antigos irmãos de São Benedito de São Francisco de promover a sua fé, mesmo que através de outra invocação. Notamos ainda a preocupação e importância singular dos devotos também para com o convento franciscano, local das antigas reuniões, festas e leilões. E eles conseguiram o feito, pois restauraram a parte interna do convento, inaugurada em 1º de Janeiro de 1920, com bênção da igreja e Missa. No altar-mor, “se achavam as imagens de Santo Antonio, vinda do Rio de Janeiro e de S. Francisco de Assis”⁴⁴³.

Como escreve Maria Cristina Pereira, as imagens não respondem simplesmente às demandas sociais, elas as transformam, e a autora prossegue, citando Jean-Claude Schmitt, afirmando que as imagens não são apenas “obras de arte” embora haja arte nelas: elas são uma das maneiras pelas quais uma sociedade se re-presenta o mundo, ou seja, torna-o novamente presente, para pensá-lo e agir sobre ele⁴⁴⁴. É bastante patente o “movimento” de reforma promovido pelos ex-devotos de São Benedito do convento, impulsionados pela fé e crença, com bases no passado glorioso por eles vivido. Pode-se observar o desejo e empenho dos devotos em possuir um orago e realizar sua procissão, a ponto de aceitar a troca da devoção para se colocarem novamente na sociedade. Afinal, como escreve Ortiz, a memória coletiva só existe enquanto vivência, enquanto

⁴³⁹ Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937, p. 1. Acervo particular.

⁴⁴⁰ Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. p. 2.

⁴⁴¹ Este altar pertencia à igreja matriz demolida em 1918 para construção da Catedral Metropolitana no mesmo local sob orientação do bispo D. Benedito Paulo Alves de Souza. Livro de Portarias e Ordens Episcopais. 1913-1918. Cúria Metropolitana.

⁴⁴² Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. p. 3.

⁴⁴³ Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. p. 22 e 23.

⁴⁴⁴ SCHMITT, Jean-Claude. *Le corps des images. Essais sur la culture visuelle au Moyen Âge*. Apud. PEREIRA, 2006.

prática que se manifesta no cotidiano das pessoas⁴⁴⁵, não podendo ficar no isolamento. Existia a necessidade de serem vistos e notados, para então se sentirem novamente fazendo parte da sociedade capixaba da época. Como observa o Pe Adwalter Carnielli em relação às procissões, além do aspecto religioso, essas festas revelavam também seu lado social e humano, pois era dada oportunidade ao povo de se encontrar, trocar idéias e se divertir⁴⁴⁶. Com a nova devoção, os ex-devotos de São Benedito do convento franciscano voltaram a se incluir na sociedade da época, pertencendo a uma irmandade, possuindo a imagem do seu orago, ocupando um lugar dentro da Igreja.

Os antigos devotos de São Benedito do convento voltaram a fazer suas procissões, agora invocando Santo Antônio dos Pobres. A distribuição de pães tornou-se uma tradição, levando centenas de fiéis à igreja conventual no mês de junho⁴⁴⁷. No entanto, a decadência não tardou. Em 1927, as trezenas que se realizavam a Santo Antônio, também perderam a popularidade e se tornaram tríduos, e em 1929 o padre Elias Thommazi deixou a direção da irmandade⁴⁴⁸. Em 1930, a capela da Ordem Terceira da Penitência entrou novamente em reforma e o ofício religioso da festa de Santo Antônio de 1931 foi realizado na igreja de São Gonçalo.

Tendo o Promotor combinado com a Diretoria da Confraria de N. S^a da Boa Morte, para que todos os actos fossem celebrados em São Gonçalo Cathedral provisória, por achar-se em obras a Ordem Terceira da Penitência, deixou de haver a procissão conforme foi combinado, a Diretoria da Irmandade oficiou a Diretoria da Confraria agradecendo⁴⁴⁹.

Contudo, estando à frente da irmandade Pe. Leandro Del'Uomo, este organizou junto aos irmãos uma campanha para recolher materiais de construção e restaurou o pouco que ainda restava do convento de São Francisco, realizando em 1937 com toda pompa, música, leilão, iluminação da fachada do convento e distribuição de pães, além da missa solene e procissão a Santo Antônio dos Pobres, com saída às 4 horas da tarde. Nessa procissão, registra-se que a imagem de São Benedito também acompanhou o mesmo itinerário ao lado da imagem de Santo Antônio dos Pobres⁴⁵⁰. Até a década de 1970, as

⁴⁴⁵ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 133-134.

⁴⁴⁶ CARNIELLI, 2006, p. 196.

⁴⁴⁷ BONICENHA, 2004, p. 161-162.

⁴⁴⁸ Ibid., p. 82.

⁴⁴⁹ Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. p. 31-32.

⁴⁵⁰ Ata da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. p. 37-38.

festas mantinham sua tradição. A imagem de Santo Antônio permanece ainda hoje na igreja de São Gonçalo⁴⁵¹, mas a irmandade não existe mais.

3.4 – OUTRAS FESTIVIDADES E CERIMÔNIAS

Em Vitória, além da procissão de Cinzas, os Terceiros também organizavam a Via-Sacra da Sexta-feira da Quaresma⁴⁵². Não temos conhecimento do período de sua realização, encontramos apenas uma comunicação na imprensa, em 1871, informando que a: “Via Sacra da santíssima mãe de Deos, que percorrerá as ruas depóis de 10h da noite”⁴⁵³. De fato, em 1898, quando o bispo diocesano esteve em visita à Ordem Terceira da Penitência, ele lá encontrou “cruzes de madeira⁴⁵⁴”, cuja utilização poderia ser nas estações da Via Sacra. Achiamé relata que “seu comissário saía às 5h da tarde visitando os passos estacionados nas diversas cruzes⁴⁵⁵. A Ordem Terceira do Recife possuía cruzes feitas de azulejos vindas de Lisboa por um irmão devoto, mas elas ficavam presas às paredes⁴⁵⁶, pois não havia a tradição de fazer a Via Sacra pelas ruas.

Outra procissão importante em Vitória era a do “Encontro” no Largo de Santa Luzia entre a imagem do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores⁴⁵⁷, feita todos os anos pelos Terceiros do Carmo também na Sexta feira Santa, depois da Via Sacra, quando irmãos Terceiros da Penitência eram convidados a participar. Em 1872, mesmo, quando a capela dos Passos, localizada na igreja do Carmo, estava em reforma, a procissão saiu da capela da Ordem Terceira da Penitência⁴⁵⁸. Essa procissão deixou de ser realizada no final do século XIX⁴⁵⁹. Com a chegada do bispo, as associações que estavam desestruturadas perderam seus espaços nos rituais, e conseqüentemente suas imagens perderam suas funções também.

A decadência ou proibição de certos ritos, tem a ver também com a Liturgia da Igreja que nos informa, que para que um ato de culto seja litúrgico, duas condições são necessárias (cân 1256): 1) que o ato se faça em nome da Igreja, e que se usem as

⁴⁵¹ BONICENHA, 2004, p. 161-162.

⁴⁵² ACHIAMÉ, 1999, p. 64.

⁴⁵³ *Correio da Victoria*, Vitória, 6 abr. 1871, p. 2.

⁴⁵⁴ Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha. p. 5. Cúria Metropolitana.

⁴⁵⁵ ACHIAMÉ, 1999, p. 101.

⁴⁵⁶ PIO, 1937, p. 59.

⁴⁵⁷ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 6 abr. 1898, p. 1.

⁴⁵⁸ *Correio da Victoria*, Vitória, 8 fev. 1872, p. 4.

⁴⁵⁹ *Estado do Espírito Santo*, Vitória, 6 abr. 1898, p. 1.

fórmulas prescritas nos livros litúrgicos; pois obrigando a igreja a um rito prescrito, outorga também a autorização para fazê-lo legitimamente, 2) que seja realizado por pessoas legitimamente deputadas para tais atos, ou realizado com atos por instituição da Igreja só permitidos no culto de Deus e dos santos e bem-aventurados. Se falta uma dessas condições, o ato é *extralitúrgico*. Nessa categoria se encaixavam a procissão do Encontro, a da Ressurreição e a de Nosso Senhor Morto na Sexta-feira Santa, que são atos *extralitúrgicos*, pois a forma não está prescrita nos pormenores pelo ritual⁴⁶⁰. Com a chegada de D. Nery, que decidiu aplicar à risca os cânones da Igreja⁴⁶¹, os ritos tomaram nova configuração na cidade, não agradando a todos, que tinham esmero pelas procissões e devoções da cidade.

Como em outras regiões do país, em Vitória, as festas religiosas estavam um tanto quanto misturadas às festas profanas. Assim, em geral o festejo do santo se iniciava com missa, seguida de procissão acompanhada por fogos, como pudemos relatar. Como de costume, seguia-se a festa profana, com leilões e bebidas, sendo que algumas vezes, a festa se desenrolava, dentro da própria igreja, resultando em desentendimentos, levando a autoridade diocesana a tomar drásticas atitudes. Como dissemos, com a criação do Bispado, em 15 de Novembro de 1895, e a chegada de D. João Batista C. Nery (de 1897 a 1901), este passou a acompanhar de perto as irmandades, devoções e as Ordens Terceiras, alterando consideravelmente a participação dos leigos nelas. Desde o início dos trabalhos do bispado, existia uma preocupação com o surgimento de disputas e com seu “espírito mundano”⁴⁶².

Encontramos vários documentos legislando a respeito das festas religiosas, como podemos ver nesse exemplo datado de 1900:

Ao tocar da Ave Maria todas as igrejas e capelas deverão estar fechadas e terminados todos os actos religiosos, a não ser que do contrario haja licença especial por escripta do Bispo Diocesano, com motivos fortes, ou que por circustancia imprevista a prolongue a cerimonia até depois da referida hora. Todas as festas profanas como leilões, fogos, etc, devem sempre ser feitas depois dos referidos actos religiosos, estando fechadas as portas da igreja⁴⁶³.

Uma das maiores preocupações, como se pode ver, é com a separação do espaço sacro do profano. Em 1902 o bispo baixou uma nova portaria, especificamente em relação às

⁴⁶⁰ REUS, 1944, p. 25.

⁴⁶¹ Carta Pastoral de D. João Baptista Corrêa Nery. Vitória: Typ. A. Moreira Dantas, 1897. p. 5.

⁴⁶² BONICENHA, 2004, p. 185.

⁴⁶³ Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1897-1913. 11/09/1900, p 58. Cúria Metropolitana.

procissões, a fim de que, nas palavras do bispo, “não haja contrariedades”⁴⁶⁴. Contudo, parece que não teve efeito, pois um ano mais tarde D. Fernando de Souza Monteiro (bispo de 1902 a 1916) realizou uma conferência com representantes das irmandades da capital para regularizar o bom andamento das corporações religiosas. A partir daí, foi criado uma espécie de regra de conduta para elas:

1º - A ordem nas procissões Primeira: a Veneranda Ordem Terceiros de S. Francisco da Penitência precede a todas as outras Irmandades de Senhores; Segunda: a Confraria de Nossa Senhora do Rosário; Terceira: a Irmandade de SS Sacramento precede a todas as Irmandades quando na procissão é levado o SS Sacramento; Quarta: seguir-se hão depois as outras Irmandades, segundo a antiguidade de sua ereção canônica;

2º - Nenhuma Irmandade poderá sahir incorporada sem o respectivo capellão, ou substituto, e sem estarem os seus membros revestidos de seus respectivos hábitos.

3º - Que para a observância da lei da Igreja sobre o assentamento de Óbitos não poderá nenhuma Irmandade autorisar a sepultura dos restos mortaes de seus irmãos em seus cemitérios, sem a previa licença;

4º - Todas Irmandades prestarão suas contas no fim de cada anno;

5º -Todas Irmandades, quanto antes, officiarem á Câmara Eclesiástica, comunicando a data de sua ereção canônica a fim de se organizar a ordem que deverão observar quanto á precedência;

6º - Cada Irmandade tenha seu capellão;

7º - Informem sobre a mensalidade que poderiam offerecer aos respectivos capellões, e que em seguida, de prévio accordo com S Ex^a, poderiam escolher seus capellões;

8º - Que todas as Irmandades se encarregariam de seis listas destinadas a angariar certas mensalidades já estipuladas e ao alcance de todas, para o concerto da Cathedral e das Igrejas d'esta Capital⁴⁶⁵.

Essas informações que transcrevemos acima nos permitem estabelecer a hierarquia entre as associações de leigos (e portanto dão mais um indício da concorrência que havia entre elas), além de mostrarem claramente a política episcopal de colocá-las sob o controle da hierarquia eclesiástica. Nela, no entanto, não se mencionam as imagens – e nem tampouco o fazem as irmandades e Ordens Terceiras em suas correspondências enviadas ao bispo.

⁴⁶⁴Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1897-1913. 23/05/1902, p. 69. Cúria Metropolitana.

⁴⁶⁵Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1897-1913. 10/05/1903, p. 87-90. Cúria Metropolitana.

Em outros documentos, mais que o controle em mãos do bispo das procissões, vemos uma busca de reduzir seu número. D. Fernando justifica tal atitude dizendo que elas são em grande número e não há recursos para todas, apesar do espírito religioso dos fiéis da cidade e dos esforços das corporações religiosas. Ele determinou, portanto, que haveria apenas as seguintes procissões na cidade:

1ª na Sexta-feira Santa – a do Senhor morto;

2ª Corpus Christi – a do SS Sacramento, a qual seria também a do Sagrado Coração de Jesus;

3ª No dia 8 de Dezembro – a de N. S^a Auxiliadora e da Imaculada Conceição, titulares da Diocese e desta Freguesia. Nessa procissão poderão e deverão sair as Imagens de São Benedito, de São Sebastião e de outras invocações, concorrendo todos os fiéis assim para realçar o culto e promover solenemente a devoção aos Oragos de nossas diferentes igrejas⁴⁶⁶.

Não sabemos de qual igreja saía a procissão do Senhor Morto, mas acreditamos que fosse da igreja matriz, porque mesmo tendo centralizado as festas da Semana Santa, nos parece que outras igrejas também a celebravam.

Através das procissões, os fiéis e o clero se aproximam, e aqueles podem exibir não só sua fé, mas também sua identidade, o lugar que ocupam na sociedade. Ao mesmo tempo em que há uma sacralização da “rua”, há também essa apropriação e exibição de um catolicismo popular que pode se verificar dificilmente controlável. Assim, em Vitória, desde o início do século XX, vemos o esforço do bispo de suprimir as procissões, minimizando sua importância, bem como a das irmandades, confrarias e Ordens Terceiras que as organizavam.

3.4.1- INDULGÊNCIA DA PORCIÚNCULA

Indulgência é a remissão das penas temporais, que pode ser total (Indulgência Plenária) ou em parte (Indulgência Parcial), aos que interiormente estão em condições e exteriormente cumprem as respectivas obras prescritas⁴⁶⁷. Ou seja, a concessão de indulgências está ligada a certas condições designadas pela Igreja para os devotos. O objetivo final é o perdão das penas de pecados já perdoados. Absolvida a culpa, é perdoada a pena de condenação eterna, restando as penas temporais que deveríamos sofrer na terra ou no purgatório. Não sendo a reparação suficiente, a Igreja preenche a

⁴⁶⁶ Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1897-1913. 27/03/1905, p. 110 e 111. Cúria Metropolitana.

⁴⁶⁷ RÖWER, 1935, p. 127-128.

falta concedendo uma indulgência. E para isso, o fiel deverá seguir as prescrições determinadas pela Igreja.

Foi São Francisco que solicitou ao papa a concessão de indulgência plenária para quem visitasse a igreja da Porciúncula, também chamada de igreja de Santa Maria dos Anjos, que ele próprio havia reconstruído. Seu pedido foi atendido e esta indulgência foi confirmada pelo papa Honório II⁴⁶⁸. A princípio, ela era limitada àquela igreja, mas mais tarde foi estendida a todas as igrejas da Ordem Terceira.

Como primeira atitude, é preciso que o cristão tenha uma “intenção”. Em seguida, deverá colocar-se em “estado de graça” para fazer a “purificação”. Ou seja, é preciso se purificar das culpas leves com o perdão de Deus. Para tanto, o devoto deverá fazer o Ato de Contrição, que é o arrependimento por amor⁴⁶⁹. E depois partir para o próximo passo que era o de visitar a capela dos Terceiros da Penitência. Em Vitória, o bispo D. Fernando Monteiro foi categórico na utilização das indulgências. Em 1908, por exemplo, quando houve missa rezada pela manhã na capela dos Terceiros Franciscanos com bênção do Senhor Crucificado, das 6h da manhã às 5h da tarde, a capela esteve aberta a todos os fiéis que desejassem obter a Indulgências da Porciúncula⁴⁷⁰. A indulgência da Porciúncula, em especial, era concedida apenas no dia 2 de agosto, e para cada dia do mês, passou a haver um tipo de invocação para receber indulgências. Por exemplo, dia 5 de agosto, se rezaria para Nossa Senhora das Neves, no dia 12 de agosto já seria à Santa Clara, e assim segue o catálogo com as invocações dos santos ligados ao franciscanismo, para obter as mais variadas indulgências, ou os mais variados perdões.

A descrição das condições para lucrar a indulgência da Porciúncula volta a ser confirmada anos mais tarde, em virtude dos favores concedidos pelo papa Pio X⁴⁷¹, que declara todas as igrejas aptas à visitação dos fiéis para lucrar as indulgências da Porciúncula do dia 1º ao meio dia até meia noite do dia 2 de agosto, com comunhão e visita a qualquer igreja da cidade, sendo a indulgência aplicável às almas do purgatório. Ela era assim descrita em Vitória:

⁴⁶⁸ SCHENONE, Héctor. *Los Santos*. Buenos Aires: Fundacion Tarea, 1992. v. I e II. p. 372.

⁴⁶⁹ *Manual da Ordem Terceira de São Francisco*, 1960, p. 148.

⁴⁷⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 274, ano 1, domingo, 2 ago.1908. Celebrante padre Luiz Cláudio.

⁴⁷¹ *No Motu* próprio de julho de 1910, prorrogado pelo decreto da Sagrada Congregação do Santo Ofício de 26 de maio de 1911.

Pode-se lucrar “*toties quoties*”, isto é, tantas quantas vezes uma pessoa visitar qualquer igreja. Estas preces podem ser 3 padre Nossos e 5 Ave Marias ou outras equivalentes. De acordo com os vigários e capelães devem recitar ou cantar a ladainha de Todos os Santos, precedidas da invocação do seraphico patriarcha S. Francisco de Assis. Ora pro Nobis e orar pelo Summo Pontífice, pelos ministros do Santuário e por toda a igreja militante terminando tudo com a bênção do SS Sacramento⁴⁷².

Depois de 1926, com a igreja conventual demolida, e a transformação da capela do Terceiros em capela do Orfanato Cristo Rei, D. Benedito voltaria então a determinar a concessão de indulgência de forma ainda mais simplificada:

Hoje até meia noite os fieis que visitarem as igreja matrizes, poderão ganhar uma indulgência plenária tantas vezes quantas forem as visitas que fizerem. **Os fieis que não puderem ganhar hoje essa indulgência, poderão ganhar do mesmo modo, de meio dia de sábado 6 de agosto a meia noite de domingo**, contanto que nessas visitas tanto hoje como sábado e domingo sejam segundo as intenções do Santo Padre⁴⁷³.

Notamos uma maior flexibilidade por parte da Igreja, bem como a redução das obrigações para recebimento da indulgência da Porciúncula. De qualquer forma, esse é mais um exemplo de um ato religioso que existiu em Vitória, em função da presença franciscana e, mais ainda, da presença da Ordem Terceira da Penitência de S. Francisco.

3.4.2 - FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO OU PENTECOSTES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

O português Vasco Fernandes Coutinho, que recebeu a 11ª Capitania Brasileira, chegou ao Brasil a 23 de maio de 1535, festa de Pentecostes⁴⁷⁴ ou do Divino Espírito Santo. Esse foi, portanto, o nome dado à nova Capitania, como era de costume na época⁴⁷⁵.

Segundo a Bíblia, após a morte de Jesus⁴⁷⁶, ele apareceu aos seus discípulos e lhes mandou batizar aos homens de todas as nações em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo⁴⁷⁷. No 50º dia após a Páscoa, o dia de Pentecostes, estavam os discípulos todos

⁴⁷² *Diário da Manhã*, Vitória, 1 mar. 1924, p. 5.

⁴⁷³ *Diário da Manhã*, Vitória, terça-feira, 2 ago. 1927, p. 3.

⁴⁷⁴ Ato dos Apóstolos 2, 1. Pentecostes, em grego significa quinquagésimo dia, o dia de Pentecostes ou festa da Messe, era celebrada pelos judeus sete semanas depois da Páscoa, no 50º dia.

⁴⁷⁵ ENDRINGER, Edemar. *Arte Barroca e Catolicismo do Povo Brasileiro*. Roma: Pontificiam Universitatem S. Thomae, 1999. p. 77.

⁴⁷⁶ Segundo o Livro dos Atos dos Apóstolos 1,5 a promessa de Jesus aos Apóstolos foi de que Ele “subiria” ao Pai, mas lhes seria enviado o Espírito Santo de Deus, dessa forma, não os deixariam órfãos. Disse Jesus “porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias eis que descerá sobre vós o Espírito Santo e vos dará força, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria e até os confins do mundo”.

⁴⁷⁷ Evangelho de Lucas 18, 16-19.

reunidos quando desceu sobre eles o Espírito Santo em “forma de línguas de fogo”, e eles começaram a falar em outras línguas⁴⁷⁸.

No Rio de Janeiro, havia uma “folia do Imperador do Espírito Santo” uma semana antes da festa do Divino Espírito Santo, que tinha como função arrecadar dinheiro para as festividades da semana seguinte. Debret a descreve como sendo organizada por um grupo de jovens folgazões, tocadores de violão, de pandeiros e de ferrinhos precedidos de um tambor, que seguiam escoltados por um porta-bandeira, cujo chapéu era ricamente enfeitado de flores e de fitas, percorrendo as ruas cantando quadrinhas, “destinadas a estimular a generosidade dos fiéis caridosos”⁴⁷⁹.

No entanto, havia uma organização muito mais precisa, e que podia variar de lugar para lugar. Em geral havia reis e rainhas, juizes e juízas que, uma vez eleitos, desempenhavam funções-chave na organização, como por exemplo, controlar os atos da tesouraria, organizar a festa e a missa. Algumas vezes era eleito um “Protetor”, cargo normalmente preenchido por um homem de posses, cuja missão era dar a palavra final nos assuntos internos da organização. Ao procurador da Mesa, cabia comunicar aos irmãos as reuniões⁴⁸⁰.

Para a organização da comemoração do dia do Divino Espírito Santo, segundo a tradição vinda de Portugal e mesmo do Rio de Janeiro, que a conservou por longo tempo, também na igreja do convento de São Francisco de Vitória eram feitas anualmente festas ao Divino Espírito Santo. Não sabemos quando esta festividade teve início no convento franciscano de Vitória, no entanto, encontramos registrada sua realização a partir do ano de 1849⁴⁸¹, embora acreditamos que ela deveria ser anterior. Em 1847 temos inventariado “um *santo* do Espírito Santo”⁴⁸². Em seguida, encontramos em 1858, a existência de “um estandarte e uma pombinha de pão do Espírito Santo”, bem como “uma coroa do Espírito Santo (de pão) feito em caza do senhor Paranhos Imperador do Espírito Santo”⁴⁸³. Em Fernando Achiamé, lemos que,

⁴⁷⁸ Ato dos Apóstolos 2, 1-4.

⁴⁷⁹ DEBRET, sd, p. 577.

⁴⁸⁰ BORGES, 2005, p. 83.

⁴⁸¹ *Correio da Victoria*, Vitória, sábado, 9 jun. 1849, p. 4.

⁴⁸² Objetos de prata que existem no convento São Francisco da cidade da Victoria, feito pelo frei Victorio de Santa Felicidade. Visitador Delegado, 21/06/1847. Província da Imaculada Conceição. São Paulo.

⁴⁸³ Relação de jóias e alfaias pertencentes ao convento São Francisco da Província do Espírito Santo, Victória em 11/10/1858. Síndico: José da Silva Cabral. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

Em um tamborete coberto de veludo escarlate depositavam-se a *coroa de ouro* e o *etro* de sua realeza festiva. Por detrás hasteava-se a bandeira com seu emblema e no topo da haste, a que ela se prendia, estava a pomba misteriosa da pureza e da velocidade das graças divinas!⁴⁸⁴

O autor escreve ainda, que a festa do Divino era uma tradição do convento de São Francisco, novenas a precediam, e junto ao pórtico do convento, levantava-se um trono para o imperador; com seus mordomos. Antes e depois, distribuía-se avultadas esmolas em prata e ouro pelos pobres e comida pelos indigentes⁴⁸⁵. Enfim, a festa do Divino era realizada com pompa, imponência, majestade e aparato⁴⁸⁶. E para que a festividade acontecesse, havia a eleição de comissários e do definitório, e também eram cobradas mesadas dos irmãos⁴⁸⁷. Além da eleição, havia missa, *Te Deum* e fogos. O mastro tradicional era o símbolo festivo,

na véspera, ele era carregado pelos devotos, descansando em finos e custosos lenços de seda, percorria as ruas da cidade entre vivas, foguetes e outros fogos artificiais”. Depositavam-no, como era costume imemorable, no terraço, em frente da torre, sob arcadas de folhagens, entremeada de odoríferas flores⁴⁸⁸.

O caráter popular desta festa fora mantido pelos devotos, a exemplo do ano de 1884, quando houve eleição de “imperador e imperatriz do Espírito-Santo”, com missa e sermão ao Evangelho, *Te-Deum* em ação de graças feito padre Francisco Antunes Siqueira e Manoel R. Bermude de Oliveira⁴⁸⁹. O Imperador tomava assento sob um dossel *rico* para assistir às cerimônias religiosas dentro da igreja de São Francisco, localizado no lado do Evangelho⁴⁹⁰.

A característica festividade popular se segue nos anos seguintes, mantida a tradição de doar alimentos, “o alpendre e os corredores do convento ficavam atopeitados de oferendas”⁴⁹¹. Em especial, no ano de 1887, lemos:

Os festeiros capricharam com distribuição de esmolas de viveres pelos indigentes, “avivando assim um dos mais sympathicos característicos da

⁴⁸⁴ ACHIAMÉ, 1999, p. 65.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 65.

⁴⁸⁶ Ibid., p. 64.

⁴⁸⁷ Assim encontramos nos anos que se seguem: *Correio da Victoria*, Vitória, 12 set. 1849, p. 4; *Correio da Victoria*, Vitória, 10 jun. 1854, p. 3; *Correio da Victoria*, Vitória, 17 ma. 1856, p. 2 e 3; *Jornal da Victoria*, Vitória, 04 jun. 1867, p. 4 e *Correio da Victoria*, Vitória, 10 maio 1871, p. 4.

⁴⁸⁸ ACHIAMÉ, 1999, p. 64.

⁴⁸⁹ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, n. 514, ano III, quinta-feira, 10 maio 1884, p. 1. Os festeiros do Espírito Santo foram major Manoel Caetano Simões e d. Luiza Gonçalves Netto, esposa do sr. Manoel Pinto Netto. *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 3 de julho de 1884. p. 3.

⁴⁹⁰ ACHIAMÉ, 1999, p. 65.

⁴⁹¹ Id., Ibid.

solemnidade do dia”, as esmolas da imperatriz D. Maria Daemon foram distribuídas na chácara do capitão Antonio Augusto; as do imperador Sr. comendador Ribeiro Coelho distribuídas a 74 casas de pessoas carentes; “nada mais digno na religião do Crhisto do que o exercício da caridade – a modesta virtude por ella tão apregoada e sanctificada. Bem hajam os que a comprehendem”⁴⁹².

Na semana que durava a festa, os organizadores pediam esmolas e recebiam doações para serem distribuídas aos pobres da cidade. Célia Maia Borges relata que era comum que os irmãos e outras pessoas de “fora” se candidatassem ao cargo de juiz ou juíza por promessa a um santo ou devoção, fazendo grandes doações de dinheiro, ou mesmo em jóias, sem terem, no entanto qualquer cargo ou responsabilidade na Mesa. A própria doação em si implicava somente a participação na festa⁴⁹³. Acreditamos que os cargos de imperador e imperatriz em Vitória, para realização da festa do Divino Espírito Santo, eram preenchidos dessa forma, por pessoas de posses, para que fossem feitas doações, como retorno de suas devoções ao Divino Espírito Santo. Um exemplo que mostra isso é a eleição, em 1888, do tenente coronel Alpheu Adelpho Monjardim d’Andrade e Almeida como imperador e de dona Anna Aurélia de Lyra Araújo, esposa do tenente Emygdio de Siqueira Pinto Araújo, como imperatriz⁴⁹⁴.

Os “foliões” levavam tambor e chocalhos acompanhavam a procissão que percorria as ruas da cidade de baixo de gritos e foguetes⁴⁹⁵. Várias orações eram entoadas ao Espírito Santo, como a “Coroa do Espírito Santo”, que se originou de uma exortação do Sumo Pontífice Leão XIII a que os fiéis rezassem a novena do Espírito Santo com uma invocação insistentemente repetida: *Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado, e renovarei a face da terra*⁴⁹⁶.

Em 1897, com a presença do bispo diocesano, a imprensa se refere à festividade como sendo a “festa do Divino patrono deste Estado”, com missa cantada e sermão do padre Francisco Antunes Siqueira⁴⁹⁷. A partir daí não mais existia mais a presença de imperador nem de imperatriz. Notamos gradativamente uma diminuição no caráter popular festivo dessa festividade, pois em 1900 houve missa, sendo o senador Cleto

⁴⁹² *A Província do Espírito Santo*, Vitória, n. 1376, ano VI, terça-feira, 31 mar. 1887. Orador padre Francisco Antunes de Sequeira, eleição do novo Imperador e imperatriz, à noite, *Te-Deum Laudamus*, orquestra Claudino Junior. Fogos de artifício vindos do Rio de Janeiro.

⁴⁹³ BORGES, 2005, p. 93.

⁴⁹⁴ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, n. 1657, ano VII, terça-feira, 22 de maio de 1888. p.2.

⁴⁹⁵ ACHIAMÉ, 1999, p. 66.

⁴⁹⁶ AQUINO, Felipe. *Orações de todos os tempos da igreja*. São Paulo: Cléofas, 1998. p. 159.

⁴⁹⁷ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, n. 192, ano VII, 17 ago. 1897, p. 3.

Nunes Pereira o festeiro⁴⁹⁸, e em 1902 é o bispo pessoalmente que a celebra. Ele recomenda ainda que, para o futuro, com “prudência e paciência”, tornava-se necessário “abolir” tais festas, o que, no seu entendimento, se devia aos grandes “abusos” que nelas aconteciam⁴⁹⁹.

Anos mais tarde, já na década de 20, existiram as novenas do Espírito Santo no convento de São Francisco⁵⁰⁰, e não mais a festa do Divino Espírito Santo. A conotação da festa mudara completamente, havendo apenas missa rezada pela manhã⁵⁰¹, o que se repetiu em 1924⁵⁰².

Mesmo estando o convento de São Francisco ocupado havia dois anos pelo Orfanato Cristo Rei, encontramos o último convite à festa em honra ao Espírito Santo em 1926: “igreja de São Francisco no dia 23 de maio a tradicional festa de Pentecostes, com missa solene, *Te Deum Laudamus*, com relação a música, esteve no coro orquestra da musicista Erothilde Rezendo”⁵⁰³. Nesse mesmo ano, a igreja de São Francisco entrou em processo de demolição, juntamente com todas as dependências conventuais. Existe registro de cinco Pombas do Divino Espírito Santo no acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc⁵⁰⁴, entretanto não temos conhecimento se alguma delas pertenceu ao convento de São Francisco de Vitória. As pombinhas deste acervo são todas de madeira, e de nenhuma delas é especificada a procedência⁵⁰⁵.

3.4.3 – O ENTRUDO EM VITÓRIA

Como dissemos antes, nas festas religiosas havia também a presença de manifestações “profanas”, e um dos maiores exemplos concerne à procissão de Cinzas. Ela era antecedida – e por vezes coincidia com uma festa que está, de certa forma, nas origens do atual carnaval. Trata-se do Entrudo, registrado em várias cidades brasileiras até

⁴⁹⁸ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, sábado, 2 jun. 1900, p.3.

⁴⁹⁹ Livro de Portarias e Ordens Episcopais 1897-1913. 24/06/1902. p. 73. Cúria Metropolitana.

⁵⁰⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 227, sábado, 15 mar. 1920.

⁵⁰¹ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 243, domingo, 13 jun. 1920, p. 1.

⁵⁰² *Diário da manhã*, Vitória, quinta-feira, 29 maio. 1924, p. 5.

⁵⁰³ *Diário da Manhã*, Vitória, sexta-feira, 21 maio 1926, p. 3.

⁵⁰⁴ COLNAGO, Atílio. *Mapeamento, catalogação e análise do estado de conservação do acervo do Museu de Arte Sacra do Espírito Santo*. Vitória: NCR-UFES, 1995. p. 30. O acervo esteve até este ano aos cuidados do IPHAN-ES. Com a criação do IBRAM, houve a transferência da guarda.

⁵⁰⁵ Inventário conservado no IPHAN-ES, elaborado em 1980 pelo NCR-UFES. Com as descrições - pombinha: pousada sobre uma esfera (0,09x0,24x0,46m); outra faltando o bico, com asas abertas (0,32x0,11x0,87m); uma com asas estendidas e resplendor nas costas, (0,42x0,94x0,088m); com asas estendidas pintada de branco (0,41x13,5x0,10m) e uma outra assentada sobre esfera de madeira (0,125 x 0,465 x 0,45m), faltando o bico.

1854. Em Recife, por exemplo, ele durava três dias, incluindo a Quarta-Feira de Cinzas. O lúdico era o tom principal, e as pessoas arremessavam baldes d'água, limões-de-cheiro, ovos, etc umas nas outras.

Como descreve Fernando Pio em relação ao Recife, era imenso o movimento pelas ruas, na Quarta-Feira de Cinzas, desde a uma hora da tarde. A cidade, “acordada” havia pouco do Entrudo, “crescia em alvoroço”. No último dia, ou seja, no terceiro dia de Entrudo, depois das apresentações do personagem “*Papa Angu*” e das encenações das lutas entre “o anjo rebelde e o anjo bom,” avistava-se ao longe a chegada do andor do Divino Cristo com o pesado Santo Lenho às costas, dessa forma, anunciando que chegava a Quarta-Feira de Cinzas⁵⁰⁶.

Mário Barata relata que no Rio de Janeiro, também no século XIX, as brincadeiras em torno da procissão eram frequentes. Debret também escreve que os devotos consideram a procissão de Cinza o primeiro dia de Quaresma, enquanto “os incrédulos, a continuação do Carnaval”⁵⁰⁷. Em 1860 ou 1861, o ministro da Ordem Terceira da Penitência, reportando-se à irreverência que se notava por ocasião da passagem da procissão de Cinzas, sugeriu a sua substituição pela cerimônia do Lava-pés, o que foi aceito. Em 1862 saiu a última procissão, conforme pauta existente no Museu Sacro da Ordem⁵⁰⁸. O Entrudo aconteceu também em Vitória, como descreve brevemente uma portaria da Secretaria de Polícia da Província de 1858, reprimindo-a:

He proibido o jogo de entrudo, de qualquer maneira que seja, nas lojas, tendas, tavernas, officinas e quaesquer lugares públicos, sob pena de dez reis ou cinco dias de cadeia; a escravos: 25 açoites, ou duas dúzias de palmatoadas; e a menores a metade d'essas penas; a todos o duplo na reincidência. As laranjas de cêra para este jogo, que se encontrarem nos sobreditos logares, serão inutilizadas⁵⁰⁹.

Nessa época, ainda se fazia a procissão de Cinzas em Vitória – que era antecedida em três dias pelo Entrudo. Após várias deliberações da polícia, a festa acabou finalmente extinta em 1888⁵¹⁰.

⁵⁰⁶ PIO, 1937, p. 39.

⁵⁰⁷ DEBRET, sd, p. 374.

⁵⁰⁸ BARATA, 1975, p. 56.

⁵⁰⁹ *Correio da Victoria*, Vitória, 13 fev. 1858, p. 4.

⁵¹⁰ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 30 jan. 1888, p. 4.

4º CAPÍTULO - AS IMAGENS FRANCISCANAS EM VITÓRIA

As imagens pertencentes ao antigo convento de São Francisco de Vitória incluem desde os principais santos da Ordem Primeira a santos cultuados pelas associações que lá se instalaram ao longo da existência do convento, inclusive com a construção de dois novos altares, já no século XX.

4.1 – DIANTE DAS IMAGENS CRISTÃS

As imagens ocupam na história do cristianismo uma posição importante, que não deve ser deixada de lado pelos historiadores da arte e historiadores de modo geral. É importante lembrar que a palavra imagem tem sua origem no latim *imago*, que na Antiguidade romana significava a máscara de cera utilizada nos rituais de enterramento para reproduzir o rosto daquele que havia morrido. Sendo assim, a imagem desempenhava o papel de recompor o homem cujo corpo se decompunha pela morte. Imagem surge, assim, da morte para prolongar a vida, apresentando com isso as noções de duplo e de memória. A imagem veio à tona, pois, já com uma função clara, de tornar presente o ausente, dando continuidade à existência terrena. Podemos falar, com Maria Lúcia Kern, que a imagem, com relação a este duplo, se inseria em uma inter-relação de dependência, tanto da pintura como da modelagem em argila, pois ambas eram resultantes de um modelo natural⁵¹¹. Enfim, havia a necessidade de uma “matriz”.

Mas desde a Grécia antiga a noção de imagem esteve atrelada à reprodução do real. O seu critério de elaboração era a semelhança formal e da aparência, porque criava a ilusão de verdade⁵¹². A falsa verdade da cópia possibilitou o desenvolvimento da idéia de simulacro, isto é, a simulação do próprio ser, chegando a ponto de substituí-lo. Esse fenômeno da substituição se prolongou, sendo comum, por exemplo, nos rituais funerários dos reis da França, em que a imagem configurava-se em efígie⁵¹³, como o elemento de representação do morto. Jean-Claude Schmitt nos fala que há de fato, em

⁵¹¹ KERN, Maria Lucia Bastos. Imagem manual: pintura e conhecimento. In _____ e FABRIS, Annateresa. *Imagem e Conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006. p. 15-29.

⁵¹² Ibid.

⁵¹³ A efígie presidia durante quarenta dias as cerimônias da corte, enquanto o novo rei permanecia invisível. Esse ritual permitia a manutenção do poder real após a morte do soberano, pela representação do seu corpo.

toda época, numerosos tipos de imagens, tendo cada um uma pluralidade de funções possíveis⁵¹⁴.

Como diz Georges Didi-Huberman, a questão da figura é tão antiga quanto o mundo da representação. Desde os primórdios da nossa história, as comunidades humanas produzem e manipulam imagens, *fazem figura* para serem vistas ou para servirem de objeto. Ou seja, há nelas esse “desvio visual de algo que não se encontra presente”⁵¹⁵.

No caso do mundo cristão, lembra Jean-Claude Schmitt, “a preocupação com a problemática da imagem está no cerne da civilização cristã ocidental, assumindo um papel que poderíamos chamar mesmo de fundador: o próprio homem nada mais é que uma imagem”⁵¹⁶. Schmitt nos fala ainda que a noção de imagem diz respeito à antropologia cristã como um todo, “pois é o homem – nada menos que isso – que a Bíblia desde suas primeiras palavras, qualifica como “imagem”: Javé diz que modela o homem “*ad imaginem et similitudinem nostram*” (Gn 1,26)⁵¹⁷ .

Passados os primeiros séculos cristãos, esta frase do livro dos Gênesis se transformaria em um dos argumentos chave para a defesa da produção de imagens, face à proibição exemplificada também na Bíblia: “não farás para ti imagem esculpida nem figura alguma à semelhança do que há em cima no céu, nem do que há embaixo nas águas embaixo da terra” (Êxodo 20,4). Essa questão da legitimidade ou não da utilização de imagens pelos cristãos não foi logo resolvida, tendo gerado conflitos por vezes armados, como na crise iconoclasta, em Bizâncio, que levou à convocação do Concílio Geral de Nicéia II em 787. Como resultado, dentre outras questões, legitimou-se a veneração das imagens na medida em que servem de suporte à elevação do espírito ao mundo invisível. Mas antes disso, no ano 600, o papa São Gregório Magno argumentou favoravelmente às imagens, em uma carta ao bispo Sereno de Marselha:

O que os escritos proporcionam a quem os lê, a pintura fornece aos analfabetos (*idiotis*) que a contemplam porque assim esses ignorantes vêem o

⁵¹⁴ SCHMITT, Jean Claude. Imagens. In: Le Goff, Jacques (org). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusp, 2001. p. 599.

⁵¹⁵ DIDI-HUBERMAN, Georges, Poderes da Figura – exegese e visualidade na arte cristã. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, n. 20, 1994, p. 163.

⁵¹⁶SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura na Idade Média*. São Paulo : Edusc, 2007. p. 592.

⁵¹⁷Ibid., p. 593.

que devem imitar, as pinturas são a leitura daqueles que não sabem ler, de modo que funcionam como um livro, sobretudo entre os pagãos⁵¹⁸.

Essa relação dialética entre figura e discurso instaura caminhos que se entrelaçam. O que existe é um jogo entre imagem e texto. A respeito dessa questão, Didi-Huberman faz uma crítica a Erwin Panofsky que separa texto e imagem, na tentativa de, por exemplo, esmiuçar num quadro o que é pertencente ao domínio tanto da linguagem quanto da imagem. Segundo ele, é nesse processo que tanto o semiólogo quanto o historiador se perdem. Aby Warburg, já no início do século XX, chamou atenção para essa questão, e acrescentou o termo *conexidade* entre palavra e imagem – e não uma dependência entre uma e outra⁵¹⁹. Linguagem e visualidade não têm de ser esclarecidas, a ambigüidade dos seus jogos – já presente na simples palavra figura, tão dependente do vocabulário retórico como do vocabulário da imagem – não tem de ser dividida, resolvida ou suprimida, mas nos deve ser apresentada como um trabalho da figura, por mais lábil, confuso e insensato que seja.

Segundo Maria Cristina Pereira, essa pretensa equivalência entre palavra e imagem é em muito debitária da tradição gregoriana. Caso tivesse sido a posição de Santo Agostinho a preponderante, a relação entre as duas poderia ser diferente no mundo ocidental. De fato, para este autor, ler um texto e contemplar uma imagem são operações diferentes. Dessa forma também deveria proceder o historiador: a questão, para ele, deveria ser menos de isolar e ler o conteúdo da imagem, que de compreender a totalidade da imagem, em sua forma e estrutura, seu funcionamento e funções⁵²⁰.

Estamos, portanto, diante de dois elementos de enorme relevância para a história das imagens: o estudo de suas funções e das relações entre estas e as formas⁵²¹. Não estamos evocando uma definição funcionalista da imagem, como um sistema técnico e perfeito. Mas nos questionamos a respeito de para quê servem as imagens, quais seriam realmente suas funções, aplicações e seus usos. Enfocamos também a problemática que norteia sua recepção, observando que o cristianismo deixou sua marca no repertório iconográfico, na teoria e na finalidade das imagens⁵²².

⁵¹⁸ SÃO GREGÓRIO MAGNO. *Epistolae. Epistola ad Serenus*. (Patrologia Latina 77, col. 1128-1130)

⁵¹⁹ Aby WARBURG. *La escuela de Aby Warburg*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992, p. 21.

⁵²⁰ PEREIRA, 2006.

⁵²¹ Ibid.

⁵²² SCHMITT, 2007, p. 362.

Mas é também possível adaptar outro ponto de vista, pois é-nos permitido considerar que o cristianismo terá feito um uso das figuras de tal modo extenso que desenvolveu, no próprio uso, uma verdadeira “teoria da figurabilidade”⁵²³, isto é, uma “heurística da figura”, uma exploração sistemática (não funcionalista) de distribuição total de constrangimentos e liberdades, em suma de possibilidades ou de poderes figurativos. Com a expressão “poderes da figura”, Didi-Huberman sugere pelo menos duas argumentações: primeiro, que o cristianismo inventou uma nova espécie de objetos figurativos, cuja eficácia extraordinária nos exige essa palavra “poder”, exigindo também que nos interroguemos acerca da história e das condições antropológicas de tal eficácia. O autor sugere também que ao inventar essa nova e tão rica configuração cultural, o cristianismo invocou, de um modo particularmente perturbador, essa região de que a metapsicologia freudiana nos dá hoje conta, através dos paradigmas do sonho, do fantasma ou do sintoma, em termos de *formações do inconsciente*⁵²⁴.

O que Didi-Huberman sugere é que a ciência cristã das imagens fazia apelo como que a um *inconsciente do visível*: não um invisível enquanto tal, mas antes um território, um espaço da figura que teria o poder obsessivo dos fantasmas, a fatalidade dos sintomas, o valor de prazer dos ditos espirituosos, ou ainda o valor alucinatório das imagens de sonho. Em suma, a capacidade, o poder de constituir cada figura como dialética de desejo e como verdadeiro tesouro de sobredeterminações psíquicas e culturais⁵²⁵. Entramos em um ponto delicado, e é preciso esclarecer, Georges Didi-Huberman não faz psicanálise da Igreja, nem da imagem, nem do artista enquanto produtor de imagens. Ele aplica procedimentos próprios da psicanálise para as imagens. Ele analisa figura e imagem como a psicanálise analisa os seres humanos. Imagens são feitas por e para os seres humanos.

A arte cristã ultrapassa, pois, de longe, o que geralmente entende por isso um historiador de arte. Como prossegue Didi-Huberman, nela se desenha uma constelação de limites sempre labéis, na qual devem, com certeza, ser relacionadas obras de arte, mas também rituais, poemas, atitudes sociais, determinado gesto de consagração, ou sonho dito profético, sermão acerca da luz divina ou de certa mancha colorida projetada

⁵²³DIDI-HUBERMAN, 1994, p. 163.

⁵²⁴Id., Ibid.

⁵²⁵Ibid., p. 161.

por um vitral sobre o solo de uma catedral, de um êxtase suscitado perante uma relíquia informe ou certa imaginação que se acende quando é proferido o nome do Verbo⁵²⁶.

Como bem definiu Schmitt, as imagens não são apenas “obras de arte”, embora haja arte nelas⁵²⁷. E muito menos a ilustração de um texto. Enfim, não cabe mais às imagens, somente a educação dos iletrados. E para tomarmos partido desse pensamento, precisamos nos associar às outras disciplinas, como a antropologia, a sociologia, a própria história da arte e também a iconografia. A imagem não encerra em si mesma um vínculo estreito, único e imóvel. Tornando-se preciso olhá-la, sempre, mais e mais, chegando ao extremo de sua figuração. A posição de Didi-Huberman diante das imagens, no que consiste em “inconsciente do visível”, é para nós sustento na caminhada para avançarmos nessa exegese das imagens. Há imagens que se venera e ama, sem contar com seu poder milagroso muitas vezes atribuído, arrastando multidões pelas ruas e praças, como poderemos constatar, numa dialética onde as imagens não reproduzem o passado, mas o produzem em cada novo convívio ou novo contato que se estabelece com elas.

Ao longo da sua história, a Igreja nunca estabeleceu uma teologia específica para as imagens, mas legislou seus usos e funções através de Concílios, a exemplo do já mencionado Concílio de Nicéia II, do IV Concílio de Constantinopla (869) ou do segundo Concílio de Lyon (1274). Mais próximo ao contexto do Brasil colonial, destaca-se o Concílio de Trento (1545-1663) que, assim como os anteriores, trouxe algumas determinações acerca da utilização das imagens. Em algumas questões, este Concílio veio reforçar idéias já discutidas por São Gregório Magno (591-604), a exemplo do que se refere ao uso das imagens enquanto sua função pedagógica:

Expressar e figurar histórias e narrações da sagrada Escritura é conveniente para instrução do povo ignorante: isto não é copiar a divindade, como se fosse possível vê-la com olhos corporais ou expressá-la com cores e figuras. Destitua-se toda superstição na invocação dos santos, na veneração das relíquias e no uso das imagens⁵²⁸.

⁵²⁶ Ibid., p. 165.

⁵²⁷ SCHMITT, Apud PEREIRA, 2006.

⁵²⁸ Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.multimeios.org/docs/d000436>. Acesso 17/05/2007.

As imagens funcionam porque estimulam a que sejam imitadas – e há que se lembrar que a arte nesse momento é mimética⁵²⁹. Sempre seguindo Gregório Magno, reforçam-se as idéias de que as imagens servem para recordar a história santa e servir de exemplos:

As imagens não só recordam ao povo os benefícios e dons concedidos por Cristo, mas também expõem aos olhos dos fiéis saudáveis exemplos dos santos e dos milagres que Deus realiza com o fim de que a Ele dêem graças e regrem sua vida e costumes pelo exemplo dos mesmos santos e assim se voltem para adorar e amar a Deus, praticando a piedade⁵³⁰.

Diante dessa posição da Igreja, somos remetidos à legitimação das representações dos santos enquanto modelos a serem seguidos a partir das imagens. De fato, desde o século XVI, a literatura sobre a vida dos santos expande-se, posicionando-se ao lado do catecismo e compêndios com noções do cristianismo, gramáticas, dicionários, manuais e guias para utilização nas paróquias⁵³¹. Os santos, ao mesmo tempo em que estavam do “lado de lá”, do além, estavam também próximos, representados nas imagens das igrejas, proporcionando aos fiéis procurarem apoio dentro de um conjunto que lhes era familiar⁵³², que lhes fazia sentido.

E sempre remetendo ao protótipo, como o Concílio faz questão de frisar:

Devem-se observar nos templos as imagens de Cristo, Maria e outros santos e dá-las correspondente prestígio e veneração. Não porque se creia que há nelas divindade ou virtude alguma da qual mereçam culto, ou que se deva pedir algo, ou que vá se colocar a confiança nas imagens, como faziam outrora os gentios que colocavam sua esperança em ídolos, mas porque a honra que se dá às imagens se refere aos originais representados nelas. De sorte que adoremos a Cristo por meio das imagens que beijamos e em cuja presença nos descobrimos⁵³³.

O Concílio resolveu também que cabia à autoridade diocesana previamente aprovar e benzer as imagens que fossem utilizadas no culto. Devendo ainda informar os fiéis acerca das falsas doutrinas, instruindo os fiéis sobre a intercessão dos santos, a honra

⁵²⁹ A grande utilização de esculturas na arte sacra relaciona-se com esse contexto de realismo, de arte mimética, pois, como observou Quites, “a escultura é a arte de representar a figura nas três dimensões reais do corpo, expressando de forma verdadeira, sem fingir uma terceira dimensão, como faz a pintura. A riqueza da escultura está na sua transformação na medida em que giramos em torno dela, realizando a síntese de vários pontos de vista.” QUITES, 2006. p. 221.

⁵³⁰ Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.multimeios.org/docs/d000436>.

⁵³¹ BOXER, C. R. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: 70, 1989. p. 57.

⁵³² BORGES, 2005, p. 158.

⁵³³ Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.multimeios.org/docs/d000436>. Acesso 17/05/2007.

das relíquias e o “uso legítimo das imagens”, de acordo com o costume da Igreja, de acordo com os padres em obediência aos decretos dos concílios⁵³⁴.

Essa recomendação abriu espaço para as legislações locais acerca das imagens – mas sem nunca afastar-se de fato das decisões trentinas. A Igreja no Brasil, que saíra da jurisdição do bispado de Funchal na época do Concílio, passando a ter um bispado na Bahia, criado em 1551, teve promulgadas as Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia em 1707.

As Constituições, no seu Título VIII, acerca do culto devido às Santas Relíquias e Sagradas imagens, seguem bastante de perto o Concílio de Trento, afirmando que as imagens deviam ser veneradas apenas ao que elas remetem e não porque nelas haja divindade alguma:

O uso das sagradas Imagens de Christo Nosso Senhor, de sua Mãe Santíssima, dos Anjos, e mais Santos é aprovado pela Igreja Catholica, que manda as haja nos templos, e sejam veneradas; não por que se creia que nellas há alguma divindade, porque devão ser veneradas; mas porque o culto, que se lhes da, se refere somente, ao que elas representam. Por tanto conformando-nos com a antiga tradição da Igreja Catholica, e definições dos Sagrados Concílios, ordenamos que as ditas Imagens, ou sejam de pintura, ou de escultura, se faça a mesma veneração, que nos originais, e significados, considerando, que no culto; que a ellas damos, veneramos e reverenciamos a Deos nosso senhor, e aos Santos, que ellas representam⁵³⁵.

No título XXV, “Das Santas imagens”, há a mesma preocupação trentina com a decência das imagens, pedindo-se para que os visitantes e ministros tivessem com elas “particular cuidado” e que, ao visitarem as igrejas e capelas, ficassem atentos de forma a evitarem superstições, abusos, profanação e indecências nas imagens sacras, tanto das imagens pintadas como as de vulto. Eles deveriam analisar, inclusive, se nas vestes havia algo de indecente, e uma vez constatada alguma irregularidade, as Constituições definiam o que deveria ser feito:

E as que acharem mal, e indecentemente pintadas, ou envelhecidas, as fação tirar dos taes lugares, e as mandarão enterrar nas Igrejas em lugares apartados das sepulturas dos defunctos. E os retabulos das pintadas, sendo primeiro desfeito em pedaços, se queimarão em lugar secreto, e as cinzas se deitarão com agoa na pia baptismal, ou se enterrarão, como das Imagens fica dito. E o mesmo se observará com as Cruzes de páo⁵³⁶.

⁵³⁴ Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.multimeios.org/docs/d000436>. Acesso 17/05/2007.

⁵³⁵ VIDE, Título VIII. p. 10.

⁵³⁶ VIDE, Título XXI. p. 258.

Notamos dois destinos para as imagens a serem descartadas, enterrá-las nas igrejas, por serem um local investido do sagrado – embora longe dos defuntos – ou queimá-las. Como veremos mais adiante, no convento de São Francisco de Vitória essa determinação foi parcialmente cumprida, porque foram “enterradas” ou depositadas imagens entre os anos 1926 e 1928 no “Ossuário Geral” construído no pátio no antigo Convento Franciscano⁵³⁷. Mas ela não se cumpriu inteiramente porque o lugar era um ossuário e essas imagens estavam próximas, ou mesmo misturadas a despojos humanos. Não podemos saber, no entanto, se os próprios freis assim agiram, ou se essa “contaminação” se deu na época da demolição do convento. Ainda no caso do Convento de São Francisco de Vitória, podemos levar em conta que algumas das imagens desaparecidas podem ter sido roubadas, em virtude do abandono pelo qual passou o convento.

Ainda hoje, no convento da Penha em Vila Velha, encontramos com frequência imagens descartadas por devotos e deixadas no velário, ou “queimatório geral” de velas, (Figuras 55 a 58) localizado no campinho do Santuário. Algumas destas imagens são imediatamente colocadas ao fogo em meio às velas pelos próprios devotos, enquanto outras são deixadas em um dos cantos do queimatório ou sobre o muro, à espera de algum frei ou leigo que as coloque no fogo. A maioria delas é de gesso e apresenta partes quebradas. É interessante notar que o caráter de queimar e depositar as cinzas na pia batismal não é seguido, mas uma vez compreendido que o queimatório é também um lugar sagrado, ele acaba substituindo-o.

Uma outra determinação tampouco é cumprida – tanto hoje como no período colonial: trata-se da proibição do uso das imagens de vestir, de acordo com o Título XX, capítulo 698:

E mandamos que as Imagens de vulto se façam daqui em diante de corpos inteiros, e ornados de maneira que se escusem vestidos, por ser assim mais convenientes, e decente. E as antigas que se costumam vestir, ordenamos seja de tal modo, que não se possa notar indecência nos rostos, vestidos, ou toucados. E não serão tiradas as imagens da Igreja, e levadas a casas particulares para nelas serem vestidas, nem o serão com vestidos, ou ornados emprestados, que tomem a servir em usos profanos⁵³⁸.

⁵³⁷Este ossuário geral foi aberto em 1943. FREIRE, 1954, sp.

⁵³⁸VIDE, Título XX, c. 698. p. 256.

Nesse aspecto, as Constituições foram mais precisas que o Concílio de Trento, que havia se limitado a repreender o excesso de ornamentos conferidos às imagens, encarregando a autoridade diocesana a identificá-los.

Manda o Santo Concílio a todos os bispos, aos encarregados do ensino e aos que mantêm cura, que instruem diligentemente os fiéis, sobretudo no que diz respeito à intercessão e invocação dos Santos, à veneração das suas Relíquias e ao uso ilegítimo das Imagens, segundo o costume da Igreja católica recebido dos primórdios do Cristianismo, conforme o consenso comum dos Santos Padres e os decretos dos Sacros Concílios. (...) “quanto às imagens de Cristo, da Santíssima Virgem e de outros santos, se devem ter e conservar especialmente nos templos; (...) Se nestas santas e salutare observâncias se introduzirem abusos, deseja ardentemente este Santo Concílio que sejam totalmente abolidos; (...) no sagrado uso das imagens, afastem toda ganância sórdida, evite-se toda torpeza, de maneira que não se pintem nem adornem as imagens com formosura escandalosa”⁵³⁹.

No Brasil colonial, assim como no mundo íbero-americano de modo geral, sobretudo em função das numerosas procissões, o uso de imagens de vestir era intenso. E as Irmandades e Ordens Terceiras, em grande parte responsáveis por essas procissões, contribuíram para isso.

Maria Regina E. Quites descreve como as imagens de vestir tomaram para si todo tipo de indumentária, desde roupas de baixo até os mais requintados trajés, melhores tecidos, inclusive fazendo uso da moda da época:

Associado ao tecido, desenvolveu-se a opulência dos bordados, onde a beleza dos motivos e ornamentação com fios de ouro e prata demonstravam riqueza e deslumbramento. Em Sevilha, por exemplo, o gosto pela profusão ornamental das vestes, bordados e adereços que carregam, não tem comparação em nenhum outro lugar. As jóias também foram muito utilizadas principalmente nas imagens da Virgem: brincos, colares e anéis com pedras preciosas enfeitavam as imagens em profusão. Associou-se ainda, à arte de trabalhar o metal, na confecção de coroas, resplendores, espadas e demais atributos, com grande riqueza e sofisticação. E ainda foi utilizado o cabelo, para fazer as perucas e cílios⁵⁴⁰.

Assim, encontramos diferentes tipos de imagens no Brasil, que podemos classificar, seguindo Maria Regina Quites, em imagens de talha inteira, imagens articuladas, imagens de vestir e imagens de roca. As primeiras são totalmente entalhadas na madeira, feitas para ficarem definitivamente em uma única posição, pois não possuem articulações. Na maior parte das vezes, estas imagens são policromadas e “caracterizam-se por ter as áreas de panejamento sempre representadas com a utilização de ricas

⁵³⁹ Concílio de Trento. Disponível em: <http://www.multimeios.org/docs/d000436>. Acesso 17/05/2007.

⁵⁴⁰ QUITES, 2006, p. 258.

técnicas de ornamentação como: esgrafiados, punção, *pastiglia* e pintura a pincel, utilizando folhas metálicas de ouro e prata, tendo por objetivo imitar o tecido com todas as suas texturas”⁵⁴¹. As imagens articuladas possuem um “alto nível de elaboração da talha”, bem como na policromia, mas com articulações que lhe permite movimentos⁵⁴². As imagens de vestir têm a parte da talha que fica escondida sob as vestes “resolvida de forma simplificada”, como um “manequim”, uma vez que elas serão cobertas com tecidos naturais. Dessa forma, a policromia somente é feita nas partes visíveis da imagem. Elas são também articuladas, para melhor vestirem as roupas⁵⁴³. Por fim, as imagens de roca são aquelas que possuem uma estrutura bem mais simplificada que as anteriores, “possuindo um gradeado de ripas de forma arredondada, em substituição aos membros inferiores, ou uma espécie de armação substituindo toda a área escondida sob as vestes”⁵⁴⁴. A talha e a policromia são encontradas apenas nas partes visíveis destas imagens que também são articuladas.

Com relação aos lugares destinados às imagens, no Capítulo 699 das Constituições fica estabelecido que sempre a imagem de Cristo deve proceder a todas, “e estar no melhor lugar”, o altar-mor. Em seguida, a da Virgem Maria, e depois a de São Pedro apóstolo, e por último a representação do Orago da igreja. Este último só estaria em destaque se não houvesse as imagens anteriores⁵⁴⁵. Em geral, a maioria das imagens retabulares era de talha inteira, mas encontramos casos, como na igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis de São João del Rei, em que há imagens de vestir, feitas idealmente para serem usadas em procissões, e nos retábulos. Da mesma forma, também as imagens de talha inteira poderiam sair em procissões.

A entronização das imagens nas igrejas tinha origens diversas: instituição de irmandade, padroado passado por escritura, solicitação especial feita por fiéis, individuais ou em grupo. E essa entronização, tanto nas igrejas, quanto nas casas se fazia solenemente. A imagem era levada para uma igreja ou casa vizinha e trasladada em procissão para sua nova sede. É preciso buscar essa origem quando se procura identificá-la. Por outro lado, as imagens podem ter origem em doações particulares a igrejas feitas em função de

⁵⁴¹ QUITES, Maria Regina E. Imaginária Processional: Classificação e tipos de articulações. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n. 1, 2001. p. 130.

⁵⁴² Ibid.

⁵⁴³ Ibid., p. 130 e 131.

⁵⁴⁴ QUITES, 2006, p. 253.

⁵⁴⁵ VIDE, 2007, p. 256.

filiação à irmandade, devoção particular a determinado santo ou ainda mediada por promessas⁵⁴⁶.

Assim, a partir do momento em que a Igreja permitiu a utilização de imagens, estas se multiplicaram, e sua presença, localização, criação, além mesmo de seus usos e funções, não foram limitadas por aquela instituição, apenas legisladas⁵⁴⁷. A participação dos fiéis foi de fundamental importância, e para o estudo das imagens cristãs não se deve deixá-la de lado. Ao lado de um cristianismo “oficial” – representado, no caso do estudo que desenvolvemos, pelos franciscanos tanto da Ordem Primeira como da Terceira e pelo Bispado do Espírito Santo – há os leigos, organizados nas devoções e irmandades.

Uma das questões que se coloca ao pesquisador, portanto, concerne ao acesso a todos esses atores. Além da pesquisa de campo, com a utilização de metodologias da história oral, quando isso é ainda cronologicamente viável, e da leitura de bibliografia especializada, é de fundamental importância a pesquisa em arquivos. De modo geral, estes se encontram mais organizados no que diz respeito ao cristianismo institucionalizado, mas isso nem sempre se verifica. Iremos examinar, assim, no próximo sub-capítulo, as informações trazidas por nossas fontes escritas a respeito das imagens franciscanas de Vitória, tanto as que ainda existem como as que se perderam – afinal, se as imagens são duplos que presentificam ausências, às vezes elas mesmas são ausências que precisam ser presentificadas com papéis, documentos, artigos de jornais, livros.

4.2 – AS IMAGENS NO PAPEL: A IMAGINÁRIA FRANCISCANA EM VITÓRIA SEGUNDO AS FONTES PRIMÁRIAS ESCRITAS

Como indicamos anteriormente, não há uma bibliografia específica sobre as imagens pertencentes ao antigo convento de São Francisco de Vitória. Encontramos apenas algumas referências esparsas acerca das imagens que lá existiram, notadamente em obras sobre a história da presença franciscana no Brasil. Essa lacuna é causada, sem

⁵⁴⁶FLEXOR, Maria Helena O. A Escultura na Bahia do século XVII: autorias e atribuições. *Revista Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n. 1, 2001. p. 175.

⁵⁴⁷No entanto, cabe lembrar que com o Concílio Vaticano II (1963), há mudanças drásticas com relação à disposição das imagens nas igrejas, havendo um maior controle eclesiástico para com a exposição das imagens. A Constituição conciliar *Sacrosantum Concilium* traz a determinação de que as imagens fossem de número comedido nas igrejas, e devidamente em ordem, de forma a não causar estranheza nos fiéis, o que fez diminuir consideravelmente a quantidade de imagens nas igrejas católicas. Concílio Vaticano II. www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acesso em 26/07/2007.

dúvida, pelo fato de que o convento foi desativado, a quase totalidade de suas instalações foi destruída e suas imagens, dispersas ou perdidas. Os documentos oficiais, tanto os relativos aos freis franciscanos quanto aos irmãos terceiros, são em sua grande maioria inexistentes. Assim, voltamo-nos para outras fontes primárias, notadamente artigos de jornais. Estes, porém, têm uma deficiência que não deve ser minimizada, que é sua datação recente, se comparada ao início da instalação dos franciscanos no Espírito Santo: a imprensa no estado somente foi estabelecida nas últimas décadas do século XIX. Além disso, há que se tomar as devidas precauções com esse tipo de documentação de jornais e revistas, usando o aparato crítico necessário.

Estes artigos de jornais são basicamente de dois tipos: convites e comentários sobre festas religiosas realizadas no convento e notas relativas ao seu estado de conservação e posterior demolição. Assim, além de textos breves, objetivos, encontramos outros um pouco mais longos, com exposição de pontos de vistas, em geral feitos por fiéis (e mesmo por padres e freis) que em algum momento freqüentaram ou tiveram algum tipo de relação com o convento, seja relacionando-se com sua arquitetura, ou com alguma devoção lá instalada. Muitos eram devotos e amantes do convento de São Francisco que de forma saudosista expressam o pesar da sua demolição, bem como da dispersão das imagens que daquele convento fizeram parte.

Para compreendermos o programa iconográfico dos franciscanos na cidade de Vitória, mesmo diante da falta de registros preservados ou a nós inacessíveis, somos direcionados para as festas religiosas promovidas naquele espaço, sobre as quais falaremos mais adiante. Tais festas giravam sempre em torno das imagens lá conservadas, tanto na igreja conventual como na capela da Ordem Terceira da Penitência e na capela de Nossa Senhora das Neves. Essas festividades, que eram organizadas não só pelos freis como pelos irmãos terciários e das irmandades lá instaladas, sempre estiveram estreitamente ligadas às demais festas da cidade, compondo um calendário religioso que sofreu alterações ao longo dos anos, a partir da criação do bispado em 1895 e principalmente com a chegada do primeiro bispo diocesano em 1897. E uma vez que o principal veículo de comunicação de grande alcance até meados do século XX era a imprensa escrita, os convites para festas, missas e procissões eram numerosos, e geralmente neles se mencionavam as imagens dos oragos.

No que diz respeito à documentação oficial, esta também é recente. Nada anterior ao século XIX foi preservado. Dispomos de um livro de procissão da Ordem Terceira da Penitência⁵⁴⁸ além de inventários das alfaias do convento⁵⁴⁹. Esses documentos nos permitem ter conhecimento do que existia de imagens sacras tanto na igreja conventual de São Francisco como da capela da Ordem Terceira da Penitência, em diferentes momentos. Outros documentos relevantes, mas bastante mais recentes, são o primeiro inventário do acervo de arte sacra do IPHAN-ES, realizado na década de 80, que lista algumas das antigas imagens franciscanas ainda conservadas, e um outro organizado em 1995 pelo NCR-UFES.

Um elemento que em muito facilitou nossa pesquisa é o fato de que tanto a Ordem Primeira Franciscana como a Ordem Terceira da Penitência de São Francisco tenham um programa iconográfico em geral bastante estável no Brasil, embora com algumas variações regionais, o que nos possibilitou comparações e estabelecer hipóteses de identificação de imagens franciscanas perdidas ou sem registro.

As dificuldades foram agravadas por tratarmos de um espaço demolido. Entretanto, como nos ensina Jacques Le Goff, devemos questionar a documentação histórica sobre as lacunas, interrogarmos os esquecimentos, os hiatos, os espaços em branco da história. É nesse quadro de desafio que se encaixa nossa pesquisa sobre as imagens sacras que pertenciam ao antigo convento franciscano e que atualmente se encontram em diferentes lugares. Aproximamos-nos mais ainda de Le Goff, quando ele escreve que devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e fazer a história a partir dos documentos e da ausência de documentos⁵⁵⁰.

4.2.1 – IGREJA CONVENTUAL

Para nos reportarmos à disposição original das imagens nas igrejas do convento São Francisco, a principal referência é a própria historiografia franciscana. Frei Basílio Röwer, baseando-se na Epítome de 1730 escrita por frei Apolinário, afirma que a igreja

⁵⁴⁸ Livro da Ordem Terceira da Penitência – Vitória – Espírito Santo, 1867. Cúria Metropolitana.

⁵⁴⁹ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora da Conceição Prainha 1898-1947. p. 5; Livro de Arrolamento das Alfaias pertencentes à Nossa Senhora da Conceição do convento de S. Francisco-20 de novembro de 1900 e Documento avulso: Relação dos Santos, Imagens e alfaias existentes no convento de S. Francisco feita perante a Comissão reorganizadora da Irmandade de S. Francisco em 11 de Julho de 1906. Cúria Metropolitana.

⁵⁵⁰ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 109.

conventual possuía três altares ornados de talha encomendados por frei Cosme de São Damião, guardião de 1617 a 1620. No altar-mor encontrava a imagem do padroeiro São Francisco, como orago, e em nichos laterais, as imagens de Santo Antônio e de São Benedito. O altar lateral ao lado da Epístola era de Nossa Senhora da Conceição e o do Evangelho, de São Boaventura. Essa era também a disposição dos conventos de São Paulo e Santos⁵⁵¹.

Em seguida, temos relato do frei Manoel de Santa Isabel, em 1850. Ele assim descreve o altar-mor: “A imagem de São Francisco com seu resplendor de prata e uma cruz na mão direita, do lado do Evangelho São Gonçalo e Santo Antônio do lado da Epístola com um cruz de prata e um Menino”⁵⁵². E prossegue: “No nicho do lado do Evangelho – São Boaventura com cruz de pau – e lado da Epístola Santa Bárbara”. Com relação aos altares laterais o frei relata: “Altar do Evangelho – Nossa Senhora da Conceição com sua capella de flores e coroa de prata – E uma imagem de São José com seu resplendor e menino Jesus nos braços”. “No altar lateral da Epístola – uma imagem da Sant’Anna no nicho do altar a imagem da Senhora e com resplendor de pedras e a imagem de São Benedito com resplendor e o Menino Deus nos braços e resplendor”. Notamos que, cento e vinte anos depois (1730-1850) não há referência a imagem de São Benedito no altar mor, (lembrando que a primeira imagem fora roubada em 1833), a nova imagem de São Benedito foi deslocada para o altar lateral, (lado da Epístola) e em seu lugar é citada a imagem de São Gonçalo. E ainda no altar mor temos a inclusão de São Boaventura e Santa Bárbara. Já nos altares laterais, além do já citado São Benedito, e da Conceição, houve inclusão de São José e de Sant’Ana, no lado do Evangelho.

Passados dois anos, o Guardião frei José de Santa Helena, ao descrever o que havia de “prata” nas imagens, informa que no altar-mor estava São Francisco com resplendor e Santo Antonio com uma cruz na mão; nos altares laterais, Nossa Senhora da Conceição, com “coroa grande e dois pares de brincos um nas orelhas e outro de sobressalente, ambos de pedras e de pouco preço” e São José, com um resplendor⁵⁵³. No altar da epístola, São Benedito com um resplendor “hoje dourado pelos fiéis”; Nossa Senhora

⁵⁵¹ FREI APOLINÁRIO, *Epítome*, § 7. Apud RÖWER, 1957, p. 33-34.

⁵⁵² Inventário feito pelo frei Manoel de Santa Isabel entregue para o Síndico padre Salles em 1850. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁵⁵³ Relação do que existe neste convento em “prata”. Frei José de Santa Helena Guardião, 10/01/1852. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

Sant’Ana com resplendor de cobre dourado. As imagens que não possuíam algo de “valor” não foram pelo frei mencionadas.

Seis anos depois, temos essa mesma descrição repetida, mas sem referência à sua disposição. O síndico José da Silva Cabral descreve, em 1858: no altar-mor, uma imagem do Santo Padre com a cruz, uma imagem de Santo Antonio com o Menino, uma de São Boaventura, uma de São Gonçalo, uma de Santa Bárbara; no altar da Conceição, sua imagem e a de São José com Menino; no altar de Sant’Ana, sua imagem com a Senhora nos braços, uma imagem de São Benedito⁵⁵⁴.

Ao longo dos anos, imagens são mencionadas, suprimidas e adicionadas a esse conjunto, em função de devoções e irmandades aí instaladas, como caso das supracitadas e das que ainda vamos tratar. Assim, um “Poemeto descriptivo”, de 1884, de autoria do Padre Francisco Antunes de Siqueira, que tanto promovia como participava ativamente das festividades do convento franciscano assim descreve a imaginária do convento: “(...) De São Francisco, junt’a seu Convento; Imagem expressiva, mui garbosa, Da Conceição, merece acatamento: Pois da graça divina symbolisa, O privilegiado da maior divisa! Tem Bárbara, Antonio, Anna santa (...)”⁵⁵⁵. Ele não faz referência às imagens de São Benedito, São Gonçalo e de São Boaventura e nem à posição em que as outras imagens se encontravam, sem citar a dos altares laterais. Por se tratar de um poema, entendemos que o autor possa ter omitido alguma imagem, por necessidades de rima e composição dos sonetos. Além disso, ele pode ter se limitado a imagens de sua preferência ou de sua maior afeição. Apesar do padre não mencionar explicitamente, acreditamos que ele estivesse se referindo apenas à igreja conventual.

Em um inventário de 1886, a igreja de São Francisco possuía no altar-mor: São Francisco, Santo Antônio, São Boaventura, Santa Bárbara e São Gonçalo Garcia; no altar do lado do Evangelho, Nossa Senhora da Conceição (“imagem grande da Senhora”) e São José; no altar da Epístola, Sant’Ana e São Benedito⁵⁵⁶. Também não

⁵⁵⁴ Inventário das jóias e alfaias pertencentes ao Convento de São Francisco da Província do Espírito Santo, Vitória, feito em 11/10/1858 pelo síndico José da Silva Cabral. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁵⁵⁵SIQUEIRA, Pe Francisco A. de. *A província do ES. Vitória*. Typograffia A Província, 1884. p. 32. O referido padre nasceu em Vitória em 3/02/1832 e faleceu em 29/11/1897.

⁵⁵⁶ Extraído do inventário de 1867 para ser remetido ao novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 8/08/1886. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

encontramos alterações na disposição das imagens segundo esse inventário, que repete o de 1850.

Temos mais duas relações que não são específicas para as imagens: a primeira data de 1888, e é menos precisa, pois se trata de um inventário da “prataria” existente na igreja: a imagem da Conceição tem uma coroa de prata dourada; Sant’Ana, um diadema; São Francisco, um resplendor; e São José, também um resplendor⁵⁵⁷. A segunda é de 1893, sendo: uma imagem de São Francisco com resplendor de prata; Nossa Senhora da Conceição com uma coroa de prata dourada; São José com um resplendor de prata; e Sant’Ana com um diadema de cobre dourado⁵⁵⁸.

Quando da visita Pastoral do primeiro bispo de Vitória, D. João Batista Nery, às Irmandades e Ordens Terceiras da cidade, no ano de 1898, ele escreveu:

Em seguida passamos a visitar a irmandade de São Benedicto erecta n’este convento (...). Possui ella os seguintes objectos – Um nicho de S. Benedicto a Imagem de S. Benedicto, uma imagem de SantaAnna com resplendor de metal doirado, uma banquetta de metal branco (...) um andor rico de madeira com quatro anjos (...) ⁵⁵⁹.

O bispo não cita as demais imagens, então de propriedade da Devoção a Nossa Senhora da Conceição, mantenedora da igreja na ausência dos frades franciscanos, uma vez que sua visita era dirigida apenas às Irmandades e Ordens Terceiras.

Em 1900, encontramos um documento mais detalhado a respeito das imagens da igreja conventual: trata-se de um inventário separando as posses da Devoção de Nossa Senhora da Conceição e da Irmandade de São Benedicto instaladas na igreja conventual. Segundo ele, havia as seguintes imagens no altar-mor:

São Pedro com uma chave de prata na mão, São Francisco de Assis com resplendor de prata e um crucifixo de madeira na mão, Santo-Antônio com resplendor de prata e o Menino no braço, São Boaventura, São Gonçalo, Santa Bárbara com uma custódia na mão. (...)

Altar de São Benedicto - com sua Veneranda imagem com resplendor de prata dourada e o Menino Deus no Braço com resplendor no competente nicho (...)

⁵⁵⁷ Relação das “pessas” de prata pertencentes ao Convento São Francisco, Vitória, feita em 23/05/1888 por Philomeno de Andrade Gomes Resendo. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁵⁵⁸ Relação dos objetos que servem para o culto Divino pertencentes ao Convento São Francisco, Vitória, feito por Philomeno de Andrade Gomes Resendo em 31/05/1893. Província da Imaculada Conceição, SP.

⁵⁵⁹Visita de 5 de janeiro de 1898. Livro de Tombo da Catedral Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Prainha, p. 5-5 v. Cúria Metropolitana .

Nossa Senhora Sant'Anna com resplendo de cobre galvanizado e a Virgem nos braços (...)

Altar de Nossa Senhora da Conceição: Sua Imagem com coroa de prata dourada um par de brincos de prata com diversas pedras, capella e palma de flores artificiaes; São José, com resplendor de prata e o Menino Deus nos braços, collocado no seu nicho.⁵⁶⁰

Este documento informa ainda que no consistório havia “um andor dourado e quatro anjos pertencentes ao mesmo”⁵⁶¹.

Em 1906, quando o bispo D. Fernando Monteiro excluiu algumas procissões da cidade, dentre elas a procissão de São Benedito da Irmandade existente no convento de São Francisco, os irmãos se reuniram e escreveram para o bispo pedindo desculpas pelo comportamento inadequado de alguns de seus membros e se comprometendo a reorganizar a irmandade. Para isso, enviaram ao bispo, além de um histórico da irmandade⁵⁶², um levantamento de seus pertences, incluindo a relação das imagens pertencentes e existentes no convento franciscano, datada no ano de 1906. São elas: no altar-mor, “imagem de S. Pedro com uma chave de prata na mão; imagem de S. Francisco de Assis com resplendor e cruz de prata na mão; imagem de Santo Antônio com resplendor; imagem de Santo Ignácio e São Boaventura”⁵⁶³. No “altar de Nossa Senhora da Conceição - a imagem da Senhora Sant'Anna com a Virgem no colo com resplendor de prata dourada; São Benedito em nicho com o Menino Jesus nos braços esplendor de prata”. Do que foi relacionado “No consistório” retiramos, “um andor dourado – e quatro anjos do mesmo”.

Diante da documentação encontrada, elaboramos um resumo esquemático das imagens do convento de São Francisco de Vitória, da igreja conventual de São Francisco (Anexo 5 - Tabela).

⁵⁶⁰20 de novembro de 1900. Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade de “São Benedicto”. 20 de Dezembro de 1900. Cúria Metropolitana.

⁵⁶¹20 de novembro de 1900. Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade de “São Benedicto”. 20 de Dezembro de 1900. Cúria Metropolitana.

⁵⁶²Documento avulso feito pela Irmandade de São Benedito em 30 de dezembro de 1905. Cúria Metropolitana.

⁵⁶³ Documento avulso: Relação dos Santos, Imagens e alaias existentes no convento de S. Francisco feita perante a Comissão reorganizadora da Irmandade de S. Francisco em 11 de Julho de 1906. Cúria Metropolitana.

Analisando este quadro das imagens encontradas na igreja conventual de São Francisco em diferentes épocas, concluímos que, com o passar do tempo, novas devoções foram entronizadas, a exemplo de Santo Inácio e Santo Antônio dos Pobres. Em 1906, quando a Irmandade de São Benedito relacionou as imagens de sua propriedade existentes na igreja conventual, estas são exatamente as mesmas do ano de 1900. Sendo assim, deduzimos que as imagens de São José, Santa Bárbara, Nossa Senhora da Conceição e São Gonçalo, que não foram mencionadas, eram pertencentes aos devotos de Nossa Senhora da Conceição.

4.2.2- CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO

Fazendo menção às imagens da Capela dos Terceiros, temos apenas dois documentos, um que se refere apenas à procissão de Cinzas de 1867 e o outro, o relatório da visita pastoral do bispo D. João Nery em 1898. Neste último, podemos ler:

Verificamos que a ordem 3ª possui (...) uma capella e cinco imagens no altar, sendo o Crucifixo, com resplendor de prata, São Francisco⁵⁶⁴, Nossa Senhora da Conceição com coroa de prata, Santo Antônio e Menino com resplendor de prata, e cruz, idem Santa Rosa com resplendor de prata⁵⁶⁵.

Em seguida, ele relata os objetos, paramentos e alfaias existentes, e prossegue com as imagens:

cruzes de madeira, dois Crucificados grandes, uma imagem do Venerável Antônio de Cathargo [Cartago], uma imagem de Santa Margarida de Cortona, onze estátuas de armação (verônicas, braços e pés), um Senhor Morto de madeira, um Salvador de madeira e armação, um consistório com mesa, dois bancos e duas cadeiras, dois São Domingos, um crucifixo pequeno de madeira, nove andores em bom estado e sanefas, um oratório, três bancos velhos (...)⁵⁶⁶

Ainda sobre a disposição original das imagens da capela da Ordem Terceira da Penitência, segundo Elmo Elton, nela haveria “seis ou sete altares ornados de talha com imagens de porte, das quais oito seriam representações dos passos da Paixão de Cristo”⁵⁶⁷. No entanto, o testemunho direto de Mário Freire é distinto, cujo pai havia escrito um relatório em 1920 sobre a capela da Ordem Terceira: “Guardo mais a

⁵⁶⁴ Acreditamos que seja São Francisco recebendo as chagas de Cristo diante do Crucificado que compunham o altar mor da Capela da Ordem Terceira da Penitência.

⁵⁶⁵ Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição da Prainha. 1898 -1947. 5/01/1989. p. 5 e 6.

⁵⁶⁶ Tombo Paróquia Nossa Senhora da Conceição da Prainha. 1898 -1947. 5/01/1989. p. 5 e 6.

⁵⁶⁷ ELTON, 1987, p. 32.

fotografia agora divulgada, do único altar, ao centro a Conceição; à direita, S. Antônio, e a esquerda, S. Rosa de Viterbo”⁵⁶⁸. Ou seja, ele se refere explicitamente a apenas um altar, o altar-mor. É provável que Elmo Elton tenha confundido a capela da Ordem Terceira franciscana com a do Carmo, pois com sua demolição em 1913⁵⁶⁹, suas sete imagens representando os Passos⁵⁷⁰ foram para aquela capela franciscana, além da imagem de vestir de Nossa Senhora das Dores⁵⁷¹. Dessas imagens, temos notícias apenas de uma que teria permanecido na capela dos Terceiros, a do “Quinto Passo”, o *Ecce homo*, de acordo com relatório do IPHAN-ES⁵⁷² e NCR-UFES. Esta imagem foi retirada do Ossuário Geral do pátio do convento São Francisco em 1943, e foi então identificada como sendo a dos Terceiros do Carmo, que havia sido trasladada à capela franciscana⁵⁷³. (Figuras 59 e 60).

O programa iconográfico da Ordem Terceira da Penitência está intrinsecamente ligado à procissão de Quarta-feira de Cinzas por eles realizada. Maria Regina E. Quites diz que as imagens representavam cenas relevantes do ideal de vida franciscano, capazes de educar o fiel de forma simplificada, levando-o a conhecer a história da Venerável Ordem, seu fundador e seus santos⁵⁷⁴.

Usualmente, na procissão de Cinzas feita pelos Terceiros eram utilizadas largamente as imagens de vestir. Na capela dos Terceiros de Vitória, encontramos registro tanto de imagens de talha inteira como de vestir. E, considerando a relação das imagens que saíam na procissão das Cinzas, acreditamos que esta contasse com os dois tipos de imagens, a exemplo de Santa Rosa de Viterbo, que se localizava no altar-mor da capela.

⁵⁶⁸ FREIRE, 1954, sp. (Ver figura 02).

⁵⁶⁹ ELTON, 1987, p. 56.

⁵⁷⁰ ACHIAMÉ, 1999, p.102.

⁵⁷¹ A imagem de vestir de Nossa Senhora das Dores (1,44x0,35m), provavelmente da Capela do Carmo, foi transferida para a capela da Ordem Terceira da Penitência franciscana, em seguida, doada ao Museu de Arte Sacra por Horácio Machado, de acordo com a ficha do IPHAN-ES. Mario A. Freire relata: “...S. Rosa de Viterbo oferecida com a expressiva imagem de NS das Dores ao Museu”. FREIRE, 1953, s/p.

⁵⁷² Inventário conservado no IPHAN-ES e no NCR-UFES feito em 1980. Medindo 1,75x0,37m; conforme ficha do IPHAN-ES, doada por Horácio Machado ao Museu.

⁵⁷³ Havia a procissão do “Encontro” da imagem do Senhor dos Passos com a de N S^a das Dores no largo de Santa Luzia. *Correio da Victoria*, Vitória, nº 19, ano XXII. 5 mar. 1870. p. 2. Em 1856 não houve procissão dos Passos na data certa em virtude das epidemias na cidade, sendo transferida para o mês seguinte. *Correio da Victoria*, Vitória, nº 12, ano VIII. 13 fev. 1856. p. 4. Em 1867 era provedor da Irmandade dos Passos Moniz Freire. *Jornal da Victoria*, Vitória, ano IV, nº 302. 17 abr. 187. p. 4. A última procissão do Encontro foi em 1887. *A Província do ES*, ano VI, nº 1326. 21 mar. 1887. p. 3.

⁵⁷⁴ QUITES, 2006, p. 42.

Estando em uma cidade litorânea, acreditamos que a disposição dessa capela acompanhe a tipologia mantida pelas Ordens Terceiras litorâneas, conforme observado por Maria Regina E. Quites. Estes templos possuíam retábulos com imagens de vulto de talha inteira, douradas e policromadas, enquanto as imagens processionais de vestir eram guardadas em locais separados⁵⁷⁵. Supomos, também, que esse era o caso das imagens de vestir da Ordem Terceira em Vitória, que não ficavam expostas, mas depositadas em caixas “que ao tempo da colônia serviam de assento”. Nelas eram guardadas bocas, braços, pés e cabeças, como relata Freire⁵⁷⁶.

A preferência pelas imagens de vestir em procissões, segundo Maria Helena Flexor, se dava pela variada possibilidade de expressões e gestos teatrais, se adequando às cenas desejadas, o que permitia a comunicação direta com os acompanhantes⁵⁷⁷. As articulações com braços e pernas móveis permitiam transformar a posição das imagens para serem usadas em rituais diferentes, enriquecendo-as iconograficamente. Para maior realismo, as imagens poderiam trazer olhos de vidro, lágrimas de cristal ou resina e cabelos humanos⁵⁷⁸.

Como escreve Jean-Claude Schmitt, as imagens são inseparáveis de seus usos⁵⁷⁹, e assim vemos que em Minas Gerais, a relação entre os irmãos e as imagens processionais era um pouco distinta, pois estas eram expostas nos retábulos nos templos. Quites avança uma hipótese para explicar esse fenômeno que sublinha a relação afetiva entre fiéis e imagens:

por fazerem parte de uma categoria de escultura mais afeita à aproximação dos devotos, que troca suas vestes, doa uma peruca, prepara para o andor e, portanto, teriam esta preferência para compor seus retábulos, transformando a igreja numa extensão de sua procissão⁵⁸⁰.

Ao confrontar as imagens encontradas nas Ordens Terceiras Franciscanas do litoral brasileiro e de São Paulo com as de Minas Gerais, a mesma autora percebeu a existência de um programa iconográfico comum, onde são recorrentes: Nossa Senhora da Conceição, a padroeira da Ordem, cenas relacionadas à vida de São Francisco e santos

⁵⁷⁵ Ibid., p. 353.

⁵⁷⁶ FREIRE, 1954, sp. O termo “bocas” faz referência aos “panos de bocas” que carregavam as imagens de vestir durante a procissão.

⁵⁷⁷ FLEXOR, 2005, p. 1.

⁵⁷⁸ Ibid., p. 4.

⁵⁷⁹ SCHMITT, 2001, p. 598.

⁵⁸⁰ QUITES, 2006, p. 355.

terceiros franciscanos, além de santos de outras Ordens religiosas relacionadas ao franciscanismo, de representações da Paixão de Cristo e também de devoções locais⁵⁸¹.

4.3- AS IMAGENS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO

4.3.1 - SÃO FRANCISCO DE ASSIS E SUAS IMAGENS

A biografia do fundador da Ordem franciscana é bastante conhecida, graças às hagiografias escritas antes e logo após sua morte, tendo sido objeto de inúmeros estudos⁵⁸². Filho de pais ricos, Francisco nasceu em 1181 ou 1182, na Úmbria, Itália, em meio a um período de grande desenvolvimento do Ocidente medieval. Converteu-se a partir de 1206, pregando o ideal de pobreza, tendo distribuído os bens paternos entre os pobres. Deserdado pelo pai, retirou-se da cidade de Assis e seguiu para as ruínas da igreja de São Damião, que passou a reconstruir. Dedicou sua vida à prática da caridade e humildade, passando a ser seguido por aqueles que se identificavam com seus ideais. São Francisco se alternou entre a ação urbana e o retiro eremítico⁵⁸³.

Após fazer modificações, em 1209 ele conseguiu do Papa Inocêncio III a aprovação da Regra, para a criação da Ordem dos Frades Menores – assim chamados, segundo os ideais de Francisco, para que não tivessem a pretensão de ser maiores⁵⁸⁴. Anos mais tarde, juntamente com Santa Clara, fundou a Ordem das Clarissas, para as mulheres, e em 1221 nascia a Ordem Terceira Franciscana, constituída apenas por leigos, da qual trataremos mais adiante. Para Le Goff, a sedução de São Francisco em vida, e mesmo depois da sua morte, contribuiu em muito para impor um modelo de santidade em que a imitação cristológica tem grande importância, predominando a humildade, a pobreza e a simplicidade⁵⁸⁵.

Nas representações figurativas, em geral encontramos São Francisco como um homem magro, de tonsura e barba, trazendo no corpo os estigmas de Cristo, vestindo hábito

⁵⁸¹ Ibid., p. 42-43.

⁵⁸² Dentre eles, destacamos, em português, o do medievalista Jacques Le Goff (LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001). As hagiografias são: Frade Elias, *Epistola Encyclica de Transitu Sancti Francisci*, 1226. Frade Tommaso da Celano: *Vita Prima Sancti Francisci*, 1228; *Vita Secunda Sancti Francisci*, 1246 – 1247; *Tractatus de Miraculis Sancti Francisci*, 1252 – 1253. Frade Julian *Vita Sancti Francisci*, 1232 – 1239; e São Bonaventure de Bagnoregio, *Legenda Maior Sancti Francisci*, 1260 – 1263.

⁵⁸³ LE GOFF, 2001, p. 37.

⁵⁸⁴ VARAZZE, 2006, p. 842.

⁵⁸⁵ LE GOFF, 2001, p. 237.

marrom ou preto, com capuz e cordão de três nós (obediência, castidade e penitência) à cintura e os pés descalços. Como atributos, pode trazer o crucifixo, a dupla cruz ou Cruz de Lorena, ou ainda o rosário, o cilício, um livro ou uma caveira. Quando a intenção é representá-lo no Monte Alverne, ele aparece ajoelhado ou em pé diante de Cristo crucificado como se estivesse descendo-o da cruz ou abraçando-o do lado direito. Outra cena comum representada da vida de São Francisco é a que o mostra aos pés de Inocêncio III, recebendo do Papa a Bula de aprovação da Ordem Franciscana. Ele é também frequentemente representado em meio a pássaros⁵⁸⁶.

Nas igrejas conventuais da Ordem franciscana e nas igrejas da Ordem Terceira é unânime sua representação, sozinho, ou em cenas pintadas ou esculpidas. Para Maria Regina E. Quites, a pintura favorece uma maior possibilidade de representações iconográficas, que em geral se dividem em dois grandes grupos, as Giottescas, se desenvolveram entre o século XIII e a Reforma, nas quais o santo se apresenta em êxtase ou tendo visões, e as pós-tridentinas, nas quais o santo se apresenta magro, de expressão torturada segurando um crucifixo ou caveira⁵⁸⁷. Na escultura, encontramos vários tipos iconográficos de São Francisco: o São Francisco das Chagas, que mostra o Santo recebendo as chagas do Cristo Crucificado alado; o São Francisco Penitente, com a disciplina; o São Francisco morto; e o Amor Divino, que mostra o abraço ente ele e o Cristo crucificado.

Na igreja conventual de São Francisco de Vitória não encontramos nenhuma referência a pinturas. Entretanto, na capela dos Terceiros existiam seis painéis ovais ao redor do altar-mor, com molduras acompanhando o entalhe dourado do altar-mor, que têm semelhança com os que ainda se encontram na igreja do Convento da Penha. Os temas representados não são visíveis, mas segundo Mário Freire, tratava-se de cenas da vida de São Francisco e de São Domingos⁵⁸⁸. No teto da capela, temos registros de uma pintura feita em 1908, na boca do trono, pelo pintor capixaba Antônio Cezimbra:

Sobre um fundo admirável, formado por um campo verdejante e montanhas alcantiladas, vê-se na tela, de pé, com os braços abertos, São Francisco de Assis, ladeado por três frades, joelhos em terra, presos dos lábios do santo varão que, iluminado por uma luz intensíssima do céu, lhes aconselha esta sublime virtude: É pela humildade que Deus do presépio reconhece os seus verdadeiros servidores. Antes um pouco de humildade sem ciência, que

⁵⁸⁶A respeito da iconografia de São Francisco, consultar, entre outros: SCHENONE, 1992, v. 1, p. 354.

⁵⁸⁷ QUITES, 2006, p. 47.

⁵⁸⁸ FREIRE, 1954, sp.

muita ciência sem humildade. Quero que a nossa fraternidade se chame a Ordem dos Frades Menores, isto é, dos pequenos e humildes⁵⁸⁹.

Com as alterações, reformas e posteriores demolições feitas nessa capela a partir de 1926, não temos mais notícias dessas pinturas, que provavelmente foram destruídas.

No que se refere à imaginária esculpida, existem ainda alguns exemplos, como já afirmamos anteriormente. No caso do patriarca, na igreja conventual havia uma imagem sua no centro do altar-mor, esculpida em talha inteira, em madeira policromada, medindo 0,94 x 0,40 x 39,5m. Esta imagem, orago da igreja do antigo convento de São Francisco de Vitória, mostra o santo com uma expressão de dor, tendo a mão esquerda sobre o peito e segurando uma cruz com a direita. Essa imagem, que atualmente está conservada na reserva técnica do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, foi restaurada em 2005 por Ailton Tadeu Costa. (Figuras 61 a 79).

Sua presença na igreja conventual é atestada por uma série de fontes escritas. A primeira delas e a mais completa é a descrição de frei Apolinário, em 1730, da igreja, que afirma que no altar-mor achava-se a imagem do Patriarca São Francisco e, em nichos laterais, as de Santo Antônio e de São Benedito⁵⁹⁰. Em seguida, encontramos-na citada em uma série de inventários – que em geral se preocupavam mais com os objetos de metal que com as esculturas. O inventário de 1850 cita: “no altar mor – A imagem de São Francisco com seu resplendor de prata, e uma cruz na mão direita”⁵⁹¹. Dois anos depois, um inventário apenas dos objetos em prata, especifica: “*altar-mor em prata* – um resplendor de São Francisco”⁵⁹². Seis anos mais tarde, em 1858, há um novo levantamento das jóias e alfaias da igreja de São Francisco de Vitória, no qual podemos ler: “Altar mor – uma imagem do Santo Padre com a Cruz”⁵⁹³. Em 1888, há novamente um levantamento sobre a prataria da igreja que cita “um resplendor de São Francisco”⁵⁹⁴; e em 1893, outro que também menciona “um resplendor de prata da

⁵⁸⁹ *Diário da Manhã*, Vitória, ano I, n. 291, “São Francisco de Assis”, 7 ago. 1908, p. 2.

⁵⁹⁰ FREI APOLINÁRIO, Epítome §7. Apud RÖWER, 1957, p33.

⁵⁹¹ Inventário de 1850 feito pelo frei Manoel de Santa Izabel, para o síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição, 1850. São Paulo.

⁵⁹² Relação do que existe “neste” convento em prata. Convento São Francisco de Vitória. Guardiã frei de Santa Helena, 10/01/1852. Província da Imaculada Conceição. São Paulo.

⁵⁹³ Relação de jóias e alfaias pertencentes ao Convento de São Francisco da Província do Espírito Santo – Vitória. Feito pelo síndico, José da Silva Cabral em 11/10/1858. Província Franciscana da Imaculada Conceição – São Paulo.

⁵⁹⁴ Relação das *pessas* de prata pertencentes ao Convento São Francisco feito por Philomeno de Andrade Gomes Resendo. Vitória 23/05/1888. Província Franciscana da Imaculada Conceição – São Paulo.

imagem de São Francisco”⁵⁹⁵. No ano de 1900, um novo inventário de alfaías especifica que há “no altar mor – São Francisco de Assis com resplendor de prata e um crucifixo de madeira na mão”⁵⁹⁶. Finalmente, em um documento avulso, de 1906, lemos: “no altar-mór Imagem de S. Francisco de Assis com resplendor e cruz de prata na mão”⁵⁹⁷. De todo esse conjunto de fontes, a mais distinta é um poema do Padre Antunes Siqueira, de 1884, que não tem o mesmo caráter de arrolamento e é um exemplo da recepção da obra junto a seu público, nesse caso um padre, ressaltando justamente a expressão de seu rosto: “De São Francisco, junt’ a seu Convento/Imagem expressiva, mui garbosa”⁵⁹⁸.

Os estudiosos de modo geral se limitam a mencionar a existência da imagem no altar-mor, mas Röwer precisa que, quando de sua visita a Vitória em 1940, ele encontrou “a imagem de São Francisco num depósito com mais imagens”⁵⁹⁹.

Nas fontes e na bibliografia, não há referência alguma ao fato de que essa imagem tivesse sido substituída alguma vez, e posto que o Museu de Arte Sacra foi fundado em 1943, acreditamos que com a sua inauguração a imagem tenha sido levada para lá⁶⁰⁰. De acordo com a ficha da peça, elaborada pelo Núcleo de Restauração da UFES, com base num primeiro levantamento feito pelo IPHAN-ES, ela teria sido doada ao Museu por Horácio Manoel Machado⁶⁰¹, membro fundador da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres⁶⁰², instalada no convento desde 1919. Em 1937, data da última ata de que possuímos dessa irmandade, ela ainda estava ativa no antigo convento e Horácio Machado era seu Promotor⁶⁰³. Acreditamos que inicialmente, com as reformas e depois com a demolição da igreja conventual, Horácio Machado tenha ficado com a guarda da

⁵⁹⁵ Relação dos objetos que servem para o culto divino pertencentes ao Convento São Francisco, Victória 31/05/1893. Feito por Philomeno d’Andrade Gomes Rezendo. Província Franciscana da Imaculada Conceição – São Paulo.

⁵⁹⁶ Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alfaías pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade “São Benedito”. 20 de dezembro de 1900. Cúria Metropolitana.

⁵⁹⁷ Documento Avulso com descrição das imagens. 30 de dezembro de 1905. Cúria Metropolitana.

⁵⁹⁸ SIQUEIRA, 1944, p. 32.

⁵⁹⁹ RÖWER, 1957, p. 34.

⁶⁰⁰ A Capela de Santa Luzia era originariamente pertencente à fazenda do colonizador Duarte Lemos. O interventor Punaro Bley criou, pelo Decreto nº 10.610 de 3/7/1939, o Museu Capixaba, sendo o acervo da Coleção de Olinto Aguirre e do IHGES, eram diretores: Antônio Ataíde, Archimimo Mattos, Mário Freire, Heráclito Pereira e Adolfo Oliveira. Imagem Urbana, 22 de Março de 2001. p. 1. Quando em 1943 inaugurou-se o Museu de Arte Religiosa na Capela de Santa Luzia, houve divisão do acervo “sacro”, a outra parte das peças foi para o Museu Solar Monjardim em 1944, que em 13/02/1967 passou a chamar Museu de Arte e História, ficando o acervo aos cuidados da UFES. *Revista Capixaba*, Editoria Artenova, Vitória, ano III, nº 28, junho 1969. p. 40.

⁶⁰¹ Conforme levantamento feito pelo IPHAN-ES e pelo NCR-UFES na década de 80.

⁶⁰² Ata de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. 1º ata. 3/05/1919. p. 4.

⁶⁰³ Ata de Santo Antônio dos Pobres 1919 – 1937. 25º ata. 11/07/1937, p. 39. Nessa reunião Horácio Machado assumiu o cargo de 1º secretário da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres.

imagem, transmitindo-a posteriormente ao Museu, como também ocorreu no caso das imagens de Sant'Ana Mestra e de Nossa Senhora das Dores⁶⁰⁴.

Uma foto de 1967 do altar-mor da capela de Santa Luzia, que então sediava o Museu de Arte Sacra, nos mostra esta imagem em exposição, juntamente com a Sant'Ana Mestra, a cabeça de Santo Ivo e outras imagens. Após a desativação deste Museu, nos anos 1970, todo acervo foi transferido para o Museu Solar Monjardim, e a imagem pôde ser vista lá pela arquiteta Luciane Musso Maia, em 1987⁶⁰⁵.

Ainda no que tange aos usos e funções das imagens, nos livros de organização interna do convento não encontramos menções a solenidades organizadas na festa de São Francisco, no dia 4 de outubro, até porque a documentação conservada é recente, correspondendo apenas ao período de decadência da Ordem Primeira em Vitória. Mas na capela da Ordem Terceira ela era comemorada – ainda que não exatamente naquele dia. Um dos exemplos mais detalhados é a festa de 1887, quando a capela recebeu bênção solene após ter sido restaurada justamente na festa do patriarca: “há muitos anos não se faziam a festa que com esplendor em tempos idos, exaltam o culto instituído em nome do Patriarcha Franciscano, que por motivos alheios dos desejos d’esta Venerável Ordem tem-se deixado de fazer nos últimos cinco anos”⁶⁰⁶. As notícias são ainda de que:

A chuva abundante de sabbado e domingo últimos prejudicou consideravelmente o brilho da festa celebrada na Ordem 3ª da Penitência, em louvor do seu patriarcha. Não obstante, todo programma anunciado foi cumprido. O revd. Antunes, que occupou por duas vezes a tribuna sagrada, desempenhou-se com galhardia de sua árdua tarefa. O Sr presidente da província assistiu a missa solenne, bem como outras auctoridades civis, judiciaes e militares⁶⁰⁷.

Diante da preocupação em descrever as pessoas que participaram dessa missa em louvor a São Francisco, vemos aí também um exemplo de como a devoção se unia a um acontecimento social, sendo uma ocasião de prestígio.

⁶⁰⁴ Conforme levantamento feito pelo IPHAN-ES e pelo NCR-UFES na década de 80. Em Freire temos que “a expressiva imagem de N Sª das Dores” foi oferecida ao Museu de Arte Sacra. FREIRE, 1954, s/p.

⁶⁰⁵ MAIA, 1987, p. 38; *Revista Capixaba*, Ed Artenova, ano II, out. 1968, p. 35. A restauradora Raquel Diniz com esta imagem em *A Gazeta*, Vitória, 19 ago. 1988. E ainda, *A Gazeta*, Vitória, 23 fev. 1992.

⁶⁰⁶ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 27 out. 1887, p. 4. Pe Francisco Antunes de Sequeira, música: banda Caramurú. Teve eleição da Mesa. Secretário: João A. B. Brandão, volta a ser publicada em *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 29 out. 1887, p. 3.

⁶⁰⁷ *A Província do Espírito Santo*, Victoria, 1 nov. 1887, p. 3.

A imagem de São Francisco foi restaurada entre 2005 e 2006, por Ailton Tadeu Costa, em uma sala do segundo pavimento do próprio Museu Solar Monjardim. A peça encontrava-se enrolada em tecido, apresentando várias galerias de cupins que se interligavam, iniciadas na cabeça e capuz, chegando até a base da imagem, que não mais existia. Ela tinha também partes com perda da policromia, repintura com uso de purpurina por sobre as folhas de ouro e todo o verniz estava oxidado. O pé direito estava faltante, tendo sido encontrado após a obra já estar reintegrada e restaurada, foi anexado por último. Um pedaço do cordão franciscano esculpido em madeira também tinha sido perdido, exatamente na parte onde há os três nós. O restaurador deixou essa parte sem “acabamento” com os pinos aparentes, na expectativa de que fosse encontrado posteriormente⁶⁰⁸. No entanto, até hoje esta parte não foi encontrada.

4.3.1.1- SÃO FRANCISCO DAS CHAGAS

Dentro do ideal de imitação do Cristo realizado por Francisco, o ponto mais alto é o recebimento dos estigmas, a “crucificação mística” do santo. De acordo com Tomás de Celano⁶⁰⁹, em 1224 Francisco retirou-se para o Monte Alverne e no dia 17 de setembro teve a visão de que acima de si surgira um Serafim Crucificado que lhe imprimiu as marcas de sua crucificação nas mãos, pés e flanco⁶¹⁰. Celano relata:

Quando percebeu que não conseguia compreender nada e que a novidade da visão tinha penetrado profundamente em seu coração, começaram a aparecer em suas mãos e pés os sinais dos cravos, como no homem que pouco antes tinha visto crucificado acima dele”. Suas mãos e seus pés pareciam atravessados bem no meio pelos cravos, aparecendo as cabeças no interior das mãos e em cima dos pés, com as pontas saindo do outro lado. Os sinais eram redondos no interior das mãos e longos no lado de fora, deixando ver um pedaço de carne como se fossem pontas de cravos entortadas e rebatidas, saindo para fora da carne⁶¹¹.

E da mesma forma se deu nos pés de São Francisco. Com relação ao lado direito, “parecia atravessado por um lança, com uma cicatriz fechada que muitas vezes soltava sangue, de maneira que sua túnica e suas calças estavam muitas vezes banhadas no sagrado sangue”⁶¹².

⁶⁰⁸ Entrevista ao restaurador Ailton Tadeu Costa realizada no Centro de Documentação da Cúria Metropolitana em 17/02/2009.

⁶⁰⁹ CELANO, Tomás de. *Vida de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 68-69.

⁶¹⁰ VARAZZE, 2003, p. 841.

⁶¹¹ CELANO, 1984, p. 69.

⁶¹² Id., Ibid.

Através das Chagas, São Francisco se tornou semelhante a Cristo, servindo de modelo a ser seguido na sua penitência e entrega a Jesus Cristo. A iconografia barroca, bem como a espiritualidade da Contra-Reforma, que privilegiava o tema de visões místicas experimentadas pelos santos⁶¹³, deu grande destaque a esta cena.

A cena do recebimento das Chagas é freqüentemente representada no altar-mor de igrejas franciscanas na América portuguesa⁶¹⁴, sendo formada por um conjunto escultórico que compreende o Cristo Crucificado e São Francisco ajoelhado à sua frente recebendo os estigmas. Como observa Maria Regina E. Quites, uma vez que o culto à Paixão de Cristo e à penitência são o ponto central das representações nas Ordens Terceiras, a Estigmatização de São Francisco é a cena mais importante, sendo encontrada tanto em esculturas de vulto, na talha, nas pinturas de forro, nos painéis, nas telas e azulejaria, nos claustros e inclusive nas fachadas dos templos⁶¹⁵.

Em Vitória, a capela da Ordem Terceira da Penitência possuía uma imagem localizada no trono do altar-mor representando São Francisco recebendo as Chagas de Cristo. Esse conjunto não mais existe, podendo ser conhecido apenas através de uma reprodução fotográfica, além da documentação escrita. (Figura 3).

Essa fotografia, tirada em 1920 por Aristides Freire, penúltimo síndico da Ordem Terceira, dois anos antes de morrer, e doada ao IPHAN-ES⁶¹⁶, embora de baixa resolução, deixa entrever a silhueta de São Francisco ajoelhado aos pés do Cristo na cruz, como descrita em sua iconografia. Seu filho assim explica a falta de visibilidade da foto:

A luz que, intensa e forte, penetrava no retábulo, através do vidro que meu Pai tivera a iniciativa de fazer colocar, em fins do século passado, ao alto e ao fundo, na parede externa, impediu reproduzir S. Francisco, genuflexo, diante do Crucificado, na surpresa da impressão dos estigmas⁶¹⁷.

A documentação escrita sobre esse conjunto escultórico é pequena. Encontramos apenas o relato de D. João Nery, quando de sua visita pastoral à capela dos Terceiros da

⁶¹³ MÂLE, Emile. *L'art religieux après le Concile de Trente. Étude sur l'iconographie de la fin du XVI et du XVII, XVIII siècles*. Paris: Armand Colin, 1932. p. 47.

⁶¹⁴ SOUZA, Maria Beatriz de M. A iconografia das capelas da Ordem Terceira franciscana no Rio de Janeiro. In: *Anais VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: CBHA. 2004. p. 496.

⁶¹⁵ QUITES, 2006, p. 79.

⁶¹⁶ Foto do Arquivo do IPHAN-ES, 1920 de autoria de Aristides Freire, publicada em FREIRE, 1954, sp.

⁶¹⁷ *Ibid.*, sp.

Penitência, em 1898, de que encontrou no altar-mor “o Crucifixo com resplender de prata e S. Francisco”⁶¹⁸.

Acreditamos que este poderia ser o conjunto que saía no décimo terceiro andor da procissão da Quarta-feira de Cinzas⁶¹⁹, o último da série dos andores “levados pelas ruas, ladeiras e largos mal calçados de Vitória antiga”⁶²⁰. E isso porque não encontramos referência a imagens de vestir que poderiam se encaixar nessa cena.

Não se conhece o paradeiro deste conjunto, embora um estudioso local, Mário Aristides Freire, filho do mencionado Aristides Freire, afirme que chegou a contemplar estas imagens no altar⁶²¹.

Além da provável utilização processional desse conjunto escultórico, ele era objeto de uma festa específica na capela da Ordem Terceira, no mês de setembro, em data móvel (apesar da data oficial desta festa ser o 17 de setembro), em geral próxima à missa de Santa Rosa de Viterbo⁶²². Essa festa constava de missa cantada, sermão e *Te-Deum* à noite⁶²³. Tratava-se de uma das principais cerimônias realizadas na capela, mantida mesmo quando esta se encontrava em condições físicas pouco favoráveis, a exemplo do ano de 1855. Neste ano, muitas festividades foram canceladas, mas a missa das Chagas de São Francisco foi mantida, tendo sido “muito concorrida”⁶²⁴.

Através da leitura das matérias divulgadas na imprensa local, podemos perceber os freqüentes desentendimentos entre os irmãos terceiros, que não relutavam em tornar

⁶¹⁸ Livro de Tombo da Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha. 5/01/1898. p. 4. Cúria Metropolitana.

⁶¹⁹ Seguiu um anjo com a tarja: Estou longe de me vangloriar, a não ser na cruz de Cristo. Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 8. Cúria Metropolitana.

⁶²⁰ FREIRE, 1954, sp.

⁶²¹ Ibid. As demolições da capela se deram depois de 1926, mas não sabemos com exatidão a data da demolição do altar-mor, uma vez que suas portas e paredes permaneceram intactas. O piso foi arrancado na década de 80. Informações de Giovanna Valfré, Diretora do Arquivo da Cúria Metropolitana.

⁶²² *Jornal da Victoria*, Vitória, 4 set. 1867, p. 4. Era ministro: José Cláudio de Freitas, presença do pe Magdalena Duarte, era secretário: Veríssimo Manuel Aguiar, houve procissão e leilão; foi orador: pe. José Pereira Duarte Carneiro. Repete em *Correio da Victoria*, Vitória, 7 jul. 1870, p. 4 e *Correio da Victoria*, Vitória, 21 set. 1870, p. 2. Há relato de que durante a missa o fogo de uma vela atingiu a cortina do dossel do SS Sacramento no cimo do altar; estragando algumas peças da armação. *Correio da Victoria*, Vitória, 16 set. 1871, p. 4. Secretário: João A. B. Brandão.

⁶²³ *Correio da Victoria*, Vitória, 12 set. 1849, p. 4. Houve votação do novo definitório e posse do novo comissário. Fez-se cobrança dos anuais e mesadas; secretário: Sebastião Fernandes d’Oliveira e porteiro José Nunes de Miranda. *Correio da Victoria*, Vitória 13 set. 1857, p. 4.

⁶²⁴ *Correio da Victoria*, Vitória, 19 set. 1855, p. 4. A matéria inclui deboches a respeito da ausência do ministro da Ordem na Missa das Chagas, por ter ido caçar e ter dado preferência à plantação de frutas junto ao capitão Silvestre: “ao caro irmão ministro os nossos emboras pelas suas fadigas” pelo “inefável exemplo de sua dedicação”.

públicas tais desavenças internas, principalmente quando suas festas não eram realizadas por falta de empenho de seus confrades ou mesmo pela direção da mesa da Ordem Terceira. Cada Ministro administrava a festividade de honra às Chagas da forma que lhe conviesse, contando com a contribuição financeira dos irmãos. No ano de 1887, por exemplo, para realizar a festa ao “S. Francisco das Chagas”, pede-se a entrega de jóias ao síndico Miguel Antonio Villas-Bôas, “para aquisição de objetos que seriam precisos para adornar a capella”⁶²⁵.

Assim, em 1889, por exemplo, houve apenas missa cantada pela manhã⁶²⁶. Em 1902 ela voltou à normalidade⁶²⁷ e em 1908 ela atingiu seu ápice, sob o bispado de D. Fernando Monteiro, segundo bispo diocesano de Vitória. Nesse ano, as solenidades das “Sagradas Chagas do Patriarcha São Francisco” tiveram uma pompa nunca registrada, com missa solene, presença de dois padres e música durante todos os atos, dentro da igreja e no alpendre do convento franciscano⁶²⁸, tudo com licença do bispo: “assim terão os pobres e as classes operárias propicia oportunidade para cumprir os deveres de bons catholicos”. A extensa matéria no jornal reafirma a comparação feita pelo padre Luiz Claudio entre São Francisco e o Cristo, sendo São Francisco designado mesmo como “Christo d’Alverne”, como podemos ler no convite para a missa:

Padre Luiz Claudio fará pratica sobre a magnificente scena das Chagas de S. Francisco de Assis, quando, em seu cemitério, o amor do Filho de Deus se imprimiu no corpo de Christo d’Alverne. Amando verdadeira e indistinctamente como ama a todos os seus bons filhos e ovelhas, o nosso extremecido prelado fará com que a ordem, em pouco, possa agremiar as antigas tradições e graças da vocação⁶²⁹.

Diante da ausência dos frades, o bispado tomava as rédeas da Ordem Terceira, colocando-a sob sua tutela, assim como estava fazendo com as demais irmandades e devoções da cidade.

4.3.1.2- SÃO FRANCISCO ABRAÇANDO O CRISTO OU SÃO FRANCISCO DO AMOR DIVINO

⁶²⁵ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 21 out. 1887, p. 4.

⁶²⁶ *A Província do Espírito Santo*, 18 out. 1889, p. 4. Pe. Siqueira relata a missa das Chagas de São Francisco em seu Esboço Histórico de 1893, realizada na capela dos Terceiros. SIQUEIRA, 1944, p. 106.

⁶²⁷ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 18 set. 1902, p. 1.

⁶²⁸ *Diário da Manhã*, Vitória, 12 set. 1908. Padres: Alfredo Piquet e Luiz Cláudio. Orquestra com 6 vozes, 2 violinos, 1 pistón, 1 clarinete e harmônio, regência do maestro sacro Auché, missa “*corpus-christi*”. Ao pregador cantada voz de soprano *Ave Maria* com flauta, violino e harmônio. No alpendre música da banda da polícia. Secretário: Antero Gonçalves.

⁶²⁹ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 308, ano 1, terça-feira, 15 set. 1908.

Relacionada à cena da estigmatização de São Francisco surgiu, também após o Concílio de Trento, uma outra iconografia do patriarca, que o mostra abraçado ao Cristo (também chamada de São Francisco do Amor Divino)⁶³⁰. Nela, São Francisco está sempre em pé e o Cristo é representado com o braço esquerdo preso à cruz e o direito solto sobre o ombro do santo, a abraçá-lo. Essa iconografia não é muito comum, como constatou Quites. Podemos citar um exemplar no Museu de Arte Sacra de São Paulo, e três outros nas igrejas da Ordem Terceira de São João del Rei (em um dos altares laterais), de Ouro Preto e do Rio de Janeiro (na sacristia).

Na capela dos Terceiros de Vitória, encontramos um único relato acerca da existência desta representação, em um artigo de uma revista local, que afirma que existia “sobre o telhado do claustro, um Crucificado disposto de modo a abraçar S. Francisco, quando, no mesmo andor, assim [eram] levados pelas ruas”⁶³¹. Entretanto, a única descrição dos andores da procissão de Cinzas que temos, datada de 1867, não menciona esse conjunto. De toda forma, não se pode descartar a possibilidade de que esse Cristo na cruz tenha mesmo existido e que tenha saído em alguma procissão abraçando São Francisco, uma vez que a documentação de que dispomos não é exaustiva.

4.3.1.3- SÃO FRANCISCO PENITENTE

A representação de São Francisco meditando sobre um crucifixo ou um crânio relaciona-se também com a iconografia pós-tridentina, materializada principalmente nas pinturas de El Greco, segundo Réau, contrapondo-se à tradição que remontava a Giotto, de um São Francisco doce e delicado⁶³². Nessa nova iconografia, São Francisco penitente é consumido pela dor, como se vê em toda arte da Espanha do século XVII⁶³³, e também na América, segundo Schenone, que mostra em geral o santo de pé, estático, a contemplar o crucifixo que leva na mão direita, enquanto na esquerda segura uma caveira⁶³⁴.

Na capela da Ordem Terceira de Vitória não encontramos nenhuma representação de São Francisco Penitente e nem tampouco referência explícita a ela. Porém, uma matéria

⁶³⁰ REAU, Louis. *Iconografia del arte cristiano: iconografia de los santos*. Barcelona: Serbal, 2000. v. 3, p. 561.

⁶³¹ FREIRE, 1954, sp.

⁶³² REAU, 2000, v. 3, p. 547, 558.

⁶³³ Id., Ibid.

⁶³⁴ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 331.

publicada na imprensa local, em 1855, menciona uma imagem não especificada do patriarca:

Na ordem 3ª de São Francisco da Penitência de hoje em diante se achará a imagem do Santo Patriarca exposta a veneração dos fiéis, todas as noites, para implorar ao Creador que nos livre do flagello que nos persegue⁶³⁵.

Acreditamos que esta imagem que esteve exposta à veneração e às orações dos fiéis seria o “Seráfico São Francisco em pé com uma cruz encostada a si”, uma imagem de vestir que saía no terceiro andor da Procissão de Quarta-Feira de Cinzas⁶³⁶, e que não ficava “exposta” aos fiéis durante o restante do ano. Isso explicaria a excepcionalidade daquela ocasião, quando se esperava um milagre da imagem, diante do sofrimento em que se encontravam os fiéis, temendo o surto de varíola que se alastrava e já fazia vítimas. E essa imagem poderia corresponder ao tipo do São Francisco penitente de que fala Schenone, de pé com a cruz – embora neste caso seja uma grande cruz e não um crucifixo, e não haja menção à caveira.

Quanto ao fato de se tratar de uma imagem de vestir, isso não seria um problema para tal iconografia. Maria Regina E. Quites, em sua pesquisa sobre as imagens pertencentes às Ordens Terceiras, encontrou-a dessa forma nas igrejas de Diamantina e de Ouro Preto, onde São Francisco Penitente se encontra no trono do altar-mor. Em Mariana, esta imagem está entronizada no nicho do altar-mor ao lado de São Domingos e em São João del-Rei, em um retábulo colateral⁶³⁷.

4.3.1.4 - JUSTIÇA DIVINA

O conjunto escultórico conhecido como Justiça Divina é composto por Nossa Senhora e o Cristo de pé, em um plano superior, e os santos Francisco e Domingos, de joelhos, mais abaixo. Quites encontrou um exemplo completo apenas na Ordem Terceira Franciscana de São Paulo, no último altar da nave ao lado esquerdo. Nesta mesma igreja, a capela-mor tem a cena reproduzida em pintura⁶³⁸. Em Vitória, possivelmente a capela dos Terceiros da Penitência tinha também essa cena pintada em seu teto, de acordo com o relato de Mário Freire de que havia:

⁶³⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, Vitória, 26 dez. 1855, p. 4.

⁶³⁶ Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 6. Cúria Metropolitana.

⁶³⁷ QUITES, 2006, p. 56.

⁶³⁸ *Ibid.*, p. 75.

pinturas de antigos quadros e painéis que ainda hoje se encontram nos mostram, registrando alguns episódios da vida do Poverello, bem assim um grande painel do teto, a meio da capella, foram destruídos, sem o menor interêsse em averiguar o pintor! No painel, S. Francisco e São Domingos, como Frei Adalberto descreve no quadro da Divina Justiça, em São Paulo, pareciam implorar misericórdia pelo mundo pecador⁶³⁹.

4.3.1.5- BRASÃO DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA

O brasão da Ordem Terceira da Penitência, sempre presente em suas capelas, pode ser encontrado tanto no interior da igreja (na parede, na talha, nos livros etc), quanto na fachada. No brasão, são representados os braços entrecruzados de São Francisco, com o hábito, do lado direito, e do Cristo, nu, do lado esquerdo. Uma cruz se projeta para cima, no meio deste cruzamento. Aparecem também a coroa de espinhos de Cristo e as cinco Chagas. São também representadas as armas de Portugal, o cordão de São Francisco, e, com menos freqüência, a coroa real, tarjas, fitas, ramos de flores, asas, querubins, anjos, estrelas e o brasão imperial⁶⁴⁰.

Através da já mencionada fotografia de 1920, podemos ver o brasão da Ordem Terceira da Penitência na capela dos Terceiros de Vitória, ao alto, no centro do altar-mor, provavelmente feito pela mesma mão que fez a talha do altar. Todo esse conjunto foi demolido.

No frontispício do convento São Francisco de Vitória, há um relevo com a representação das cinco Chagas de São Francisco e um coração com os três cravos de Cristo também estucados. Com relação ao brasão, não se trata do brasão completo, e de sim de um símbolo bem mais simplificado que o de outros conventos franciscanos. (Figura 7).

4.3.2- IMAGENS DA ORDEM PRIMEIRA ENCONTRADAS NA IGREJA DE SÃO FRANCISCO

4.3.2.1- SÃO BENEDITO

São Benedito nasceu em 1526, na Sicília, Itália, na aldeia de São Filadelfo, hoje San Fratello, filho de escravos africanos. Ele morreu em 1589, e sua festa é celebrada a 4 de

⁶³⁹ FREIRE, 1954, sp.

⁶⁴⁰ Sobre o frontão da igreja de São Francisco ver, entre outros, BEITER, Fernando Campos. *O programa iconográfico da igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto*. Monografia (Graduação em Artes Plásticas). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008. p. 37.

abril, de acordo com Schenone⁶⁴¹. Primeiramente foi eremita, até que com a ordem do papa Pio IV de que todos os eremitas buscassem recolhimento em conventos regulares de alguma Ordem. Em 1562⁶⁴² ele ingressou na Ordem Franciscana como irmão leigo, vivendo no convento de Santa Maria de Jesus, em Palermo, onde foi cozinheiro, depois vigário, mestre de noviços chegando a ser superior do convento⁶⁴³.

Nesse convento contam-se vários milagres seus, como o de que em um dia de nevasca, não sendo possível os frades saírem para pedir esmolas, e sem provisão alguma, São Benedito teria enchido de água as panelas e vasos que ali havia, na esperança de obter, com isso alguma graça divina. Na manhã seguinte, as vasilhas estavam cheias de peixes⁶⁴⁴.

Em outra feita, ao estar varrendo o lixo, perguntaram-lhe por que fazia aquilo com tanto carinho. O santo respondeu que eram flores, e naquele momento, o lixo se transformou em flores. Por causa desse milagre, São Benedito também é conhecido como São Benedito das Flores.

Sua representação iconográfica mostra um jovem negro tonsurado, vestindo hábito franciscano, franzido à cintura pelo cordão da Ordem. Seus atributos são um pano na mão, evocando seu ofício de cozinheiro; um avental com flores, em função do seu conhecido milagre; o crucifixo e um coração inflamado de onde jorram sete gotas de sangue, simbolizando as sete virtudes. Ele é representado também carregando o Menino Jesus nos braços, sobre um manto⁶⁴⁵. Ele é considerado patrono dos negros e em particular dos escravos africanos, não só no Brasil, mas em toda a América do Sul⁶⁴⁶. Seu culto no Brasil data do início do século XVII, quando se lhe atribui a cura do filho de uma escrava no convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro⁶⁴⁷.

Na cidade de Vitória, existem duas imagens de São Benedito procedentes da igreja conventual de São Francisco, e que pertenceram, ambas, à Irmandade de São Benedito lá instalada. A primeira delas é citada na Epítome de frei Apolinário, de 1730, que a

⁶⁴¹ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 187.

⁶⁴² ELTON, 1988, p. 11.

⁶⁴³ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 187.

⁶⁴⁴ ELTON, 1988, p. 12.

⁶⁴⁵ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 187.

⁶⁴⁶ MARINO, 1996, p. 85.

⁶⁴⁷ BORGES, 2005, p. 155.

localiza em um dos nichos laterais⁶⁴⁸. Cem anos depois, em 23 de setembro de 1833, essa imagem teria sido roubada do seu nicho, da igreja do convento São Francisco, em um episódio bastante conhecido da história capixaba. Durante a guardiania de frei Manuel de Santa Úrsula, ela fora tirada de seu nicho e guardada, após a tentativa dos devotos de quererem sair com a imagem em procissão de baixo de chuva no dia 27 de dezembro de 1832⁶⁴⁹. No ano seguinte, o Guardiã do convento voltou com a imagem para o nicho. Mas, no dia 23 de setembro de 1833 ela foi levada por alguns devotos para a igreja do Rosário, onde atualmente se encontra em um altar lateral do lado da Epístola. (Figuras 80 a 86).

Diante do fato, inconformada, a Irmandade de São Benedito do convento encomendou uma nova imagem para seu altar, em 1835, esculpida por Francisco Chagas Coelho⁶⁵⁰. Mas essa imagem provavelmente não chegou a ocupar mais o altar-mor. Em 1850, data da próxima menção que encontramos dela, ela se encontrava em um altar lateral, do lado da Epístola, ao lado da imagem de Sant' Anna Mestra⁶⁵¹. No altar-mor, agora, além de São Francisco e Santo Antônio, havia uma imagem de São Gonçalo Garcia⁶⁵², que lá seria mantido, como podemos ler no inventário de 1858⁶⁵³. Provavelmente, durante a “ausência” da imagem de São Benedito, que não sabemos quanto tempo durou, uma vez que não temos informação de quando a encomenda foi terminada, houve a troca. Depois, mesmo com a chegada da “nova” imagem de São Benedito, a imagem de São Gonçalo Garcia permaneceu no nicho do altar-mor. Talvez a humilhação do roubo da imagem não tivesse sido de fato esquecida ou interpretada como algum sinal. (Figuras 87 a 92).

Desde a Idade Média relatam-se casos em que isso ocorria (assim como o furto de relíquias). Em geral, admitia-se que quando o furto era bem-sucedido, isso era um sinal de que o próprio santo, ou a própria imagem haviam-no autorizado⁶⁵⁴. Recordando, com

⁶⁴⁸ FREI APOLINÁRIO, Epítome, § 7. Apud RÖWER, 1957, p. 33-34.

⁶⁴⁹ ELTON, 1988, p. 17.

⁶⁵⁰ Ibid., p. 21. Hoje esta imagem faz parte do acervo da Cúria Metropolitana de Vitória.

⁶⁵¹ Inventário feito pelo frei Manoel de Santa Izabel, 1850. Relata: “tudo ficou em poder do Síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição - São Paulo.

⁶⁵² Inventário feito pelo frei Manoel de Santa Izabel, 1850. Arquivo da Província da Imaculada Conceição - São Paulo.

⁶⁵³ Inventário de jóias e alfaias pertencentes ao convento S. Francisco da Província do Espírito Santo, Victória, 11/10/1858. Arquivo da Província da Imaculada Conceição - São Paulo.

⁶⁵⁴ Ver, a esse respeito, Patrick GEARY. *Furta sacra. Thefts of relics in the central Middle Ages*. Princeton: Princeton University, 1990.

Le Goff, de que as mentalidades são o que mais lentamente muda na história⁶⁵⁵, poderíamos sugerir a permanência de uma idéia similar a essa no seio da Irmandade de São Benedito do convento de São Francisco.

A nova imagem de São Benedito, como a anterior, com resplendor e o Menino Jesus em um dos braços, permaneceu no altar lateral nos anos seguintes, como podemos ler em documentos até 1906⁶⁵⁶. Daí em diante, lemos em frei Röwer, em sua visita de 1940, “que estavam conservadas as imagens da Conceição e São Benedito na capela atual do Orfanato”⁶⁵⁷. De acordo com Luciane Musso, em 1987, essa imagem se encontrava ainda no terreno do antigo convento, mas só que na atual sala de audiências da Cúria⁶⁵⁸. Ainda hoje há uma imagem de São Benedito sem o Menino na sala do atual administrador da Cúria Metropolitana de Vitória. Apesar das mudanças de uso ocorridas nos espaços do antigo convento, somos levados a crer que se trata desta imagem de São Benedito do século XIX, a única do conjunto franciscano a permanecer perto do local de origem – embora não mais na capela.

Essa imagem de São Benedito foi esculpida em madeira, policromada, e tem olhos de vidro, medindo 1,04 x 0,30 x 0,31m. O santo veste hábito franciscano preto com ornamentações fitomórficas douradas – repintadas com purpurina, com o cordão da Ordem na cor branca e descalço. A imagem necessita de urgente restauro, apresentando partes da pintura descascadas e vestígios de ataques de cupim, além de ter partes faltantes, como alguns dedos da mão esquerda e da direita também.

Com relação à imagem que foi roubada do convento de São Francisco, ela permanece até hoje no altar lateral do lado da Epístola na igreja de Nossa Senhora do Rosário de Vitória. De madeira dourada e policromada, ela mede 1,15 x 0,39 x 0,33m, e tem olhos de vidro de cor castanha. Os pés do santo estão descalços e ele veste hábito preto com

⁶⁵⁵ LE GOFF, 2005, p. 47.

⁶⁵⁶ Assim podemos ler em 1852 (Relação do que existe neste convento no altar-mor em prata. 10/01/1852. Frei José de Santa Helena, Guardião. Província da Imaculada Conceição – São Paulo); em 1852 (Inventário de jóias e alfaías pertencentes ao convento S. Francisco da Província do Espírito Santo, Victória, 11/10/1858. Arquivo da Província da Imaculada Conceição – São Paulo), em 1886 (extraído do inventário de 1867 para ser remetido ao novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 9/08/1886. Província da Imaculada Conceição – São Paulo); 1898 (Livro Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha 1898. p. 5. Cúria Metropolitana); 1900 (Cópia dos inventários das alfaías pertencentes ao “Convento”, a “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade de São Benedito. 20/12/1900. Cúria Metropolitana); e 1906 (Relação dos Santos, Imagens e alfaías existentes no Convento de São Francisco feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de São Francisco).

⁶⁵⁷ RÖWER, 1957, p. 34.

⁶⁵⁸ MAIA, 1987, p. 38.

ornamentações douradas e cordão sem os três nós. O Menino tem 0,37m de altura e os olhos azuis. Sua roupa é branca sendo trocada apenas pela provedora da irmandade há mais de trinta anos, D. Nelce Pizani. Diferentemente da anterior, ela se encontra em ótimo estado de conservação, até porque se trata de uma devoção bastante forte até os dias de hoje, sendo a imagem exposta e levada em procissão no dia 27 de dezembro.

4.3.2.2- SÃO BOAVENTURA

Nascido em Bagnoregio, Itália em 1218, com nome de nascimento Giovanni Fidanza, entrou para a Ordem Franciscana ainda adolescente, passando então a se chamar Boaventura. São Boaventura fortaleceu a Ordem no campo da cultura, eliminando o medo de que a ciência causasse dano à simplicidade da Ordem. Foi discípulo de São Tomás de Aquino, em Paris, onde mais tarde foi professor de Teologia e ministro geral dos Frades Menores, com 36 anos. Feito cardeal teve então que aceitar a consagração episcopal, que antes, por humildade tinha recusado. São Boaventura recebeu do papa Gregório X a missão de preparar o segundo Concílio de Lyon. Entre seus livros mais conhecidos está “O Itinerário da mente para Deus”⁶⁵⁹. São Boaventura morreu a 15 de julho de 1274, em Lyon, França, sendo canonizado em 14 de abril de 1482.

Em geral, sua iconografia o mostra vestindo o hábito franciscano, com chapéu de cardeal, mitra e báculo. Como doutor da Igreja, seus atributos são o livro, a pluma e uma maquete de igreja em uma das mãos⁶⁶⁰.

No convento de Vitória, a primeira menção a essa invocação data de 1609, quando frei Jaboatão informa que os despojos do frei Pedro Palácios foram trasladados da então ermida da Penha, em Vila Velha, para a igreja do convento de São Francisco de Vitória. Segundo ele, esses despojos “foram recolhidos em hum túmulo de pedra lavrada na capela do seráfico doutor São Boaventura”, sendo na “face do túmulo, encerrado na parede, colocada uma tampa”⁶⁶¹. Embora ele mencione uma “capela do seráfico doutor São Boaventura”, acreditamos que ele esteja se referindo à parede atrás do altar deste santo, que ficava no lado da Epístola, de acordo com frei Apolinário⁶⁶².

⁶⁵⁹ AQUINO, 1996, p. 165.

⁶⁶⁰ MARINO, 1996, p. 90.

⁶⁶¹ FREI JABOATÃO. *Novo Orbe II*, parte I, vol. II, p. 45. Apud RÖWER, 1957, p. 37.

⁶⁶² FREI APOLINÁRIO, Epítome, § 7. Apud RÖWER, 1957, p. 33-34.

Só voltaremos a encontrar referência a esta imagem em 1850, então localizada no altar-mor em um nicho do lado do Evangelho, quando somos informadas de que o santo segura “uma cruz de pau”. Nesse inventário, não há menção a seus atributos tradicionais⁶⁶³. A imagem é mencionada na mesma disposição em 1858⁶⁶⁴, 1886⁶⁶⁵, 1900⁶⁶⁶ e 1906⁶⁶⁷. Depois dessa última data, não se tem mais notícias dela.

4.3.2.3- SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

Santo Antônio de Pádua, nascido em Lisboa a 15 de agosto de 1191, foi batizado com nome de Fernando Martim de Bulhões e morreu em Pádua, na Itália, em 1231. Sua festa é a 13 de junho. Foi canonizado um ano depois de sua morte, por Gregório IX. Estudou em Coimbra no Convento de Santa Cruz. Converteu-se depois de ficar impressionado ao presenciar os restos mortais dos cinco Mártires do Marrocos no ano de 1220, entrando para a Ordem dos frades Menores, mudando seu nome para Antônio, tinha apenas quinze anos de idade quando entrou para o convento para ser Religioso⁶⁶⁸. Entre os poderes atribuídos pelos fiéis a Santo Antônio, está o de protetor de cidades, casas e famílias, advogado das almas do purgatório, protetor do amor e do casamento.

A iconografia de Santo Antônio o mostra vestindo hábito franciscano, com cordão à cintura com os três nós, de pé, segurando com uma das mãos o Menino Jesus, que pode estar de pé ou sentado sobre um livro. Como atributo, pode trazer o lírio ou a palma⁶⁶⁹. Este relato também é feito pelo teólogo Juan Interián de Ayala, em seu livro *El pintor cristiano y erudito*, de 1730, de que a iconografia mais comum de Santo Antônio o representava com um ramo de lírio na mão, acompanhado do Menino Jesus⁶⁷⁰. Röwer escreve que a cruz é tão inseparável de Santo Antônio que não somente é representado

⁶⁶³ Inventário feito pelo frei Manoel de Santa Izabel em 1850, para o síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição – São Paulo.

⁶⁶⁴ Inventário das jóias e alfaias pertencentes ao Convento de São Francisco da Província do Espírito Santo em 11/10/1858, feito pelo síndico José da Silva Cabral. Província da Imaculada Conceição – SP.

⁶⁶⁵ Extraído do inventário de 1867 para ser remetido ao novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 8/08/1886. Província da Imaculada Conceição – São Paulo.

⁶⁶⁶ Inventário da Irmandade de São Benedito e devotos de N. S. da Conceição, 20/11/1900. Cúria Metropolitana.

⁶⁶⁷ Relação dos Santos, Imagens e alfaias existentes no Convento de São Francisco feita perante a comissão de reorganização da Irmandade de S. Francisco, 11/07/1906. Cúria Metropolitana.

⁶⁶⁸ ROWER, 1968, p. 15.

⁶⁶⁹ SCHENONE, 1992, v. 1. p. 158.

⁶⁷⁰ STOICHITA, Victor I. *El ojo místico: Pintura y vision religiosa en el siglo de oro español*. Espanha: Alianza, 1995. p. 116.

com ela na mão, mas que ela, com o livro, que é o símbolo de sua ciência, faz parte de seu brasão, como se encontra frequentemente em igrejas antonianas⁶⁷¹.

A proliferação da imagem de Santo Antônio com o Menino, é mais recorrente no século XVII, a partir de dois episódios da legenda do santo, de origens não confirmadas. O primeiro se refere ao período que Antônio morou na França, quando teria tido uma visão com o Menino Jesus. O motivo do livro provém de outro episódio em que o santo estaria pregando sobre a Encarnação, quando o Menino teria descido do céu, colocando-se sobre o seu livro⁶⁷².

Em Minas, trata-se da invocação mais freqüente: um levantamento recenseou noventa e sete imagens⁶⁷³. Mas, como observou Maria Regina E. Quites, Santo Antônio é pouco representado nas Ordens Terceiras da Penitência, sendo encontrando pequenas imagens de talha inteira em Mariana e São João del Rei (nesta última, a autoria é atribuída a Aleijadinho⁶⁷⁴). Nas Ordens Primeiras, ele é frequentemente representado, a exemplo dos conventos franciscano de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro. Santo Antônio também intitula a Província franciscana do Norte do Brasil, e a de Portugal. No Espírito Santo, também é uma das invocações mais comuns: o Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc possui em seu acervo vinte e uma imagens de Santo Antônio, sendo uma de gesso, uma de terracota e as demais em madeira, todas de pequena estatura⁶⁷⁵.

A cidade de Vitória tem desde as suas origens uma intrínseca relação com Santo Antônio. Sua primeira denominação foi Ilha de Santo Antônio, em função da devoção presente desde a sua colonização. Em 1752, ele assumiu a patente de soldado raso⁶⁷⁶, recebendo as devidas honras. Encontramos na documentação relativa à igreja Matriz uma informação de que pelo menos desde 1898 ele possuía altar próprio e que eram rezadas missas em sua atenção⁶⁷⁷. Mas é provável que bem antes disso já houvesse uma imagem deste santo lá. No que concerne à igreja do convento de São Francisco de Vitória, frei Apolinário menciona sua imagem ocupando o altar-mor, no lado da

⁶⁷¹ ROWER, 1980, p. 12.

⁶⁷² STOICHITA, 1995, p. 118.

⁶⁷³ ALVES, Célio. Apud QUITES, 2006, p. 108.

⁶⁷⁴ QUITES, 2006, p. 108.

⁶⁷⁵ COLNAGO, 1995, p. 26.

⁶⁷⁶ RÖWER, 1957, p. 55.

⁶⁷⁷ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p. 44 v. Cúria Metropolitana.

Epístola⁶⁷⁸. A imagem é mencionada em todos os inventários pesquisados, dos anos de 1850 e 1852 (onde se precisa que o santo segura o Menino em uma mão e uma cruz de prata na outra), assim como de 1858, 1886, 1898, 1900 e 1906⁶⁷⁹. A partir daí não temos mais notícias da imagem de Santo Antônio da Ordem Primeira de São Francisco em Vitória.

Com relação à capela da Ordem Terceira da Penitência, em 1898, o bispo diocesano relatou a existência de uma imagem de Santo Antônio que ocupava o altar-mor⁶⁸⁰. Alguns anos antes, em 1872, sua festa era noticiada na imprensa, ressaltando-se que “há longos annos não é ali festejada *essa imagem* e pelo que saudamos aos iniciadores de tão feliz lembrança filha de sentimentos religiosos”⁶⁸¹. Não temos conhecimento de suas dimensões, mas podemos ter uma idéia, já que ele ficava em um nicho no lado oposto ao de Santa Rosa de Viterbo, que mede 0,83 x 0,35 x 0,19m. Também não temos conhecimento do paradeiro dessa imagem de Santo Antônio depois de 1954, quando ela estava localizada, nas palavras de Freire, “*no Asilo Christo-Rei*”, e não sabemos se autor faz referência à capela do Orfanato Cristo Rei⁶⁸² - capela esta que era a antiga capela da Ordem Terceira, mas com o altar-mor demolido e com uma de suas paredes alteradas; ou se autor nos informa que esta imagem de Santo Antônio do altar mor dos Terceiros, fora levada para alguma outra parte do Orfanato (e não Asilo).

Todas as imagens de Santo Antônio do acervo do Museu Solar Monjardim, como dissemos, são pequenas, e dificilmente ocupariam o posto de orago, devendo ser de oratórios particulares. A desaparecimento dessas duas imagens do conjunto franciscano também não é algo que surpreenda, pois Santo Antônio, tradicionalmente, é alvo de práticas supersticiosas que envolvem castigos como ficar pendurado de cabeça para

⁶⁷⁸ RÖWER, 1957, p. 34.

⁶⁷⁹ Assim podemos ler em 1852 (Relação do que existe neste convento no altar-mor em prata. 10/01/1852. Frei José de Santa Helena, Guardião. Província da Imaculada Conceição – São Paulo); em 1852 (Inventário de jóias e alfaías pertencentes ao convento S. Francisco da Província do Espírito Santo, Victória, 11/10/1858. Arquivo da Província da Imaculada Conceição – São Paulo), em 1886 (extraído do inventário de 1867 para ser remetido ao novo sindaco Francisco de Lima Escobar Araújo em 9/08/1886. Província da Imaculada Conceição – São Paulo); 1898 (Livro Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha 1898. p. 5. Cúria Metropolitana); 1900 (Cópia dos inventários das alfaías pertencentes ao “Convento”, a “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade de São Benedicto. 20/12/1900. Cúria Metropolitana); e 1906 (Relação dos Santos, Imagens e alfaías existentes no Convento de São Francisco feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de São Francisco.

⁶⁸⁰ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha 1898, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁶⁸¹ *Correio da Victoria*, Vitória, ano XXIV, n. 63, quinta-feira, 6 jun. 1872, p 3. Dali em diante parece que a sua festa ganhou prestígio, pois são eleitos juizes e juizas para festejar o “Glorioso Santo Antônio na Ordem 3ª da Penitência”. *Correio da Victoria*, Vitória, ano XXII, n. 64, quinta-feira, 06 jun. 1873, p 3.

⁶⁸² FREIRE, 1954, sp.

baixo ou ter o Menino roubado. Além disso, como já mencionamos, por se tratar de um santo bastante querido, não é improvável que tenha sido apropriado por algum devoto, ou devota – já que há especialmente uma forte devoção feminina a ele: em 1908, por exemplo, para sua missa na capela da Ordem Terceira, foram majoritariamente mulheres que doaram dinheiro⁶⁸³.

4.3.2.4 - SANTO ANTÔNIO DE NOTO/CANTAJERONA

Em Vitória, temos registros de que uma imagem de vestir do Santo Antônio de Noto que saía na procissão da Quarta-Feira de Cinzas, no décimo andor⁶⁸⁴. Já o bispo D. Nery, em sua visita de 1898 à capela dos Terceiros, afirma que lá havia “uma imagem do Venerável Antônio de *Cathargo*” [Cartago]⁶⁸⁵, sem maiores precisões. Não encontramos mais referências a elas, que têm paradeiro desconhecido.

É possível, e mesmo provável, que se trate da mesma imagem, e que o bispo tenha se confundido. Afinal, era um equívoco comum confundir as duas iconografias, como frei Adalberto Ortmann observa em relação à Ordem Terceira de São Paulo⁶⁸⁶. Os dois santos eram franciscanos e morreram na Itália do século XVI, mas o primeiro, chamado de Noto, em função do local onde faleceu, era considerado negro. Filho de mouros, nascido no norte da África, converteu-se ao cristianismo e ingressou na Ordem Terceira. Já Santo Antônio de Cartagerona (também chamado de Santo Antônio Gartaguinês ou Catajerônimo, *Cantajarona*, de Cathargo, de Catigeró, todos decorrentes de Caltagirone, a cidade da Sicília de onde era originário) era branco e frei da Ordem Primeira.

No Brasil, é comum, portanto, designar a imagem de um Santo Antônio negro tanto como Noto quanto Cartagerona, como se fossem o mesmo. Além disso, devido ao fato de esse santo trazer no braço o Menino Jesus, ele é também frequentemente confundido com São Benedito.

⁶⁸³ São elas: Edith Netto, Edith Moraes, Rosa Ribeiro e Maria H. Espindola, além de Vital Motta. *Diário da Manhã*, Vitória, n. 232, ano 1, terça-feira, 9 jun. 1908, p. 2. Missa incensada, música com harmônio; padre Luiz Cláudio. *Diário a Manhã*, Vitória, 10 jun. 1908, p. 3.

⁶⁸⁴ Livro da Ordem Terceira da Penitência. 1867, p. 6 v. Cúria Metropolitana.

⁶⁸⁵ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁶⁸⁶ ORTMANN, Adalberto. *História da antiga capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo*. Rio de Janeiro: DPHA, 1951. p. 130.

Existe uma imagem de Santo Antônio de Noto (ou, equivocadamente de Cartagerona) na Ordem Terceira de São Paulo, mas ele é muito freqüente em igrejas do Rosário, como a de Tiradentes e a de Salvador – por ser um santo negro, ele era objeto de grande devoção em irmandades de escravos e seus descendentes. A irmandade de escravos de Tijuco, por exemplo, fundada no século XVIII, chamava-se Irmandade de Nossa Senhora dos Pretos, de São Benedito, Santa Efigênia e Santo Antônio de Cartagerona⁶⁸⁷.

4.3.2.5- SANTO ANTÔNIO DOS POBRES

Outra invocação de Santo Antônio é a dos “Pobres”, sendo seu atributo principal, além do Menino Jesus, um avental cheio de pães que o Santo oferece aos pobres. Esse tipo iconográfico de Santo Antônio originou-se de uma lenda que conta que em Toulon, na França, em 1890, uma senhora, por não conseguir abrir uma porta mesmo após ter experimentado diversas chaves, nem tampouco o serralheiro que foi chamado, resolveu enfim ir buscar ferramenta para arrombar a porta. Ao retornar, a senhora pediu que se experimentassem outra vez as chaves porque ela fizera a promessa a Santo Antônio de dar pão aos pobres se não fosse necessário estragar a porta. Experimento feito, promessa atendida, a porta abriu com a primeira chave sem a mínima dificuldade. A partir daí, a notícia se espalhou, e os cofres a Santo Antônio também. Um fabricante de imagens em Paris relata que de janeiro a maio de 1894 vendeu quarenta mil imagens do Santo⁶⁸⁸. A partir daí, a devoção a Santo Antônio dos Pobres se espalhou pelo mundo: Santo Antônio “ouve” os pedidos e em troca “recebe” pão para os pobres.

O “pão de Santo Antônio”, que se manda benzer em honra ao santo, relaciona-se com a crença de receber ou conservar a saúde e também para não faltar o pão cotidiano⁶⁸⁹. Importante alimento para todos os povos, o pão é símbolo da nutrição essencial, lembrando ainda da clara importância da consagração do pão feita por Jesus, visto que o homem não vive “somente de pão”, também a alimentação espiritual pode ser chamada de pão⁶⁹⁰.

Em Vitória, existiu uma Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, desde 1917, sendo instalada em 1919 no convento de São Francisco e composta pelos antigos devotos de

⁶⁸⁷ BORGES, 2005, p. 153 a 164.

⁶⁸⁸ RÖWER, 1980, p. 151.

⁶⁸⁹ Ibid., p. 152.

⁶⁹⁰ HENZ-MORHR, 1994, p. 272 e 273.

São Benedito⁶⁹¹, Irmandade esta, que não mais existia no convento. A imagem de seu orago inicialmente fora prometida pelo bispo diocesano, mas finalmente, encomendada do Rio de Janeiro⁶⁹², foi doada a Irmandade pelo padre Elias Thomasi em 1920⁶⁹³. Essa imagem saía em procissão na festa do santo, que contava ainda com missa, bênção e distribuição dos pães. Seu Livro de Atas se encerra no ano de 1937, embora as festividades ao santo prossigam. O último registro que encontramos dela foi em 1945, na capela do orfanato (antiga capela dos terceiros) com missa cantada e “solene procissão, nela tomando parte uma grande massa de fiéis devotos do glorioso taumaturgo. Assim, piedosamente, passou-se em Vitória o 13 de junho de 1945”⁶⁹⁴. (Figuras 93 a 97).

A permanência dessa imagem de Santo Antônio dos Pobres nesta igreja deve-se muito à instalação do Orfanato, já que naquele lugar também se fazia assistência aos pobres, com distribuição de roupas e pães⁶⁹⁵. A senhora Maria Laurentina Leal, em 2000, aos 73 anos de idade, deu um depoimento a um periódico local relatando que “se lembrava que São Francisco deu lugar a Santo Antônio como patrono do local, depois que o antigo Convento foi desativado”. E ela complementa: “Eu me recordo das trezenas e das orações que a gente fazia na antiga capela de Santo Antônio. A diversão era total no mês de junho, tanto que a frente do antigo convento era iluminada por fogueiras e fogos de artifício, feitos para a festa do santo”⁶⁹⁶.

Existe uma imagem de Santo Antônio dos Pobres em um nicho lateral da igreja de São Gonçalo, em Vitória, citada inclusive numa notificação de 1948, no mesmo local onde atualmente ela se encontra: em nicho lateral da nave, lado do Evangelho⁶⁹⁷. Ela é assim identificada, mesmo sem apresentar os atributos característicos, pois o santo não possui avental nem os pães, apenas a tonsura, o hábito franciscano negro, uma cruz na mão

⁶⁹¹ Ata de Santo Antônio dos Pobres 1919 -1937. Para sua história, ver capítulo 4.

⁶⁹² Ata de Santo Antônio dos Pobres 1919- 1937. p. 22 e 23.

⁶⁹³ *Diário da Manhã*, Vitória, 10 jan. 1920, p. 2. Talita Arrivabene havia sugerido em sua dissertação que essa imagem seria datada do século XIX, baseando-se em critérios estilísticos (que, aliás, não ficaram muito claros). Ela também havia descartado a possibilidade de que essa imagem teria vindo do convento de São Francisco, baseando-se em uma interpretação errônea de Mário Freire (ARRIVABENE, 2008, p. 148). No entanto, através de nossa pesquisa e do documento citado acima, podemos descartar tais hipóteses e afirmações.

⁶⁹⁴ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha 1898-1947. p. 121v. Cúria Metropolitana.

⁶⁹⁵ Relatório de devoção particular de Santo Antônio dos Pobres e do Menino Deus na Igreja de São Francisco apresentado ao bispo D. Benedito A. de Souza. 31/12/1932. Cúria Metropolitana.

⁶⁹⁶ *A Gazeta*, Vitória, edição especial, domingo, 20 ago. 2000, p. 3.

⁶⁹⁷ *Notificação n° 550 enviada ao diretor geral do IPHAN – RJ pela Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção*. 29/9/1948. IPHAN – ES.

direita e um livro na esquerda, sobre o qual está de pé o Menino Jesus. Ambos possuem resplendor de latão. A escultura mede 1,00 x 0,45 x 0,28m, e é em madeira policromada, em muito semelhante à que se encontra no altar-mor da igreja conventual de Santo Antônio do Rio de Janeiro, que tem 1,66 m de altura e é de barro queimado⁶⁹⁸, e também não apresenta tais atributos de Santo Antonio dos Pobres. Mesmo assim, como escreve frei Röwer, “desde sempre o Convento Santo Antônio [do Rio de Janeiro] repartiu o pão que come de esmola com os pobres de fora”, servindo inclusive almoço para os necessitados na porta do convento⁶⁹⁹.

Em 1990, esta imagem foi restaurada pelo IPHAN-ES⁷⁰⁰. O santo se encontrava repintado, com a mão direita solta. O cinto original, feito em madeira, estava perdido e seu livro havia recebido purpurina sobre o douramento. Com relação ao Menino Jesus, ele estava totalmente repintado, censurado na área genital com um grosso calção curto feito em gesso. Atualmente o calção do Menino foi retirado, e ele se encontra nu sobre o livro que o santo segura com o braço esquerdo. O santo recebeu um cordão de tecido.

É nossa hipótese, e também a de Wallace Bonicenha⁷⁰¹, que essa imagem é a que pertencia originalmente à igreja conventual de São Francisco. Seu estilo condiz com uma imagem do início do século XX, e além disso, o primeiro documento da igreja de São Gonçalo a mencioná-la data de 1948⁷⁰² - sendo que o Orfanato foi dali transferido em 1960. Além disso, sabemos que essa igreja recebeu diversas imagens provenientes de outras igrejas locais⁷⁰³. No entanto, na documentação pesquisada, não encontramos documentos que relatem seu traslado ou doação para esta igreja.

4.3.2.6- SÃO GUÁLTER BISPO

São Guálter foi fundador do convento franciscano dos Guimarães em Portugal e morreu em 1258. Trata-se de uma devoção pouco comum no Brasil: Maria Regina E. Quites

⁶⁹⁸ RÖWER, 2008, p. 261.

⁶⁹⁹ Id., p. 229.

⁷⁰⁰ Mesmo em consulta ao IPHAN-ES, não foi possível saber o nome do restaurador, pois tal informação não foi preservada.

⁷⁰¹ BONICENHA, 2004, p. 161.

⁷⁰² Notificação n. 550 enviada ao diretor geral do IPHAN-RJ pela Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. 29 de setembro de 1948. Arquivo IPHAN-ES.

⁷⁰³ Ver, a esse respeito, ARRIVABENE, Talita Goulart. *Acervo iconográfico da igreja de São Gonçalo vestígios do passado na dialética do presente*. Dissertação (Mestrado em Artes). Programa de Pós-Graduação em Artes, UFES, Vitória, 2008. p. 135.

encontrou-o representado apenas no Rio de Janeiro, no Museu Sacro e no nicho da nave da igreja⁷⁰⁴.

Em Vitória, segundo o registro da procissão das Cinzas de 1867, uma imagem sua saía no quinto andor⁷⁰⁵. De acordo com a descrição, ele portava uma mitra branca na cabeça, além do báculo. Acreditamos que esta imagem faça parte do conjunto das “onze estátuas de armação – verônicas braços e pés” - relatadas pelo bispo diocesano em 1898⁷⁰⁶ e atualmente desaparecidas.

4.3.2.7- SÃO GONÇALO GARCIA

São Gonçalo Garcia era filho de um português com uma indiana; nasceu em meados do séc. XVI em Bazin, nas Índias-Orientais. Antes de tomar o hábito franciscano, era negociante. Enviado em missão evangelizadora ao Japão – juntamente com outros 6 irmãos da mesma Ordem e 17 Terceiros, além de 3 jesuítas – todos morreram martirizados em 5 de fevereiro de 1597. Todos foram canonizados em 8 de junho de 1862.

Segundo Alban Butler, esses mártires do Japão foram atados a cruzes com cordas e braços e pernas foram acorrentadas. Tiveram ainda um colar de ferro preso no pescoço, e em seguida foram içados no ar e suas cruzes fincadas em um buraco preparado no solo. Próximo de cada mártir havia um carrasco preparado para transpassá-lo com uma lança, conforme a maneira japonesa de executar a crucificação⁷⁰⁷.

Em Vitória, São Gonçalo Garcia possui uma igreja a ele dedicada, no centro de Vitória desde 1766. Entretanto, muitos atribuem, erroneamente, esta igreja a São Gonçalo do Amarante, a exemplo de Elmo Elton⁷⁰⁸. O próprio orago, entronizado no altar-mor desde a fundação da igreja, é objeto de identificações errôneas – ou resumidas, se limitando a designá-lo como São Gonçalo, como faz o bispo D. Nery em 1898 quando inventaria o acervo da igreja⁷⁰⁹. Mais recentemente – pelo menos desde 1990 – ele tem sido identificado como São Gonçalo do Amarante mesmo pela Arquiconfraria de Nossa

⁷⁰⁴ QUITES, 2006, p. 112.

⁷⁰⁵ Livro da Ordem Terceira da Penitência - 1867, p. 4. Cúria Metropolitana.

⁷⁰⁶ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p. 5. Cúria Metropolitana

⁷⁰⁷ BUTLER, Alban. *Vida dos Santos*. Lisboa: Dinalivro, 1992. p. 33.

⁷⁰⁸ ELTON, 1999, p. 168.

⁷⁰⁹ Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha 1898-1947, p. 6. Cúria Metropolitana.

Senhora da Boa Morte e Assunção, proprietária da igreja desde pelo menos a metade do século XIX. No entanto, como demonstram Maria Cristina Pereira e Rachel Diniz, as características iconográficas da imagem, assim como a documentação mais antiga da igreja, não dão margem à equívoco: trata-se mesmo de São Gonçalo Garcia, que teve a carnação repintada em 1980, para ficar com a pele clara como a de seu homônimo⁷¹⁰.

Em 1850, encontramos menção a uma outra imagem de São Gonçalo Garcia no altar-mor da igreja de São Francisco em nicho do lado do Evangelho, tendo São Francisco no centro e Santo Antônio do lado da Epístola⁷¹¹. Como dissemos anteriormente, ela provavelmente foi aí incluída depois de 1833, quando a imagem de São Benedito foi roubada. Este mesmo inventário nos informa que o santo possuía uma lança – o que nos permite identificá-lo com precisão, uma vez que o documento só se refere a “São Gonçalo”. Em 1858 sua imagem continuava no altar-mor, além do relato de “dois ditos de São Gonçalo⁷¹²” e em outro inventário de 1886 são registradas duas lanças de prata de São Gonçalo Garcia⁷¹³. A última notícia que temos dessa imagem remonta a 1900, quando ela ainda estava no altar-mor da igreja de São Francisco⁷¹⁴. A partir de então, não temos mais notícias dessa imagem.

4.3.3- SANTA DA ORDEM SEGUNDA

4.3.3.1- SANTA CLARA DE ASSIS

Santa Clara nasceu na cidade de Assis, na Itália, em 1193. Seguidora de São Francisco, para ela o santo criou uma Ordem de irmãs, a Ordem Segunda, confirmada em 1251. Em poucos anos criou mosteiros em várias cidades da Itália e na Alemanha, e morreu em 11 de agosto de 1253⁷¹⁵. É representada com o hábito franciscano, com ou sem túnica, podendo ainda trazer um escapulário. Como atributo, traz a custódia, podendo

⁷¹⁰ PEREIRA, Maria Cristina C. L. e DINIZ, Rachel Ferreira. Um caso de homonímia sacra: o orago da igreja de São Gonçalo (Vitória - ES). *Farol*, v. 7, p. 58-68, 2006.

⁷¹¹ Inventário feito por frei Manoel de Santa Helena em 1850, para o síndico padre Salles”. Arquivo da Província da Imaculada Conceição em São Paulo.

⁷¹² Inventário das jóias e alfaias pertencentes ao Convento de S. Francisco da Província do Espírito Santo de Vitória feito em 11/10/1858. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁷¹³ Inventário de 1886 extraído do inventário de 1867 para o síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 8/08/1886. Arquivo da Província da Imaculada Conceição - São Paulo.

⁷¹⁴ Inventário da Irmandade de São Benedito e devotos de N. S. da Conceição, 1900. Cúria Metropolitana.

⁷¹⁵ ALBAN, 1992, p. 115.

ainda trazer a açucena, palma, livro da regra, algumas vezes um crucifixo, ou o ostensório, em devoção à Santa Eucaristia⁷¹⁶.

Em Vitória, não houve convento da Ordem segunda, e temos notícias apenas da existência de um quadro representando Santa Clara no refeitório do convento franciscano⁷¹⁷, que foi levado posteriormente para o Museu Solar Monjardim – o que não pudemos verificar, uma vez que não nos foi permitido acesso a esse acervo.

4.3.4- IMAGENS DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO ENCONTRADAS NA CAPELA DOS TERCEIROS DE VITÓRIA

De acordo com Maria Regina E. Quites, os santos da Ordem Terceira da Penitência mais frequentemente representados são São Luís Rei de França e Santa Isabel Rainha de Portugal. Além deles, São Lúcio, Santa Bona e Santo Ivo, e também Santa Rosa de Viterbo e Santa Margarida de Cortona. A autora encontrou também outras representações, mais esporadicamente, como São Vivaldo, Santo Elzeário, Santa Delfina, entre outros⁷¹⁸, que não encontramos em Vitória.

4.3.4.1- SÃO LUÍS REI DE FRANÇA

Luís IX era filho de Luís VIII e de Branca de Castela, de quem recebeu uma educação cristã – e que foi um dos motivos por ter organizado uma Cruzada para Jerusalém. Nasceu em 1215 na cidade de Poissy e morreu em 1270, tendo sido canonizado por Bonifácio VIII, em 1297. Para Schenone, a difusão de suas imagens na América explica-se pelo prestígio de sua posição real e por ser terceiro franciscano⁷¹⁹.

Os atributos de São Luís são a coroa real e o cetro, além da coroa de espinhos de Cristo (reliquia por ele adquirida na Terra Santa) nas mãos e três cravos. As imagens mostram-no ainda com uma vasta cabeleira e bigode, e com vestimenta real sob o hábito franciscano, além do cordão. Na procissão de Quarta-Feira de Cinzas de Vitória, a imagem de vestir de São Luís ocupava o 9º andor, exatamente segundo sua descrição iconográfica, “com o cetro na mão direita e na esquerda uma cora de espinhos e os

⁷¹⁶ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 228.

⁷¹⁷ ELTON, 1999, p. 136.

⁷¹⁸ QUITES, 2006, p. 82.

⁷¹⁹ SCHENONE, 1992, v. 2, p. 554.

cravos de ferro tendo aos pés uma salva de prata com a coroa de rei”⁷²⁰. Não temos conhecimento do paradeiro dessa imagem, que deve ser uma das mencionadas pelo bispo em 1898 estando entre as onze estátuas de armação – verônicas braços e pés, por ele inventariadas na capela dos Terceiros⁷²¹.

Em São João del Rei e Diamantina existem altares próprios na nave da igreja, dedicados ao santo. No litoral está presente nos altares da nave das igrejas da Ordem Terceira de Salvador, Rio de Janeiro, Recife e São Paulo, como também nas imagens processionais da Casa dos Santos em Salvador, no Museu Sacro no Rio de Janeiro e no claustro em Recife⁷²².

4.3.4.2- SANTA IZABEL RAINHA DE PORTUGAL

Santa Izabel nasceu em 1271 na Espanha, e morreu em 1336, sendo canonizada em 1625 pelo papa Urbano VIII. Ela recebera este nome em honra de sua tia Isabel da Hungria, canonizada 36 anos antes. Em 1325, após ter enviuvado devotou-se aos serviços dos necessitados como Terciária franciscana; retirou-se para uma casa em Coimbra, perto do Convento de Santa Clara, fundo por ela; é padroeira de Coimbra, Saragoça e Portugal.

A representação iconográfica Santa Izabel Rainha de Portugal e de Isabel da Hungria se confunde, com o hábito e rosas no regaço, e às vezes trajes reais e coroa. Essas rosas se explicam por uma lenda que conta que um dia, levando escondidos mantimentos para os pobres, foi surpreendida por seu esposo. Milagrosamente, os mantimentos foram transformados em rosas⁷²³.

Maria Regina E. Quites a encontrou representada em todas as igrejas da Ordem Terceira por ela estudadas⁷²⁴, sendo entronizada na nave de Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. Em Ouro Preto e São João del Rei, ela está no altar-mor; e em Mariana possui um altar na nave. Em Vitória, esta representação fez parte da procissão de Cinzas, ocupando o décimo primeiro andor. Era representada como Terceira, com rosas no regaço do manto e coroa aos pés. O secretário da Ordem informa ainda que essa

⁷²⁰ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867, p. 6. Cúria Metropolitana.

⁷²¹ Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha 1898-1947, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁷²² QUITES, 2006, p. 84.

⁷²³ SCHENONE, 1992, v. 1, p. 474.

⁷²⁴ QUITES, 2006, p. 85.

imagem de Santa Izabel Rainha de Portugal levava na mão direita uma “molleta⁷²⁵” – o que acreditamos tratar-se de um equívoco, pois a chamada muleta seria na realidade um cetro, como vemos nas imagens dessa santa no Rio de Janeiro e em Recife. Na Ordem Terceira de Salvador parece ter havido o mesmo equívoco, porque também encontramos referência da compra de uma “bengala de prata” para Santa Isabel, no ano de 1860⁷²⁶ - o que deveria ser também o cetro.

4.3.4.3- SANTO IVO

Terciário franciscano, Santo Ivo nasceu em 1263 e morreu em 1303 na Bretanha, França, tendo sido canonizado em 1347. Estudou em Paris, se formando em Direito e Teologia, é considerado patrono dos advogados. Mais tarde ordenou-se sacerdote, foi Juiz Eclesiástico da Diocese de Rennes, mas renunciou ao seu cargo para se dedicar aos pobres. Sua iconografia o mostra como advogado ou sacerdote: como advogado, veste uma túnica talar ou toga aberta na frente, murça e barrete; como sacerdote, pode vestir sobrepeliz e estola. Quanto aos atributos, Santo Ivo pode ter nas mãos um lírio, um rolo de papel ou livro, uma bolsa com documentos, uma pena com tinteiro, e estar acompanhado de um mendigo⁷²⁷.

A imagem de Santo Ivo foi encontrada em todas as procissões de Cinza pesquisadas por Maria Regina E. Quites⁷²⁸. Esse é o caso também de Vitória: na descrição da procissão de 1867, a imagem de vestir do santo seguia no sétimo andor⁷²⁹. Representado como sacerdote, vestia batina, banda, sobrepeliz e capelo. Na mão esquerda, o santo levava um livro, e na direita, uma “penna d’escrever”. Dr. Mário Freire o identifica como “honestíssimo advogado Bretão”⁷³⁰.

Ainda segundo Maria Regina E. Quites, Santo Ivo possui altar próprio na nave das igrejas de Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife; sendo que em Minas Gerais, possui altar na nave apenas em Ouro Preto. Em São João del Rei, no ano de 1756, o andor de Santo Ivo foi patrocinado por advogados. Em Vitória, pelo menos no ano de

⁷²⁵ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867, p. 7. Cúria Metropolitana.

⁷²⁶ ALVES, Marieta. *História da Venerável Ordem 3ª da Penitência da Bahia*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. p. 167.

⁷²⁷ SCHENONE, 1992, v. 2, p. 477.

⁷²⁸ QUITES, 2006, p. 89.

⁷²⁹ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁷³⁰ FREIRE, 1954, sp.

1867, lemos que o andor de Santo Ivo “pertencia” ao irmão terceiro Augusto Manoel d’Aguiar⁷³¹.

Esta imagem, ou parte dela, pois se trata apenas da cabeça, é a única peça que restou do conjunto de imagens de vestir que saíam na procissão de Cinzas de Vitória. Segundo Mário Freire, a cabeça de Santo Ivo foi retirada em 1943 do ossuário geral existente no pátio do antigo convento São Francisco, quando ele foi aberto: “ a cabeça que diziam ser de Santo Ivo, encontrada no dito monumento, está no Museu”⁷³². De fato, o inventário do antigo Museu de Arte Sacra, feito pelo IPHAN-ES também fornece a mesma explicação⁷³³, acrescentando a informação ainda que ela ficara em seguida em poder do Dr. Américo Poli Monjardim. A cabeça, em madeira sem policromia, mostra uma calvície acentuada, barba e bigode, e termina em um pescoço alongado, e mede 0,34 x 0,20 x 0,21m. Ela é datada, pelo inventário, do século XVIII⁷³⁴. (Figuras 98 a 103). Maria Regina E. Quites nos relata que há um engano na identificação desta peça, pois, o uso de barba não faz parte da iconografia de Santo Ivo, podendo esta cabeça se tratar mais seguramente, como pertencente a uma imagem de São Francisco, que possui barba, tendo sido confundida esta identificação da peça, fato este, que estamos de acordo.

4.3.4.4- SANTA ROSA DE VITERBO

Nascida no ano de 1235, na cidade de Viterbo, Itália, conta-se que aos oito anos e gravemente enferma, Santa Rosa foi curada por intercessão de Nossa Senhora. Apesar de muito jovem, sempre demonstrou inclinação para a vida religiosa. Taumaturga precoce, aos treze anos ressuscitou sua tia, e converteu uma feiticeira ao cristianismo. Faleceu aos 18 anos de idade, sendo canonizada em 1457 por Calixto III⁷³⁵.

Santa Rosa é representada vestindo hábito franciscano, podendo estar coroada de rosas e ter uma touca branca sob o véu. Seus atributos são a caveira, o crucifixo, uma maquete de igreja (por sua defesa do papado), uma vara de açucena, ou ainda uma imagem

⁷³¹ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁷³² FREIRE, 1954, sp.

⁷³³ Levantamento feito pelo NCR-UFES e Museu de Arte Sacra em 1980.

⁷³⁴ Levantamento feito pelo NCR-UFES e Museu de Arte Sacra 1980. Atualmente em bom estado, apesar da perda da policromia, a cabeça foi restaurada pelo professor Edson Motta do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico.

⁷³⁵ SCHENONE, 1992, v. 2, p. 699.

miniatura do *Ecce Homo*. Além disso, ela tem frequentemente uma fogueira a seus pés, que representa a conversão de uma feiticeira⁷³⁶. Ela pode ainda trazer um ramalhete de rosas à mão ou numa das dobras do hábito ou no escapulário a modo de avental, pois também a ela se atribui o milagre de Santa Izabel.

Em Mariana, Santa Rosa de Viterbo possui altar próprio, em São João del Rei está entronizada no altar-mor e em Ouro Preto, tem altar na nave. No Rio de Janeiro, possui retábulo na nave da igreja e imagem de vestir no Museu Sacro. Em Salvador e em Recife existem imagens de vestir na Casa dos Santos e no claustro, respectivamente⁷³⁷. Nas imagens de Ouro Preto, Mariana e São João del Rei, ela possui uma cruz coberta de rosas. Em Vitória, Santa Rosa de Viterbo é a titular da capela dos Terceiros da Penitência e sua imagem, em madeira policromada com resplendor de prata, ocupava no final do século XIX, segundo o relato do bispo D. Nery, o altar-mor da capela dos Terceiros⁷³⁸. Mário Freire nos fornece a localização das imagens no altar-mor: ao centro, a Conceição, a direita Santo Antônio a esquerda Santa Rosa de Viterbo “oferecida ao Museu”⁷³⁹.

De fato, esta imagem de Santa Rosa de Viterbo, de madeira policromada, medindo 0,83 x 0,35 x 0,19m, consta atualmente do acervo do Museu Solar Monardim/IBRAM/Minc (anteriormente pertencia ao acervo do IPHAN-ES). De acordo com os inventários, essa imagem, que dataria do século XVII, ficou aos cuidados da Madre Superiora do Orfanato Cristo Rei, instalado no antigo convento desde 1924, e foi por ela doada ao Museu de Arte Sacra quando ele funcionou na capela de Santa Luzia⁷⁴⁰. A partir de então, podemos ver esta imagem em fotos de periódicos locais, exposta também no Museu Solar Monardim⁷⁴¹. Anos mais tarde, as notícias são de que o acervo de imagens do Museu de Arte Sacra, transferido para o Museu Solar Monardim, estavam sendo “vítimas do descaso público, maus-tratos, agressão física, muitas peças sendo destruídas pela ação dos cupins, e sem a mínima segurança”⁷⁴². Dentre outras imagens sacras, está

⁷³⁶ Ibid., v. 1, p. 105.

⁷³⁷ QUITES, 2006, p. 105.

⁷³⁸ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha. 5/01/1898, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁷³⁹ FREIRE, 1954, sp.

⁷⁴⁰ Segundo catalogação e levantamento de documentos e fichas feitos pelo NCR-UFES. Conservados no IPHAN-ES e no NCR-UFES.

⁷⁴¹ *A Gazeta*, Vitória, segunda-feira, 5 jan. 1987.

⁷⁴² *A Gazeta*, Vitória, domingo, 23 fev. 1992.

em destaque a imagem de Santa Rosa de Viterbo, e ainda, que o valor das peças “é incalculável”, e que estavam a espera de restauração e um lugar seguro e digno.

Ela foi restaurada de janeiro de 2005 a 2006 por Ailton Tadeu Costa, que também restaurou a imagem de São Francisco. Ailton nos informou que, quando encontrou a imagem no Museu Solar Monjardim, a única parte faltante eram os dedos da mão esquerda que foram refeitos⁷⁴³. A imagem estava solta da base, e a mão esquerda estava colada, mas um pouco deslocada do pulso. Todo o verniz da imagem estava oxidado e havia galerias de cupins nas partes frente e atrás do véu. (Figuras 104 a 112).

Acreditamos que essa imagem, além de retabular, também era processional, por que havia procissão no dia de sua festa, e ainda temos registro de uma imagem de Santa Rosa de Viterbo que saiu no sexto andor da procissão de Quarta-Feira de Cinzas de Vitória. É preciso levarmos em conta, que também há possibilidade de que tenha existido uma imagem de vestir somente para a procissão de Cinzas, e que desapareceu. De acordo com essa descrição de 1867, ela levava na mão direita uma cruz e “nas pontas do regaço do seo manto da parte esquerda leva rosas, na cabeça uma capella e resplendor”. O anjo seguia com a tarja: “*Quasi rosa plantati*”⁷⁴⁴. É certo que sempre há a possibilidade de haver duas imagens, uma de vestir e uma de talha inteira – o que não podemos comprovar por falta de documentação.

Temos pouca documentação acerca das festividades a Santa Rosa de Viterbo, mas há registros de que eram realizadas missas cantadas pela madrugada, a exemplo de 1856⁷⁴⁵. Essa missa se realizava juntamente com a festa ao patriarca São Francisco. Em 1870, além de missa cantada na madrugada, houve vésperas, procissão e *Te Deum*, bem como de leilão das ofertas⁷⁴⁶. Como conta o periódico no dia seguinte: “forão concorridas essas festividades, que se fizeram com toda decência, e até com certo esplendor”. O mesmo se repetiu no ano seguinte⁷⁴⁷. Esse prestígio se devia à sua posição na Ordem, tendo sido nomeada “patrona”, por ser titular da Ordem Terceira⁷⁴⁸. Este título é

⁷⁴³ Entrevista realizada pela autora em 17/02/2009 na Cúria Metropolitana de Vitória.

⁷⁴⁴ Livro da Ordem Terceira da Penitência. 2/03/1867, p. 4v. “Como rosa plantada em Jericó”.

⁷⁴⁵ *Correio da Victoria*, Vitória, 6 set. 1856, p. 4.

⁷⁴⁶ *Correio da Victoria*, Vitória, 7 jul. 1870, p. 4.

⁷⁴⁷ *Correio da Victoria*, Vitória, 16 out. 1871, p. 4. Secretário João A B. Brandão.

⁷⁴⁸ *Jornal da Victoria*, Vitória, 4 set. 1867, p.4. Ministro José Cláudio de Freitas, padre Castro. Secretário: Veríssimo Manoel de Aguiar.

concedido a Santa Izabel Rainha da Hungria⁷⁴⁹, mas em Vitória, não há relatos da existência dessa representação, fato este que talvez justifique seu lugar sendo ocupado pela outra Santa Rosa⁷⁵⁰. Mas a partir de 1871 não mais encontramos registro de suas festividades em Vitória, talvez pelo estado de conservação da capela dos Terceiros, que precisava de urgente reforma.

4.3.4.5- SANTA MARGARIDA DE CORTONA

Margarida de Cortona nasceu em Alviano, na Toscana, em 1247. De acordo com a tradição, ela teria tido um amante, que anos depois morrera e fora enterrado em lugar desconhecido. Guiada por seu cachorro, Margarida se deparou com o cadáver, sendo então invadida pela culpa e se tornado uma penitente perfeita. Voltou para Cortona e fez a sua confissão a um frade da Ordem de São Francisco, e após três anos de penitência voluntária, tornou-se uma terceira franciscana. Converteu-se em 1274, aos 25 anos; passando 23 de severa penitência e 20 usando o hábito religioso. Morreu em 22 de fevereiro de 1297 e foi canonizada em 1728 por Benedito XIII⁷⁵¹.

Santa Margarida de Cortona é representada vestindo hábito de franciscana, sendo acompanhada por um cachorro. Seus outros atributos relacionam-se com a sua penitência: a cruz a caveira e a disciplina. Pode estar ajoelhada, como penitente, com os seios seminus, contemplando o crucifixo que carrega ou mesmo aplicando a si as disciplinas⁷⁵².

Maria Cristina Pereira lembra que o contraste entre pecadora e santa é uma referência chave em sua iconografia. Embora essa dualidade, prossegue a autora, seja mais facilmente representada em pinturas, ela também pode ser expressa em esculturas, através da junção de elementos como os seios desnudos e o crucifixo e o hábito; a disciplina e a caveira, sendo assim capaz de se presentificar o “antagonismo pecadora-penitente”⁷⁵³.

⁷⁴⁹ Manual da Ordem Terceira da Penitência, 1960. Op. cit. p. 140.

⁷⁵⁰ Livro da Ordem Terceira da Penitência, 1867. p. 4v. Cúria Metropolitana.

⁷⁵¹ BUTLER, 1992, p. 38.

⁷⁵² SCHENONE, 1992, v. 2, p. 565.

⁷⁵³ PEREIRA, Maria Cristina; CARVALHO, Fabrícia. Corpo pecador/corpo penitente: uma imagem de Margarida de Cortona do acervo do IPHAN-ES. In: *Atas do I Simpósio Internacional sobre representações cristãs*. Vitória: GPIC, 2004, CD-ROM.

Santa Margarida de Cortona está representada nas Ordens Terceiras Franciscanas de São João del Rei, Diamantina e Serro e na Arquiconfraria do Cordão de São Francisco, em Sabará; na igreja da Ordem Terceira de São Paulo, de Salvador e do Rio de Janeiro, onde ela está de pé e tem lágrimas nos olhos⁷⁵⁴.

Em Vitória, encontramos apenas uma imagem da santa, do acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc⁷⁵⁵. De pequena estatura, ela mede 0,34x0,21x0,15m e é de talha inteira, com olhos de vidro, dourada e policromada. Seus cabelos, longos e escuros, caem pelos ombros e seu corpo está nu da cintura para cima, sendo coberto na parte inferior por uma túnica de fundo negro, com florões dourados em esgrafiado. Na cintura e nos antebraços possui um cilício e a carnação em torno dessas partes ganha um tom azulado. Na mão direita ela segura uma disciplina, feita de corda e cinco pontas de metal. As costas, desnudas, estão quase inteiramente cobertas por chagas esculpidas e pintadas com extrema realidade. Nesta imagem, Santa Margarida de Cortona está de joelhos, tendo sua cabeça virada para o lado esquerdo com olhar para o alto. Na mão direita leva uma disciplina e na esquerda há espaço para encaixe de uma cruz, segundo a hipótese de Pereira⁷⁵⁶. A base é composta por um rochedo, com um crânio à esquerda.

Esta santa faz parte do conjunto característico de imagens que saem na Procissão da Quarta-Feira de Cinzas, organizada pelos Terceiros da Penitência, como a realizada em Vitória até o ano de 1868⁷⁵⁷. Embora se trate de uma escultura de tamanho reduzido para sair em procissão, isso poderia ter ocorrido, como defende Pereira⁷⁵⁸, uma vez que essa imagem pertencia à capela da Ordem Terceira. E isso porque não se tem notícias de outra representação dessa invocação na capela dos Terceiros ou em Vitória. Outro argumento é que ela possui três furos em sua base que poderiam servir para sua fixação em um andor. Além disso, como lembra Pereira, o esmero em sua carnação nas costas implicaria que fosse feita para ser vista, o que não aconteceria caso ela ficasse apenas em um nicho. (Figura 113 a 115).

⁷⁵⁴ QUITES, 2006, p. 97.

⁷⁵⁵ Essa imagem foi restaurada no ano de 2008 pelo NCR-UFES. Ela foi entregue ao Museu de Arte Sacra por Rodrigo de Mello Franco, diretor do IPHAN na época, segundo Levantamento conservado no NCR-UFES, referente ao acervo do antigo Museu de Arte Sacra do ES feito em 1980.

⁷⁵⁶ PEREIRA; CARVALHO, 2004.

⁷⁵⁷ *Jornal da Victoria*, 15 fev. 1868, p. 4.

⁷⁵⁸ PEREIRA; CARVALHO, 2004.

Entretanto, como dissemos anteriormente, não descartamos a hipótese de que poderia haver uma imagem de vestir de Santa Margarida de Cortona em Vitória, feita para sair na procissão de Cinzas. De toda forma, o primeiro registro de uma imagem dessa santa em Vitória se encontra na descrição dos andores da Procissão de Cinzas realizada no ano de 1867, que a relaciona saindo no 8º andar, com as mesmas descrições da imagem encontrada no Museu Solar Monjardim⁷⁵⁹. A única diferença é a ausência da cruz na mão esquerda, que provavelmente era colocada ali na intenção de cobrir-lhe o seio para que não estivesse à mostra durante a procissão, como defende Maria Cristina C. Pereira⁷⁶⁰.

Mário Freire também menciona a imagem de Santa Margarida da capela da Ordem Terceira, informando que ela havia sido entregue ao Museu de Arte Sacra⁷⁶¹. No entanto, o autor se engana ao informar que esta imagem da Margarida de Cortona era em pedra. De fato, em virtude de sua carnação e de ser sua base um rochedo, seria possível que um leigo confundisse o material. De toda forma, ele é um argumento importante para a identificação dessa escultura, já que ele afirma que era essa imagem que saía na procissão de Cinzas de Vitória.

4.3.4.6- SANTO LÚCIO E SANTA BONA

Santo Lúcio e Santa Bona foram o primeiro casal a entrar na Ordem Terceira da Penitência de São Francisco. Para tanto, praticamente se desfizeram de toda a sua grande fortuna ganha à custa de negociatas e se dedicaram a uma vida inteiramente votada às obras da misericórdia⁷⁶², depois de terem perdido seus filhos. Trata-se de uma iconografia muito comum às Ordens Terceiras, como pôde observar Maria Regina E. Quites, tanto em pintura como escultura. Em geral são encontrados juntos, sendo chamados de “os bens casados”. Em Vitória, apesar de não encontrarmos mais as imagens, eles são mencionados na Procissão das Cinzas de 1867, no 4º andar, vestidos de terceiros⁷⁶³. De acordo com a descrição, São Lucio levava na mão direita “contas de rezar” e na esquerda, o Santo Cristo; Santa Bona levava também o terço em uma das

⁷⁵⁹ Livro da Ordem Terceira da Penitência em 2 de março de 1867. p. 5 v. Com a tarja, a mulher temente a Deus será louvada.

⁷⁶⁰ PEREIRA; CARVALHO, 2004.

⁷⁶¹ FREIRE, 1954, sp.

⁷⁶² *Manual da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco*, 1867, p. 97.

⁷⁶³ Livro da Ordem Terceira da Penitência – Vitória – ES - 1867, p. 3v. Cúria Metropolitana.

mãos, enquanto a outra mão ficava “posta no peito”. Cilícios e disciplinas eram pendentes em seu cordão de Terceira.

No Rio de Janeiro, estas imagens estão guardadas em um armário, juntos, e na igreja entronizados em nichos na nave um defronte ao outro; em São João del Rei estão representados juntos no altar da nave e em Ouro Preto atualmente estão em altares separados, entretanto estiveram juntos⁷⁶⁴. De ambas as imagens de vestir de Vitória, não temos notícias.

4.3.5 – OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA IGREJA CONVENTUAL E NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA

4.3.5.1- NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Séculos antes de a Igreja proclamar o dogma da Imaculada Conceição, em 1854, pelo Papa Pio IX, Maria já era cultuada e reconhecida sua “pureza”, celebrando sua festa a 8 de Dezembro⁷⁶⁵. Em Portugal, seu culto havia sido oficializado por D. João IV, que anos mais tarde elegeu-a Padroeira do Reino Português, bem como de suas colônias, tornando a festa da Conceição de Maria oficial e obrigatória em 1646⁷⁶⁶. No Brasil, a primeira imagem da Virgem da Conceição chegou em uma das naus de Pedro Álvares Cabral, e séculos depois, D. Pedro I a escolheu como Padroeira do Império Brasileiro.

Em geral, a iconografia de Nossa Senhora da Conceição a mostra de pé sobre o globo terrestre, tendo as mãos unidas em atitude de oração e os olhos voltados para o céu, esmagando com seus pés uma serpente, símbolo do pecado original. Com os cabelos longos caídos sobre os ombros, usa muitas vezes uma túnica branca e um manto azul, e também uma coroa. Sob seus pés há frequentemente um crescente de lua. Em algumas imagens, sob os pés da Virgem surgem cabeças de anjos⁷⁶⁷.

Ao estudar as representações de Nossa Senhora, Juliana Beatriz Souza conclui que nenhuma outra invocação supera a Virgem da Conceição⁷⁶⁸. No Espírito Santo, das 42

⁷⁶⁴ QUITES, 2006, p. 91-92.

⁷⁶⁵ MEGALE, 2001. p. 148.

⁷⁶⁶ Id., ibid.

⁷⁶⁷ Ibid., p. 152.

⁷⁶⁸ SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Virgem Imperial, Nossa Senhora do Rosário no Império Ultramarino Português. In: *Atas do I Simpósio Internacional sobre Representações Cristãs: textos e imagens religiosas na América colonial*. Vitória: GPIC, 2004 (CD-ROM). sp.

freguesias visitadas pelo bispo D. João Batista C. Nery em 1897, encontramos igrejas dedicadas a Nossa Senhora da Conceição nas seguintes localidades, além de Vitória: Castelo, Serra, Linhares, Guarapari, Piúma, Muqui e Viana. Havia também altares laterais a ela consagrados em Itapemirim e Anchieta⁷⁶⁹. Mais tarde, encontraremos também as igrejas de Alfredo Chaves, Virgínia, Figueira e Baixo Guandu dedicadas à Imaculada. Além das esculturas presentes nas igrejas acima mencionadas, atualmente, a reserva técnica do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, possui ainda mais de trinta exemplares da Virgem da Conceição, dos quais a maioria é de pequena dimensão, sendo provavelmente imagens de oratórios particulares⁷⁷⁰. Mas dentro desse conjunto se destaca uma escultura de talha inteira, dourada e policromada, medindo 1,14mx0,42mx 0,33m, e que, de acordo com as informações do IPHAN e do NCR, seria proveniente do altar-mor da capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória. (Figura 46).

Essa imagem é uma das representações mais importantes de Nossa Senhora da Conceição em Vitória. Além dela, podemos mencionar a que se localizava em um nicho na lateral esquerda da igreja do antigo convento São Francisco de Vitória, também de talha inteira, dourada e policromada, medindo 1,41m x 0,74m x 0,43m (Figura 48); outra, também de madeira policromada, de medidas menores, da capela sob sua invocação que existiu à beira-mar, na Prainha, e que hoje se localiza em um altar lateral da igreja de Nossa Senhora do Rosário (Figura 52); e por fim, a que se encontra em um nicho lateral da igreja de São Gonçalo, medindo 0,85m x 0,33 x 0,22m, também de talha inteira, policromada.

Segundo José Antonio de Carvalho, a imagem da igreja conventual de São Francisco de Vitória, que hoje faz parte do acervo do bispado, poderia ser o antigo orago da igreja construída no primeiro aldeamento jesuítico do Espírito Santo, em Nova Almeida, a aldeia de Nossa Senhora da Conceição. Ela dataria do século XVIII, e talvez mesmo de fins do século XVII⁷⁷¹. Como dissemos anteriormente, a primeira menção a essa imagem no convento São Francisco de que dispomos é da Epítome de frei Apolinário, de

⁷⁶⁹ Livro de Visita Pastoral dos Bispos (1897-1905), p. 160-195. Cúria Metropolitana.

⁷⁷⁰ Uma exceção é a imagem de Nossa Senhora da Conceição, com 1,14m de altura, que pertencia ao convento de São Francisco de Vitória, sobre a qual falaremos mais adiante.

⁷⁷¹ CARVALHO, José Antônio. A Arte no Espírito Santo no período Colonial. *Revista de Cultura da UFES*: ano X, n. 32, Vitória, 1985. p. 17.

1730⁷⁷². O primeiro registro que temos da encarnação dessa imagem data de 1857, quando D. Luisa Gonsalves Neto foi encarregada “da direção do incarnamento da Imagem da Imaculada Virgem Senhora da Conceição”⁷⁷³. Em seguida, temos conhecimento de que em 1954 ela se encontrava localizada na capela do Orfanato Cristo Rei (antiga capela da Ordem Terceira). Com a desativação do orfanato em 1960 e a instalação da Arquidiocese na área do antigo convento franciscano, ela provavelmente passou à guarda do bispado. E assim, atualmente ela faz parte do acervo da Cúria Metropolitana, estando exposta, quase como objeto decorativo, no salão episcopal⁷⁷⁴. Seu estado de conservação é apenas razoável, tendo as mãos soltas, vestígios de ataques de cupins, repintura a purpurina sobre a folha de ouro e áreas descascadas em várias partes da pintura⁷⁷⁵. Ela possui ainda pinos metálicos para fixação de colar⁷⁷⁶.

O tamanho e a qualidade formal dessas duas imagens de Nossa Senhora da Conceição dão mostras da importância dessa invocação da Virgem particularmente cara aos franciscanos – afinal, eles estavam entre os primeiros defensores do futuro dogma da imaculada concepção de Maria. Além disso, em 1646, no Capítulo de Toledo, ela foi eleita padroeira da Ordem Franciscana. Assim, de modo geral, os frades franciscanos foram os propagadores desta devoção que se espalhou pelo Brasil. Por onde passaram, foram levantados templos tendo-a como orago. Como observou Maria Regina E. Quites, ela está representada em todos os altares das Ordens Terceiras franciscanas, na maioria das vezes na capela-mor⁷⁷⁷.

4.3.5.2- SENHOR MORTO

⁷⁷² FREI APOLINÁRIO, Epítome, § 7. Apud RÖWER, 1957, p. 33-34. Em 1940, frei Röwer escreve que estão conservadas as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São Benedito na capela atual do orfanato e a de São Francisco em um depósito com mais algumas imagens.

⁷⁷³ *Correio da Victória*, Vitória, 2 dez. 1857, p. 4.

⁷⁷⁴ CARVALHO, 1985, p. 17. Esta imagem da Virgem saiu estampada no selo comemorativo do Tricentenário da Província da Imaculada Conceição em 1975.

⁷⁷⁵ Informações prestadas pelo restaurador Prof. Atílio Colnago Filho em 17/08/2008.

⁷⁷⁶ Encontramos um inventário somente da relação de jóias de Nossa Senhora da Conceição feito por Philomeno de Andrade Gomes Resendo em 23 maio 1888. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁷⁷⁷ Há algumas exceções, no que concerne aos oragos das igrejas conventuais: em Recife, é Nossa Senhora da Ajuda; em Olinda, Nossa Senhora das Neves; e em Ouro Preto, Nossa Senhora Rainha dos Anjos ou da Porciúncula. No Espírito Santo, o convento de Vila Velha tem como orago Nossa Senhora da Penha e o de Vitória tem o patriarca – embora Nossa Senhora da Conceição faça parte do altar-mor. QUITES, 2006, p. 43.

Em 1850, frei Manoel de Santa Izabel menciona em um inventário da igreja conventual “uma imagem do Senhor Morto” e “um Santo Cristo grande despregado da Cruz”⁷⁷⁸. Dois anos depois, em um inventário da capela da Ordem Terceira, lemos: “Huma imagem do Senhor Morto na Ordem Terceira” e “um Santo Christo grande despregado da Cruz e um Santo Sudário”⁷⁷⁹. Em 1886, ainda na capela da Ordem Terceira, encontramos menção à “imagem de um Senhor Morto – esquife – túmulo postiço”⁷⁸⁰. No ano de 1898, o bispo diocesano relata que na Ordem Terceira havia “um Senhor Morto de madeira e um Salvador de madeira”⁷⁸¹. Em 1906 encontramos apenas a descrição: “no convento um caixão para defuntos”⁷⁸².

Não sabemos se as imagens da igreja conventual foram levadas para a capela dos Terceiros – embora pelas datas dos poucos documentos que possuímos isso fosse possível.

As imagens esculpidas do Senhor Morto são basicamente de dois tipos: pregado na cruz e deitado em um esquife (poderíamos acrescentar também no colo de Nossa Senhora da Piedade). Muitas vezes, trata-se de uma mesma imagem, com os braços articulados. Mas na documentação acima citada, parecem ser imagens distintas.

As imagens do Senhor morto deitado são frequentemente encontradas em igrejas abaixo da mesa do altar, em uma referência clara tanto ao sacrifício da missa, e também em procissões. Dentre as manifestações típicas específicas da Quaresma está a procissão do Cristo Morto fazendo parte do Tríduo da Paixão de Cristo.

Como nos informa Adalgisa Arantes, em Minas Gerais, a Procissão do Enterro era feita pela Confraria dos Passos em cooperação com a do Santíssimo Sacramento, na Sexta-feira da Paixão⁷⁸³. Em Vitória, a Irmandade do Santíssimo Sacramento também fazia os atos comemorativos da Paixão e Morte de Jesus Cristo na igreja Matriz, onde ela estava

⁷⁷⁸ Inventário feito em 1850 pelo frei Manoel de Santa Isabel entregue ao síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁷⁷⁹ Relação dos paramentos pertencentes ao Convento de Nosso Padre São Francisco da Cidade de Victória elaborado pelo frei Manoel de Santa Helena em 10/01/1852. Província Imaculada Conceição, SP.

⁷⁸⁰ Extraído do inventário de 1867 para novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 8/08/1886. Província da Imaculada Conceição, São Paulo.

⁷⁸¹ Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p.5. Cúria Metropolitana.

⁷⁸² Relação dos Santos Imagens e alfaias existentes no Convento de São Francisco feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de São Francisco. 11/07/1906. Cúria Metropolitana.

⁷⁸³ CAMPOS, Adalgisa Arantes. Piedade Barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro, CBHA, 2004. p. 19.

sediada⁷⁸⁴. Não diferentemente das Minas, quem fazia a Procissão do Enterro em Vitória era a Irmandade dos Passos, sediada na igreja do Carmo. Mesmo quando essa igreja foi desativada, em 1860, e passou a servir de alojamento “à Companhia de Guarnição”, sofrendo constantes reformas efetuadas em toda sua construção⁷⁸⁵, as irmandades lá existentes prosseguiram com as festas religiosas e com essa procissão. E assim podemos ler que em 1867⁷⁸⁶, 1872⁷⁸⁷ e 1884⁷⁸⁸ a Irmandade dos Passos fez a procissão do Enterro do Senhor, saindo da igreja do Carmo. A partir de 1886, no entanto, o convite feito pela Ordem Terceira do Carmo informava que a procissão do Enterro do Senhor “sairia da igreja dos Franciscanos”⁷⁸⁹, não informando se se trata da capela dos Terceiros ou da igreja Conventual. A partir de então, não mais encontramos referências à procissão do Enterro saindo da igreja do Carmo.

A partir de 1887, temos registros de que foi a Ordem Terceira da Penitência que passou a organizar a procissão do Cristo Morto na Sexta-feira Santa⁷⁹⁰. E isso mesmo após a chegada do primeiro bispo, em 1897, que passou a organizar a Semana Santa de Vitória, centralizando-a na igreja Matriz (elevada à Catedral)⁷⁹¹. O bispo em 1898 identifica um Senhor morto na capela dos Terceiros⁷⁹². O convento do Carmo, que não estava mais ocupado pela “Guarnição”, passou a ser a residência do bispo⁷⁹³, e não houve mais nenhum ato da Semana Santa naquela igreja.

A procissão do Senhor Morto continuou a ser feita pela Ordem Terceira da Penitência, até que em 1908 ela foi organizada pela Venerável e Episcopal Irmandade de São Benedito do Convento São Francisco⁷⁹⁴, o que poderia ser atribuído ao enfraquecimento da Ordem Terceira da Penitência. E não mais encontramos a realização dessa procissão, nem saindo do convento de São Francisco, nem de outra igreja da cidade. Tampouco temos notícias do paradeiro da imagem do Cristo Morto que pertenceu à capela dos

⁷⁸⁴ *A Província do Espírito Santo*, 3 abr. 1887, p. 2. Atualmente, na Catedral de Vitória, encontramos uma imagem de madeira do Cristo Morto, identificada como pertencente a antiga Igreja Matriz, demolida em 1918.

⁷⁸⁵ ELTON, 1987, p. 54.

⁷⁸⁶ *Jornal da Victoria*, Vitória, 10 abr. 1867, p. 2.

⁷⁸⁷ *Correio da Victoria*, Vitória, 2 abr. 1872, p. 1.

⁷⁸⁸ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 9 abr. 1884, p. 1.

⁷⁸⁹ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 20 mar. 1886, p. 2.

⁷⁹⁰ *A Província do Espírito Santo*, Vitória, 5 abr. 1887, p. 3. Pregação pe. Antunes Siqueira.

⁷⁹¹ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 11 abr. 1897, p. 2.

⁷⁹² Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha 1898 -1947, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁷⁹³ ELTON, 1987, p. 55.

⁷⁹⁴ *Diário da Manhã*, Vitória, 16 abr. 1908, p. 2.

Terceiros da Penitência de Vitória, bem como o da igreja do Carmo. Mas certamente o Cristo Morto dos Terceiros franciscanos é o do Carmo, que teria sido para lá transferido juntamente com o encargo de organizar a procissão – já que somente a partir de 1886 encontramos registro dessa imagem na capela, data em que a procissão passou a sair de lá.

4.3.6 - OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA IGREJA CONVENTUAL DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA

4.3.6.1- SANT'ANA MESTRA

Sant'Ana e seu esposo São Joaquim são figuras ausentes das Escrituras canônicas e seus nomes são documentados em um evangelho apócrifo composto no século II: o Evangelho de Tiago⁷⁹⁵. Uma das principais “funções” dessa personagem é atestar o “bom nascimento” de Maria: ecoando o Cristo, ela também teria sido concebida de forma não natural, uma vez que seus pais eram já idosos e não teriam tido relação sexual para a concepção de Maria. Essa particularidade do nascimento de Maria seria uma das causas da ausência de mácula, e era um dos argumentos utilizados por defensores da imaculada concepção de Maria.

Para Maria Beatriz Souza, os papéis mais importantes de Sant'Anna foram a concepção de Maria, sua educação e sua preparação ao voto de virgindade, ao ser consagrada no Templo. No Brasil, Sant'Ana é vista como modelo de comportamento para os fiéis, onde as virtudes da virgindade e da castidade ganham relevo⁷⁹⁶.

Acredita-se que o culto a Sant'Ana tenha surgido no Oriente, desde o século VI. E ainda segundo a tradição, sobre o túmulo de Sant'Ana teria sido erguido um templo em Jerusalém. Para esta afirmação não existem provas, no entanto, há nessa cidade, uma basílica em honra a Sant'Ana. A partir de Jerusalém, o culto se estendeu até Constantinopla, onde sob um dos Justinianos (550, o primeiro, ou 770-711, o segundo)

⁷⁹⁵ Ver: *Évangiles Apocryphes*. Apresentação de France Quéré. Paris: Seuil, 1983. p. 69-72.

⁷⁹⁶ SOUZA, Maria Beatriz. Mãe mestra e guia: uma análise de iconografia de Sant'Anna. *Topoi*. Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, jun. 2002, p. 231.

foi construída ou reconstruída a igreja de Sant'Ana, para onde teria sido levada uma de suas relíquias⁷⁹⁷.

Segundo Réau, na Europa, a devoção a Sant'Ana entrou em decadência após o Concílio de Trento, mas não se extinguindo de todo⁷⁹⁸. No Brasil, a devoção a Sant'Ana foi trazida pelos colonizadores portugueses, intitulado cidades.

Maria Beatriz Souza afirma que coube às artes visuais se encarregar da criação de imagens que fossem eloqüentes em sociedades majoritariamente analfabetas, como as da América portuguesa⁷⁹⁹. A iconografia de Sant'Ana no Ocidente acompanhou o percurso de difusão, desvios e popularidade de seu culto. As primeiras representações da santa são de uma mulher carregando uma menina nos braços, como mostram os mosaicos de Santa Maria Maior, em Roma, além dos afrescos da Santa Maria Antiga, também em Roma. Raramente encontra-se Sant'Ana representada só, na maioria das vezes está acompanhada da figura da Virgem Menina; ou com a Virgem e o Menino Jesus; em um grupo das três Marias; ou ainda, mais raramente, com toda a parentela. A partir do gótico, difundiu-se bastante um tipo de Sagrada família com Ana, Maria e Jesus, muito aceita na Alemanha – a chamada Sant'Ana tríplice⁸⁰⁰. As variações são mais incidentes nas pinturas.

A composição com Sant'Ana sentada tendo no colo Nossa Senhora e o Menino é denominada de Sant'Ana Trono. Mas o tema mais representado na época barroca é a Sant'Ana Mestre, baseada em uma tradição que contava que após a Apresentação ao templo, Maria teria voltado para casa e recebido sua educação diretamente da mãe⁸⁰¹. Esse tipo iconográfico mostra Sant'Ana ensinando a menina Maria a ler: a santa está sentada em cadeira nobre, geralmente de espaldar alto, enquanto a menina encontra-se de pé, à esquerda, lendo um livro que sua mãe tem aberto no colo e para o qual aponta ou sobre o qual apóia a mão direita. A representação com a menina à direita é menos freqüente⁸⁰². Há também um outro tipo de Sant'Ana Mestre representada de pé, com a Virgem Maria apoiada em seu braço, portando no colo um livro aberto. Esse tema

⁷⁹⁷ VIANNA, Iêda Faria Hadad. Sant'Ana: culto e iconografia. *Revista Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n. 3, 2006, p. 167.

⁷⁹⁸ RÉAU, 2000, t. 2, v. 3, p. 77.

⁷⁹⁹ SOUZA, 2002, p. 234.

⁸⁰⁰ VIANNA, 2006, p. 173.

⁸⁰¹ *Ibid.*, p. 166.

⁸⁰² SCHENONE, 1992, p. 121.

iconográfico foi representado exaustivamente no século XVIII, sobretudo pela insistência das academias em favor da divulgação das ciências e da cultura. A menina Maria aprendendo a ler santifica o ensino, servindo então de modelo para a juventude e a família na sociedade.

No Brasil, ainda temos uma representação chamada Sant'Ana Guia: a santa está de pé, como se caminhasse, e tem a Menina Maria acompanhando-a, ou às vezes leva a Menina pela mão.

No Brasil, essa devoção se difundiu e as representações de Sant'Ana são numerosas. Assim, por exemplo, dois dos principais escultores brasileiros do século XVII, frei Agostinho da Piedade e frei Agostinho de Jesus, esculpiram uma Sant'Ana, assim como Aleijadinho. Escultores eruditos e populares contribuíram para a divulgação dessa devoção, onde a mistura de raças e crenças popularizava cada vez mais estas esculturas, promovendo sua presença desde a ricos altares de igrejas, como pequenos oratórios caseiros. Na arte Barroca, a iconografia de Sant'Anna evoca mais a educação de Maria do que a sua concepção e genealogia⁸⁰³.

A inclusão da imagem da Mãe da Virgem no conjunto da imaginária franciscana se explicaria pelo próprio peso que tem a devoção à Imaculada Conceição no seio da Ordem.

Assim, no Espírito Santo, encontramos no acervo pertencente ao IBRAM-ES uma Sant'Ana Mestreira de pé, que de acordo com a ficha, seria do século XVIII e teria pertencido à antiga igreja conventual de São Francisco de Vitória, tendo sido doada ao Museu de Arte Sacra, por Horácio Machado⁸⁰⁴. Ela é esculpida em madeira, dourada e policromada, medindo 1,01 x 0,39 x 0,32m⁸⁰⁵. (Figuras 116 a 124).

O inventário de 1850 menciona no altar lateral da Epístola “uma imagem de Sant'Anna com resplendor de pedras e a imagem de São Benedito com resplendor e o Menino

⁸⁰³ SOUZA, 2002, p. 210.

⁸⁰⁴ Inventário feito pelo NCR-UFES em 1980, com base no primeiro inventário feito pelo IPHAN antes dessa data. Horácio Machado esteve presente na fundação da irmandade de Santo Antônio dos Pobres em 1919 (no convento S. Francisco) sendo também 1º secretário em 11/07/1937 conforme Ata de Santo Antonio dos Pobres, p. 38 v.

⁸⁰⁵ A imagem foi restaurada em janeiro de 2001 por Atilio Colnago, Solange Nascimento, Jussimara Gomes e Vilma Milanez, do NCR-UFES.

Deus nos braços e resplendor”⁸⁰⁶. Dois anos depois, através de outro documento, há menção da imagem de Sant’Ana, novamente “no altar da Epístola” portando um resplendor de cobre dourado⁸⁰⁷. Em 1884, ela também é mencionada em um poema do Padre Antunes Siqueira que dentre as imagens citadas, a chama de “Anna Santa⁸⁰⁸”. No inventário seguinte datado de 1886, novamente encontramos a descrição: “altar da epístola – Santa Anna e São Benedito”⁸⁰⁹.

Em 1898, estando o primeiro bispo Diocesano, D. João Correia Nery em visita Pastoral à Irmandade de São Benedito, instalada na Igreja São Francisco, ele relatou: “Possui a irmandade de São Benedito um nicho com a imagem de São Benedito e uma imagem de Santa Anna com resplendor de metal doirado”⁸¹⁰. Isso se confirma no levantamento de 1900, que diz também que a imagem de Sant’Ana era de propriedade da Irmandade de São Benedito e assim a descreve: “No altar de S. Benedito, Nossa Senhora Sant’Anna, com resplendor de cobre galvanizado e a Virgem nos braços”⁸¹¹. Em 1906 há nova menção à “Imagem da Senhora Sant’Anna com a Virgem no collo, resplendor de prata dourada⁸¹²”.

No entanto, há que se precisar que essa não é mencionada na Epítome escrita por frei Apolinário em 1730 como fazendo parte dos altares da igreja conventual. Isso nos leva a crer que esta invocação certamente teria sido incluída posteriormente.

É interessante observar que os franciscanos, juntamente com os devotos de São Benedito, ofereceram, ao longo da existência do convento São Francisco, grande diversidade de aulas para a comunidade local, desde as “primeiras letras”, passando pelo latim, filosofia e ciências. Eles ainda criaram lá um “Liceo” na metade do século XIX, e mais precisamente nos anos de 1889, ofereceram aulas no período noturno em uma das salas do convento franciscano oferecidas pela Associação Beneficente Franciscana,

⁸⁰⁶ O Inventário de 1850, feito pelo frei Manoel de Santa Izabel, descreve que “tudo” ficou em poder do síndico, rev. Padre Salles. Província da Imaculada Conceição, 1850. São Paulo.

⁸⁰⁷ Relação do que existe “neste” convento em prata. Convento São Francisco de Vitória. Guardiã frei de Santa Helena, 10/01/1852. Província Franciscana da Imaculada Conceição. São Paulo.

⁸⁰⁸ SIQUEIRA, 1944, p. 32.

⁸⁰⁹ Inventário de 1886, “extraído do inventário de 1867 para o novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo em 8/08/1886”. Província Franciscana da Imaculada Conceição – São Paulo.

⁸¹⁰ Tombo Catedral Paroquial Nossa Senhora Conceição da Prainha, p. 5. Cúria Metropolitana.

⁸¹¹ Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alfaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade “São Benedito”. 20 de dezembro de 1900. Cúria Metropolitana.

⁸¹² Relação dos Santos, imagens e alfaias existentes no Convento de S. Francisco feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de S. Francisco. Cúria Metropolitana.

também formada pelos devotos de São Benedito⁸¹³. Dessa forma, a imagem de Sant’Ana Mestreira poderia haver sido adquirida em função desse papel educacional que o convento assumira ao longo de sua existência, atendendo a sociedade da época.

De toda forma, percebemos o apego dos devotos de São Benedito a essa imagem – ou pelo menos de um deles – em uma carta publicada em um dos principais jornais da cidade, datada de 1926, escrita pelo coronel e ex-professor da Beneficente Franciscana Amálio Grijó e dirigida ao bispo D. Benedito Souza⁸¹⁴. Nela, o devoto enfaticamente ordena ao bispo que retorne a imagem de Sant’Ana para seu primitivo altar, pois, para “surpresa bem desagradável”, a imagem havia sido retirada de forma “abrupta de seu secular nicho para ser jogada a poeira e umidade da sacristia, onde jaz como um objeto imprestável”. Grijó afirma ser este gesto um “procedimento que não encontra a menor justificativa”, provocando “o desintegralismo da presença da Sacra Família, verdadeiro desrespeito aos antepassados” que ali colocaram a primitiva imagem de Sant’Ana. O devoto não se intimida com a posição de seu interlocutor, e declara:

Daqui lembramos seja reconduzida a imagem de Sant’Ana para o seu antigo nincho, della despojado por uns iconoclastas inconscientes. Estamos certos que o Sr. Bispo diocesano não tem conhecimento do acto reprovável de que se trata, que vem extinguir mais uma tradição do numero insignificante das que ainda existem⁸¹⁵.

De fato, as atividades religiosas que existiam tanto na igreja de São Francisco como na capela dos Terceiros, já estavam completamente decadentes. Lembremos que nesse mesmo ano de 1926, já havia sido inaugurado o prédio do Orfanato Cristo Rei nos terrenos do convento e que a igreja de São Francisco estava em obras, sendo posteriormente demolida, entre os anos de 1926 e 1928. Embora não saibamos o destino dado a essa imagem de Sant’Ana dos devotos de São Benedito, diante do pedido do devoto Amálio Grijó, acreditamos que alguma medida foi tomada. Levando em conta a documentação pesquisada, levantamos a hipótese de que ela teria sido levada para a catedral. Isso porque em 1929 lemos pela primeira vez uma referência a uma “*Sant’Ana*” no Livro de Tombo da Catedral, aberto em 1898⁸¹⁶. Diante dos relatos de missas em ação de graças a Sant’Ana realizadas na catedral, acreditamos na

⁸¹³ Mantida pelo coronel Manoel Pinto Aleixo Netto. Eram professores, ente outros, Aristides Freire e Amálio Grijó e Lima Escobar. *Diário da Manhã*, Vitória, n. 280, 31 dez. 1889. p. 2.

⁸¹⁴ *Diário da Manhã*, Vitória, quarta-feira, 24 nov. 1926, p. 3.

⁸¹⁵ *Diário da Manhã*, Vitória, quarta-feira, 24 nov. 1926, p. 3.

⁸¹⁶ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha. 1898–1947. Cúria Metropolitana.

possibilidade dessa imagem ter permanecido na catedral a partir do momento em que a igreja de São Francisco foi demolida, como dissemos, entre os anos 1926 e 1928. Esta hipótese também se sustenta pelo fato de que não encontramos outra explicação para as missas cantadas realizadas na catedral, que nunca teve registrado em seu acervo a invocação de Sant'Ana.

Assim, segundo esse Livro, em 26 de julho de 1929⁸¹⁷, foi realizada missa com cânticos em sua homenagem. Essa prática se repete em anos seguintes, mas sem outras menções à imagem. Assim, por exemplo, em 1930⁸¹⁸, “houve grande concorrência na missa cantada”, da mesma forma que em 1931⁸¹⁹. No ano de 1932⁸²⁰ houve “missa acompanhada por cânticos”; voltando os registros no ano de 1942⁸²¹, afirmando-se que no dia de “Sant'Ana celebrou-se missa com cânticos, havendo grande número de comunhões”, bem como em 1944⁸²². Em 1945⁸²³ a menção é que “o dia de Nossa Senhora Santana não foi esquecido, havendo missa de ação de graças e grande número de comunhões dos seus devotos”, em 1946⁸²⁴ a missa novamente é realizada. Em 1947⁸²⁵ relatam “a festa de N. Senhora Santana foi comemorada com missa e comunhão geral das associações da Catedral”, data em que o livro se encerra.

Se o bispo não se retratou e devolveu a imagem a seu nicho original, o que seria pouco provável, uma vez que fora ele mesmo quem autorizou a demolição da igreja conventual, parece que ele a “assumira”, levando-a para a catedral. Toda a carga simbólica que aquela imagem da Mãe de Maria trazia consigo era assim, de certa forma, reaproveitada na catedral, que também era uma espécie de igreja mãe, sendo a Cátedra da Igreja.

Esta imagem de Sant'Ana Mestra em algum momento foi levada para o Museu de Arte Sacra que funcionou na capela de Santa Luzia até 1967⁸²⁶, quando teve seu acervo

⁸¹⁷ Ibid., p. 99.

⁸¹⁸ Ibid., p. 99v.

⁸¹⁹ Ibid., p. 100v.

⁸²⁰ Ibid., p. 101v. Dos anos 1934 a 1939 as páginas estão em branco.

⁸²¹ Ibid., p. 111v.

⁸²² Ibid., p. 115.

⁸²³ Ibid., p. 121v.

⁸²⁴ Ibid., p. 128v.

⁸²⁵ Ibid., p. 130v e 131.

⁸²⁶ Segundo informações da restauradora Raquel Diniz que participou do 2º inventário realizado em 1980, juntamente com o profº Sebastião Pimentel. (Este acervo foi transferido para o Museu Solar Monjardim na década de 1970, ficando guardado em torno de 20 anos).

transferido para o Museu Solar Monjardim, também em Vitória. Também podemos verificar a existência dessa imagem localizada no altar-mor da capela de Santa Luzia, através de uma fotografia de 1967. (Figura 125).

Uma revista local, que traz uma foto desse altar com várias imagens em exposição, traz, também em destaque, a foto dessa imagem de Sant’Ana Mestra identificada como Nossa Senhora Mãe dos Homens. A matéria diz ainda que ela “veio da Europa em pagamento de uma promessa feita por diversas famílias capixabas por ocasião de um pequeno terremoto em 1720”⁸²⁷. O autor se confunde, pois a iconografia de Nossa Senhora Mãe dos Homens não corresponde à da imagem em questão. Esta invocação, embora introduzida por um frade franciscano no Convento de São Francisco das Chagas em Xabregas – Lisboa, possivelmente no final do século XVIII, tem como representação iconográfica a Virgem fazendo gesto de bênção, tendo no braço esquerdo o Menino e na peanha, dois anjos⁸²⁸. Essa descrição não confere com a de Sant’Ana Mestra. E ainda de acordo com os inventários que aqui citamos, fica claro que esta imagem pertencia à Irmandade de São Benedito, que funcionava no convento.

No contexto franciscano, há uma outra imagem de Sant’Ana Mestra, no convento da Penha, em Vila Velha, na sua “capelina” localizada do lado do Evangelho, desde o ano de 1865⁸²⁹, de madeira policromada, sentada numa cadeira com espaldar alto, tendo a Virgem em pé a sua esquerda, de cabeça baixa observando o livro aberto no colo da Sant’Ana. (Figura 126).

4.3.6.2- SÃO JOSÉ

São José, esposo de Maria, é o pai “adotivo” de Jesus e, segundo o Evangelho de Lucas, nasceu em Belém, na Judéia. A presença de José nos Evangelhos canônicos é pequena, encontramos sobretudo referências a sua linhagem, a seu casamento não consumado com Maria e à fuga para o Egito. Segundo a tradição, ele teria morrido em 19 de março, dia de sua festa.

⁸²⁷ *Revista Capixaba*. Artanova Ltda. Outubro, 1968, N. 20, ano II. p. 34-36. Outra reportagem mostra esta imagem fazendo parte das 400 peças do acervo do Museu de Arte Sacra, no entanto, que estava guardado no Museu Solar Monjardim. *A Gazeta*, Vitória, Caderno Dois, 5 jan. 1987.

⁸²⁸ Júnior, Augusto de Lima, *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Imprensa Oficial: Belo Horizonte, 1956. p. 108. Há um Santuário a esta invocação, no Caraça, em Minas Gerais.

⁸²⁹ CARVALHO, frei Diamantino. *Convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo*. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 44; 48.

Durante a Idade Média, sua devoção não era muito difundida, em contraposição à figura de Maria, já que ele não havia tido participação na Encarnação. Mas no final desse período, pouco a pouco essa situação muda, e o santo começa a ter maior importância – uma vez que a Igreja se preocupava em fortalecer o sacramento do casamento. No século XV, o papa Sixto IV introduz a festa de São José, e em 1598 é construída, em Roma, a primeira igreja sob sua invocação. Após o Concílio de Trento sua popularidade havia crescido muito, e em grande parte graças à atuação de Santa Teresa de Ávila, que era sua devota. Tendo sido a reformadora da Ordem do Carmelo, ela lhe consagrou a maior parte dos conventos⁸³⁰.

A partir do século XVII, São José se tornou um dos santos mais venerados da Igreja católica, formando uma “trindade” com Maria e Jesus, bastante difundida pelos jesuítas. Em 1847, o papa Pio IX o promoveu como padroeiro dos trabalhadores e das famílias, e em 1909, o papa Pio X aprovou a ladainha a São José com 25 invocações⁸³¹.

A partir dessa data, São José passou a ser mais venerado na cidade de Vitória. Encontramos menções na documentação eclesiástica e na imprensa frisando que “o dia de hoje que é consagrado a São José, o justo, o puro, o santo por excelência e chefe da família”⁸³².

A iconografia de São José o mostra como homem semi-calvo, barbado e de meia-idade, que leva nos braços ou em uma das mãos o Menino Jesus. Na outra mão, traz um cajado florido que simboliza tanto a sua escolha, entre outros, para ser esposo da Virgem Maria, como instrumentos de carpinteiro⁸³³. No conjunto da Sagrada Família, figura ao lado de Maria e do Menino Jesus, sendo representado em atitude de adoração, em cenas de presépio. Pode ser ainda representado levando nos braços o Menino Jesus e acompanhado da Virgem Maria nas representações da fuga para o Egito.

Em Vitória, desde 1897 havia na igreja Matriz (então elevada à catedral), uma imagem de São José, e lhe eram celebradas missas no mês de março⁸³⁴. Quando a igreja entrou em reforma, esta imagem e a de Nossa Senhora Auxiliadora foram transladadas para o

⁸³⁰ GUERIN, Paul. *Les petits bollandistes: vies des saints*. Paris: Bloud et Barral, 1876. p. 530.

⁸³¹ RÖWER, 1936, p. 136.

⁸³² *Diário da Manhã*, Vitória, 10 mar. 1911, p. 2.

⁸³³ CUNHA, 1993, p. 18

⁸³⁴ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha, p. 44 v, 90v, 114v, 120v, 128v e 130. Cúria Metropolitana.

convento do Carmo, onde passaram a ter suas missas festivas⁸³⁵. Quando a igreja de São Gonçalo foi elevada à categoria de catedral, as associações do Sagrado Coração de Jesus e de Nossa Senhora Auxiliadora passaram a realizar a festa a São José na cidade, com missa solene, orquestra das referidas corporações e procissão com imagem do “glorioso santo” e ao recolher, ouvia-se o sermão do bispo diocesano⁸³⁶. Imaginamos que essa imagem fosse a antiga imagem da Matriz, transladada da igreja do Carmo para lá, uma vez que esta última fora demolida em 1918. Atualmente esta imagem permanece no acervo na igreja de São Gonçalo, localizada na sacristia, na parede lateral direita do nicho de Nossa Senhora da Assunção.

Desde 1850, é citada uma imagem de São José com Menino na igreja conventual dos franciscanos, em um nicho lateral do lado do Evangelho, ao lado da imagem de Nossa Senhora da Conceição⁸³⁷. Esta disposição estava mantida até 1926, data do último registro que dela dispomos, através de uma nota na imprensa de autoria do coronel Francisco Amálio Grijó, que descreve que a imagem do “esposo São José” formava a Sacra Família no altar⁸³⁸. Com a demolição da igreja de São Francisco iniciada nesse mesmo ano, não encontramos mais vestígios dessa imagem. Não temos conhecimento de suas medidas, de suas características iconográficas, nem tampouco de seu paradeiro.

A reserva técnica do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, possui sete imagens de São José, das quais seis são em madeira e uma de pedra ançã⁸³⁹, e nenhuma delas traz referência de suas origens. Mas são todas de pequenas dimensões e portanto não seriam a que estava na igreja conventual.

Temos conhecimento de que na Cúria Metropolitana localizada na sala do bispo auxiliar D. Mário Marquez existe uma imagem de São José de madeira policromada com olhos de vidro, medindo 0,92 x 0,42 x 0,30m com furo na base. Mas tampouco se conhece a procedência dessa imagem. (Figuras 127 a 129).

⁸³⁵ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 30 maio 1900, p. 1.

⁸³⁶ *Diário da Manhã*, Vitória, 22 mar. 1924, p. 4..

⁸³⁷ Inventário do convento São Francisco de Vitória – 1850, feito pelo frei Manoel de Santa Izabel, para o síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição - SP. Em 10/01/1852 na Relação do que existe “neste convento em prata” – convento São Francisco de Vitória, feito pelo frei José de Santa Helena. Província da Imaculada Conceição – São Paulo. Em 8/08/1886 “Extraído do inventário de 1867 para o novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo”. Província da Imaculada Conceição – São Paulo, e em 20/12/1900 - Cópia dos inventários das alaias pertencentes ao Convento da devoção de Nossa Senhora da Conceição e Irmandade de São Benedito. Cúria Metropolitana.

⁸³⁸ *Diário da Manhã*, Vitória, 24 nov. 1926, p. 3.

⁸³⁹ COLNAGO, 1995, p. 27.

4.3.6.3- SÃO PEDRO

São Pedro, pescador e apóstolo, é considerado o primeiro bispo de Roma, tendo recebido de Cristo a denominação de *Kephas* ou *Petrus*, para simbolizar a pedra angular da Igreja. Sua iconografia o apresenta como apóstolo ou com vestimentas pontificais, com barba e cabelos brancos, sentado em um trono ou em pé, sendo seus atributos a tríplice cruz papal, chaves, tiara ou barca. Como apóstolo, traja toga, com cabeça descoberta e pés descalços, e tem como atributo o galo, símbolo da negação de Cristo⁸⁴⁰.

Encontramos notícias de uma imagem de São Pedro com uma chave de prata na mão na igreja de São Francisco no ano de 1900⁸⁴¹, e também em 1906⁸⁴². Encontramos apenas um relato de realização de missa e *Magnificat* em homenagem ao “patriarcha São Pedro”⁸⁴³ no convento São Francisco, o que não significa que não existiram outras missas em seu louvor. A última notícia que temos dessa imagem data de 1926, quando o devoto Amálio Grijó informa que ela ainda se encontrava em seu nicho, mesmo iniciadas as demolições na igreja de São Francisco⁸⁴⁴. Não conhecemos, portanto, seu paradeiro. Acreditamos que a inserção desta imagem no altar mor dos franciscanos tenha relações com a criação do bispado em Vitória, presentificando de fato a posse do convento de São Francisco pelo bispo local.

4.3.6.4- SANTA BÁRBARA

Bárbara nasceu em Nicomédia, nas margens do Mar de Mármara, em fins do século III. Por ser filha única e com receio de deixar a filha no meio da sociedade corrupta daquele tempo, seu pai decidiu fechá-la numa torre, e após vários martírios, foi decapitada no ano de 306, sendo sua festa comemorada em 4 de dezembro. Sua iconografia a representa como virgem, vestindo túnica, e seu atributo pessoal mais comum é a torre no braço esquerdo, além da palma de mártir no braço direito. Algumas vezes ela é representada segurando um cálice ou a espada do seu martírio⁸⁴⁵.

⁸⁴⁰ SCHENONE, 1992, p. 621 e 622.

⁸⁴¹ Cópia dos inventários das alfaias pertencentes ao Convento da devoção de Nossa Senhora da Conceição e Irmandade de São Benedito. 20/12/1900. Cúria Metropolitana.

⁸⁴² Relação dos Santos e imagens e alfaias existentes no convento de São Francisco feita perante a comissão reorganizadora da irmandade de S. Francisco - 1906. Documento Avulso. Cúria Metropolitana.

⁸⁴³ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, sexta-feira, 29 jun. 1900, p. 2.

⁸⁴⁴ *Diário da Manhã*, Vitória, 24 nov. 1926, p. 3.

⁸⁴⁵ MARINO, João. *Iconografia de Nossa Senhora e dos Santos*. São Paulo: Banco Safra, 1996. p. 84.

Havia uma imagem de Santa Bárbara na igreja conventual dos franciscanos no altar-mor em um nicho do lado da Epístola ao lado de São Boaventura, conforme registrado em 1850⁸⁴⁶, e lá mantida em 1858⁸⁴⁷ e 1900⁸⁴⁸. Não encontramos nenhuma festividade a essa devoção realizada no convento, entretanto, encontramos uma missa em sua honra realizada no convento da Penha em Vila Velha no mês de dezembro de 1899⁸⁴⁹. E de fato, atualmente, existe uma imagem de Santa Bárbara em madeira dourada e policromada exposta no Museu Histórico do próprio convento da Penha. Também encontramos registros de duas imagens de Santa Bárbara em madeira no acervo da reserva técnica do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, mas sem registro de dimensões e detalhes iconográficos⁸⁵⁰, e às quais não pudemos ter acesso.

Nos livros conservados no Arquivo da Cúria, encontramos referência a uma festividade em honra de Santa Bárbara no litoral sul do estado, na cidade de Anchieta⁸⁵¹. Mas não temos maiores informações da existência ou não de uma imagem dessa representação naquela cidade.

Santa Bárbara também foi venerada no convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro, sendo posteriormente levada para o museu, de onde foi roubada⁸⁵². Existe no museu do Convento de Nossa Senhora da Penha uma imagem de Santa Bárbara medindo 0,70 x 0,43 x 0,25m, sem referências sobre sua procedência. É possível que se tratasse da imagem do convento de São Francisco de Vitória, pela dimensão e também pelas relações entre os dois conventos. (Figura 130).

4.3.6.5 – SANTO INÁCIO

Nasceu na cidade da Espanha provavelmente em 1491, numa família pobre. Quando jovem serviu ao exército, lutando contra os franceses. Foi atingido por uma bala na sua perna direita durante uma batalha. Em convalescença leu livros que o fizeram começar

⁸⁴⁶ Inventário feito pelo frei Manoel de Santa Izabel em 1850 para ser entregue ao novo Síndico padre Salles. Província da Imaculada Conceição - São Paulo.

⁸⁴⁷ Inventário das jóias e alfaias pertencentes ao Convento de São Francisco da Província do Espírito Santo em 11/10/1858, feito pelo síndico José da Silva Cabral. Província da Imaculada Conceição – SP.

⁸⁴⁸ Inventário da Irmandade de São Benedito e devotos de Nossa Senhora da Conceição, 20/11/1900. Cúria Metropolitana.

⁸⁴⁹ A única menção festa a Santa Bárbara que encontra registrada: “No convento da Penha dar-se-á amanhã a festa de santa Bárbara com sermão pelo seminarista Branco Gonçalves e a *bençã* do SS Sacramento á tarde.” *Estado do Espírito Santo*, Vitória, n. 280, domingo, 3 de dezembro de 1899. p. 2.

⁸⁵⁰ COLNAGO, 1995, p. 25.

⁸⁵¹ Livro de Provisões N. 5 (1932-1941). 12/12/1934, p. 46. Cúria Metropolitana.

⁸⁵² RÖWER, 2008, p. 240.

uma vida de penitência e peregrinação, logo se retirou em Manresa, onde veio a escrever seus Exercícios Espirituais. Em 1523 peregrinou para Terra Santa, de volta a Espanha estudou gramática. É o fundador da Companhia de Jesus⁸⁵³. Registra-se a atuação dos Jesuítas no Espírito Santo desde o ano de 1551, instaurando a catequese local junto dos indígenas. O padre Afonso Brás fundou o colégio dos jesuítas a 4 de maio de 1552, tinha nome de Colégio São Tiago, em 1573 foi iniciada a igreja de mesmo nome⁸⁵⁴.

Quanto à iconografia de Santo Inácio de Loyola, temos que ele foi um dos únicos santos que teve o molde de seu rosto a partir de seu cadáver, que deveria ser fielmente seguido⁸⁵⁵. Santo Inácio era calvo, tinha a tez amarelada, olhos extremamente vivos e penetrantes, fronte larga e nariz proeminente. Outras fontes afirmavam e ele costumava usar uma barba mal feita, veste o hábito preto dos jesuítas. Seus atributos mais freqüentes são um coração inflamado, a divisa de sua Ordem AMDG (Ad majorem Dei gloriam⁸⁵⁶), o livro de sua regra e a sigla da Companhia de Jesus (JHS), envolta por raios⁸⁵⁷.

Em Vitória, encontramos a existência da imagem de Santo Inácio de Loyola proveniente da antiga igreja de São Thiago, contígua ao Palácio do Governo que foi desapropriada em 1911. No mesmo ano a igreja de São Gonçalo foi erigida como matriz da capital⁸⁵⁸, passando a receber suas imagens. Medindo 1,36 x 0,50 x 0,42m, escultura em madeira policromada, localizada no altar-mor.

Em 1906, encontramos descrita uma imagem de Santo Inácio no altar-mor da igreja de São Francisco e não temos mais notícias de sua existência⁸⁵⁹.

4.3.6.6 – ANJOS

Praças e ruas foram e ainda são utilizadas para as festividades religiosas, quando o ambiente sacro da igreja se estende, sendo levado para o espaço público. E para

⁸⁵³ SCHENONE, 1992, v. 2, p. 444.

⁸⁵⁴ OLIVEIRA, 1975, p. 73; 79; 107; 203.

⁸⁵⁵ MAQUÍVAR, Maria del Conseuelo. Los escultores novohispanos y sus obras. *Anais do V Congresso do CEIB*. 24 a 27 de Outubro. Vitória – ES (no prelo).

⁸⁵⁶ Tudo para a maior glória de Deus.

⁸⁵⁷ SCHENONE, 1992, v. 2, p. 445-447.

⁸⁵⁸ Livro de Provisões n. 2 (1909-1914), p. 40. Cúria Metropolitana.

⁸⁵⁹ Relação dos Santos, imagens e alfaias existentes no convento de S. Francisco feita perante a comissão reorganizadora da irmandade de S. Francisco em 11/07/1906 por Francisco de Lima Escobar.

“colocar” as procissões nas ruas, além da presença fundamental da escultura religiosa, existe todo um aparato que envolve esta festa, inicialmente a arrecadação de dinheiro para as despesas de confecção de roupas para as imagens, das opas dos irmãos, dos estandartes, bandeiras, fitas, flores e também dos andores. Chamados igualmente de charolas, eles ajudam a compor este espaço cênico, servindo como “meio de transporte” para conduzir as imagens sacras que são retiradas das suas “moradas”, dos altares das igrejas nas quais são veneradas, para fazerem o trajeto proposto da procissão. Dessa forma, os andores ou charolas também são importantes para que este ato se desenrole, servindo de suporte, de “nicho provisório”, para a condução destas imagens sacras em um ambiente aberto, ao ar livre.

Esses andores, no Brasil, são em geral feitos em madeira. Sua qualidade depende das condições financeiras da associação que organiza a procissão ou mesmo do prestígio da festa. Muitas vezes eram reparados ou mesmo substituídos de um ano para outro. Maria Regina E. Quites, por exemplo, cita como raro um conjunto de andores do século XIX que se encontra em exposição no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro⁸⁶⁰.

Na cidade de Vitória, existe no acervo do Museu da igreja do Rosário uma charola em madeira entalhada, policromada e dourada, com detalhes em ferro também do século XIX, que foi utilizada para conduzir a imagem de Nossa Senhora do Rosário em suas solenes procissões. Esta charola tem ainda conservadas as ânforas que, segundo sua legenda, “eram utilizadas para colocar palmas de papel ou outro material simbolizando o paraíso e a vitória”. (Figuras 131 a 141).

Em 1898, o bispo diocesano de Vitória, ao visitar a capela da Ordem Terceira da Penitência, relatou em seu inventário a existência de nove andores “em bom estado e sanefas”⁸⁶¹. A procissão de Cinzas realizada pelos Terceiros em 1867 descreve, no entanto, treze andores⁸⁶². Ou seja, trinta e um anos depois, faltavam quatro andores – que provavelmente eram tomados emprestados de outra irmandade.

⁸⁶⁰ QUITES, 2006, p. 323.

⁸⁶¹ Tombo Catedral Paróquia Nossa Senhora Conceição da Prainha, p. 5 Cúria Metropolitana.

⁸⁶² Livro da Ordem Terceira da Penitência – Vitória – ES - 1867. Cúria Metropolitana.

Nem sempre os andores eram simples e de baixo custo. Em 1872, por exemplo, a Irmandade de São Benedito informava que na festa do seu padroeiro, eles iriam utilizar uma “riquíssima charola de subido custo”, que “viera pelo vapor”⁸⁶³.

Diante da “propaganda” da Irmandade, com efeito, os devotos iriam apreciar não somente o santo, mas o novo andor que seria conduzido pelas ruas da cidade, conferindo mais “valor” e beleza a festividade que iria percorrer as ruas. Acreditamos que esse andor seja aquele relacionado no inventário da Irmandade feito pelo bispo diocesano no ano de 1898: um “rico andor com quatro anjos”⁸⁶⁴. Ele foi também descrito em 1900 como sendo “um andor dourado de madeira com quatro anjos”⁸⁶⁵; e no ano de 1905 como “um andor dourado com quatro anjos do mesmo”⁸⁶⁶. Acreditamos que essa charola se tornou tão significativa pelo fato de contar com uma ornamentação constituída de quatro anjos – já que na época não seria novidade simplesmente um andor “dourado”, a igreja do Rosário, mesmo, contava com um. A própria Irmandade de São Benedito do Rosário possui ainda hoje dois andores de madeira pintados de azul, com detalhes dourados, dos quais um é utilizado na procissão de São Benedito que acontece no dia 27 de Dezembro, enquanto o outro fica exposto no Museu. Na igreja de São Gonçalo, também no centro histórico da cidade de Vitória, existe também um andor do século XIX pintado com imagens de anjos.

A existência desse andor poderia levar ao questionamento se o mencionado na documentação da Irmandade de São Bendito do convento de São Francisco teria anjos pintados ou esculpidos. Inclino-nos mais para essa última hipótese, tendo em vista justamente a insistência nos anjos. Ademais, existem quatro anjos “soltos” do acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, que possuem pinos na planta de um dos pés, para fixação dos anjos na posição de pé, que imitariam efeito de vôo, que falaremos mais adiante.

Estes anjos não fariam parte de alguma base atributiva, por serem grandes demais, e por serem imagens de vulto completo. E por esse mesmo motivo, tampouco ornamentariam

⁸⁶³ *Correio da Victoria*, Vitória, ano XXIV, n. 56, terça-feira, 21 maio 1872, p 3. Informava ainda que a imagem de São Benedito acabara de receber nova encarnação.

⁸⁶⁴ Livro de Tombo da Catedral Curato da Paróquia da Conceição da Prainha. p. 4. Cúria Metropolitana.

⁸⁶⁵ Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alfaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e irmandade de “São Benedito”. 20 de dezembro de 1900. Cúria Metropolitana.

⁸⁶⁶ Relação dos santos, imagens e alfaias existentes no convento S. Francisco feita perante a comissão reorganizadora da Irmandade de São Francisco. Cúria Metropolitana.

retábulos, função corrente para esses tipos de anjos, os “putti”, crianças do sexo masculino nuas, cobertas apenas com uma faixa⁸⁶⁷.

Nos registros do IPHAN-ES não há precisão da procedência desse conjunto de anjos, apenas há a menção de que foram adquiridos pela Comissão Administradora do Museu de Arte Sacra⁸⁶⁸. Mas defendemos nossa hipótese baseadas, sobretudo, no fato de que não há nenhuma outra referência a anjos na documentação e nos arquivos de imprensa consultados. Quanto à data de sua inclusão no acervo do Museu, tampouco podemos ser conclusivas. Mas há uma data *ante quam*: um par deles aparece no altar-mor da capela de Santa Luzia, local onde funcionou o Museu de Arte Sacra, em uma fotografia tirada em 1967. Junto a eles estão outras imagens provenientes da igreja conventual de São Francisco e da capela da Ordem Terceira, o que justificaria também sua inclusão nesse mesmo grupo⁸⁶⁹. (Figura 125).

Os quatro anjos, medindo em torno de 0,44 x 0,36 x 17,5m, são esculturas policromadas sobre madeira, com olhos de vidro. Eles formam dois pares, um anjo olhando para o outro, com a cabeça levemente virada, com uma perna servindo de apoio e a outra flexionada, e um braço estendido e o outro levemente flexionado. Cada um tem nas costas um par de asas abertas. Todos possuem cabelos e asas dourados, e carnação na cor bege clara. Dois deles possuem um pino de fixação na planta do pé esquerdo e os outros dois no pé direito, provavelmente onde se fixavam encaixando no andor. E todos os quatro possuem orifícios na região glútea, provavelmente por terem sido afixados adaptando-se em outros locais quando perderam seu uso de serem encaixados no andor.

Quando avaliados para início da restauração, foram encontrados vestígios em suas mãos, ao redor dos dedos, de possíveis arames, que serviriam para amarração de uma faixa ou tarja. Nas fichas de acompanhamento do restauro⁸⁷⁰ há relatos também de que “havia muitos pregos fixados no suporte como uma tentativa de devolver a estabilidade à peça”, além de desgastes causados por cupins nos pés, bem como outras junções

⁸⁶⁷ ETZEL, Eduardo. *Anjos Barrocos no Brasil*. São Paulo: Kosmos, 1995. p. 11.

⁸⁶⁸ Levantamento de 1980 do acervo do Museu de Arte Sacra conservado no NCR-UFES e no IPHAN.

⁸⁶⁹ Temos também os quatro anjos na posição de pé, apoiados pelas costas, braços e pés, no altar mor da Capela Santa Luzia em *Revista Capixaba*, Ed. Artenova Ltda, ano II, outubro 1968, n. 20. p 34-36.

⁸⁷⁰ Dois deles foram restaurados no ano de 1999 e os outros dois em 2008 pelo Núcleo de Conservação e Restauração da UFES, se encontram atualmente em excelente estado de conservação.

inadequadas. Os quatro anjos foram restaurados pelo NCR-UFES⁸⁷¹, nos anos de 1999 e 2008, e se encontram em ótimo estado de conservação.

4.3.7 - OUTRAS IMAGENS ENCONTRADAS NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DE VITÓRIA

Além das representações que poderíamos chamar de recorrentes do programa iconográfico de igrejas da Ordem Terceira, e que em geral são de santos também Terceiros, podem existir outras, em geral em função de devoções locais. Assim, Maria Regina E. Quites encontrou São João Evangelista, São Bento Abade, São Francisco de Paula e São João Nepomuceno (em Ouro Preto); São Lázaro, São Manoel, São Sebastião, São Libório e Santa Rita de Cássia (em Mariana); e São Cosme e São Damião no altar-mor da Capela Dourada de Recife⁸⁷². Em Vitória, dentro dessa classificação de “outras devoções”, vamos encontrar as imagens de São Domingos e de Nossa Senhora do Rosário. Também encontramos, como era comum em todas as igrejas, representações do Cristo na cruz.

4.3.7.1- SÃO DOMINGOS

Filho da estirpe nobre dos Gusmán em Calahora, Espanha, São Domingos instituiu a devoção do Rosário, fundando a sua Ordem. Morreu em Bolonha em 1221, e é comemorado no dia 4 de agosto⁸⁷³.

Geralmente, São Domingos é representado vestindo túnica branca, manto com capuz negro e cinto preto com rosário. Tem como atributos principais o bastão com cruz de duas travessas, uma estrela ou sol na frente ou sobre o peito, e um cão com uma tocha na boca⁸⁷⁴. São Domingos foi contemporâneo de São Francisco e os franciscanos também ajudaram a divulgar a devoção ao Rosário.

Na capela dos Terceiros de Vitória, há registros da existência de duas imagens de São Domingos, de acordo com o relato do bispo D. Nery de 1898, que no entanto não as descreve e nem cita onde se encontravam⁸⁷⁵. Uma delas seria a que saía na procissão de

⁸⁷¹ Relatório do NCR-UFES: dois dos anjos foram restaurados por Karoline Marques Stelzer em 2008.

⁸⁷² QUTES, 2006, p. 122.

⁸⁷³ MARINO, 1996, p. 97.

⁸⁷⁴ Id., Ibid.

⁸⁷⁵ Livro Tombo Nossa Senhora da Conceição Prainha 1898-1947, p. 5. Cúria Metropolitana.

Cinzas de joelhos, ao lado de Nossa Senhora do Rosário, no décimo segundo andor⁸⁷⁶. Ela seria muito provavelmente uma imagem de vestir, por causa de sua posição. À parte essas duas menções, não encontramos mais nenhuma referência a essas imagens, cujo paradeiro desconhecemos. Freire também relata que, “bem assim, um grande painel do teto, a meio da capela, foram destruídos, sem o menor interesse em averiguar, siquer, o pintor!”. E prossegue o autor: “No painel, S. Francisco e S. Domingos, como Frei Adalberto descreve no quadro da Divina Justiça em São Paulo, pareciam implorar misericórdia pelo mundo pecador”⁸⁷⁷.

4.3.7.2- NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Conta-se que estando São Domingos a rezar, apareceu-lhe a Virgem Maria sobre uma nuvem luminosa e ensinou-lhe um método de oração garantindo-lhe que daria resultados maravilhosos⁸⁷⁸. Surgia assim o Rosário, composto sob orientação da Rainha do Céu. Partindo de São Domingos, sua devoção estendeu por vários países da Europa. Foi por ocasião da batalha de Lepanto que realmente se consagrou a devoção ao Rosário, em 7 de outubro de 1571: enquanto a armada cristã lutava contra os turcos, o povo em Roma rezava o Rosário, ganhando a guerra. Daí o papa Gregório XIII reconheceu o Rosário sendo a “arma da Vitória”. Essa devoção foi também muito freqüente na África, usada como estratégia de conversão⁸⁷⁹.

No Brasil, essa devoção foi trazida principalmente pelos missionários franciscanos. Os escravos negros, principalmente os que afluíram a Minas Gerais, impossibilitados de prosseguirem no culto das suas divindades, escolheram frequentemente dentro do hagiológico católico três patronos: Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Ifigênia⁸⁸⁰.

Com relação à sua iconografia, Maria pode estar sentada, com o Menino Jesus sobre seu joelho, segurando um rosário. Mas, sobretudo, ela está de pé, com o Menino no braço

⁸⁷⁶ Livro da Ordem Terceira da Penitência para procissão de Cinzas 1867, p. 7v. Cúria Metropolitana.

⁸⁷⁷ FREIRE, 1954, s/p.

⁸⁷⁸ MEGALE, 2001, p. 432.

⁸⁷⁹ SOUZA, 2004.

⁸⁸⁰ MARINO, 1996, p. 67.

esquerdo e o rosário na mão direita. Algumas imagens mostram a Virgem dando o rosário a São Domingos ou vice versa⁸⁸¹.

Na capela dos Terceiros de Vitória, encontramos menção à imagem de Nossa Senhora do Rosário apenas na procissão de Cinzas de 1867, quando ela saiu no décimo segundo andor, tendo aos seus pés São Domingos de joelhos, como já nos referimos⁸⁸². Acreditamos que se trataria de uma imagem de vestir. Não havendo junto aos franciscanos nenhuma outra referência da sua existência, somos levadas a pensar que sua presença teria relação com a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, sediada na igreja do Rosário dos Pretos em Vitória desde o século XVIII. E justamente naquele ano, e provavelmente em outros, aquela Irmandade havia sido convidada a participar da procissão de Cinzas. Além disso, há uma relação entre N. Sra. do Rosário e São Domingos, com a iconografia da “Justiça Divina”. Esta Irmandade deixou de existir no início do século XX.

Apesar de existirem numerosas imagens de Nossa Senhora do Rosário em Vitória e no acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, não temos nenhum indício que nos permitiria localizar essa imagem. Ademais, se se tratava de fato de uma imagem de vestir, sua conservação seria ainda mais dificultada.

4.3.7.3- CRUCIFIXOS

Na capela da Ordem Terceira havia uma imagem do Cristo crucificado no altar-mor e mais outras duas, de tamanho grande em local por nós desconhecido, de acordo com a descrição do bispo D. João Batista C. Nery em sua visita pastoral no ano de 1898⁸⁸³. Não temos certeza do paradeiro dessas imagens, considerando que somente o Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, possui em seu acervo cerca de trinta crucifixos – embora eles sejam todos de tamanho pequeno e nenhum esteja listado como sendo procedente do antigo convento de São Francisco. No entanto, Mário Freire informa que em 1943 foi retirada uma caixa do “monumento fúnebre” ou para nós, ossuário geral, construído no pátio do antigo convento⁸⁸⁴, contendo o que “restava” do Crucificado que

⁸⁸¹ MEGALE, 2001, p. 432.

⁸⁸² Livro da Ordem Terceira da Penitência 1867, p. 7v. Cúria Metropolitana.

⁸⁸³ Tombo Nossa Senhora da Conceição da Prainha. 1898-1947, p. 4. Cúria Metropolitana.

⁸⁸⁴ Construído em 1926 pela prefeitura local para acomodar os ossos dos freis retirados das lápides localizadas nas paredes laterais da igreja de São Francisco quando a mesma fora demolida. E das demais lápides que estavam abandonadas no cemitério construído em 1856 nos terrenos do convento.

compunha o altar-mor, “uma veneranda relíquia da história da capitania”, que ele tinha chegado a vê-lo em seu local de origem. Esses restos teriam sido levados para o Museu de Arte Sacra, que funcionava na capela de Santa Luzia⁸⁸⁵.

Tal fato também é relatado por Mauro Fraga, em 1968, que relata que 43 peças do Museu haviam sido roubadas anos atrás, não sendo possível recuperá-las. Ele afirma ainda que este Crucificado de que nos fala Freire esteve de fato exposto no Museu de Arte Sacra, com falta parcial dos seus braços e pernas. Datado do século XVII, havia pertencido ao pescador Braz Gomes. Este, aguardando a construção de uma capelinha, o guardara numa caixa, motivo este que levou seus inimigos a denunciá-lo como herege e de ter pacto com o demônio. Braz Gomes foi então remetido a Lisboa e lá preso, tendo confiscados seus bens. A imagem foi então entregue à Ordem Terceira do Convento de São Francisco da Penitência, “onde foi atirada ao ossuário do cemitério”⁸⁸⁶.

Mário Freire também relata esse fato, de maneira mais resumida, ao se referir à:

morte de Brás Gomes, em 1729, nos cárceres da Inquisição em Lisboa, acusado da heresia de conservar a dita imagem, irreverentemente, nessa Vila [Vitória], dentro de uma caixa, das que, ao tempo da colônia, serviam de assento⁸⁸⁷.

É certo que esse costume não era de todo incomum, uma vez que as imagens de vestir eram costumeiramente guardadas em caixas⁸⁸⁸.

Essa é uma das peças que foram roubadas do Museu, muito provavelmente por causa de sua importância: não só por ocupar o altar-mor, mas também por seu valor histórico.

Contamos ainda com a possibilidade de que um dos Crucificados possa ter sido levado da capela dos Terceiros da Penitência para a igreja de Reis Magos de Nova Almeida, que abrigou ao longo de sua história imagens sacras vindas de outras igrejas do estado, servindo como um “museu provisório”. Em 1962, foi de lá roubado um “belíssimo crucificado” do século XVIII, restando apenas sua fotografia junto ao IPHAN-ES.

⁸⁸⁵ FREIRE, 1954, sp.

⁸⁸⁶ Revista Capixaba, Editora Artenova Ltda, outubro 1968, N. 20, ano II. p. 34-36.

⁸⁸⁷ Id., Ibid.

⁸⁸⁸ No subsolo da Igreja de São Gonçalo, existe uma caixa, que está em desuso, que guardava o resto do ano, a imagem de vestir de Nossa Senhora das Dores, hoje exposta em altar lateral da igreja.

Segundo José Antônio de Carvalho, o Crucificado existente na igreja de Guarapari se assemelha muito a imagem perdida de Nova Almeida⁸⁸⁹.

Atualmente, na Cúria Metropolitana de Vitória há um Crucificado no Salão Episcopal fixado na parede, medindo no total 1,27 x 0,15m, tendo o Cristo 0,34 x 0,6m. A base que sustenta esta Cruz tem 0,42 x 0,24 x 0,15m é ricamente trabalhada com relevos, possui cinco querubins. Os cravos do Cristo são de pedras amarelas, que atravessam a espessura das mãos do Cristo, bem como a estrutura do braço da cruz. Ao longo da cruz estão representados os símbolos da crucificação como a escada, cordas e cravos, os demais foram arrancados. Não sabemos qual a origem dessa peça, mas tampouco se encaixa na descrição dos “grandes crucifixos”. (Figura 142).

4.4 - NOSSA SENHORA DAS NEVES

Neste sub-capítulo, analisamos as relações históricas existentes entre a imagem de Nossa Senhora das Neves, que se encontra atualmente no corredor lateral da igreja de São Gonçalo, e nosso objeto de estudo, a imaginária franciscana em Vitória. Para tanto, cabe compreender a origem dessa devoção, bem como os rumos que ela trilhou em solo capixaba.

É nossa hipótese que essa imagem de Nossa Senhora das Neves esteve vinculada aos primórdios da presença franciscana em Vitória, podendo ter ocupado o altar-mor de sua capela própria. Mas esse deslocamento não foi o único. Ao longo de sua trajetória, ela foi transladada por seus devotos para igrejas sob outras invocações; arrastou procissões e acompanhou outras; dividiu altares, se adequou a nichos ao lado de outras imagens, ocupou espaços que não eram seus, mas também, em certos momentos, ocupou espaço de destaque, como se constata em registros de festas aos quais nos remeteremos ao longo desse sub-capítulo⁸⁹⁰.

A imagem em questão é de roca, com dimensões de 0,71 x 0,33 x 0,31m. Da cintura para baixo, a escultura é coberta com uma camada de tecido gessado, dando-lhe formato

⁸⁸⁹ CARVALHO, 1985, p. 19.

⁸⁹⁰ Discordamos de Gomes Neto que, citado por frei Röwer, afirma que a imagem foi levada para a matriz de Viana ainda no início do século XX (GOMES NETO, *As Maravilhas da Penha*. Apud RÖWER, 1957, p. 33). Analisando as festividades da igreja de Viana, em momento algum encontramos referência a esta imagem, muito menos registros de festas ou missas a essa invocação da Virgem. Veremos que, ao sair da Capela da Ordem Terceira da Penitência em 1909, esta imagem esteve na igreja de São Tiago (entre 1910 e 1911) e posteriormente na igreja de São Gonçalo a partir de 1912, não saindo mais de lá.

de vestimenta e chegando até os pés da Virgem, que são visíveis. Não é possível, pois, detectar a olho nu as ripas verticais de sustentação da estrutura da roca. (Figuras 143 a 146). Esta técnica construtiva confere beleza estética à imagem, e não se trata da técnica chamada de “tela encolada”, com a qual se mantém a “*alma*” da escultura em madeira, ou seja, sua parte interna⁸⁹¹.

Os cabelos da imagem são naturais e têm cor castanho escuro. Ela possui olhos de vidro e articulações nos braços; sua vestimenta consiste em um vestido branco bordado, manto azul e cabeça portando uma coroa dourada. Seu braço direito encontra-se atualmente quebrado na articulação do cotovelo, e por isso ambos os braços estão amarrados, para que as mãos permaneçam juntas em posição de oração, original da imagem. É possível que o braço tenha sido quebrado pelo excesso de esforço ou pelos movimentos repetidos quando das trocas de roupa da Virgem.

Por não possuir os atributos específicos dessa invocação, como o cetro, as flores, a igreja, a montanha ou nuvens, anjos e o Menino, é possível que esta imagem tenha mesmo recebido outra identificação. Essa é a hipótese de Talita Arrivabene, em sua dissertação de Mestrado sobre o acervo iconográfico da igreja de São Gonçalo: de acordo com essa autora, ela teria sido invocada em algum momento sob o título de Nossa Senhora da Assunção⁸⁹². Isso se explicaria inicialmente pelo fato da imagem estar localizada próxima da imagem de Nossa Senhora da Assunção e ser parecida com ela. Além disso, sempre segundo a mesma autora, o braço direito estaria quebrado pelo esforço em posicionar suas mãos em posição de oração, uma vez que deveriam estar abertos, para representar Nossa Senhora Assunção⁸⁹³.

De fato, há vários casos de imagens que mudam sua iconografia, sobretudo no caso de imagens de vestir⁸⁹⁴, mas isso não nos parece ter ocorrido aqui. Não há nenhum registro na documentação a esse respeito. E mais ainda: pela posição da imagem, suas mãos nunca poderiam fazer o gesto de estarem levantadas, porque ela não tem articulação no punho. No máximo, poderia ser possível uma transformação em Nossa Senhora da

⁸⁹¹ Sobre esse tema, ver : QUITES, 2006, p. 243.

⁸⁹² ARRIVABENE, 2008, p. 91.

⁸⁹³ Id., Ibid.

⁸⁹⁴ Ver, a esse respeito, QUITES, Maria Regina Emery, COELHO, Beatriz, DAVID, Helena. Nossa Senhora das Mercês: Um caso de interesse para a justiça. *Imagem Brasileira*. Belo Horizonte, n. 2, 2003. p. 115; PEREIRA, 2008.

Conceição, como apontou o Prof. Atílio Colnago⁸⁹⁵. Mas ela também dificilmente se justificaria, porque não encontramos nenhuma referência a uma imagem desaparecida da Imaculada.

Nossa hipótese de que essa imagem seria originariamente franciscana está baseada, em primeiro lugar, por ser esta uma devoção freqüente a essa Ordem no período colonial: o primeiro convento franciscano no Brasil foi dedicado a esta invocação. Mais especificamente no caso do Espírito Santo, há uma capela dedicada a Nossa Senhora das Neves edificada nos terrenos pertencentes ao convento de São Francisco de Vitória. É possível que essa Devoção tenha se utilizado da imagem que já se encontrava naquela capela – ou mesmo na igreja da Ordem Terceira ou na igreja conventual. Entretanto, não podemos afirmar isso com certeza, pela ausência de registros, já que esta imagem não está relacionada nos documentos de inventário das imagens referente ao antigo convento. De toda forma, há que se recordar sempre que, de modo geral, as informações referentes aos franciscanos são escassas, portadoras de lacunas, principalmente no que diz respeito ao acervo iconográfico.

Examinemos, inicialmente, as origens dessa invocação, que é um dos títulos mais antigos concedidos à Virgem Maria. Conta a lenda que no século IV, na cidade de Roma, um patrício de nome João e sua esposa fizeram uma promessa de ofertarem seus bens materiais à Virgem se a eles fosse concedido ter filhos, pois ao casal não restava mais esperança de tê-los. Pediram então à Virgem Maria que lhes mostrasse um sinal de como deveriam ser empregados seus bens em reconhecimento de seu louvor. A Virgem, aparecendo em sonho, revelou ao casal que eles deveriam levantar um templo em seu louvor sobre o Monte Esquilino e que o local indicado estaria coberto de neve⁸⁹⁶. E tal fato ocorreu em pleno verão. Naquele local se levantou, então, um templo em honra a Maria sob a invocação de Nossa Senhora das Neves.

O culto a Nossa Senhora das Neves se espalhou, e no Brasil a primeira referência a Nossa Senhora das Neves se encontra na atual cidade de João Pessoa, em razão da vitória contra os franceses que dominavam o litoral nordestino no final do século XVI, que ocorreu no dia 5 de agosto, dia da aparição de Nossa Senhora das Neves no Monte

⁸⁹⁵ Informações prestadas pelo artista e restaurador Atílio Colnago em entrevista feita no NCR-UFES, em 17/11/2008.

⁸⁹⁶ MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 378.

Esquilino. Por esse mesmo motivo, quando da formação da pequena vila, esta recebeu o nome de Nossa Senhora das Neves, sendo mais tarde mudada para João Pessoa. Foi levantada uma igreja dedicada a essa invocação da padroeira da cidade. Demolida e reconstruída no mesmo local da original, hoje é a Matriz da cidade. Existe também uma ermida na Ilha da Maré, no Recôncavo Baiano, fundada em 1584, que possui uma imagem da Padroeira de madeira estofada, em estilo maneirista⁸⁹⁷. Em Olinda, encontra-se o primeiro convento franciscano fundado no Brasil, entre 1585 e 1589, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves⁸⁹⁸. Em São Gonçalo, Rio de Janeiro, e em Ribeirão das Neves, Belo Horizonte, também encontramos igrejas sob a invocação da Senhora das Neves. Em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, existe ainda a Irmandade de Nossa Senhora das Neves.

No Espírito Santo, em Presidente Kennedy (antiga Muribeca), que pertence ao município de Itapemirim, encontra-se uma antiga igreja jesuítica do século XVII dedicada a Nossa Senhora das Neves. O bispo do Rio de Janeiro, D. José Coutinho, que esteve em visita no estado entre os anos de 1811 e 1812, relatou as dificuldades encontradas por ele em Itapemirim, lugar que descreveu como sendo “um verdadeiro deserto”. Além da presença dos índios botocudos e puris, registrou a existência de um oratório que por ele fora mantido, pelo fato do mesmo estar distante tanto da antiga capela das Neves quanto dos estabelecimentos dos Jesuítas, localizados mais ao norte do rio Benevente⁸⁹⁹. Esta capela está localizada no litoral sul do Espírito Santo, dentro de uma fazenda, próxima à Praia das Neves.

Itapemirim foi a primeira paróquia visitada pelo primeiro bispo do Espírito Santo, D. João Batista Correia Nery, quando de sua visita pastoral iniciada em 1897. Em suas anotações, encontramos a afirmação de que a “Capela monumental” edificada pelos padres Jesuítas encontrava-se em decadência, porque o “herdeiro” sr. João Tônico não se ocupava de preservá-la. Ele afirmou ainda que os moradores eram “frios,” e que a festa da Santa não se fazia mais. O bispo acrescentou também que o vigário “é necessitado a ir em busca de uma caza para obter gazalho até de poder administrar os

⁸⁹⁷ MEGALE, 2001, p. 349.

⁸⁹⁸ RÖWER, 1957, p. 21.

⁸⁹⁹ COUTINHO, 2002, p. 46.

sacramentos a aquele infeliz povo. É longe da Itapemirim nove léguas”⁹⁰⁰. D. Nery encontrou, pois, dificuldades semelhantes às do bispo Coutinho.

Estas descrições da decadência da capela não condizem com a realidade atual. Restaurada e aberta ao culto ao menos uma vez ao mês, a capela recebeu o título de Santuário de Nossa Senhora das Neves. Acreditamos que o abandono no período colonial havia se dado pela distância do centro da cidade de Presidente Kennedy, 26 quilômetros. A festa da santa é realizada durante uma semana, sendo seu auge no dia 5 de agosto.

Até o ano de 1997, fazia-se uma procissão com a imagem do orago pelo campo aberto da fazenda onde o santuário se localiza, tendo em volta a paisagem deserta, com o mar ao fundo, pelas areias que contornam o Santuário. Entretanto, com o roubo do Menino logo após a restauração⁹⁰¹, a imagem original não sai mais em procissão. Nos últimos anos, utiliza-se uma pequena imagem de gesso da santa, que é levada pelas mãos de um membro da comunidade até o altar montado na área externa do Santuário. Enquanto a missa campal é realizada, a igreja permanece trancada e a imagem original também não sai do altar-mor, permanecendo numa redoma de vidro.

A imagem de Nossa Senhora das Neves que se encontra atualmente na igreja de Presidente Kennedy tem as seguintes dimensões: 1,52x0,76x0,50m. Ela possivelmente foi trazida de Portugal e dataria do século XVII, segundo José Antônio de Carvalho⁹⁰², ou do século seguinte, de acordo com Almerinda da Silva Lopes⁹⁰³. A Virgem porta um cetro na mão direita e segura o Menino no braço esquerdo. Na base atributiva há nuvens sobre pedras, com um querubim à direita, dois no centro e uma igreja à esquerda. (Figura 147).

Como mencionamos acima, essa devoção não era apenas restrita aos jesuítas, também os franciscanos cultuavam Nossa Senhora das Neves. Em Vitória, nos terrenos do antigo Convento de S. Francisco, foi edificada uma capela a ela dedicada. De acordo

⁹⁰⁰ Livro de Registro Histórico das Paróquias da diocese do Espírito Santo, 1894-1897.

⁹⁰¹ Informação cedida pelo Prof. Atílio Colnago, que através do NCR-UFES restaurou as imagens da Virgem e do Menino no período de 1996 a 1997. Entrevista em 17/11/2008. Em substituição ao Menino roubado, Osni Paiva (São João Del Rei – MG), esculpiu um novo em 2007, em madeira, orientado por fotografias do Menino que foi roubado, sem conhecimento das medidas do Menino original.

⁹⁰² CARVALHO, 1985, p. 17.

⁹⁰³ LOPES, 1997, p. 69. Há que observar, no entanto, que nenhum dos dois autores justifica suas datações.

com frei Basílio Röwer, essa capela, de sólida construção, pode ter sido levantada em lembrança do primeiro convento construído pelos franciscanos em Olinda sob esta invocação⁹⁰⁴.

No Catálogo de Bens Tombados, essa capela é descrita como de relevante interesse arquitetônico, com nave, capela-mor e duas sacristias⁹⁰⁵, com área total de 53,93m²⁹⁰⁶. Com planta em cruz, é coberta com telhado de telha canal, de duas águas na nave e de três águas nas sacristias com terminação em cornija. A fachada apresenta uma só porta de madeira almofadada, com verga em arco pleno e cercadura e soleira em cantaria. Cunhais e cornijas emolduram a fachada que é cercada por um frontão de volutas singelas, franqueado por dois pináculos. As fachadas laterais possuem aberturas com verga em arco batido e fechamento em madeira. A nave e a capela-mor possuem forro em madeira em três painéis. Nas sacristias, o forro é em madeira em tronco de pirâmide, chamado também forro em gamela, destacando-se o arco cruzeiro em cantaria⁹⁰⁷. Ela possui paredes com cerca de 70 centímetros de largura, erguidas com pedra e barro misturado a conchas⁹⁰⁸.

Não encontramos documentos sobre a datação dessa construção, e mesmo Röwer afirma não se saber quando ela foi construída. No entanto, um artigo de jornal de 1950, sem autoria especificada, nos informa que na primeira metade do século XVII, quando os holandeses estiveram na então capitania, a capela já existia:

A [capela] de N. S. das Neves quando em 1624 e 1654 os holandeses atacaram esta cidade de Victoria, ali se recolheram os nossos defensores e oraram a N.S. das Neves e com o badalar dos sinos e com as preces a Virgem eles nos deixaram em paz. Houve luta e de todas o capixaba saiu vencedor acima de tudo contava com ajuda de Deus⁹⁰⁹.

O episódio da invasão holandesa na cidade é frequentemente narrado pela historiografia local, no entanto, esta é a única menção feita à capela de Nossa Senhora das Neves – o

⁹⁰⁴ RÖWER, 1957, p. 33.

⁹⁰⁵ *Catálogo de Bens Culturais Tombados*, 1987, p. 146.

⁹⁰⁶ MAIA, 1987, p. 25.

⁹⁰⁷ Tombada pelo CEC em 03/05/1984, Processo n.º 04/82. Inscrição no Livro Histórico n. 77, Folha 09.

⁹⁰⁸ De acordo com as prospecções feitas quando iniciada a reforma em novembro de 2008, sob a supervisão do arquiteto Pedro Canal, através do Instituto GOIA, em parceria com a Aracruz Celulose.

⁹⁰⁹ A *GAZETA*, Vitória, n. 5668, ano XXII, 17 jan. 1950, p. 3.

que torna sua informação (que, caso confirmada, nos apontaria para a importância daquela devoção no período colonial) pouco fiável⁹¹⁰.

Não se encontram mais notícias a respeito da capela até meados do século XIX. Segundo Röwer, em 1856, quando de uma epidemia de cólera, foi instalado temporariamente (ele funcionou até 1908) um cemitério público nos terrenos do entorno do convento cedidos pelo frei José de Santa Helena de Soares. A capela estava incluída nessa área e, segundo ele, seria reedificada⁹¹¹. Elmo Elton afirma que ela teria servido de necrotério⁹¹².

De toda forma, por volta desse período a capela estava em más condições. Uma notícia de jornal de 1902 afirma que a capela estava desocupada e convidava a “sociedade” a “levantar” a Devoção a Nossa Senhora das Neves na sua “referida capela localizada no cemitério público de S. Francisco”⁹¹³. Informava-se que ela havia sido “cedida” pelo Coronel Joaquim Lyrio. Entendemos que essa Devoção, que já havia existido na cidade, estava sendo restabelecida na sua própria morada que estava sob os cuidados do coronel Lyrio. Não se sabe em que circunstâncias se deu a posse por esse particular da capela, mas provavelmente isso ocorreu em função da decadência por que passou o convento no final do século XIX.

De toda forma, no início do século XX, a partir do convite que já mencionamos, essa Devoção foi reativada. Não se tardou em realizar a primeira eleição, no mesmo ano de 1902. “A Devoção de N.S. das Neves, recentemente creada n’esta capital, em reunião resolveu concertar a capellinha da mesma Virgem, no antigo cemitério publico de S. Francisco, e em seguida elegeu para promotor da mesma devoção o sr. Antônio Pinto de Siqueira”⁹¹⁴. E pretendendo-se começar as obras no mês seguinte – “A devoção de N. S.

⁹¹⁰ De toda forma, para termos uma maior certeza da data de construção da capela de Nossa Senhora das Neves, teríamos que contar com estudos arqueológicos, que ainda não foram realizados.

⁹¹¹ RÖWER, 1957, p. 33 e 61.

⁹¹² ELTON, 1987, p. 47 e *Catálogo de bens culturais*, 1987, p. 146.

⁹¹³ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 22 jan. 1902, p.1. “Diversos devotos de N.S. das Neves pretendem levantar sua devoção na Capella da mesma Santa, no cemitério público de S. Francisco. A Capella foi cedida pelo respeitável sr. coronel Joaquim Lyrio para este fim”.

⁹¹⁴ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 29 jan. 1902, p. 2. Fortunato Rangel, Manoel Guimarães, Curiacio Plínio, Aristides Vidigal Freire, Francisco de Oliveira Magalhães, Luiz Gonzaga, Delphino Ricardo da Costa, Cassiano da Victoria e José Epaminondas.

das Neves se reuniu no consistório da capelinha da mesma Virgem” contando, para isso, com pedidos de auxílio à população⁹¹⁵.

Mas isso parece não ocorrer, uma vez que em 1905 lemos: “A Devoção de N. S. das Neves, erecta na V. O. da Penitência desta Cidade”⁹¹⁶. Os nomes dos devotos também não são mais os mesmos de 1902, e não se sabe se por essa mudança na diretoria, ou em função de problemas políticos e de posse de terrenos, a restauração iniciada na capela não foi adiante⁹¹⁷. Para Elmo Elton, depois de 1908 a capela passou a servir de morada para desabrigados⁹¹⁸, fato que justificaria a instalação da Devoção de Nossa Senhora das Neves na capela da Ordem Terceira em 1905.

De fato, esta capela de Nossa Senhora das Neves nos terrenos do antigo convento São Francisco esteve abandonada, servindo de abrigo para desabrigados durante pelo menos toda a década de 30⁹¹⁹. Em 1950, André Carloni fez um plano de restauração para o convento de São Francisco incluindo-a, e solicitou ao diretor do SPHAN na época, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, seu tombamento. Mas ele não conseguiu restaurá-la imediatamente, porque a capela estava ocupada por invasores, que insistiam lá ficar⁹²⁰.

Mas, uma vez restaurada, a capela não chegou a ter uso religioso, tendo abrigado, até os anos 70, a sede da Comissão Espírito-Santense de Folclore, com exposições de objetos de artesanato coletados em todo o estado⁹²¹. Atualmente, a capela encontra-se em processo de restauro e foi entregue novamente ao culto⁹²². (Figuras 148 a 155).

⁹¹⁵ *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 14 fev. 1902, p. 1.

⁹¹⁶ Documento Avulso impresso em papel timbrado, onde há lacunas para serem preenchidas à mão, conforme local que indica. São eles: Dr. Getulio Augusto de Carvalho Serrano, João Chrysostomo da Costa e Antonio Gonçalves Coelho.

⁹¹⁷ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, n. 63, ano XII, quarta-feira, 19 mar. 1902, p. 2.

⁹¹⁸ ELTON, 1987, p. 48.

⁹¹⁹ *Catálogo de Bens Culturais*, 1987, p. 146.

⁹²⁰ *A GAZETA*, Vitória, n. 5668, ano XXII, 17 jan.1950, p. 3.

⁹²¹ Anos depois estes objetos foram transferidos para o Museu Solar Monjardim e em seguida doados ao Museu do Folclore do Rio de Janeiro. *Catálogo de Bens Culturais*, 1987, p. 146.

⁹²² Em suas paredes internas, foram encontrados no dia 17 de dezembro de 1908, a um metro de altura do piso, seis nichos de ossadas, sendo uma no lado do Evangelho medindo 0,30m de largura por 0,20m de profundidade, e cinco nichos na parede onde ficaria o altar-mor, ou seja, todos localizados às suas paredes, também a um metro do piso, são maiores, entre 0,45 e 0,50m de largura por 0,42m de profundidade. O nicho do lado do Evangelho foi mantido e fechado, os demais serão fechados com vidros, e aguardarão futuras análises arqueológicas. Informações prestadas pelos restauradores do Instituto GOIA em 3 de fevereiro de 2009, na própria capela.

Não se sabe, como dissemos antes, quanto tempo durou essa interrupção do uso religioso da capela. Mas a devoção (organizada ou não sob forma de associação religiosa) a essa invocação mariana não esteve vinculada somente a esse espaço. Röwer nos informa que de 1900 até 1910, o dr. Getulio Serrano, morador de Vila Velha promovia anualmente uma festa em homenagem àquela invocação mariana na igreja do Convento⁹²³. Há um pequeno equívoco de datas, porque nos periódicos da época informa-se que essas festas terminaram em 1900⁹²⁴. Não sabemos por que motivo, mas de fato não encontramos menção a elas entre os anos 1900 e 1904. Quando isso volta a ocorrer, de 1905 a 1909, as festas eram realizadas na capela da Ordem Terceira da Penitência⁹²⁵, e não na igreja conventual.

As festividades em louvor a Nossa Senhora das Neves, pelo menos nesse período, possuíam caráter popular: por exemplo, em 1908 a festa teve “quebra pote, pau de cebo e morte do galo”, não faltando fogos de artifícios⁹²⁶. Assim diz o anúncio de seu programa:

A devoção de N. S. das Neves, erecta na capella da Venerável Ordem 3ª da Penitência d'esta cidade, deliberou no corrente anno, com auxilio de seus devotos, solemnizar nos dias consagrados á sua santíssima virgem N. S. das Neves, pela forma seguinte: No dia 14 do corrente, ás 8 horas da manhã, será celebrada missa incensada e, ás 4 horas da tarde, vésperas solemnes. No dia **15, ás 10 horas da manhã, terá lugar missa solemne** e, ás 4 horas da tarde, ladainha e magnificat. No coro funcionará a orchestra composta de gentis senhoritas, no adro da capella a banda de musica filarmônica “caramuru” executará diversas peças de seu escolhido repertorio. Nas noites dos referidos dias haverá kermesse dos brindes que forem offerecidos pelos devotos e devotas da santíssima virgem, cujo producto reverterá em auxilio da festividade; e em lugar competente estarão os membros da devoção para receber as esmolas que forem offerecidas. A devoção conta e espera o comparecimento dos fieis catholicos para maior brilhantismo e realce da festividade. Consistório da Devoção na Victoria, em 4 de agosto de 1908. O Secretario, João Raposo⁹²⁷.

Também observamos a mobilidade da data da festa. Nesse ano, por exemplo, houve provavelmente uma disputa com a festa de Nossa Senhora da Assunção, que estava a cargo da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, sediada na igreja de São Gonçalo.

⁹²³ RÖWER, 1957, p. 33.

⁹²⁴ A GAZETA, Vitória, n. 5668, ano XXII, 17 jan. 1950, p. 3.

⁹²⁵ Datas encontradas através do cruzamento dos Livros de Provisões n.2 e n.5; Livro de Despacho n.1, Livro Borrão Câmara Eclesiástica 1915, Livro Copiador n.1 1912-1913 e Livro Caixa 1910-1917 da Cúria Metropolitana, além de periódicos nessas mesmas datas.

⁹²⁶ *Diário da Manhã*, Vitória, 7 ago. 1908, p. 2.

⁹²⁷ *Diário da Manhã*, Vitória, 12 ago. 1908, p. 3; repete dia 13 ago. 1908, p.3; dia 14 ago. 1908, p. 3; e dia 15 ago. 1908, p. 3. Destacamos o dia 15 com missa as 10hs da manha, porque, no dia 14 agosto, também é feito o convite para a missa solene de N. Sra. da Assunção na Igreja São Gonçalo, também no mesmo dia 15, e no mesmo horário, as 10 horas da manhã. *Diário da Manhã*, Vitória, 14 ago. 1908, p. 1.

Isso pode ser percebido pelo fato de que as festas ocorrem nos mesmos dias e horários. E, de acordo com o calendário litúrgico, 14 de agosto é o dia da Assunção de Maria. Sua festa chegou a ser realizada nos meses de setembro, outubro e novembro. Essa mobilidade talvez se explicasse pela falta de tempo para organizar a festa, para a entrega de jóias e recolhimento das doações necessárias, já que se tratava apenas de uma Devoção, e não de uma Irmandade.

De toda forma, a partir de 1910, não se sabe se por motivos de problemas estruturais ou brigas internas, a festa da Devoção de Nossa Senhora das Neves não mais se realizou na capela da Ordem Terceira da Penitência. Ela passou a ser realizada na igreja de São Tiago e depois na igreja de São Gonçalo.

A imagem também foi transladada da igreja da Ordem Terceira para a igreja São Tiago (antiga igreja jesuítica), intitulada de Matriz da Conceição da Prainha, em 1910⁹²⁸. A festa de transladação se deu nos dias 6 e 7 de agosto. Como de costume, pela manhã do dia 6 houve missa e à noite, ladainha e quermesse com prendas; no domingo pela manhã, houve missa solene e à noite foram entoados cânticos sagrados em louvor da santa, a programação foi dividida em religiosa e profana⁹²⁹. No ano seguinte, houve festa mesmo com tempo chuvoso, ainda na igreja São Tiago. A comemoração ganhou um caráter ainda mais sagrado com a exposição do “Senhor Sacramentado”⁹³⁰.

No ano de 1911, encontramos referência a um presente especial que mostrava a importância e o luxo de que era revestido aquele culto e aquela imagem: a imagem ganhara um manto bordado a ouro. Ao mesmo tempo, como diz a nota do jornal, vemos como o sagrado e o profano se misturam: o manto, após a festa, não permaneceu vestindo a imagem na igreja, como se poderia esperar, ou pelo menos lá guardado, mas ficou exposto em uma loja de modas.

Conforme programma que fora anunciado realizou-se nos dias 5 e 6 do corrente, a festividade de N. S. das Neves, com muita concorrência de fieis, não obstante o tempo chuvoso. A sra. Maria Severina das Neves, incansável promotora da festa e suas dignas auxiliares, não pouparam esforços para o

⁹²⁸ Livro de Provisão N. 2 1909-1914. p. 40. Também chamada carinhosamente de “capela privada do bispo” ou Capela Nacional. Cúria Metropolitana.

⁹²⁹ *Comercio do Espírito Santo*, Vitória, 5 ago. 1910, p. 1. Tendo sido escolhida a orquestra Netto para a primeira e a banda Rosariense, da Igreja do Rosário dos Pretos (concorrente da “caramuru”) para a segunda. Não houve procissão com a imagem, conforme descrição do documento.

⁹³⁰ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 211, ano VI, 5 ago. 1911, p. 2. Orquestra Netto e banda da Polícia Militar.

brilantismo da mesma. O manto da excelsa Virgem que foi caprichosamente trabalhado a fios de ouro pelas senhoritas Semiramia Netto e Izabel de Alvarenga Machado, acha-se em exposição na *vitrine* da casa Cruz Duarte & Comp⁹³¹.

A casa comercial Cruz Duarte&Cia, uma das mais importantes da cidade, vendia desde perfumes, tecidos e utensílios a bijuterias e jóias⁹³². O fato de ficar em exposição o manto confeccionado a fios de ouro na vitrine desta loja mostra, por um lado, o grau de importância à Devoção a Nossa Senhora das Neves na cidade. Ela era merecedora do dedicado trabalho manual de suas devotas, expresso em uma oferenda de valor, para além das tradicionais e costumeiras jóias que eram ofertadas quando da festa do orago.

Por outro lado, a atitude de expor o manto em vitrine configura uma outra forma de tratamento, pois o manto também passa a ser apreciado como uma jóia de valor comercial, como os demais artefatos de ouro da loja. Diante desse gesto, nos é possível ir além da dimensão religiosa: também há uma dimensão política. Busca-se favorecer e promover seu culto, conferindo-lhe maior prestígio. Afinal, uma vitrine cumpre o papel de propaganda, de ser vista de um espaço público por transeuntes quaisquer, que é a calçada. Além disso, o fato de que se tratava de uma loja de prestígio, isso aumentava o próprio prestígio da santa – e vice-versa, porque o manto da Virgem também trazia prestígio àquela casa comercial. Ademais, se tratava de uma estratégia de publicidade que visava atrair mais fiéis para aquele culto.

Há que observar, no entanto, que a mistura entre sagrado e profano que mencionamos mais acima deve ser vista com um pouco de cautela. Isso porque o manto somente foi abençoado – e portanto trazido para o território do sagrado, de onde não voltaria à vitrine da loja – no ano seguinte⁹³³. Nesta ocasião, a imagem já estava localizada na igreja de São Gonçalo (que por então funcionava provisoriamente como Catedral do bispado⁹³⁴), para onde fora trasladada em 12 de Novembro de 1911⁹³⁵. Quando as

⁹³¹ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 216, ano VI, 10 ago. 1911, p. 3.

⁹³² FRANCO, 2005, p. 44.

⁹³³ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 250, ano VII, 14 set.1912, p. 2.

⁹³⁴ A Igreja São Tiago havia sido desapropriada para o governo do estado. Livro de Provisão N. 2 1909-1914 em 10/11/1911. p. 40. Cúria Metropolitana.

⁹³⁵ Tombo Paróquia Nossa Senhora Conceição Prainha 1898 - 1947. p. 72. Cúria Metropolitana.

comemorações ocorreram em janeiro de 1912, estas foram ainda mais especiais, pois a Devoção comemorava seus dez anos⁹³⁶.

Nesse mesmo ano, no dia de Nossa Senhora da Conceição, a imagem de Nossa Senhora das Neves também acompanhou a procissão. E mesmo quando, em 17 de janeiro de 1914⁹³⁷, emitiu-se uma portaria segundo a qual a igreja São Gonçalo deixava de ser a “matriz provisória”⁹³⁸, a imagem não mais saiu de lá.

Quatro anos depois, a igreja de São Gonçalo voltou novamente a ser matriz⁹³⁹. Nesse meio tempo, a festa a Nossa Senhora das Neves foi perdendo seu fôlego, sobretudo em 1917 e 1918, quando houve apenas missa cantada em comemoração à Virgem⁹⁴⁰. Mesmo com uma maior movimentação e circulação de fiéis em torno da igreja São Gonçalo novamente erigida matriz, a festividade não prosseguiu com o mesmo prestígio de anos anteriores.

Um dos motivos dessa decadência pode ser atribuído aos esforços feitos então para arrecadar fundos para a construção da Catedral Metropolitana, idealizada pelo bispo D. Benedito Alves. Vale a pena lembrar que as obras da catedral se estenderam de 1920 até 1970, e foram emitidas inúmeras listas para doação em dinheiro, tendo sido mesmo criada uma comissão para angariar fundos específicos para essa construção⁹⁴¹.

No mesmo ano de 1920, também foi realizada uma nova eleição da diretoria da Devoção de Nossa Senhora das Neves, e notamos no convite a ênfase expressa em palavras como empenho de “máximo esforço”, para que se realizasse a festa da Virgem⁹⁴². No entanto, acreditamos que os recursos financeiros necessários ficaram em

⁹³⁶ *Diário da Manhã*, Vitória, 19 jan. 1912, p. 3. Festa realizada dias 14 e 15/09/1912. *Diário da Manhã*, Vitória, 11 set. 1912, p. 3.

⁹³⁷ Em 1913 é Olindina Bermude quem está a frente Devoção, e nos anos de 1914 e 1915, passa a ser Maria Severina das Neves. Livro de Provisões N. 2 1909-1914; Livro Copiador N. 1 1912-1913 e Livro Protocolo N.2 1915. p. 30. Cúria Metropolitana.

⁹³⁸ Livro de Portarias e Ordens Episcopais. 1913-1918. p. 35v e 36. Cúria Metropolitana.

⁹³⁹ Livro de Provisões N. 3 1914-1922. 26/08/1918. p. 85. Cúria Metropolitana e *Diário da Manhã*, Vitória, 15 jan. 1920. p. 3.

⁹⁴⁰ Livro de Provisões N. 3 1914-1922. p. 72; 85; 103. Cúria Metropolitana. Em 1916, ela ocorreu normalmente. *Diário da Manhã*, Vitória, n. 27, ano XI, 17 set. 1916, p. 2.; Livro Borrão da Câmara Eclesiástica 1915 e Livro Protocolo N. 2 1915-1927. p. 58; Livro de Provisões N. 3 1914-1922. p. 103.

⁹⁴¹ A exemplo do *Diário da Manhã*, Vitória, 15 jan. 1920, p. 3.

⁹⁴² Foram eleitos como “juízes os srs. drs. Eurico Aguiar, José Monjardim, Carlos Gonçalves e Aristóteles Silva Santos, cel. Pedro Bruzzi e dr. Levino Chacon e juizas as senhorinhas, Stael Batalha, Stella Novaes, Jandyra Cabral, Camila Fonseca, Maria Fernandes Coelho, Mara Felicidade Novaes, e mordomos, Egydio Rosemil, Leonardo Gelio, Roberto Ayres Coelho, Mario Amorim, Mauro Braga, Túlio Hostilio

parte comprometidos. Não encontramos registros de provisões do início do ano de 1920 para a festa nos documentos conservados, como os Livros de Provisões, onde se registrava o pedido para a “liberação” da festa por parte das autoridades eclesiásticas, ou os Livros de Caixa, que fixavam o valor a ser pago pelas das irmandades e devoções da cidade para a realização de festividades do seu orago. Em anos anteriores, há registros relativos às festas de Nossa Senhora das Neves, mas a partir da década de 1920, somente há convite por meio de circulares em periódicos para “missas em louvor” a Nossa Senhora das Neves na igreja São Gonçalo. Provavelmente, parte das espórtulas que seriam arrecadadas para a festa do orago teriam sido revertidas para as obras da catedral.

Em 5 de agosto de 1924 houve missa em seu louvor⁹⁴³. No entanto, dois anos depois, em 1926, houve festa com tríduo, vésperas, missa e procissão. Naquele mesmo ano, a igreja de São Gonçalo entrou em reparos⁹⁴⁴, atendendo-se aos pedidos constantes dos fiéis⁹⁴⁵. No ano seguinte, em 1927, encontramos o pedido de espórtulas através dos jornais, convidando para o tríduo⁹⁴⁶ e missa⁹⁴⁷. Passada a reforma da igreja, a Devoção parece ter se fortalecido de forma significativa⁹⁴⁸ – o que mostra, porém, que não se pode atribuir a

Montenegro, sendo mordomos, as senhorinhas Esther Linhares, Aldemira Bastos, Custodia Gomes, Olívia Flores, Zulmira Muniz Freire, Nair Gonçalves”. *Diário da Manhã*, Vitória, 12 fev. 1920, p. 3.

⁹⁴³ *Diário da Manhã*, Vitória, 5 ago. 1924, p. 5.

⁹⁴⁴ E todos os atos religiosos passaram a ser feitos na igreja de São Francisco, por ordem do Bispo. *Diário da Manhã*, Vitória, n. 165, ano XX, 3 mar. 1926, p. 3.

⁹⁴⁵ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 167, ano XX, sexta-feira, 5 mar. 1926, p. 3.

⁹⁴⁶ *Diário da Manhã*, Vitória, n. 591, ano XX, terça-feira, 2 ago. 1927, p. 3.

⁹⁴⁷ Ata do Rosário Perpétuo 1926-1913, p. 1. Cúria Metropolitana. Registrado no Livro de Atas do Rosário Perpétuo que se reunia na Capela da Ordem 3ª da Penitência. Cúria Metropolitana.

⁹⁴⁸ Foram eleitos: Presidente: Risoletta Thevenard Barrozo, Vice Presidente: Hermínia Carvalho; 1ª secretária: Maria da Penha Costa; 2ª Secretária Lyra Macedo; Tesoureira: Maria Violeta Nunes Caldeira; presidente honorária: Maria Severina das Neves, Adjuntos: Gregório Barroso e Meleiríades Caldeira. Juizes: Dr. Antonio Athayde, Enelydes O’Reilly, Alexandre Moniz Freire, Capitão Octavio Aleves de Araújo, Dr. José Batalha, Dr. João Manoel de Carvalho, Attila José Barrozo, Nareizo Suaíd, o inocente Ruy, filho de Antenor Maciel, Jorge Bumachar, Osny Firme Coelho, José Macedo, o inocente Geraldo, filho de João Abreu, o inocente Elio, filho de Antonio Rodrigues Ferreira, Bellarmino Loyola Borges, Dr. Flavio Ribeiro de Castro, Rômulo, filho de Túlio Samorini, Adão Benezath, Luiz Mazzi, Manoel Braz do Nascimento. Juizas: Sras. Carolina Gonçalves, Liberalina Leitão, Josephina Abreu Lima, Balbina Manhães, Francelina Ribeiro, Maria Ramos, Esmeraldina Monjardim, Catharina Carreira, Rita Prati Penedo, Salma João Domingos, Niria Martins, Yessy Barrillari, Jandyra Santos Beiriz, Dra. Adalgiza Fonseca, Dulce Vivacqua, Stella Monjardim Ayres, Marietta Derenzi, Albina Santos Neves, Maria Jacob, Glorita e Vera Vieira Machado. Mordomas: Sr. Dr. Francisco Cerqueira Lima, Romeu Vidigal, João Brandão, Antenor Gomes, Dr. Thiers Velloso, Annibal Martins, Dr. Eurico Aguiar, Egydio Resemine (ou Resende) Josué Prado, Juvenal Ramos, Edgar Carvalho Neves, Affonso Schuab, Heitor Santos, Luiz Borges, Hermengido Costa, Oscar Ribeiro Coelho, Joaquim Manoel de Miranda. Mordomas: Sras. Maria Cerqueira Lima, Clementina Oliveira Santos, Lucilla Oliveira Santos, Aleyene Neves Espindola, Laara Lindemberg Von Schilgen, Aline Monjardim, Maryland Silveira Ayres, Emilia Aguiar, Quitéria Velloso Carneiro da Cuna, Maria Schneider, Julieta Teixeira Faria, Julieta Thevenard Vidigal, Julia da Silva

decadência de uma devoção ou de uma tradição de se fazer festa somente a uma questão financeira. Afinal, gastos foram feitos com a reforma, e não sabemos precisamente quem as patrocinou.

A Devoção a Nossa Senhora das Neves chegou a contribuir financeiramente, em 1930, para a construção de um novo altar na igreja São Gonçalo. No entanto, em 1935 ela parece ter se desestruturado, porque nesse ano a Devoção doou à Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, proprietária da igreja de São Gonçalo, a imagem de Nossa Senhora das Neves que estava naquela igreja desde 1912:

A Devoção de Nossa Senhora Neves, por sua diretoria, [...] colloca [sic] de maneira, particular, a imagem de sua Excelsa Padroeira sob a proteção da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. Ocupando já a preciosa imagem, por generosidade da mesma Arquiconfraria, um nicho para o qual concorreu com a quantia de setecentos mil réis, conforme recibo da comissão que restaurou a igreja, em 1930, espera permanecer de agora em diante como proprietária, digo, propriedade que passará a ser da muito nobre Arquiconfraria, proprietária da igreja de São Gonçalo. Esperando que esta doação seja bem aceita, saúda todos os respeitáveis membros da Venerável Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, agradecendo a acolhida que seja dada a essa nossa deliberação⁹⁴⁹.

Não se sabe as razões do desaparecimento daquela Devoção, mas nos livros de organização interna da igreja não há mais referências a ela⁹⁵⁰. Somente em 1944⁹⁵¹ e em 1945⁹⁵² encontramos menção a uma missa em louvor a Nossa Senhora das Neves, sem no entanto referência à Devoção. Provavelmente tratava-se de um pedido particular de algum devoto.

Assim, pois, em Vitória, as festas em homenagem a Nossa Senhora das Neves ficaram restritas a uma determinada época, organizadas por fiéis que perseveraram em sua devoção, independentemente da igreja em que se localizaram. Mesmo a imagem de Nossa Senhora das Neves, que continua a fazer parte do rico acervo da igreja de São Gonçalo, não se localiza em um lugar de destaque, estando no meio do corredor que dá acesso a sacristia, junto com uma série de pequenas imagens em gesso. Ela não está

Thevernard, Alzira Costa, Marieta de Araújo Thevernard e Ítala Machado Thevernard. *Diário da Manhã*, Vitória, 6 out. 1927, p. 4.

⁹⁴⁹ Livro de Atas (1913-1941). Arquivo da Arquiconfraria de N. Sra. da Boa Morte e Assunção, p. 82-84.

⁹⁵⁰ A exemplo dos Livros de Provisões n. 4 (1922-1931); n. 5 (1932-1941) e n. 6 (1941-1950). O Livro de Tombo da Catedral encontra-se com as páginas de 1934 a 1939 em branco.

⁹⁵¹ Tombo Catedral Paróquia Conceição Prainha. 5/08/1944, p. 115v. Cúria Metropolitana.

⁹⁵² Tombo Catedral Paróquia Conceição Prainha. 5/08/1945, p. 122. Cúria Metropolitana.

quase mais à vista dos fiéis, tendo se tornado quase uma peça de museu, lembrança da devoção de outro contexto histórico.

4.5 – A DISPERSÃO DAS IMAGENS DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE VITÓRIA

A dispersão da imaginária da igreja conventual, da capela da Ordem Terceira (alterada) e da capela de Nossa Senhora das Neves (que permaneceu de pé) está intrinsecamente ligada às alterações sofridas pelo convento de São Francisco, notadamente a demolição de suas dependências conventuais, e da igreja da Ordem Primeira, (restando apenas o frontispício, parte externa da torre sineira e o alpendre reconstruído), bem como, as alterações feitas na capela dos Terceiros.

A data mais significativa nesse processo é 1924, quando se deu a ocupação do convento pelo orfanato Cristo Rei, que perdurou até 1960. Em dezembro de 1926, já demolidos o refeitório, o claustro, as celas e as demais dependências conventuais, a igreja de São Francisco encontrava-se em “regular” estado de conservação, com seus quatro altares laterais (dois deles construídos em 1919). As imagens começaram a ser mudadas de local, retiradas de seus primitivos altares, devido às constantes reformas tanto da igreja conventual como da capela dos Terceiros. Mas, as notícias são de que, em dezembro de 1926 ainda permaneciam as imagens de São José e Nossa Senhora da Conceição⁹⁵³ nos altares laterais.

As outras imagens sacras, além de desprovidas de seus primitivos altares, passam a perder seus significados e usos, sendo deixadas de lado. A já mencionada nota do coronel Francisco Amálio Grijó protesta contra o desprezo à imagem de Sant’Anna, “jogada a poeira e umidade da sacristia, onde jaz como um objeto imprestável”⁹⁵⁴.

Entre os anos de 1926 e 1928 provavelmente, a igreja conventual foi demolida e a capela dos Terceiros foi alterada, passando a servir de capela para o Orfanato⁹⁵⁵. Em virtude da ocupação desordenada, mobiliários, alfaias, paramentos litúrgicos e imagens

⁹⁵³ *Diário da Manhã*, Vitória, 1 dez. 1926, p. 6.

⁹⁵⁴ *Diário da Manhã*, Vitória, 1 dez. 1926, p. 6.

⁹⁵⁵ Acerca da foto da capela da Ordem Terceira de 1920, diz Freire, “não aprecem as seis tribunas, encimadas por ornatos, como os da porta da sacristia, esquerda, das quais uma de casa lado do altar; nem o púlpito, do lado da Epístola, dois lustres de cristal e o coro, este sobre as entradas”. “Uma porta, que Olynto Aguirre dizia ter salvo, de jacarandá envernizado, com almofadas salientes, comunicava o claustro com a capela-mor da igreja do convento”. FREIRE, 1954, s/p.

sacras passaram a dividir espaço e a “conviver” com as obras que continuaram a serem feitas durante toda a década dos anos de 1930, conforme relatamos no sub-capítulo 2.5.2. Provavelmente objetos e alfaias da igreja conventual e da capela dos Terceiros foram aproveitados para as celebrações que continuaram a ser feitas na capela do Orfanato, o que não aconteceu com todas as imagens. Muitas delas, específicas da Ordem Franciscana, não tinham relevância para a Ordem responsável pela administração do Orfanato, a Congregação do Verbo Divino, e mais tarde, com a presença das irmãs do Divino Espírito Santo a situação não muda muito.

Além das intervenções sofridas ao longo de sua existência, o convento franciscano seguiu durante o século XX desprovido em grande parte das suas originais tradições religiosas. Com a ausência dos frades franciscanos, permaneceram apenas os devotos de Nossa Senhora da Conceição, os Terceiros da Penitência e a Irmandade de São Benedito, enquanto Associação Beneficente, estes, formando, a Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, que continuaram a zelar pela igreja, e conseqüentemente conservaram na medida do possível, seu acervo de imagens sagradas naquele espaço.

Não podemos precisar com exatidão a data de dispersão dessas imagens sacras, mas relacionamos o início de sua dispersão à data de construção do Ossuário Geral feito no pátio do convento, uma vez que este foi projetado para receber os ossos que foram retirados das paredes da igreja conventual e do claustro, lembrando ainda que havia no convento, várias sepulturas que, segundo Luciane Musso Maia, se assemelhava com o claustro do Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro⁹⁵⁶. Então, acreditamos que a demolição partiu das retiradas das sepulturas da igreja, partindo para os altares, até a demolição total da igreja de São Francisco.

Uma data mais precisa é a de 1940. Quando frei Basílio Röwer visitou o convento, ele encontrou as imagens da Conceição e de São Benedito na capela atual do Orfanato (antiga Ordem Terceira) e a imagem de São Francisco em um depósito com mais algumas outras imagens. Ou seja, mesmo a imagem do orago da igreja de São Francisco estava deixada de lado, perdera seu altar, e conseqüentemente seu significado.

⁹⁵⁶ Em Freire: “No claustro atijolado, contendo sepulturas e ossários, cruces negras lembravam as Vias-Sacras”. FREIRE, 1954, s/p.

Em uma fotografia da década de 1980 ainda é possível identificar, no centro, um quadro de Nossa Senhora da Conceição nessa capela, além de duas esculturas nas laterais, não em nichos, mas apoiadas em bancos ou algo similar. Uma delas pode ser a imagem de Santo Antônio descrita por Mário Aristides Freire em 1954, quando ele conta que esta imagem, pertencente à capela da Ordem Terceira, estava conservada no Orfanato Cristo Rei⁹⁵⁷.

Entretanto, a data em que encontramos maiores informações a respeito do destino das imagens que pertenciam aos franciscanos é 1943. Neste ano, a Capela de Santa Luzia, localizada no centro histórico da cidade de Vitória, a poucos metros do antigo convento de São Francisco, foi restaurada para abrigar o Museu de Arte Sacra do Estado⁹⁵⁸. Conseqüentemente, a nova instituição recebeu imagens doadas por particulares que em algum momento tiveram envolvimento com as Irmandades e Devoções da cidade, por vezes mesmo freiras, além de políticos locais, que haviam guardado as imagens quando os templos ou as devoções desapareciam.

Acreditamos que a criação do Museu de Arte Sacra motivou ainda a abertura do Ossuário Geral, localizado no pátio do antigo Orfanato Cristo Rei, como dissemos, construído na década de 1926-1928 pela prefeitura da cidade, para abrigar as ossadas retiradas dos nichos das paredes do convento e das demais urnas do entorno, que estavam abandonadas. De fato, acreditamos que algum devoto deveria saber que ali, juntamente com os ossos dos mortos, havia imagens “guardadas” ou “enterradas”, uma vez que o ossuário possuía um caráter Sacro e de respeito, o que restou de algumas imagens foram lá depositadas. Pois, como relata Mário Aristides Freire, foi desse ossuário retirada uma caixa com algumas partes de imagens de vestir desmontadas. Segundo o autor, a imagem do Crucificado estava dentro de uma caixa, que foi “retirada em 1943 do monumento fúnebre [ossuário geral] erguido no pátio do Asilo [orfanato], o que resta dessa tradicional imagem está no referido Museu: é uma veneranda relíquia da história da Capitania”. “Velhos irmãos costumavam falar da extensa procissão de Cinzas, na quarta-feira após o tríduo do Carnaval, como se lê em Debret, o ilustrado frei Adalberto refere, observada a de São Paulo até 1886”⁹⁵⁹. Sobre a procissão de Vitória,

⁹⁵⁷ FREIRE, 1954, sp.

⁹⁵⁸ ELTON, 1987, p. 85-86. Por iniciativa do Secretário de Educação, professor Fernando Duarte Rabelo, e do interventor João Punaro Bley, através do Decreto nº 10.610, de 3/07/1939, também se inaugurou o Museu Solar Monjardim em Jucutuquara, sendo que em 13/02/1964, o mesmo foi entregue à UFES.

⁹⁵⁹ FREIRE, 1954, sp.

relata Freire, “guardavam-se bocas, braços, pés e cabeças de outras imagens: a cabeça que diziam ser de Santo Ivo, honestíssimo advogado Bretão, encontrada no dito monumento, está no Museu”⁹⁶⁰.

O Museu de Arte Sacra funcionou na antiga Capela de Santa Luzia de 1943 até 1973⁹⁶¹, quando seu acervo de imagens foi transferido para o Museu Solar Monjardim⁹⁶², permanecendo todas as peças encaixotadas.

Foi então feita, pelo Núcleo de Conservação e Restauração da UFES, uma relação mais ou menos detalhada do acervo, compreendendo basicamente esculturas sacras e objetos litúrgicos, contendo informações sobre o estado de conservação das peças e seus doadores. As imagens permaneceram guardadas por mais de vinte anos em uma sala sem condições adequadas de depósito e sem um tratamento efetivo no que diz respeito à sua conservação, como relata um documento elaborado pelo NCR-UFES, que na época criou um projeto para restaurar algumas imagens⁹⁶³.

Como resultado desse fato, houve uma deterioração nas peças, causadas pelo envelhecimento natural dos materiais próprios de sua composição, e principalmente derivado de causas externas, como quebra de suas partes, por agentes biológicos como ataques de térmitas e anóbios, e acúmulo de sujidades propiciando o aparecimento de algas, fungos, bactérias e líquens, tendo como ajuda fundamental para o seu desenvolvimento as alterações da umidade relativa e de temperatura, tão comuns em nosso clima⁹⁶⁴.

Além dos problemas, o levantamento do NCR-UFES também descreveu as peças, elencando a iconografia, procedência, medidas, composição estrutural e elementos de decoração, além de fornecer fotografias de frente e verso, em preto e branco. Esse levantamento possibilitou uma organização das peças existentes visando o arrolamento do acervo, e segundo seu autor descreve, teve como base o Livro de Tombo do Museu de Arte Sacra quando instalado na Capela de Santa Luzia, bem como através de um segundo arrolamento promovido pelo museólogo Sebastião Franco e por Leonor

⁹⁶⁰ COLNAGO, 1995.

⁹⁶¹ Em 1976 na Capela de Santa Luzia, passou a funcionar a Galeria de arte e pesquisa da UFES. *A Gazeta*, Vitória, segunda-feira, 5 jan. 1987.

⁹⁶² Que esteve em reformas desde 1969. *O Diário*, Vitória, 12 nov 1969, p. 3. E *A Tribuna*, Vitória, sábado, 25 jul 1970; *O Diário*, Vitória, 26 jul. 1970, p. 2. Concorda a restauradora Rachel Diniz Ferreira, em 30/10/2008.

⁹⁶³ COLNAGO, 1995. Em *A Gazeta*, Vitória, quinta-feira, 16 mai. 1996, p. 3 lemos “A poeira e umidade são o maior risco para o acervo do Solar Monjardim”.

⁹⁶⁴ *Ibid.* p. 5. Também participaram desse levantamento: a técnica em restauração Raquel Pimentel, e os alunos Lucimar Ventorim e Eucimar Rosindo Torres.

Araújo, então diretora do Museu Solar Monjardim⁹⁶⁵, nos anos 1990. Desse acervo, apenas quatro imagens e poucas alfaias ficaram expostas no Museu Solar Monjardim. O restante permaneceu guardado em uma sala, de maneira inadequada, o que causou danos que, segundo o relatório, são na maioria das vezes irreparáveis. Em 1993, Élia Lucas relata que “algumas salas do museu, identificadas como reserva técnica, funcionam como verdadeiros depósitos de obras de arte”, e ainda que havia cerca de 23 anos, mais de 300 peças da coleção de arte Sacra vindas da Capela de Santa Luzia, estavam guardadas⁹⁶⁶.

No mesmo periódico, Carol Abreu, Superintendente do IPHAN-ES, relata que o restaurador Atílio Colnago estava preparando um relatório sobre o estado de conservação dessas peças da coleção de Arte Sacra. De fato, graças a esse trabalho feito pelo NCR-UFES, finalizado em 1995, temos preciosas informações acerca desse acervo não somente de imagens sacras, mas de alfaias e demais objetos que fizeram parte das igrejas da cidade, ora demolidas ou alteradas sua utilização. Na atualidade, todo esse acervo que esteve sob a guarda do IPHAN-ES, passou para o Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. De acordo com a Diretora do Museu, Sonia Maria de Aguiar Pantigoso, esse acervo de imagens sacras irá compor uma das salas do segundo andar do Museu Solar Monjardim, sala esta, com condições adequadas à permanência e exibição das imagens sacras.

Como escreve Le Goff, todos os documentos são, ao mesmo tempo, verdadeiros e falsos: verdadeiros, na medida em que exprimem facetas da realidade de uma época, e falsos, pois constituem, em primeiro lugar, uma roupagem que é preciso desnudar, desmontar e analisar cuidadosamente, de acordo com o contexto em que foram produzidos⁹⁶⁷ - como pretendemos realizar aqui.

De toda forma, esses levantamentos do Museu nos dão a certeza de que parte das imagens do convento fora preservada. De 1926 (efetiva dispersão das imagens) até 1943 (criação do Museu), registraram-se nos levantamentos do IPHAN-ES e do NCR-UFFES tais doações de imagens e de alfaias, como dissemos. Assim, essas poucas imagens são

⁹⁶⁵ COLNAGO, 1995, p. 8.

⁹⁶⁶ *A Gazeta*, Vitória, terça-feira, 28 set 1993, p. 13.

⁹⁶⁷ LE GOFF, 2005, p. 547.

os únicos remanescentes do franciscanismo na cidade de Vitória, testemunhas vivas que atravessaram décadas, sobrevivendo até nossos dias.

O grupo maior das imagens do convento de São Francisco não teve a mesma sorte. Acreditamos que algumas possam estar em casa de particulares ou de religiosos. Existem ainda aquelas que foram para igrejas do entorno, como a igreja de São Gonçalo, que abriga a imagem de vestir de Nossa Senhora das Neves e a de talha inteira, de Santo Antônio dos Pobres; além da igreja do Rosário, que desde 1833, abriga a imagem de São Benedito como o Menino. Ainda existe um levantamento de alaias relacionadas ao Convento de São Francisco que não serão detalhadas nesse trabalho⁹⁶⁸.

RESUMOS DAS FICHAS DAS IMAGENS FEITAS PELO IPHAN-ES ANTERIORMENTE PERTENCENTES AO CONVENTO S. FRANCISCO						
IMAGEM	ÉPOCA	MEDIDAS	PROCEDÊNCIA	PROPRIETÁRIO ANTERIOR	MODO AQUISIÇÃO	OBS
São Francisco	Séc XVIII	0,94 x 0,40 x 39,5m. Estado regular	Convento São Francisco	Horácio Machado	doação	Padroeiro do convento São Francisco
Sant' Ana Mestra	Séc XVIII	1,01 x 0,39 x 0,32m. Estado regular	Convento São Francisco	Horácio Machado	doação	
4 anjos de madeira	Séc XIX	0,46x0,38m. Regular. Partes coladas, outras faltando, presença de cupins	Convento São Francisco	[Irmandade de São Benedito do convento São Francisco]	Comissão administradora do museu	Despidos, c/ asas, cabelos dourados, olhos de vidro
Cabeça de Santo Ivo		0,33 x 0,09m, onservada, restaurada, s/ pintura. Pescoço alongado	[Ordem 3ª Penitência]	Dr. Américo Poli Monjardim	Retirada de um ossuário no convento São Francisco	restaurada pelo prof. Edson Motta do SPHAN-RJ
Santa Margarida de Cortona	Séc XVIII - 2ª ½	0,335x0,21x0,155m. Bom estado.	[Ordem 3ª Penitência]	Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade, diretor do SPHAN	doação	Ligeiros descascados pintura
Santa Rosa de Viterbo	Séc XVII	0,85x0,35x0,19m. Bom estado.	[Ordem 3ª Penitência]	Madre superiora do orfanato Cristo Rei	doação	Pintada a ouro.
N. Sra. da Conceição		1,14mx0,42m x 0,33m	[Altar-mor O. 3ª Penitência]			

⁹⁶⁸Relação das Alaias pertencentes à Ordem 3ª da Penitência do Convento São Francisco de Vitória, relatadas pelo IPHAN-ES, hoje, acervo do IBRAM-ES. Custódia de prata dourada, século XVIII, com quatorze raios, tendo ao centro um querubim protegido por um vidro, apoiado em quatro pés; uma cruz (0,597x0,265m); um âmbula de prata tendo sobre a tampa uma cruz dourada internamente, de prata batida (0,241x0,009m); um resplendor de metal com 16 raios, tendo uma decoração ao centro e uma base de madeira e prata batida (0,417x0,302m); um candelabro judeu de cinco braços; uma base de alabastro; volutas ornadas com pequenas correntes de metal desmontáveis (0,322x0,264m); um coco de prata, tendo uma alça na extremidade, do século XVIII, de prata batida (0,387x 0,10m); um cálice de prata, com decoração gravada em motivo floral, tendo ao centro um brasão eclesiástico (0,28x0,145x0,145m); um vara de prata em forma de cruz; uma cruz de madeira revestida de prata (0,461x0,162m). Doados pelo interventor Punaro Bley.

5. CONCLUSÃO

Para estudarmos as imagens sacras do antigo convento de São Francisco de Vitória, foi necessário inicialmente identificá-las através da documentação primária e buscar sua localização original, uma vez que os espaços que elas ocupavam foram demolidos (no caso da igreja conventual) ou descaracterizados (no caso da capela de Nossa Senhora das Neves e da capela da Ordem Terceira). Essa busca se deparou com um grande silêncio no que concerne aos séculos XVI e XVII, e com raras menções no século XVIII. Apenas nos séculos XIX e XX dispomos de informações um pouco mais detalhadas.

Um pouco mais prolíficas são as fontes de tipo jornalístico, com seus preciosos indícios sobre as práticas religiosas laicas, o que demonstra como as notícias relativas à Igreja eram importantes na sociedade da época, fazendo parte do cotidiano da cidade. No entanto, esses textos tampouco são anteriores ao século XIX. Além disso, eles privilegiam sobretudo as manifestações religiosas das camadas mais altas da sociedade – as que eram suas leitoras. Sendo assim, elas possuem algumas particularidades que devem ser levadas em conta, o que não diminui em nada a sua importância.

Quanto aos documentos episcopais, estes também se mostraram de ajuda no que concerne ao nosso estudo. Temos que ressaltar, ainda, que grande parte dessa documentação era desconhecida das gerações mais recentes de estudiosos. O acesso a ela permitiu a correção e a verificação de muitos dados relativos à vida religiosa e à história da cidade.

Considerando esse panorama, no que diz respeito à análise dos usos e funções das imagens, foi preciso estabelecer um recorte temporal abrangendo da segunda metade do século XIX à primeira metade do século XX e fazendo aproximações e inferências no que diz respeito aos primeiros séculos da história franciscana no Espírito Santo. Ademais, como esse período também corresponde àquele do declínio da presença franciscana, com o esvaziamento do convento de seus freis, havia nele mais atividades desenvolvidas pelos leigos, organizados em associações, como a Ordem Terceira, as irmandades e as devoções.

Essas limitações, no entanto, não inviabilizaram o estudo proposto. Mesmo que nenhuma imagem franciscana tivesse sido encontrada, ainda assim seu estudo valeria a pena, já que se trata de importantes peças do patrimônio histórico, artístico e religioso do estado. Às perguntas recorrentes, de porque estudar as imagens de um convento que não mais existe, e ainda, de como fazê-lo, respondemos, em primeiro lugar, que o simples fato dessas questões surgirem já motiva uma investigação para respondê-las. Além disso, ao empreendermos essa investigação, nos deparamos com a descoberta de traços importantes da história, da cultura e da religiosidade capixabas.

Assim, um dos primeiros resultados de nossa pesquisa foi o inventário das imagens franciscanas – as que pertenciam ao convento e suas edificações desde os primórdios, e as que foram sendo acrescentadas ao longo dos séculos, já que a relação entre os fiéis, sejam eles leigos ou freis, com as imagens não é estanque, e sim dinâmica. Depois dessa *inventio* das imagens, dois caminhos foram percorridos: o do estudo de seus usos e funções, também mutáveis ao longo do tempo; e o do levantamento de seus deslocamentos e de seus destinos.

Resumindo brevemente, podemos traçar o seguinte panorama: o orago da capela de Nossa Senhora das Neves, cuja datação e procedência desconhecemos, ainda hoje existe, depositado na igreja de São Gonçalo por seus devotos.

Com relação à igreja conventual, ela contava, entre 1730 e 1940, com **vinte e uma imagens** sacras: Santo Antônio com o Menino, São Francisco, São Boaventura, Nossa Senhora da Conceição, São Benedito (duas imagens), Sant’Ana Mestra com a Virgem, Santa Bárbara, São José com o Menino, São Gonçalo Garcia, Senhor Morto, quatro anjos de andor, Santo Inácio e Santo Antônio dos Pobres. Todas elas estavam distribuídas entre o altar-mor e os altares laterais.

Dessas imagens, encontramos identificadas como provenientes do convento de São Francisco no acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc: São Francisco, Sant’Ana Mestra e os quatro anjos. Com relação à imagem de Santo Antônio dos Pobres, entronizada em 1919 na igreja conventual de São Francisco, acreditamos ser a que atualmente está localizada em um nicho lateral da igreja de São Gonçalo. Uma das imagens de São Benedito, a que ainda possui o Menino, se encontra, com certeza, na igreja do Rosário dos Pretos desde o ano de 1833. A outra imagem de São Benedito,

sem o Menino, faz parte do acervo da Cúria Metropolitana de Vitória, assim como a imagem de Nossa Senhora da Conceição, que se encontra no salão Episcopal. Dessa forma, temos localizadas **onze imagens** que pertenceram à igreja conventual de São Francisco de Vitória.

Com relação à capela da Ordem Terceira da Penitência, encontramos relatos da existência, em 1898, de **quatorze imagens**: São Francisco recebendo as Chagas do Cristo, Nossa Senhora da Conceição, Santa Rosa de Viterbo, Santo Antônio com o Menino, São Domingos (duas imagens), o Salvador, o Senhor Morto, dois Crucificados, Santo Antônio de Noto/Cantajerona e Santa Margarida de Cortona. Desta relação, encontramos identificadas através do arquivo do IPHAN-ES, fazendo atualmente parte do acervo do Museu Solar Monjardim, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, a de Santa Rosa de Viterbo e a de Santa Margarida de Cortona – ou seja, **onze imagens estão desaparecidas**. Ainda pertencentes ao acervo dos Terceiros, encontramos referência a **onze Verônicas – braços e pés** que compunham a procissão de Quarta-feira de Cinzas. Delas, só encontramos a cabeça de Santo Ivo (ou melhor, de São Francisco), no acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. **Dez delas, portanto, se perderam**. Como nos lembra Maria Regina E. Quites, essa situação não é incomum, tendo em vista que esse tipo de imagem era em geral guardado e desmontado, sendo usado apenas uma vez por ano.

Essas **quatorze imagens**, espalhadas por quatro lugares diferentes – o Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc, a igreja de São Gonçalo, a igreja do Rosário e a própria Cúria Metropolitana – são os remanescentes da imaginária franciscana em Vitória. Elas não só trazem a marca daquela religiosidade, daquela cultura, mas também a dos seus lugares “de adoção”.

Algumas das imagens talvez tenham sido vendidas, doadas ou queimadas, podendo ainda estar enterradas em algum lugar nas imediações do antigo convento, ou ainda ter sido roubadas. Há possibilidade de terem sido levadas para a casa de algum devoto. O destino das imagens em desuso, embora regulado pelos concílios e decretos da Igreja, não é claro para os fiéis - haja visto o exemplo da cabeça de Santo Ivo (ou S. Francisco), que ficou guardada em uma caixa no ossuário geral do antigo convento, ao lado dos mortos, destino este proibido e condenado pelas Constituições Primeiras do

Arcebispo da Bahia. No convento da Penha, atualmente, encontramos imagens no queimatório de velas.

Das **trinta e seis imagens** entronizadas no convento de São Francisco, até o ano de 1919, sem contar com o Santo Antônio do Relento, que também está desaparecido, e as demais que podem não ter sido citadas, ou pela confusão entre o Cristo morto e São Francisco morto, temos como remanescentes da imaginária sacra dos franciscanos de Vitória um total de **dezesseis imagens** existentes e identificadas.

É importante também lembrar o fundamental papel de personagens cujos nomes não são evocados em geral, quando se trata do patrimônio histórico e artístico capixaba. São nomes como o do devoto Amalio Grijó, que publicamente saiu em defesa da imagem da Sant'Ana Mestre que estava jogada à poeira, ou mesmo o do secretário da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres, Horácio Machado, que a entregou ao Museu, como assim também o fez com a imagem de São Francisco. Devemos lembrar, ainda, da irmã Superiora do orfanato, responsável pela entrega da imagem de Santa Rosa de Viterbo ao museu. Mais que isso, fazemos menção aos anônimos, pois não sabemos, por exemplo, quem promoveu a abertura do ossuário geral onde estava a cabeça de Santo Ivo.

Não encontramos qualquer justificativa e atitude da hierarquia da Igreja no que diz respeito à demolição do convento franciscano e muito menos à dispersão de seu acervo de imagens. Contrariando o que nos diz o Concílio de Trento, no capítulo às Sagradas Imagens, e também pelas Constituições Primeiras de 1707, que proíbem que as imagens sejam levadas para fora das igrejas, as imagens dos franciscanos foram salvas por fiéis, que em reação à negligência do bispado, transladaram-nas para outras igrejas ou para o museu.

Acreditamos ter alcançado nosso objetivo ao localizarmos parte da imaginária dos franciscanos de Vitória, tarefa julgada, por muitos, impossível. Toda a trajetória de uma imagem é o que lhe dá a voz. O apagamento de suas origens é tão eloqüente quanto o local onde ela está no presente. Neste sentido, nossa pesquisa contribuiu para trazer à tona, além de respostas, lacunas que são, elas também, dotadas de sentidos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHIAMÉ, Fernando. *Memórias do Passado: A Vitória através de meio século*. Vitória: Florecultura, 1999.

ADUCCI, Edésia. *Maria e seus títulos gloriosos*. São Paulo: Loyola, 1998.

ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ARIÈS, Philippe. *História da morte do Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

ALMEIDA, Antonio de Almeida. *Mudança de Hábito: papel e atuação do convento de São Francisco de Salvador (1779-1825)*. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática), Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1994.

ARRIVABENE, Talita Goulart. *Acervo Iconográfico da Igreja de São Gonçalo: Vestígios do passado na dialética do presente*. Dissertação (Mestrado em Artes) Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.

AQUINO, Felipe. *Na Escola dos Santos Doutores*. São Paulo: Cléofas, 1996.

BAHIENSE, Norbertino. *O convento da Penha*. Vitória: IHGES, 1951.

BARATA, Mário. *Igreja da Ordem Terceira da Penitência do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

BARRY, Phillips. Bells ringing without hands. *Modern Language Notes* 30/1, 1915, p. 28-29.

BASCHET, Jérôme e SCHMITT, Jean-Claude. *L'image: fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval*. Paris: Le Léopard d'Or, 1996.

BECHHÄUSER, Frei Alberto. *Ritual de Bênçãos*. São Paulo/Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1990.

BESANÇON, Alain. *A imagem proibida: uma historia intelectual da iconoclastia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Tradução da CNBB. São Paulo: Loyola, 2002.

BOCHI, Caio César. *Os Leigos e o Poder: irmandades leigas e política colonizadora em Minas Gerais*. São Paulo: Ática, 1996.

BONICENHA, Wallace. *Devoção e caridade. As Irmandades Religiosas na Cidade de Vitória-ES*. Vitória: Multiplicidade, 2004.

- BORGES, Célia Maia. *Escravos Libertos nas irmandades do Rosário*. Juiz de Fora: EdUFJF, 2005.
- BOXER, C. R. *A Igreja e a Expansão Ibérica*. Lisboa: 70, 1989.
- BOYER, Marie-France. *Culto e imagem de Virgem*. São Paulo: Cosac & Naif, 2000.
- BURUCÚA, José (org). *História de las imágenes e historia de las ideas. La escuela de Aby Warburg*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- BUTLER, Alban. *Vida dos santos*. Lisboa: Dinalivro, 1992.
- CAMPELLO, Glauco de Oliveira. *O brilho da simplicidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Piedade Barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*, Rio de Janeiro, CBHA, p. 17 a 31, 2004.
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. As Ordens Terceiras de São Francisco nas Minas coloniais: cultura artística e Procissão de Cinzas. *Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n. 1, p. 193-201, 2001.
- CARNIELLI, Adwalter Antônio. *História da Igreja Católica no estado do Espírito Santo: 1535-2000*. Vila Velha: Comunicação Imprensa, 2005.
- CARVALHO, José Antônio. A arte colonial no Espírito Santo no período colonial. IV. Pintura e escultura. *Revista de Cultura da UFES* 10, 32, 1985.
- Catálogo de Bens Culturais Tombados no Espírito Santo*. Vitória: Massao Ohno, 1987.
- CELANO, Tomas de. *Vida de São Francisco de Assis*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CINTRA, D. Manuel Pedro da Cunha. *Manual da Ordem Terceira de São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1960.
- COLNAGO FILHO, Atílio. *Mapeamento, catalogação e análise do estado de conservação do acervo do Museu de Arte Sacra do Espírito Santo*. Vitória: NCR-UFES, 1995.
- CONCEIÇÃO, Frei Manoel da. *Ceremonial Serafico e Romano para toda a ordem Franciscana e em especial para a Observância da Província dos Algarves*. Lisboa: Oficina da Musica, 1730.
- COUTINHO, D. José Caetano da Silva. *O Espírito Santo em princípios do século XIX*. Vitória: Estação Capixaba Cultura, 2002.
- DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, sd.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Ante el tiempo: historia del arte y anacronismo de las imágenes*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006.

_____. *Devant l'image: question posée aux fins d'une histoire de l'art*. Paris: Minuit, 1990.

_____. *Ninfa moderna: essai sur le drapé tombé*. Paris: Gallimard, 2002.

_____. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: 34, 1998.

_____. *Ouvrir Vénus: nudité, revê, cruauté*. Paris: Gallimard, 1999.

_____. *Poderes da Figura – exegese e visualidade na arte cristã*, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 20, *Figuras*, Lisboa, 1994.

DURAND, Gilbert. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagens*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

ELTON, Elmo. *Velhos templos de Vitória e outros temas capixabas*. Vitória: CEC, 1987.

_____. *Logradouros antigos de Vitória*. Vitória: EDUFES, 1999.

ENDRINGER, Edeimar. *Arte Barroca e Catolicismo do Povo Brasileiro*. Roma: Pontificiam Universitatem S. Thomae, 1999.

ETZEL, Eduardo. *Anjos Barrocos no Brasil*. São Paulo: Kosmos, 1995.

FABEL, Nachman. *Os Espirituais Franciscanos*. São Paulo: EDUSP, 1995.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Imagens de roca e de Vestir na Bahia*. *Revista OCHUN-Revista eletrônica de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas artes da UFBA*. Ano 2, nº2, outubro de 2005.

FLEXOR, Maria Helena O. *A Escultura na Bahia do século XVII: autorias e atribuições*. *Revista Imagem Brasileira*, Belo Horizonte, n. 1, 2001. p. 175-182.

FLEXOR, Maria Helena O. *As relíquias e os relicários na Bahia*. In *Atas do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: CBHA, 2004, v. 2. p. 524-540.

FOLGEMAN, Patrícia. *La inmaculada Concepción: algunas representaciones iberoamericanas em el período colonial*. *Anais do V Congresso do CEIB*. 24 a 27 de Outubro de 2007. Vitória – ES (no prelo).

FRANCASTEL, Pierre. *A realidade figurativa*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

FRANCO, Sebastião Pimentel e HEES, Regina Rodrigues. *A República e o Espírito Santo*. Vitória: Multiplicidade, 2005.

FREIRE, Mário A. A Ordem Terceira da Penitência em Vitória. *Revista Vida Capichaba*, ano 32, n. 645, mar. 1954.

_____. Dos franciscanos no Espírito Santo. *Revista Vida Capichaba*, ano 32, n. 647, maio, 1954.

GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOULART, José Alípio. *Da fuga ao suicídio: aspectos da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972.

GRUZINSKI, Serge. *A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492 – 2019)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUÉRIN, Paul. *Les petits bollandistes: vies des saints*. Paris: Bloud et Barral, 1876.

GUZZO, Ana Maria Moraes. O Convento de São Boaventura de Macacu na arquitetura franciscana brasileira. In : *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de história da arte*. Rio de Janeiro: CBHA /PUC-Rio/UERJ/UFRJ, volume 1, 2003, p. 51-62.

HAUCK, João Fagundes. *História da Igreja no Brasil, Tomo II/2*. Petrópolis: Vozes, 1980.

HENZ-MORHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos Imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

JABOATAM, Antônio de Santa Maria. *Novo Orbe Seráfico Brasílico*. L. 1, v. II, Rio de Janeiro: Brasiliense, 1958.

JOHNSTON, R. J. A place for everything and everything on its place. *Transactions of the Institute of British Geographers* 16/2, 1991.

KALVERKAMP, Frei Desidério. *Manual da Ordem Terceira de São Francisco*. Petrópolis: Vozes, 1960.

KERN, Maria Lucia Bastos; FABRIS, Annateresa, *Imagem e Conhecimento*. São Paulo: Edusp, 2006. p.15-29.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. São Paulo: Edunicamp, 1994.

_____. *Por amor às Cidades*. São Paulo: Edunesp, 1998.

_____. *O homem medieval*. Lisboa: Presença, 1989.

LOPES, Almerinda da Silva. *Arte no Espírito Santo do século XIX à Primeira República*. Vitória: Ed. do Autor, 1997.

MAIA, Luciane Musso. *Preservação do Convento de São Francisco*. 1987. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1987.

MÂLE, Émile. *El arte religioso: dels siglo XII al siglo XVIII*. México/Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 1952.

MAQUÍVAR, Maria del Conseuelo. Los escultores novohispanos y sus obras. *Anais do V Congresso do CEIB*. 24 a 27 de Outubro de 2007. Vitória, ES. (no prelo).

MARINO, João. *Iconografia de Nossa Senhora e dos Santos*. São Paulo: Banco Safra, 1996.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MEGALE, Nilza Botelho. *Invocações da Virgem Maria no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1995.

MICELI, Sergio. *A Elite Eclesiástica Brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares. *Os Franciscanos e a Formação do Brasil*. Recife: UFPE, 1976.

MOITA, Irisalva. *Santo Antônio: o santo do Menino Jesus*. Lisboa: ICEP, 1996.

MONTANER, Emilia. Aspectos devocionales em las imagens del Barroco. *Criticon*, n. 55, 1992.

NOVAES, Maria Stella de. *História do Espírito Santo*. Vitória: Fundo Editorial do Espírito Santo, 1969.

_____. *O Carmo*. Vitória: IHGES, 1949.

ORTMANN, Adalberto. *História da antiga capela da Ordem Terceira da Penitência de São Francisco em São Paulo*. Rio de Janeiro: DPHA, 1951.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PACHECO, Renato. *Os dias antigos*. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1998.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. A imagem e seu lugar: Nossa Senhora da Penha na geografia simbólica capixaba. *Anais do XXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*. Belo Horizonte: C/Arte, 2007. p. 434-444.

_____. Identidades cambiantes: transformações iconográficas na imaginária sacra. *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-americano*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

PEREIRA, Maria Cristina; CARVALHO, Fabrícia. “Corpo pecador/corpo penitente: uma imagem de Margarida de Cortona do acervo do IPHAN-ES”. In: *Atas do I Simpósio Internacional sobre representações cristãs: textos e imagens religiosas na América colonial*, 2004, Vitória. CD ROM.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro e FERREIRA, Raquel Diniz. Um caso de homonímia sacra: o orago da igreja de São Gonçalo (Vitória-ES). *Farol*, n.7. Vitória: UFES, Dezembro de 2006. p. 68-70.

PIO, Fernando. *A ordem terceira de São Francisco do Recife e suas igrejas*. Recife, União gráfica S/A, 1957.

QUITES, Maria Regina Emery. *Imagem de Vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as Ordens Terceiras Franciscanas no Brasil*. 2006. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 2006.

QUITES, Maria Regina Emery. Imaginária Processional: Classificação e tipos de articulações. *Revista Imagem Brasileira* nº 1. Belo Horizonte: CEIB, p. 129 a 134, 2001.

REAU, Louis. *Iconografía del arte cristiano: iconografía de los santos*. Barcelona: Serbal, 2000.

REIS, João José. *A morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

REUS, João Batista. *Curso de Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 1944.

Revista Vida Capichaba, exemplares de Março e Maio de 1954.

RÖWER, Basílio. *Santo Antônio Vida, milagres, culto*. Petrópolis: Vozes, 1980

_____. *Páginas de História Franciscana no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1957.

_____. *O convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *O convento de Nossa Senhora da Penha do Espírito Santo*. Vila Velha: Vozes, 1965.

_____. *A Ordem Franciscana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1947.

_____. *História da Província da Imaculada Conceição*. Petrópolis: Vozes, 1951.

_____. *Diccionario Litúrgico*. Petrópolis: Vozes, 1936.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura na Idade Média*. São Paulo: Edusc, 2007.

_____. Jean-Claude et LE GOFF, Jacques (org.) *Dicionário temático do Ocidente medieval*. São Paul : Edusc/ Imprensa Oficial, 2002, 2v. p. 591 a 605.

_____. A imaginação eficaz. *Signum*. São Paulo, n. 3, 2001, p. 133-150

SCHENONE, Héctor H. *Los Santos*. Buenos Aires: Fundaction Tarea, 1992. 2v.

SILVA, Edson Armando. Identidade Franciscanas no Brasil: *A Província da Imaculada Conceição – entre a Restauração e o Vaticano II*. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2000.

SIQUEIRA, Antunes de. *Esboço Histórico dos costumes do povo Espírito-Santense desde os tempos coloniais até os nossos dias*. Vitória: Imprensa Oficial, 1944.

SOUZA, Juliana Beatriz Almeida de. Virgem imperial. Nossa Senhora do Rosário no império ultramarino português. In: *Atas do I Simpósio Internacional sobre Representações Cristãs: textos e imagens religiosas na América colonial*. Vitória: GPIC, 2004 (CD-ROM).

STOICHITA, Victor I. *El ojo místico: Pintura y visión religiosa en el siglo de oro español*. Espanha: Alianza, 1995.

SOUZA, Maria Beatriz de M. Mãe mestra e guia: uma análise de iconografia de Sant'Anna. *Topoi*-Revista de História do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 2 de junho de 2002.

SOUZA, Maria Beatriz de M. A iconografia das esculturas da Ordem Terceira franciscana no Rio de Janeiro. In *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: CBHA, 2004, p. 491-502.

SURIAN, Carmelo. *Franciscanos no Espírito Santo*. São Paulo: Cúria Provincial, 1991.

TIRAPELI, Percival. *Arte Sacra colonial: Barroco e memória*. São Paulo: EDUNESP, 2001.

VARAZZE, Jacopo de. *Legenda Áurea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VIANNA, Iêda Faria Hadad. Sant'Ana: culto e iconografia. *Revista Imagem Brasileira* Belo Horizonte, n. 3, 2006. p. 165 a 175.

VIDE, Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007.

WILLEKE, Venâncio. *Missões franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. *Antologia do Convento da Penha*. Vitória: CEC, 1974.

Periódicos

A Gazeta, Vitória – 1945,1954.

A Província do Espírito Santo, Vitória – coleção 1882 a 1889.

Comercio do Espírito Santo, Vitória, coleção 1892 a 1902, 1908 a 1910.

O Estado do Espírito Santo, Vitória, coleção 1890 a 1899 – 1902 e 1911.

O Espírito Santense, Vitória, coleção 1870 a 1889.

Jornal da Victória, Vitória, coleção 1864 a 1868.

Correio da Victoria, Vitória, coleção 1849, 1857 a 1859, 1864 a 1869.

Diário da Manhã, Vitória, 1908 a 1926.

Documentação Manuscrita

IPHAN-ES

Notificação nº 550 enviada ao diretor geral do IPHAN-RJ pela Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção. 29 de setembro de 1948.

Arquivo da Arquiconfraria de Nossa Senhora da Boa Morte e Assunção, Vitória – ES.

Livro de atas (1913-1941).

Documentos e livro caixa (1954-1960).

Núcleo de Conservação e Restauro da Universidade Federal do Espírito Santo.

Levantamento do Acervo do Museu de Arte Sacra conservado no NCR-UFES e no IPHAN-ES, elaborado na década de 1980.

Arquivo da Cúria Metropolitana de Vitória

Relatório de devoção particular de Santo Antônio dos Pobres e do Menino Deus na Igreja de São Francisco apresentado ao bispo D. Benedito A.de Souza. 31/12/1932.

Relação dos Santos, imagens e alfaias existentes no convento de S. Francisco feita perante a comissão reorganizadora da irmandade de S. Francisco em 11/07/1906 por Francisco de Lima Escobar.

Convento de São Francisco. Cópia dos inventários das alfaias pertencentes ao “Convento”, “Nossa Senhora da Conceição” e Irmandade “São Benedito”. 20 de dezembro de 1900.

Livro de Atas da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres – 1919-1937.

Livro de Registro da Venerável Ordem de São Francisco – Vitória – 1867

Livro de Registros de Portarias e Visitas Pastorais - 1897- 1902

Livro de Livro de Correspondências Expedidas - 1918-1952.

Livro de Tomada de Posse do Bispado – Maio de 1918

Livro de Portarias e Ordens Episcopais nº I– 1897-1913

Livro de Portarias e Ordens Episcopais nº II – 1913-1952.

Livro de Caixa do Santuário da Penha nº 2 – 1911-1913.

Livro de Tombo Santuário da Penha - 1898 inventário de objetos.

Estatutos da Associação da Irmandade N. S^a. da Penha – ES. 1807.

Pasta 22 – Certidão – Cartório 1^a Zona do Registro – Transcrição das transmissões referentes a doação do Convento de São Francisco.

Pasta 21 – Fotografias – 11 fotografias da Fachada e do interior do Convento de S. Francisco.

Pasta 16 – Anotações – Visitas de D. J. Batista Nery às ruínas do Convento de S. Francisco – 31 de janeiro de 1901.

Livro de Arrolamento das alfaias e Santos pertencentes à Venerável episcopal Irmandade de São Benedito, erecta no Convento de São Francisco d’esta cidade, a saber decorando os altares-Mór e de Nossa Senhora da Conceição, de propriedade da Irmandade. 20 de dezembro de 1900.

Pasta 14 – Abaixo Assinado – Remetente: Devotos da Irmandade Conceição. Destinatário: Dom Benedito Alves de Sousa. Vitória Março de 1920. Pedido de Transladação da Imagem da Imaculada Conceição e Outras para a Capela do Convento São Francisco.

Pasta 09 – Pedido de Nomeação do tradutor de documentos referentes ao Convento de São Francisco. 14 de agosto 1943.

Pasta 10 – Tradução do texto em Latim vindo da Internunciatura Apostólica no Brasil referente a doação do Convento de S. Francisco – 09 de setembro 1943.

Pasta 06 – Certidão – Cartório 2º Ofício de Notas – Vitória 18 de março 1948 – Seqüestro dos Bens do Orfanato Cristo Rei.

Pasta 05 – Certidão – Cartório dos Feitos da Fazenda Estadual – Vitória – 21 de outubro de 1958.

Pasta 04 – Termo de Compromisso. Francisco Gerenoso firma compromisso em traduzir nos autos de pedido de Registro de Imóveis a requerimento do Bispado do Espírito Santo. 26 de agosto de 1943.

Pasta 03 – Certidão – Registro de Imóveis – área do Convento de São Francisco. 20 de julho 1943.

Pasta 01 – Certidão – Registros Câmaras do ES, com relação a Escripura firmada com D. Luiza Grimaldi em favor dos religiosos do Convento S. Francisco e terrenos anexos. Dezembro de 1911.

Pasta 02 – Sentença de Apelação em que a União pede seqüestro dos bens da Província da Imaculada Conceição. 03 abril 1924.

Estatutos da Irmandade de Vitória – 1863.

Livro copiadador nº 01 (1912-1913).

Livro copiadador nº 02 (1913-1916).

Livro de atas do Rosário Perpétuo (1928). *Livro de atas do Rosário Perpétuo* (1954).

Livro de borrão Câmara Eclesiásticas. 1915.

Livro de caixa (1900-1910).

Livro de caixa (1910-1917).

Livro de caixa (razão) 1914-1922.

Livro de protocolo nº 5 (1960-1965).

Livro de provisões nº 1 (1897-1909).

Livro de provisões nº 2 (1909-1914).

Livro de provisões nº 3 (1914-1922).

Livro de provisões nº 5 (1932-1941).

Livro de provisões nº 6 (1941-1950).

Livro de registros de despesas e licença - Cúria (1942-1950).

Tombo da Catedral Metropolitana de Vitória -1898- 1947.

Livro de visita episcopal na província do Espírito Santo do Bispo D. Pedro Maria de Lacerda (10º Bispo do Rio de Janeiro) 14 de Julho de 1880 – 11 de Novembro de 1880.

Portarias circulares pastorais – documentos do governo eclesiástico (1894-1918).

Visita pastoral na diocese de D. João Baptista Correa Nery – 1897-1900.

Província da Imaculada Conceição do Brasil – São Paulo

Inventário feito em 1850 pelo frei Manoel de Santa Isabel entregue ao síndico padre Salles.

Relação dos paramentos pertencentes ao Convento de Nosso Padre São Francisco da Cidade de Victória elaborado pelo frei guardião, José de Santa Helena em 10/01/1852.

Inventário extraído de 1867 para novo síndico Francisco de Lima Escobar Araújo, em 8/08/1886.

Inventário das jóias e alfaias pertencentes ao Convento de São Francisco da Província do Espírito Santo em 11/10/1858, feito pelo síndico José da Silva Cabral.

Relação dos Objetos que servem para o culto divino pertencentes ao Convento São Francisco de Vitória, feito pelo Philomeno d'Andrade Gomes Rezendo em 31/05/1893.

Relação de jóias de Nossa Senhora da Conceição, feito por Philomeno d'Andrade Gomes Rezendo em 23/05/1888.

Entrevistas

BATTISTUZ, frei Atílio Dalla Costa. (OFM). *Entrevista realizada em 19 de Outubro de 2006 no Convento de Nossa Senhora da Penha. Vila Velha – Espírito Santo.*

BRUNORIO, Frei Roger. (OFM). *Entrevista realizada em 3 de outubro de 2008 no Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro e 6 de outubro de 2009 no Arquivo da Cúria Metropolitana. Vitória – ES.*

COLNAGO FILHO, Atílio. *Entrevista realizada em 17 de novembro de 2008 no NCR-UFES.*

COSTA, Ailton Tadeu. *Entrevista realizada em 17 de fevereiro de 2009 no Arquivo da Cúria Metropolitana.*

FERREIRA, Rachel Diniz. *Entrevista realizada em 30 de outubro de 2008 no NCR-UFES.*

LOPES, Sergio Murilo. *Entrevista realizada em 17 de dezembro de 2008 na sala da Administração da Cúria Metropolitana de Vitória. Vitória-ES.*

PIZZANI, Nelce. Provedora da Irmandade de São Benedito do Rosário. *Entrevista realizada em 27 de dezembro de 2008 na Igreja do Rosário. Vitória – ES.*

Publicações em Meio Eletrônico

SALES, D. Eugênio de Araújo. *Voz do Pastor. O toque dos sinos*. Disponível em [www.arquidiocese.org.br / páginas/v0312199.htm](http://www.arquidiocese.org.br/p%C3%A1ginas/v0312199.htm). Acesso em 23 de Dezembro de 2006.

Liturgia Monástica. *Tocam os sinos convidando à oração*. Disponível em: www.camaldoli.it/web_pt/liturg

Bula da criação da Província da Imaculada Conceição do Brasil, do Papa Clemente X, dada em 15 de julho de 1675. Disponível em: http://www.franciscanos.org.br/noticias/noticias_especiais/historiaprovincia06/index_bula.php. Acesso em: 21/10/2006.

Sinos infernizam a cidade. Disponível em www.rio.rj.gov.br/rio_memorial/1833.htm. Acesso em 1 de fevereiro de 2007.

Pequena História dos sinos da igreja dos Congregados. Disponível em [www. //jn.sapo.pt/2005 /02/27/ grande porto/pequenahistoria_sinos_igreja_congre.html](http://www.jn.sapo.pt/2005/02/27/grande_porto/pequenahistoria_sinos_igreja_congre.html). Acesso em 23 de fevereiro de 2007.

MACHADO, Jairo Braga. *Linguagem dos toques de sinos de São João Del Rei*. Disponível em: [www .ufsj . edu. br/Pagina/semanalabdoc/resumos_das_palestras.php](http://www.ufsj.edu.br/Pagina/semanalabdoc/resumos_das_palestras.php). Acesso em 27 de maio de 2007.

Lista dos Capítulos e Ministros provinciais. Disponível em: [http://www.franciscanos.org br/noticias_especiais/historiaprovincia_06/index_capi.php](http://www.franciscanos.org.br/noticias_especiais/historiaprovincia_06/index_capi.php). Acesso em: 04/09/2006.

História da Ordem Franciscana. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br>. Acesso em: 03/08/2006.

PEREIRA, Maria Cristina Correia Leandro. Uma arqueologia da história das imagens. In: GOLINO, William (org). *A importância da teoria para a produção artística e cultural*. Vitória, 2006. Site: <http://www.tempodecritica.com/link020122.htm>.

Documentos do Concílio Vaticano II. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/index_po.htm. Acesso em: 21/04/2006.

Concílio de Trento. Disponível em: [http:// www. multimeios.org/docs/d000436](http://www.multimeios.org/docs/d000436). Acesso 17/05/2007.

7 - LISTA DAS REPRODUÇÕES

	PÁGINA
Fig. 1 e 2: Convento de Nossa Senhora da Penha – Vila Velha – ES.....	230
Fig. 3: Capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória – ES.....	231
Fig. 4: Convento de São Francisco de Vitória – Vitória – ES.....	232
Fig. 5: Convento de São Francisco de Vitória – Vitória – frontispício triangular.....	232
Fig. 6: Convento de São Francisco de Vitória – Vitória – frontispício barroco.....	233
Fig. 7: Frontispício. Detalhe do Brasão com as Chagas.....	233
Fig. 8 e 9: Apêndice do Convento de São Francisco de Vitória.....	234
Fig. 10: Desenho de André Carloni – Museu Solar Monjardim.....	234
Fig. 11: Sino “meião” original. Torre sineira.....	235
Fig. 12, 13 e 14: Sino “grande” deposto.....	235
Fig. 15, 16, 17, 18 e 19: Bênção do sino “pequeno”.....	236
Fig. 20: Orfanato Cristo Rei – Revista Vida Capixaba n. 71, ano 4, 30 jun. 1926.....	237
Fig. 21: Nossa Senhora da Conceição. Bronze. Ossuário Geral.....	238
Fig. 22, 23 e 24: Ruínas da fachada.....	239
Fig. 25: Antiga torre sineira e fachada da igreja conventual franciscana.....	240
Fig. 26: Ruínas e nova construção.....	241
Fig. 27: Ruínas e nova construção.....	242
Fig. 28: Ruínas e novas construções.....	242
Fig. 29 e 30: Frontispício e Rádio Capixaba.....	243
Fig. 31: Instalações do arquivo do IPAV.....	244
Fig. 32: Gráfica.....	244
Fig. 33: Capela do Orfanato Cristo Rei.....	245
Fig. 34: Sala de oração do Carmelo,,.....	245
Fig. 35: Nossa Senhora da Conceição. Base.....	246
Fig. 36: Nossa Senhora da Conceição. Base.....	246
Fig. 37, 38 e 39: Nossa Senhora da Conceição. Detalhes do rosto.....	247
Fig. 40 e 41: Nossa Senhora da Conceição. Detalhes da serpente.....	247
Fig. 42 e 43: Nossa Senhora da Conceição. Raios-x.....	248
Fig. 44 e 45: Nossa Senhora da Conceição. Frente e verso.....	248
Fig. 46: Nossa Senhora da Conceição. Frente.....	249
Fig. 47: Nossa Senhora da Conceição. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana.....	250
Fig. 48 e 49: Nossa Senhora da Conceição. Salão Episcopal.....	251

Fig. 50: Nossa Senhora da Conceição. Detalhe da base.....	251
Fig. 51: N S ^a da Conceição. Igreja do Bom Pastor. Campo Grande - Cariacica.....	252
Fig. 52: Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Altar lateral. Igreja do Rosário.....	253
Fig. 53: Procissão de S. Benedito do Rosário passando em frente ao convento.....	254
Fig. 54: Procissão de S. Benedito do Rosário passando em frente ao convento.....	254
Fig. 55: Devota em oração. Queimatório de velas. Convento da Penha.....	255
Fig. 56: Imagem sem a mão direita. Queimatório de velas.....	255
Fig. 57 e 58: Crucificado no fogo. Queimatório geral de velas. Convento da Penha...	256
Fig. 59: Senhor dos Passos. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	257
Fig. 60: Senhor dos Passos. Detalhe do rosto.....	258
Fig. 61: São Francisco de Assis. Frente.....	259
Fig. 62: São Francisco de Assis. Lado.....	260
Fig. 63: São Francisco de Assis. Costas.....	261
Fig. 64, 65, 66 e 67: São Francisco de Assis. Detalhes.....	262
Fig. 68: São Francisco de Assis.....	263
Fig. 69: São Francisco de Assis. Detalhe do rosto.....	264
Fig. 70: São Francisco de Assis. Detalhe do pé.....	264
Fig. 71 e 72: São Francisco de Assis (em exibição no Museu Solar Monjardim).....	265
Fig. 73 e 74: São Francisco de Assis (durante restauração).....	265
Fig. 75 e 76: São Francisco de Assis (durante restauração).....	266
Fig. 77, 78 e 79: São Francisco (durante restauração).....	267
Fig. 80: São Benedito do Rosário. Igreja de Nossa Senhora do Rosário.....	268
Fig. 81: São Benedito do Rosário. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Costas.....	268
Fig. 82: São Benedito do Rosário sendo preparado para a procissão.....	269
Fig. 83: Troca de roupa do Menino Jesus de São Benedito do Rosário.....	269
Fig. 84: São Benedito do Rosário. Igreja Nossa Senhora do Rosário.....	270
Fig. 85: Detalhe do rosto do Menino Jesus da imagem de São Benedito do Rosário...	270
Fig. 86: Procissão. São Benedito do Rosário passando em frente ao Convento.....	271
Fig. 87: São Benedito do Convento de São Francisco. Cúria Metropolitana.....	272
Fig. 88: São Benedito do Convento de São Francisco. Costas.....	273
Fig. 89: São Benedito do Convento de São Francisco. Detalhe.....	273
Fig. 90 e 91: São Benedito do Convento de São Francisco. Rosto.....	274
Fig. 92: São Benedito do Convento de São Francisco. Detalhe da base.....	274
Fig. 93: Santo Antônio dos Pobres. Igreja de São Gonçalo. Vitória.....	275

Fig. 94: Santo Antônio dos Pobres. Igreja de São Gonçalo (em restauração).....	276
Fig. 95: Menino Jesus da imagem de Santo Antônio dos Pobres.....	276
Fig. 96 e 97: Santo Antônio dos Pobres.....	277
Fig. 98 e 99: Cabeça de Santo Ivo. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	278
Fig. 100 e 101: Cabeça de Santo Ivo.....	279
Fig. 102 e 103: Cabeça de Santo Ivo.....	280
Fig. 104: Santa Rosa de Viterbo. Frente. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	281
Fig. 105 e 106: Santa Rosa de Viterbo. Costas e lado.....	282
Fig. 107: Santa Rosa de Viterbo (em restauração).....	282
Fig. 108 e 109: Santa Rosa de Viterbo (em restauração).....	283
Fig. 110: Santa Rosa de Viterbo (em restauração).....	283
Fig. 111 e 112: Santa Rosa de Viterbo (em restauração).....	284
Fig. 113: Santa Margarida de Cortona. Frente.....	285
Fig. 114: Santa Margarida de Cortona. Costas.....	286
Fig. 115: Santa Margarida de Cortona. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	286
Fig. 116: Sant' Ana Mestra. Museu Solar Monardim/IBRAM/Minc.....	287
Fig. 117: Sant' Ana Mestra. Costas.....	288
Fig. 118: Sant' Ana Mestra. Detalhe.....	288
Fig. 119: Sant' Ana Mestra. Detalhe do livro.....	289
Fig. 120, 121 e 122: Sant' Ana Mestra (durante e depois da restauração).....	289
Fig. 123 e 124: Detalhe do rosto da Virgem da Sant' Ana Mestra.....	290
Fig. 125: Museu de Arte Sacra. Capela Santa Luzia. 1967. Vitória-ES. IPHAN.....	291
Fig. 126: Sant' Ana Mestra do Convento da Penha. Vila Velha.....	292
Fig. 127: São José com Menino Jesus. Sala do bispo auxiliar. Cúria Metropolitana....	293
Fig. 128 e 129: São José com Menino Jesus. Lado e costas.....	294
Fig. 130: Santa Bárbara. Museu do Convento da Penha. 2009.....	295
Fig. 131 e 132: Anjo 1. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	296
Fig. 133 e 134: Anjo 2. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	296
Fig. 135 e 136: Anjo 3. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	297
Fig. 137 e 138: Anjo 4. Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc.....	297
Fig. 139, 140 e 141: Anjo 3 (antes e restauração).....	298
Fig. 142: Crucificado. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana.....	299
Fig. 143: Nossa Senhora das Neves. Igreja de São Gonçalo. Vitória.....	300

Fig. 144: Nossa Senhora das Neves. Detalhe.....	300
Fig. 145: Nossa Senhora das Neves. Frente.....	301
Fig. 146: Nossa Senhora das Neves. Verso.....	302
Fig. 147: Nossa Senhora das Neves. Presidente Kenedy, Itapemirim – ES.....	303
Fig. 148: Capela de Nossa Senhora das Neves. Vitória. Vista da rua. 1987.....	304
Fig. 149: Capela de Nossa Senhora das Neves. Vitória. 2008.....	304
Fig. 150: Capela de Nossa Senhoras das Neves abandonada. 1987.....	305
Fig. 151: Capela de Nossa Senhora das Neves restaurada. 2008.....	305
Fig. 152: Capela de Nossa Senhora das Neves em obras. Dezembro de 2008.....	306
Fig. 153: Capela de Nossa Senhora das Neves. Nichos com ossadas. 2008.....	306
Fig. 154: Capela de Nossa Senhora das Neves. Crânio em um dos nichos.....	307
Fig. 155: Capela de Nossa Senhora das Neves. Detalhe. 2009.....	307

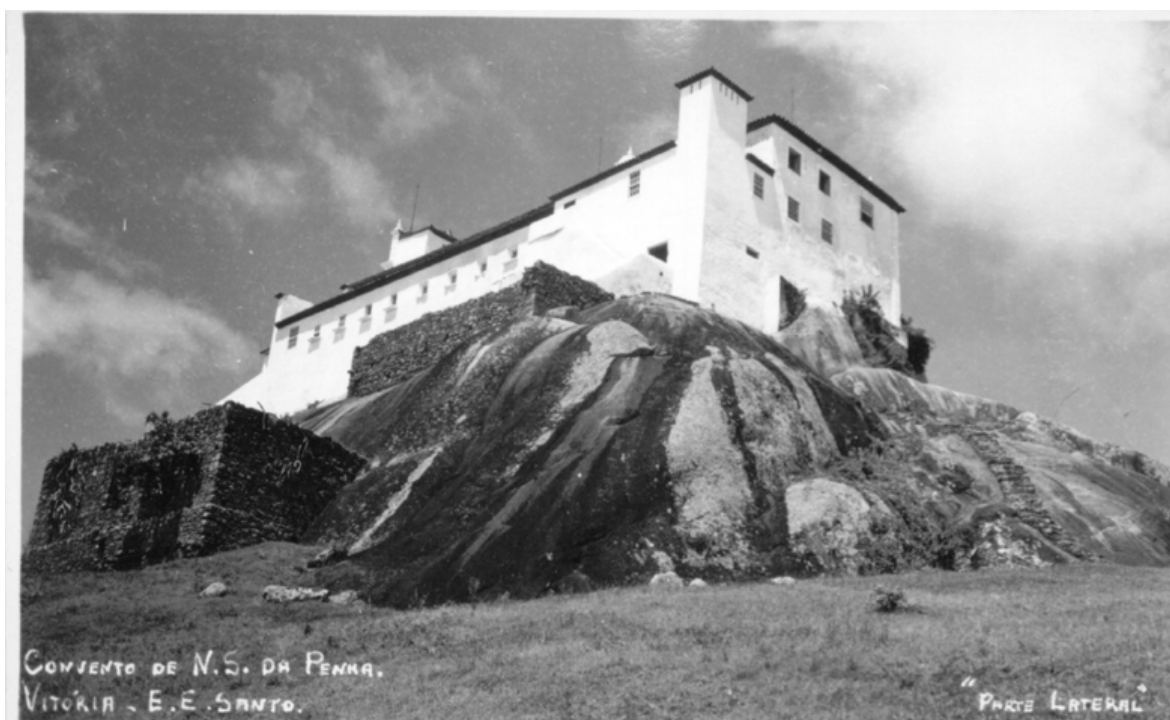


FIGURA 1 – Convento de Nossa Senhora da Penha. s/d. Cúria Metropolitana.



FIGURA 2 – Convento de Nossa Senhora da Penha. 2008. Fotografia da autora.

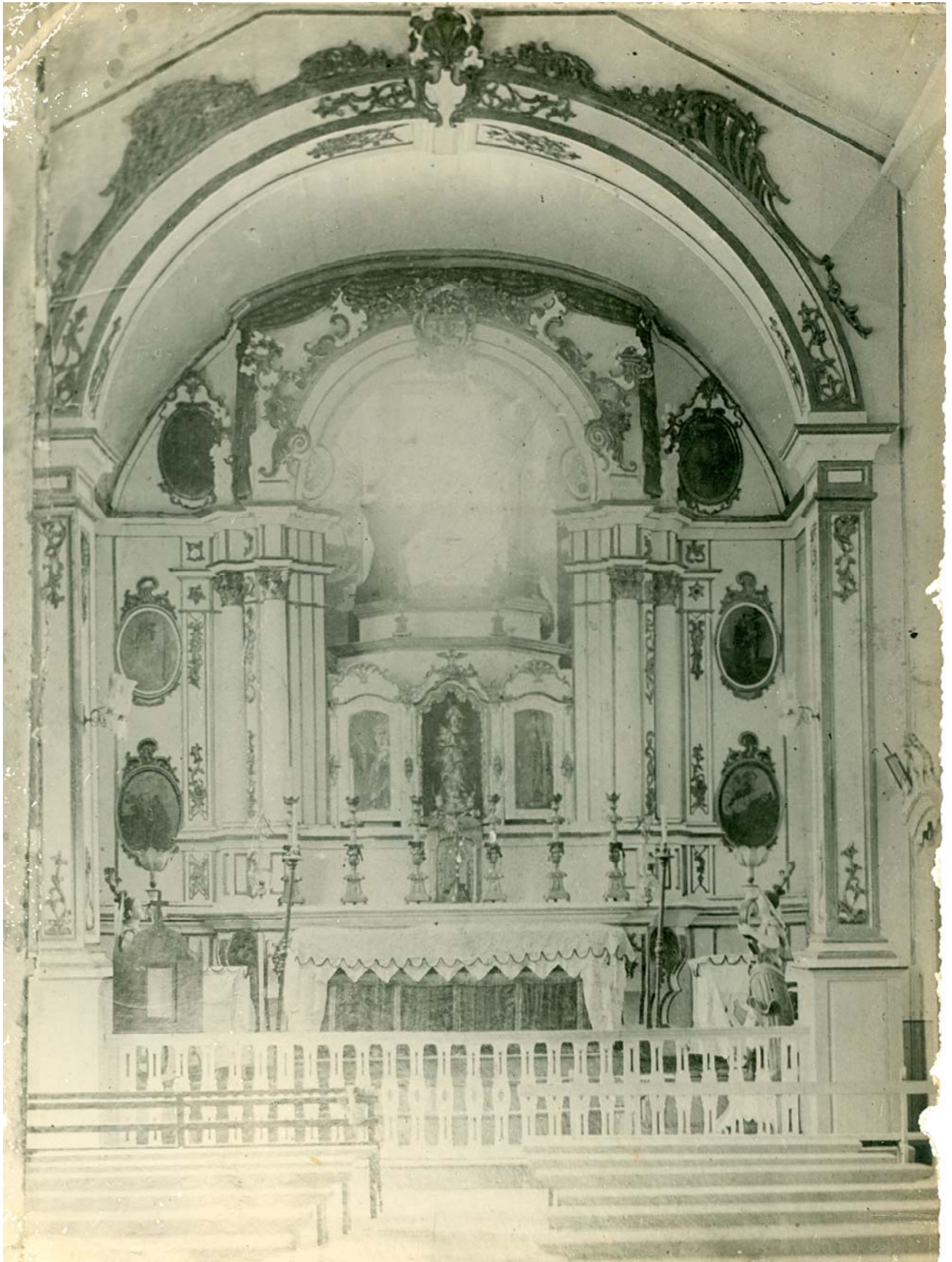


FIGURA 3 – Capela da Ordem Terceira. 1920. Fotógrafo: Aristides Freire. IPHAN-ES.



FIGURA 4 - Convento de São Francisco de Vitória. s/d. Arquivo Público Municipal.



FIGURA 5 - Frontispício triangular. Convento de São Francisco de Vitória. s/d. SPHAN-RJ.



FIGURA 6 - Frontispício barroco. Convento de São Francisco de Vitória. s/d. SPHAN-RJ.



FIGURA 7 – Detalhe do frontispício mostrando o Brasão com as Chagas e o óculo com o Coração e os três cravos fincados. 2008. Fotografia de frei Roger Brunório (OFM).



FIGURAS 8 e 9 - Alpendre do convento de São Francisco de Vitória. 2008. Fotografias da autora.



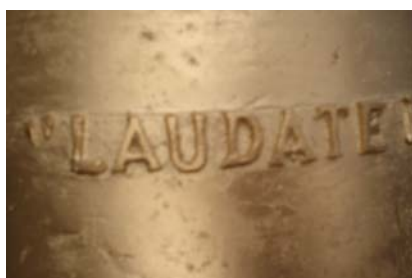
FIGURA 10 - Desenho de André Carloni. Década de 1950. Acervo Museu Solar Monjardim.



FIGURA 11 - Sino “meião” original. Torre sineira. s/d. Cúria Metropolitana.



FIGURAS 12, 13 e 14 - Sino “grande” deposto. 2008. Fotografias da autora.



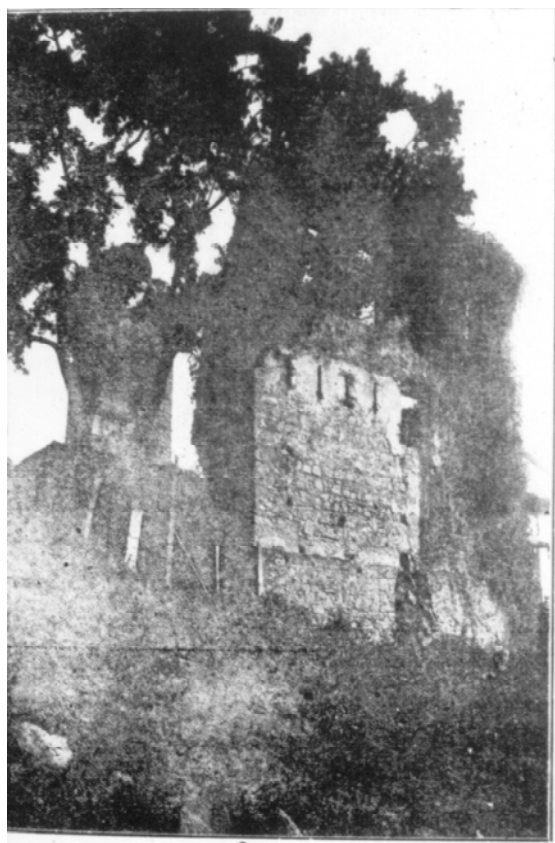
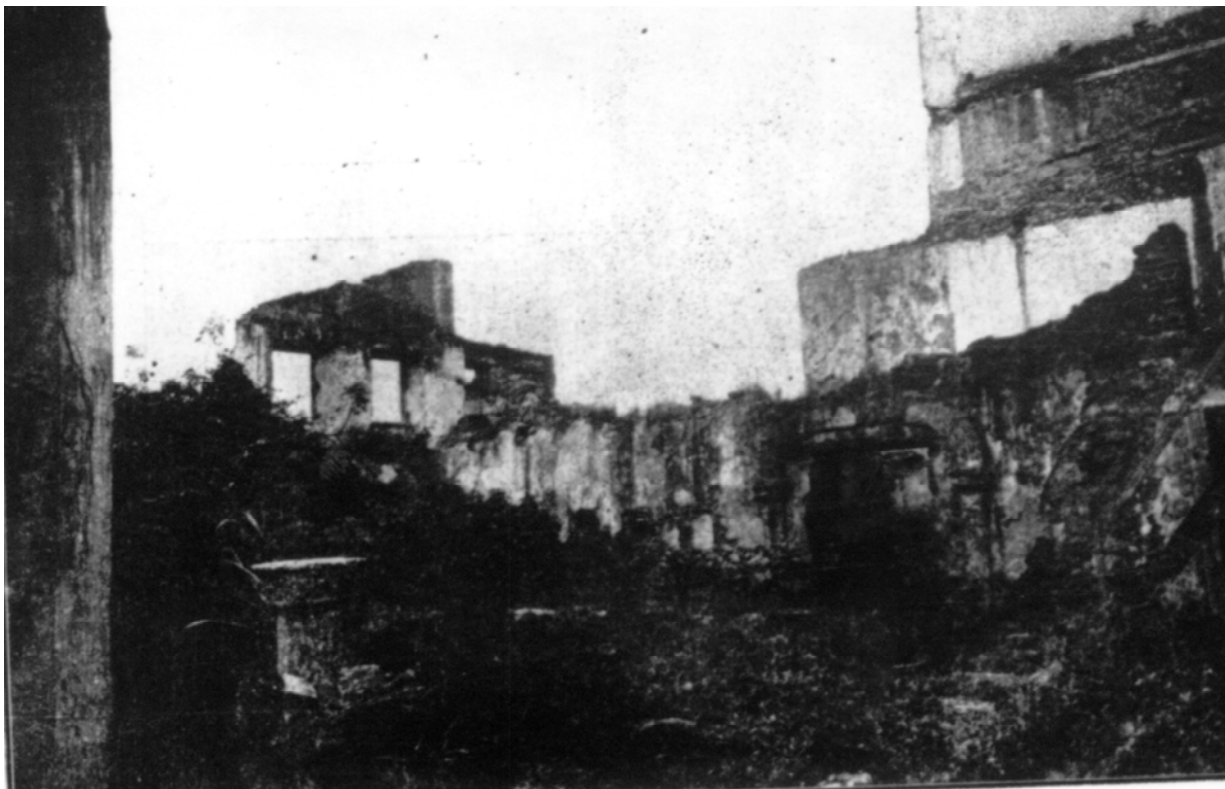
FIGURAS 15, 16, 17, 18 e 19 – Bênção do sino “pequeno”. 27/12/2008. Fotografias da autora.



FIGURA 20 - Inauguração do Orfanato Cristo Rei. Revista Vida Capixaba. 1926.



FIGURA 21 – Nossa Senhora da Conceição. Bronze. Ossuário Geral. Pátio da Cúria Metropolitana. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 22, 23 e 24 – Ruínas da fachada. s/d. Fotografias: Frei Taciano Cetaro. SPHAN-RJ.



FIGURA 25 – Antiga torre sineira e fachada da igreja conventual de São Francisco. s/d.
Fotografia: Frei Taciano Cetaro. SPHAN-RJ.



FIGURA 26 – Ruínas e nova construção. Torre sineira da igreja conventual de São Francisco. s/d. Fotografia: Frei Taciano Cetaro. SPHAN-RJ.



FIGURA 27 - Ruínas e nova construção. Torre sineira da igreja conventual de São Francisco. Revista Nossa Terra. Acervo da Província da Imaculada Conceição. 1928.



FIGURA 28 – Ruínas e novas construções. Convento de São Francisco. s/d. Arquivo Público Municipal de Vitória.



FIGURA 29 – Frontispício e Rádio Capixaba. 1981. Acervo Instituto Jones Santos Neves.



FIGURA 30 – Frontispício e Rádio Capixaba. 1981. Acervo Instituto Jones Santos Neves.



FIGURA 31 – Instalações do arquivo do IPAV na antiga sacristia da capela da Ordem Terceira. Porta de acesso ao estúdio da rádio capixaba. Arquivo Cediv. s/d.



FIGURA 32 – Gráfica instalada nas dependências do antigo convento. 1986. Acervo Luciane Maia. Reprodução de César Musso. 1987.



FIGURA 33 – Vista da parede onde havia o altar mor da capela da Ordem Terceira, sendo capela do Carmelo. 1986. Fotografia de Luciane Musso Maia.



FIGURA 34 – Sala de oração do Carmelo. 1986. Fotografia de Luciane Musso Maia.



FIGURA 35 - Nossa Senhora da Conceição da Capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória. Base. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2009. Fotografia da autora.



FIGURA 36 - Nossa Senhora da Conceição. Base. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2009. Fotografia da autora.



antes

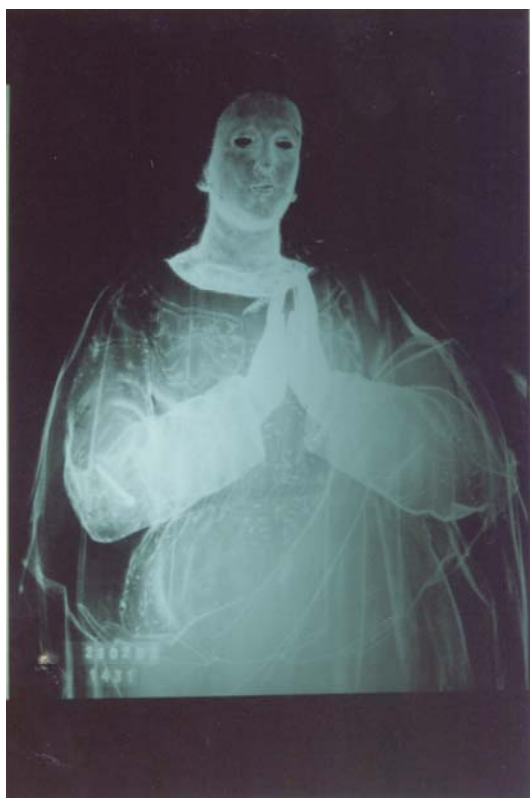
antes

depois

FIGURAS 37, 38 e 39 – Nossa Senhora da Conceição. Detalhes do rosto durante e depois da restauração. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. Fotografias do NCR-UFES.



FIGURAS 40, 41 – Nossa Senhora da Conceição. Detalhes da serpente durante e depois da restauração. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. Fotografias do NCR-UFES.



FIGURAS 42 e 43 – Nossa Senhora da Conceição. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. Raios-x.



FIGURAS 44 e 45 – Nossa Senhora da Conceição. Frente e verso. Antes da restauração. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. Fotografias do NCR-UFES.



FIGURA 46 – Nossa Senhora da Conceição da Capela da Ordem Terceira da Penitência. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 47 - Nossa Senhora da Conceição do Convento de São Francisco de Vitória. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 48 e 49 – Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografias da autora.



FIGURA 50 – Nossa Senhora da Conceição. Detalhe da base. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 51 - Nossa Senhora da Conceição. Igreja do Bom Pastor. Campo Grande – Cariacica - ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 52 – Nossa Senhora da Conceição da Prainha. Altar lateral, lado do Evangelho. Igreja do Rosário dos Pretos. Vitória - ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 53 – Procissão de São Benedito do Rosário passando em frente ao convento de São Francisco de Vitória - ES. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 54 – Procissão de São Benedito do Rosário passando em frente ao convento de São Francisco de Vitória - ES. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 55 – Devota em oração diante de velas acesas. Crucificado no fogo. Queimatório geral de velas (velário). Convento da Penha. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 56 – Imagem sem a mão direita, deixada no muro para ser queimada. Queimatório geral de velas (velário). Convento da Penha. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 57 – Crucificado no fogo. Queimatório geral de velas (velário). Convento da Penha. Vila Velha – ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 58 – Crucificado no fogo. Queimatório geral de velas (velário). Convento da Penha – Vila Velha - ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 59 – Senhor dos Passos. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 60 – Senhor dos Passos. Detalhe do rosto. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 61 – São Francisco de Assis. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 62 – São Francisco de Assis. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 63 – São Francisco de Assis. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 64, 65, 66 e 67 – São Francisco de Assis. Detalhes. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografias da autora.



FIGURA 68 – São Francisco de Assis. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 69 – São Francisco de Assis. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 70 – São Francisco de Assis. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 71 e 72 - Francisco de Assis (em exibição no Museu Solar Monjardim). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. Década de 1980.



FIGURAS 73 e 74 – São Francisco de Assis (durante a restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografias: Ailton Costa.



FIGURA 75 – São Francisco de Assis (durante restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 76 – São Francisco de Assis (durante restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 77 – São Francisco de Assis (durante restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURAS 78, 79 – São Francisco de Assis (durante restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/ Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 80 – São Benedito do Rosário. Igreja de Nossa Senhora do Rosário, altar lateral, lado da Epístola. 27/12/2007. Fotografia da autora.



FIGURA 81 – São Benedito do Rosário. Costas. Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Vitória - ES. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 82 – São Benedito do Rosário sendo preparado para a procissão. Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Vitória - ES. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 83 – Menino Jesus da imagem de São Benedito do Rosário sendo preparado para a procissão pela Provedora da Irmandade, D. Nelce Pizani. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 84 – Detalhe do rosto de São Benedito do Rosário. Igreja de Nossa Senhora do Rosário – Vitória - ES. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 85 – Detalhe do rosto do Menino Jesus da imagem de São Benedito do Rosário. Igreja de Nossa Senhora do Rosário. 27/12/2008. Fotografia da autora.



FIGURA 86 – Procissão de São Benedito do Rosário passando em frente ao Convento de São Francisco de Vitória. 27/12/2007. Fotografia da autora.



FIGURA 87 – São Benedito do Convento de São Francisco sem o Menino. Cúria Metropolitana. 2005. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURA 88 – São Benedito do Convento de São Francisco de Vitória - ES. Acervo da Cúria Metropolitana. 2005. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURA 89 – São Benedito do Convento de São Francisco de Vitória - ES. Detalhe da base. Cúria Metropolitana. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 90 e 91 – São Benedito do Convento de São Francisco de Vitória - ES. Detalhe do rosto. Acervo da Cúria Metropolitana. 2008. Fotografias da autora.



FIGURA 92 - São Benedito do Convento de São Francisco de Vitória - ES. Detalhe da base. Cúria Metropolitana. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 93 – Santo Antônio dos Pobres com Menino. Igreja de São Gonçalo Garcia – Vitória. Nicho lateral, lado do Evangelho. Vitória. 2007. Fotografia: Maria Cristina C. Pereira.



FIGURA 94 – Santo Antônio dos Pobres. Igreja de São Gonçalo Garcia (em restauração, no início da década de 1990). Vitória - ES. s/d. IPHAN – ES.



FIGURAS 95 – Menino Jesus da imagem de Santo Antônio dos Pobres (em restauração, no início da década de 1990). Igreja de São Gonçalo Garcia. Vitória. s/d. IPHAN-ES.



FIGURA 96 – Santo Antônio dos Pobres (em restauração, no início da década de 1990). Igreja de São Gonçalo Garcia. Vitória. s/d. IPHAN-ES.



FIGURA 97 – Santo Antônio dos Pobres. Igreja de São Gonçalo Garcia. Vitória. 2004. Fotografia: Rachel Diniz Ferreira.



FIGURA 98 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 99 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 100 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 101 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 102 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 103 – Cabeça de Santo Ivo. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 104 – Santa Rosa de Viterbo – Capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória–ES. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 105 e 106 – Santa Rosa de Viterbo. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografias da autora.



FIGURA 107 – Santa Rosa de Viterbo (em restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURAS 108 e 109 – Santa Rosa de Viterbo (em restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografias de Ailton Costa.



FIGURA 110 – Santa Rosa de Viterbo (em restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 111 – Santa Rosa de Viterbo (em restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 112 – Santa Rosa de Viterbo (em restauração). Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2005-2006. Fotografia de Ailton Costa.



FIGURA 113 – Santa Margarida de Cortona. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2004. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURA 114 – Santa Margarida de Cortona. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2004. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURA 115 – Santa Margarida de Cortona. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2004. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURA 116 – Sant'Ana Mestra. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 117 – Sant'Ana Mestra. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 118 – Sant'Ana Mestra. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 119 – Sant'Ana Mestra. Detalhe do livro. Acervo do Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 120, 121 e 122 – Sant'Ana Mestra (durante e depois da restauração). Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografias: NCR-UFES.



FIGURAS 123 e 124 – Sant'Ana Mestra (durante e depois da restauração). Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografias: NCR-UFES.



FIGURA 125 – Museu de Arte Sacra. Capela de Santa Luzia – altar mor. Vitória. 1967. Fotografia do IPHAN-ES.



FIGURA 126 – Sant’Ana Mestra. Convento de Nossa Senhora da Penha. Vila Velha - ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 127 – São José. Sala do bispo auxiliar. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografia da autora.



FIGURAS 128 e 129 – São José. Sala do bispo auxiliar. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografias da autora.



FIGURA 130 – Santa Bárbara. Museu do Convento de Nossa Senhora da Penha. Vila Velha – ES. 2009. Fotografia: Maria Cristina C. L. Pereira.



FIGURAS 131 e 132 – Anjo 1. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008.
Fotografias: Carol Stelzer.



FIGURAS 133 e 134 – Anjo 2. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008.
Fotografias: Carol Stelzer.



FIGURAS 135 e 136 – Anjo 3. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008.
Fotografias: Carol Stelzer.



FIGURAS 137 e 138 – Anjo 4. Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008.
Fotografias: Carol Stelzer.



FIGURAS 139, 140 e 141 – Anjo 3 (antes da restauração). Acervo Museu Solar Monjardim/IBRAM/Minc. 2008. Fotografias: Carol Stelzer.



FIGURA 142 – Cristo Crucificado. Salão Episcopal. Cúria Metropolitana de Vitória. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 143 – Nossa Senhora das Neves. Corredor lateral da igreja de São Gonçalo. Vitória - ES. 2007. Fotografia da autora.



FIGURA 144 – Nossa Senhora das Neves. Corredor lateral da igreja de São Gonçalo. Vitória - ES. 2007. Fotografia da autora.



FIGURA 145 – Nossa Senhora das Neves. Corredor lateral da igreja de São Gonçalo. Vitória - ES. 2005. Fotografia: Rachel Diniz Ferreira.



FIGURA 146 – Nossa Senhora das Neves. Corredor lateral da igreja de São Gonçalo. Vitória. 2005. Fotografia: Rachel Diniz Ferreira.

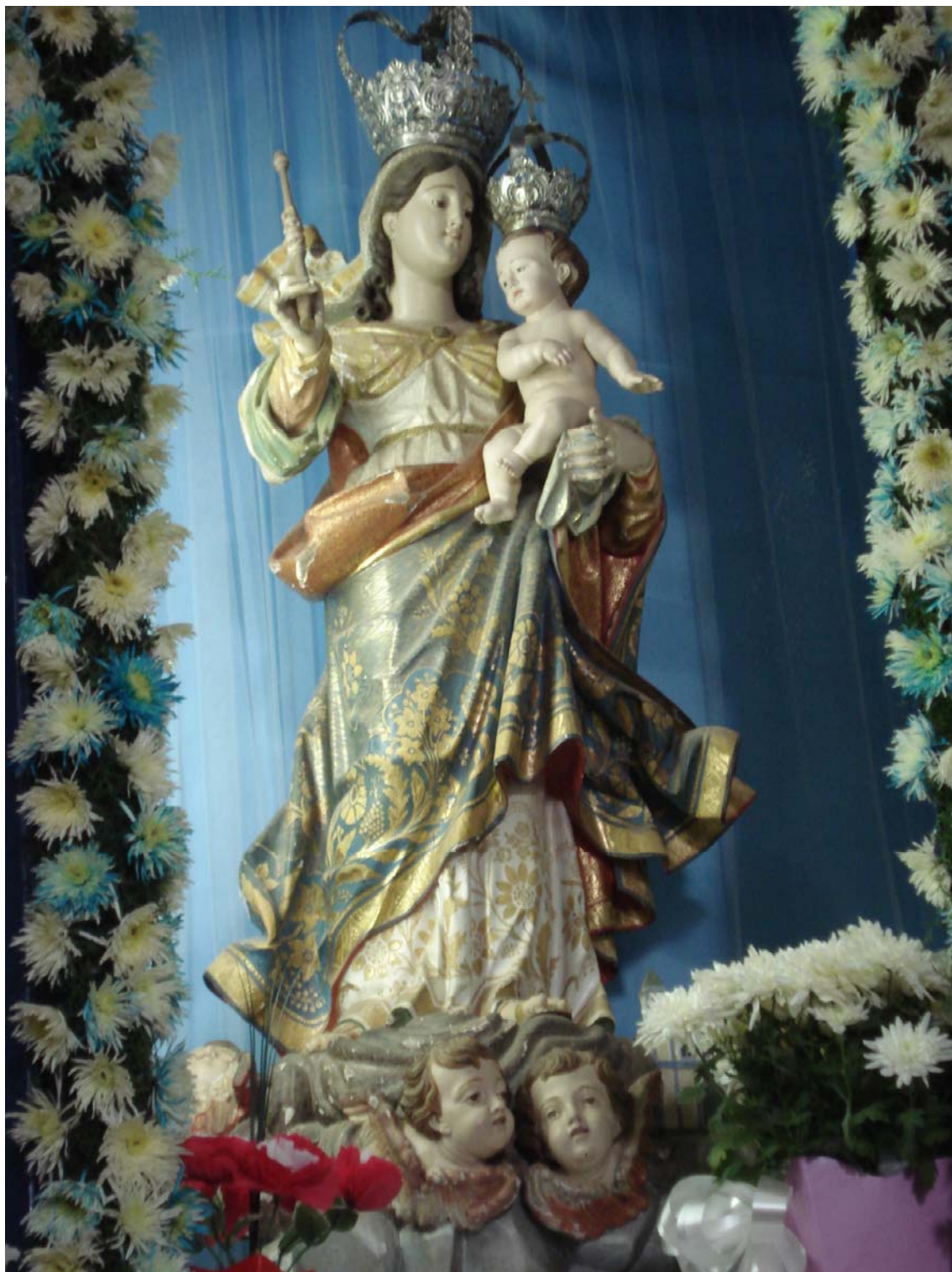


FIGURA 147 – Nossa Senhora das Neves. Santuário de Nossa Senhora das Neves. Presidente Kennedy – Itapemirim - ES. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 148 – Capela de Nossa Senhora das Neves – Vitória - ES. Vista da rua. 1987. Fotografia de César Musso.



FIGURA 149 – Capela de Nossa Senhora das Neves. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 150 – Capela de Nossa Senhora das Neves abandonada. 1987. Fotografia de Luciane Musso Maia..



FIGURA 151 – Capela de Nossa Senhora das Neves restaurada. 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 152 – Capela de Nossa Senhora das Neves em obras. Dezembro de 2008. Fotografia da autora.



FIGURA 153 – Capela de Nossa Senhora das Neves. Nichos com ossadas na parede do altar mor. Dezembro de 2008. Fotografia da autora.



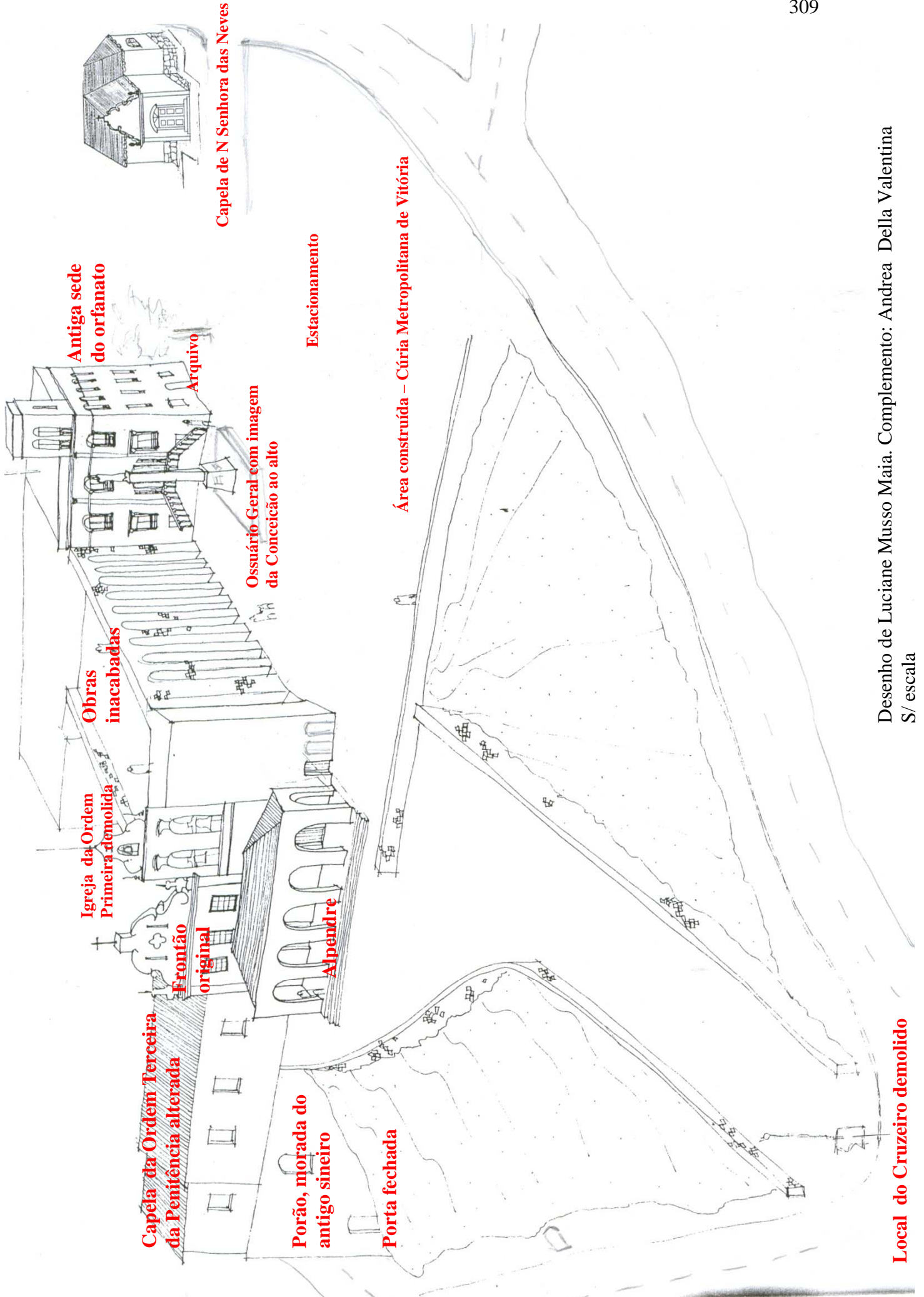
FIGURA 154 – Capela de Nossa Senhora das Neves. Crânio de um dos nichos. Dezembro de 2008. Fotografia da autora.

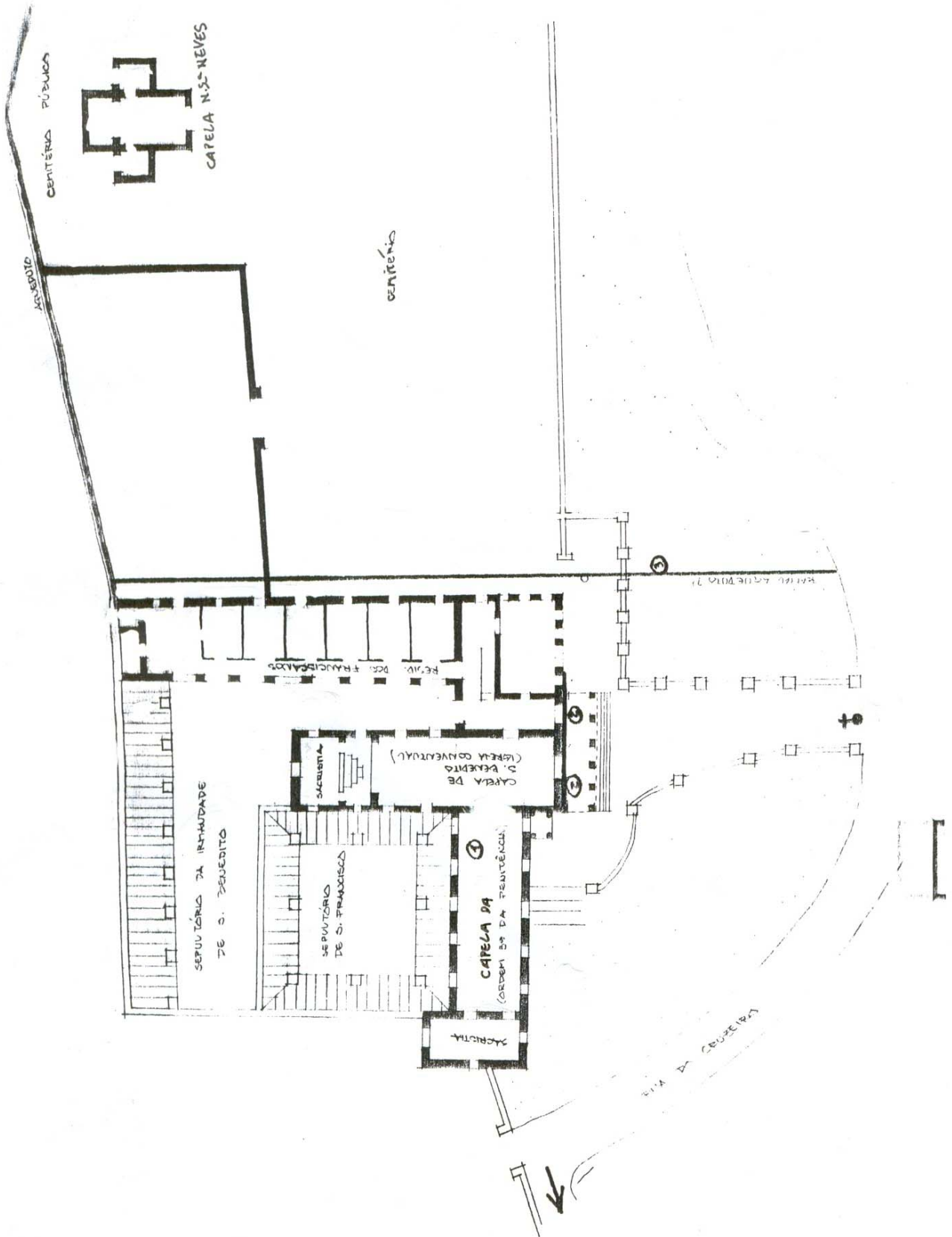


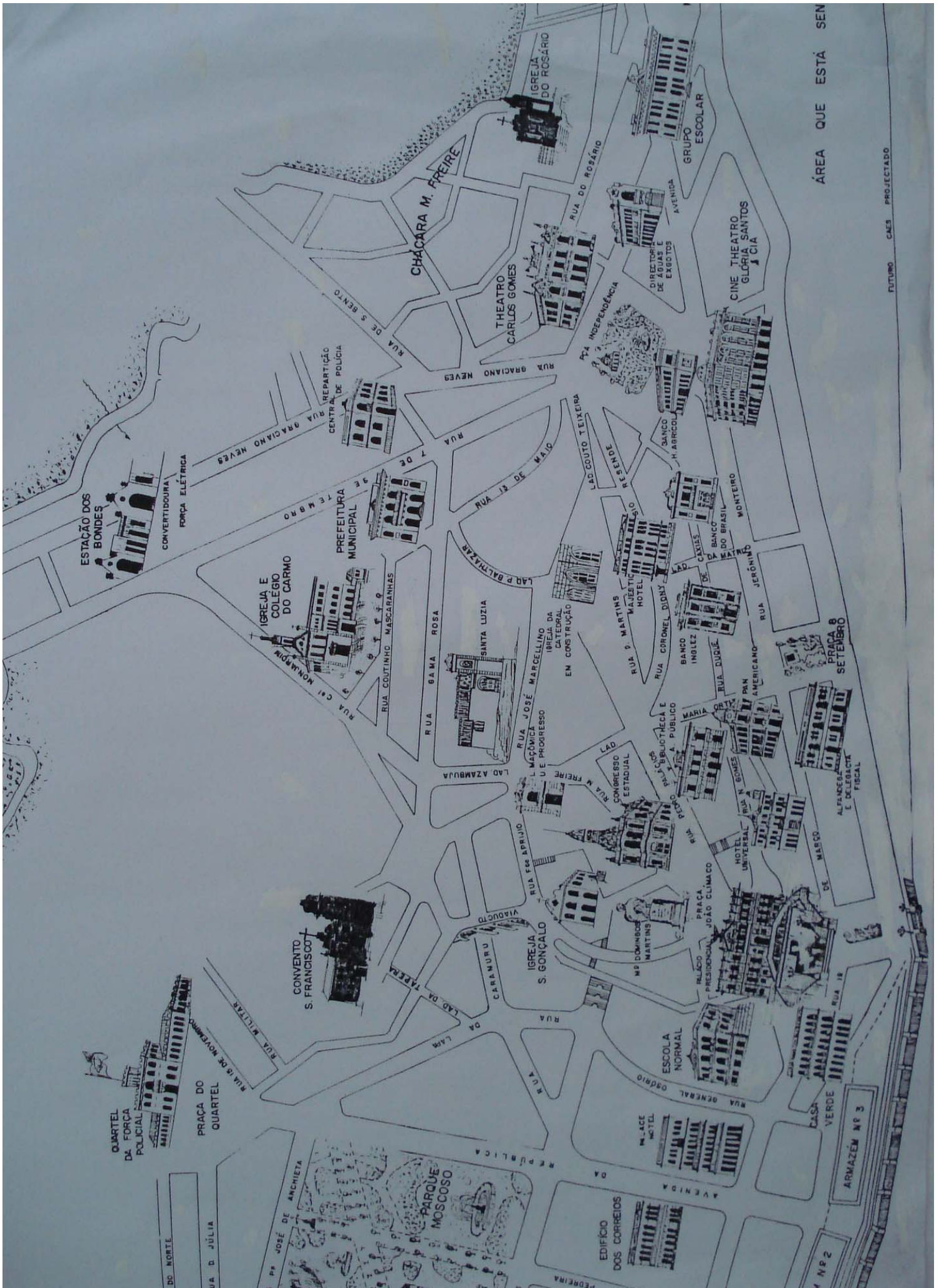
FIGURA 155 – Capela de Nossa Senhora das Neves. Detalhe de um dos nichos na parede do altar mor. 18/02/2009. Fotografia da autora.

9 - ANEXOS**PÁGINA**

1- Perspectiva da disposição atual da antiga área conventual. Desenho: Luciane Musso Maia. Sem escala.....	309
2 – Planta baixa da disposição arquitetônica original da antiga área do convento de São Francisco de Vitória-ES, com base no desenho de André Carloni. Desenho: Luciane Musso Maia. Sem escala.....	310
3 – Mapa ilustrativo da cidade de Vitória em 1928. Sem escala	311
4 - Convento de São Francisco de Vitória. Planta da área ocupada pelo cemitério. Arquivo Público Estadual do Espírito Santo. Sem escala	312
5 – Relação das imagens da igreja Conventual de São Francisco – Vitória-ES	313
6 – Relação das imagens da capela da Ordem Terceira da Penitência de Vitória-ES.....	314
7 – Tabela das festividades de Nossa Senhora das Neves – Vitória - ES	315









ANEXO 6 – RELAÇÃO DAS IMAGENS ENCONTRADAS NA CAPELA DA ORDEM TERCEIRA DA PENITÊNCIA DE SÃO FRANCISCO – VITÓRIA -ES		
1898	1867	1908
Registro de D. João Batista C. Nery em visita à Ordem Terceira da Penitência	Livro da Ordem Terceira da Penitência - Procissão de Cinzas	Diário da Manhã
São Francisco (altar-mor) [recebendo as Chagas de Cristo]	São Francisco de joelhos recebendo as cinco Chagas nos pés e mãos	Nossa Sra. das Neves*
Crucificado (altar-mor)	Nosso Senhor Crucificado	
Nossa Senhora da Conceição* (altar-mor)		
Santa Rosa* [de Viterbo] (altar-mor)	Santa Rosa de Viterbo*	
Santo Antônio com Menino (altar-mor)		
São Domingos Nº. 1		
São Domingos Nº. 2		
Salvador de madeira e armação	Salvador do mundo	
Senhor morto de madeira		
Crucificado grande Nº. 1		
Crucificado grande Nº. 2		
Santo Antônio de Cathargo [Catargo]		
Santa Margarida de Cortona*	Santa Margarida de Cortona*	
11 Verônicas - braços e pés	[11 imagens de vestir]	
	Santo Lucio	
	Santa Bona	
	São Guálter bispo	
	Santo Ivo doutor de batina*	
	São Luiz rei da França	
	Antonio de Noto	
	Santa Izabel rainha de Portugal	
	Nossa Senhora do Rosário	
	São Francisco de pé com a cruz	
	Nossa Senhora da Conceição	
	São Domingos de joelhos	

* Imagens encontradas ao longo da pesquisa.

ANEXO 7 – LOCALIZAÇÃO DA IMAGEM E FESTIVIDADES DE NOSSA SENHORA DAS NEVES EM VITORIA - ES					
ANO	LOCAL	DATA	NOME	VALOR	OBS.
1902	Capela NS. das Neves	22/01	Reunião levantar Devoção		
1903					
1094					
1905	O. Terceira	23/09	A favor da Devoção	20,000	
1906	O. Terceira	25 e 26/08	João Crysostomo	20,000	
1907	O. Terceira	23 e 24/08	João Crysostomo	20,000	
1908	O. Terceira	14/08	Secretario João Raposo	20,000	
1909	O. Terceira	7 e 08/08	-	70,000	
1910	São Tiago	5/08	-	20,000	
1911	São Tiago	6/08	-	-	
1912	São Gonçalo	14 e 15/09	Secretaria Olindina Resennde	20,000	Vésperas solenes, missa cantada, bênção SSSacramento
1913	São Gonçalo		Secretaria Olindina Bermude	20,000	
1914	São Gonçalo	10 e 11/08	Secretaria Maria Severina das Neves	20,000	
1915	São Gonçalo	18 e 19/09	Secretaria Maria Severina das Neves	20,000	festividades
1916	São Gonçalo	03/09	-	20,000	festa
1917	São Gonçalo	16/10	-	20,000	
1918	-	28/09	-	-	Missa cantada e festa
1919	-	27/09	-	20,000	festa
1924	-	5/08	Diário da manha	-	Missa em louvor
1925	-	-	-	-	
1926	-	9/04	Diretoria Devoção	-	Tríduo, vésperas missa e procissão
1927	São Gonçalo	2/08	-	-	
1928	-	-	-	-	
1929	-	-	-	-	
1930	-	-	-	-	
1931	-	-	-	-	
1932	-	-	-	-	
1935	Doação da imagem para a Arquiconfraria de N Sª Boa Morte e Assunção				
1942	-	-	-	-	
1943	-	-	-	-	
1944	São Gonçalo	5/08	-	-	
1945	São Gonçalo	5/08	-	-	
1946	-	-	-	-	